

AUTORA BEST-SELLER N 1 DO THE NEW YORK TIMES

MAYA BANKS

DOMINADA

SÉRIE THE ENFORCERS VOLUME 2

 GUTENBERG

DOMINADA

Copyright © 2016 Maya Banks Copyright © 2018 Editora Gutenberg

Título original: Dominated

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA Sílvia Tocci Masini

EDITORAS ASSISTENTES Carol Christo Nilce Xavier ASSISTENTE EDITORIAL Andresa Vidal

Vilchenski PREPARAÇÃO Nilce Xavier

REVISÃO FINAL Sabrina Inserra ADAPTAÇÃO DE CAPA Alberto Bitencourt DIAGRAMAÇÃO

Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Banks, Maya.

Dominada / Maya Banks ; tradução Isabela Noronha. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2018. (Série The enforcers ; v. 2) Título original: Dominated.

ISBN 978-85-8235-501-5

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

17-11184 CDD-813

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura norte-americana
813

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

www.editoragutenberg.com.br

São Paulo Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj.
2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte Rua Carlos Tuner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

MAYA
BANKS

DOMINADA

SÉRIE THE ENFORCERS

VOLUME 2

TRADUÇÃO: Isabela Noronha

 GUTENBERG

Prólogo

PEGOU O ELEVADOR EXPRESSO EXCLUSIVO da sua cobertura, rezando, durante todo o percurso, para que Evangeline ao menos olhasse para ele e, quem sabe, ouvisse o que tinha a dizer.

Deus, permita que ela seja doce, generosa e perdoe uma última vez, e então nunca mais teria razão para duvidar dele.

Assim que as portas do elevador se abriram, correu para dentro do apartamento gritando o nome dela. Estremeceu quando viu a confusão na cozinha, páginas do que parecia ser um extenso menu jogadas para todo lado, frigideiras e panelas espalhadas pelo bar, no fogão e no chão, com toda a comida.

Quando passou pela sala de estar a caminho do quarto, seu pavor só aumentou quando viu as bandejas de prata no piso e os aperitivos espalhados por todo o cômodo, licor e garrafas de vinho quebradas e manchas enormes ainda úmidas em seus móveis e no tapete.

Sem se importar com nada disso, chegou ao quarto preparado para implorar, de joelhos, pelo perdão. Tinha um monte de explicações a dar, explicações que levariam a perguntas que ele não estava preparado para responder sem sentir ainda mais medo de perdê-la. Se é que já não tinha perdido.

Mas Evangeline não estava em lugar algum. Todas as joias que ele deu de presente para ela, incluindo as peças que foram usadas naquela noite, estavam sobre a cama, e o que restou do vestido que ela tinha usado estava em trapos no chão. Quando checkou o armário, viu

que estava cheio, mas faltava uma calça jeans, algumas blusas e um par de tênis. E o principal: uma mala pequena não estava mais ali.

Drake caiu de joelhos, o peito tão apertado que parecia estar sendo esmagado.

Seu pior pesadelo virou realidade. Ela tinha ido embora.

Ele afastou Evangeline. Ele a tratou de forma desprezível.

Desde a sua infância não sentia tanta desolação e desespero diante de sua impotência. Mas aquilo, aquilo era culpa *dele*. Tinha feito o impensável. Não era a vítima ali. Evangeline é que era. Seu doce e inocente anjo, cujo único crime foi amá-lo, foi querer cuidar dele e demonstrar-lhe que era importante.

E ele retribuiu aceitando esse agrado só para jogá-lo de volta na cara da mulher que amava da maneira mais desprezível que um homem poderia fazer.

Drake enterrou o rosto nas mãos, a agonia crua queimando suas entranhas.

— Eu fodi com tudo, Angel. Mas vou atrás de você. Que Deus me ajude. Sei que falhei com você. Te decepcionei. Mas, droga, *não* vou deixar você escapar. Nunca vou deixar você escapar. Vou lutar por você até o fim. Não posso viver sem você — sussurrou. — Você é a única coisa *boa* na minha vida. O único sol que já tive em uma vida mergulhada no cinza. Não posso viver sem você. Você é minha única razão para viver. Tem que voltar para casa, porque sem você, eu tenho... Eu sou... nada.

— ENCONTREM-NA — DRAKE DISSE, ríspido, as noites sem dormir evidentes em sua feição cansada. — Esta é sua *única* prioridade, seu *único* trabalho. Encontrem-na e tragam-na de volta para mim.

Ele havia reunido seus parceiros. Os únicos homens em seu círculo mais íntimo, um grupo restrito de homens — irmãos — sócios nos negócios e os únicos a quem confiaria a própria vida — e a de Evangeline.

Os únicos homens a quem permitiria vê-lo tão mal, desprotegido. Vulnerável. Nada lhe importava. Não ligava de expor sua fraqueza. De afrouxar a mão de ferro com que tinha vivido durante a maior parte de sua vida. Todos sabiam que Evangeline era... especial. Importante. Eles gostavam dela e a respeitavam. Despertar um desses dois sentimentos nos homens de Drake já era difícil. Despertar os dois era inédito.

Por isso mesmo, estavam *todos* putos. Com ele.

— Merda, Drake — Maddox falou entredentes. — Como pôde fazer isso? Tinha que haver outra maneira.

— Não havia outra maldita maneira e você sabe disso! — Drake vociferou, a fúria e o desamparo comendo-o vivo, corroendo-o por dentro até que só restasse a casca de um homem, impotente, diante de seus irmãos, implorando por ajuda.

Olhares foram trocados. Alguns de simpatia, alguns de resignação, quando perceberam que Drake estava certo. E outros ainda

de fúria silenciosa, por Evangeline ter sido tratada — ter sido traída — de maneira tão desprezível.

Maldita inútil, nem um boquete decente sabe fazer. Você só serve no meu quarto.

As palavras cruéis voltaram à sua mente, um corte doloroso reabrindo a ferida, um lembrete cruel das coisas imperdoáveis que ele fez a Evangeline. Tudo para convencer os malditos Luconi de que ela não significava nada para ele.

Quando, na realidade, ela era tudo para ele. E *ele não conseguia encontrá-la!*

Não podia culpá-la. Tinha acabado com ela. Tinha destroçado Evangeline até que ela sangrasse com suas chicotadas verbais. E, Jesus, o jeito como a tratou, também fisicamente. Não, ele era mesmo o único culpado.

Silas permanecia em silêncio, o rosto esculpido em pedra, mas os olhos eram um sinal de raiva mortal em um homem que geralmente não dava sinal de nada.

— Ela não merecia — Silas disse, em voz baixa. Mas ele nunca precisava mesmo levantar a voz para defender suas razões. Quando falou, os outros instintivamente pararam de falar para escutá-lo. Ele era um homem que despertava respeito e que era visto como autoridade.

— Não, ela não merecia — Drake concordou, rouco. — Acha que não *sei* disso? Acha que há uma única noite em que eu não pense na imagem dela arrasada, em completo desespero, em lágrimas... merda, as lágrimas dela... e pior, seu medo. De mim. Da humilhação. Sua crença absoluta em cada insulto, em cada palavra que falava da boca para fora na tentativa de garantir que os malditos Luconi nunca suspeitassem o que ela significa para mim. Nunca esquecerei. Enquanto viver, *nunca vou me esquecer daquela noite.*

Seu tom se tornou selvagem, a fúria irradiava dele como um farol.

— Ela pode estar em qualquer lugar. Sozinha. Com medo. Seus pais não têm notícias dela. E aquelas vacas que ela chamava de melhores amigas... — Ele parou e fez um esforço visível para se controlar.

Foi o primeiro lugar aonde ele e Maddox tinham ido, só para descobrir que elas também não tinham notícias de Evangeline. Até que, depois de deixarem bem claro seu desgosto, estavam prontos para ir embora quando Lana admitiu, entre lágrimas, que Evangeline tinha ligado naquele dia, o dia em que planejava visitá-las. Reconciliar-se. E que ela tinha lhe dito para não vir. A culpa estava refletida nos olhos de todas as suas “amigas”.

Foi então que Drake percebeu que seu anjo nunca *planejara* fazer aquela surpresa para ele. Ela não tinha mentido só para fazer o papel de anfitriã para ele. Estava magoada com a rejeição das amigas e tinha buscado apoio na única coisa verdadeira em sua vida; queria a aprovação dele, precisava dela, porque não tinha mais ninguém.

E Maddox se sentia tão culpado quanto Drake porque, se tivesse subido com Evangeline como costumava fazer, saberia que suas amigas não estavam em casa e não teria hesitado em levá-la a outro lugar naquela noite. Nunca imaginaria que ela pudesse fugir e voltar ao apartamento de Drake para fazer uma surpresa, para mostrar o quanto se importava com ele. Tinha arriscado tudo por Drake, e sua retribuição foi uma punhalada tão cortante, tão profunda, que tinha destruído algo tão bonito e inocente, que mal podia pensar nisso sem perder seu já tênue contato com a sanidade.

Justice limpou a garganta e passou a mão no cabelo, hesitando, quase como se estivesse preocupado em deixar Drake ainda mais puto com o que estava prestes a dizer.

— Pode parecer loucura, Drake — começou Justice, com cuidado. — Mas me escute, ok?

Drake fez um som de impaciência. Cada segundo que passavam no escritório falando era mais um segundo que Evangeline passava sabe Deus onde, nas ruas, sozinha, arrasada, acreditando que Drake era o rei dos mentirosos.

— Seja rápido — Drake respondeu. — Enquanto estamos aqui falando sobre Evangeline, ela está lá fora, com frio, sozinha, com fome, sem nada.

Mais uma vez, se sentiu inundado de dor, e foi forçado a se sentar na cadeira atrás de sua mesa para não desmaiar. Cobriu o rosto com as mãos e não viu o choque nos olhos de seus homens mais próximos, nem os olhares desconfortáveis que trocaram.

— Acho que você está encarando toda a situação pelo ângulo errado — Justice disse, calmamente.

Drake ergueu a cabeça, os lábios se contorceram em um grunhido. Os outros homens olharam para Justice, sem entender nada, perguntando-se se ele perdera o juízo ao contrariar Drake e questionar seu julgamento.

— Escute — Justice continuou. — Você a protegeu o tempo todo, fez de tudo para mantê-la em segredo, temendo que ela fosse usada contra você. É por isso que precisou fazer o que fez quando as coisas mudaram e não houve outra maneira de protegê-la.

A expressão angustiada de Silas se transformou em outra, de desgosto, deixando claro para Drake — e para os outros — o que ele pensava sobre o que “precisava” ser feito para garantir a segurança de Evangeline — e preservar a vida dela.

— Em vez de escondê-la, mantendo-a em segredo, acho que deveria assumi-la. De vez. — Justice disse, com ênfase.

— Está louco? — Drake perguntou, rouco. — Quer que ela seja estuprada, torturada, *morta*?

Justice levantou a mão, ainda pedindo para que Drake o ouvisse. Os outros também ficaram em silêncio, de repente muito curiosos, querendo saber aonde Justice queria chegar.

— Não, não a esconda mais — Justice prosseguiu, calmamente. — Faça dela a sua *rainha*. Mostre pra porra do mundo que ela é sua e que você vai matar quem ousar olhar torto para ela, ameacá-la, ou tentar usá-la para chegar até você. Pense nisso, Drake. Você é o homem mais temido da cidade. Acha mesmo que eles seriam tolos o suficiente para ir atrás do que você mais valoriza?

— Ele tem razão — Silas disse, calmamente, surpreendendo os outros por se manifestar. — Nós dobraríamos, talvez até triplicaríamos a segurança dela, mas o que realmente a protegeria seria seu nome.

Pense nisso, Drake. Quando já assumiu uma mulher publicamente ou deixou claro que qualquer um que cause mal a ela terá uma morte lenta e agonizante?

— Ter segurança reforçada — Drake rosnou, impaciente —, mesmo tão boa quanto a de vocês, não a protegerá de um atirador de elite, de uma bomba ou de alguém simplesmente atirar nela na rua.

Maddox soltou um palavrão e lançou um olhar de desgosto e agitação para Drake.

— Você perde toda inteligência e racionalidade quando se trata de Evangeline. Matar Evangeline não terá efeito nenhum para seus inimigos além de te deixar puto e com sede de sangue. Do sangue deles. Algo que ninguém quer, nem mesmo o mais poderoso dos seus inimigos. Eles teriam que ser idiotas para caralho, a ponto de dar adeus a seus impérios e a suas vidas, encomendando a morte de Evangeline. O único jeito de usá-la para atingir você seria levá-la viva e mantê-la assim, para então extorquir o que quisessem em troca da liberdade dela. Mas, para chegar até ela, eles teriam que vencer a sua segurança, e não há chance de uma merda assim acontecer.

— Nós — interrompeu Justice, olhando para os outros homens reunidos na sala — nunca permitiríamos que alguém se aproximasse de Evangeline o suficiente para raptá-la, e sempre haverá alguém com ela o dia inteiro, todo dia, quando ela não estiver na sua casa. E quando você e Evangeline saírem, uma segurança reforçada protegerá vocês e vai monitorar todos os seus movimentos.

— Só não haverá uma equipe de segurança nos momentos de privacidade. O sistema de segurança do seu apartamento é o melhor que existe. Melhor e mais sofisticado do que a maioria dos sistemas de segurança secretos. Apertando um botão, todo o edifício fica bloqueado, e você tem um quarto do pânico impenetrável, até mesmo para explosivos — Silas interveio. — Eu sei porque eu mesmo instalei.

— Não quero que ela seja uma droga de uma prisioneira — Drake disse, com a voz cheia de angústia.

— Não será muito diferente de antes — Jax disse, falando pela primeira vez. — Quando Evangeline foi a qualquer lugar sem um de nós? Ela nunca pareceu se importar. Inferno, ela gosta da gente. Ou ao menos gostava...

Sua voz fêlhou, revelando arrependimento e remorso, como se as atitudes de Drake estivessem tirando Evangeline de todos eles. E, a julgar pelo olhar nos rostos dos outros homens, tratava-se de algo que todos tinham pensado. E de que não tinham gostado nem um pouco.

Os homens de Drake a adoravam. Eles gostavam dela como não tinham gostado de nenhuma outra. E agora tinham que lidar com a perda de sua confiança tanto quanto Drake. Ele não conseguia nem sentir ciúme. A única emoção que conseguia sentir era culpa porque, por causa de suas ações, Evangeline perderia pessoas que tinham se tornado importantes para ela, pessoas que ela tinha acolhido debaixo de sua asa. Ela tinha feito todos os seus irmãos se sentirem importantes e valorizados.

— Eu e somente eu sou responsável pelo que aconteceu com Evangeline — Drake disse, em voz baixa. — E você sabe tão bem quanto eu que Evangeline não tem nada de vingativa. Ela é a doçura em pessoa e tem o coração mais puro e mais honesto que já conheci. Ela não vai odiar vocês. Só a mim. E essa é a cruz que vou carregar. Nenhum de vocês sofrerá por minha arrogância e estupidez.

Fez uma pausa, refletindo sobre a conversa e abaixou a cabeça, pensativo. Tanta coisa se passava em sua mente. Deus, será que era mesmo tão simples assim? Será que tinha sido tão estúpido, preocupado demais em manter Evangeline a salvo do mundo por puro medo? Não, isso era apenas parte da verdade. O lado egoísta de Drake não queria dividi-la *com ninguém*, nem mesmo com seus irmãos, embora fosse necessário.

— Você está certo — Drake cedeu, cansado. — Droga, vocês todos têm razão e isso é algo em que eu deveria ter pensando.

Seu tom era de pura autodepreciação. Ele, que estava acostumado a estar no controle de qualquer situação, a ter todas as possibilidades avaliadas. Mas Evangeline tinha virado sua vida, tão bem ordenada, de

cabeça para baixo e, perto dela, ele não conseguia pensar com clareza, ser racional e, se não colocasse a cabeça de novo no lugar, poderia provocar a morte de ambos. E também de seus irmãos.

Silas limpou a garganta e, mais uma vez, as cabeças se viraram surpresas. Ele já havia quebrado seu característico silêncio uma vez e parecia ter mais a dizer.

— Há mais que você fez... de um jeito não muito correto — ele disse, emendando o que ia dizer, mas as palavras pairaram na sala como se tivessem sido ditas.

Há mais que você fez errado.

Seu olhar encontrou o de Drake sem hesitar. Silas não tinha medo de Drake. Drake o considerava um igual em todos os sentidos da palavra. Tão letal quanto ele mesmo, se não mais. Não, Silas não temia Drake, e Drake o respeitava por isso.

Houve um silêncio pesado na sala, todos esperando, ansiosos, para ver as consequências da ousadia de Silas. Sugerir que Drake estava errado sobre muitas coisas. Nem mesmo alguns de seus homens mais próximos tinham feito aquilo.

— Você nunca a deixou segura sobre o lugar dela no seu mundo — em sua vida — Silas disse, em seu característico tom calmo.

— O caralho que não fez isso — Drake respondeu, feroz, e não gostou da insinuação de um tom defensivo em sua própria voz. Culpa. Porque Silas tinha tocado na ferida.

— Você se encontrava com ela depois do trabalho e saía antes de ela acordar. Enviava um de nós para levá-la aonde quisesse ir, para cuidar de suas necessidades. Essa função é sua, Drake. Ela é sua mulher e você não deu a ela nenhuma razão para acreditar que era mais do que apenas um corpo que aquecia a sua cama, uma submissa para a sua necessidade de dominação. Você a fez acreditar que ela existia apenas para sua conveniência.

A raiva quase cegou Drake e, somente porque Silas acertara em cheio, ele não se atirou sobre aquele homem, a quem chamava de seu executor. Se brigassem, seria a luta da vida de Drake, porque um era

páreo para o outro, embora Drake suspeitasse fortemente que Silas pudesse levar vantagem.

— Se encontrá-la, se ela te ouvir, se ela te perdoar ou ao menos te der a chance de compensar a terrível injustiça que você a fez sofrer, você vai ter que provar com ações e não apenas com palavras que ela é mais do que uma mulher que vai aquecer a sua cama algumas noites antes de ser dispensada com um presente caro como recompensa.

— Você sabe muito bem que ela odeia receber esses presentes caros — Drake rosnou. — Presentes, joias, roupas.

— E por que acha que é assim? — Maddox perguntou, interrompendo, com um olhar penetrante.

— Porque ela só queria a mim — Drake sussurrou.

E, de repente, tudo o que Silas disse fez sentido. Drake fechou os olhos porque tudo fazia muito mais sentido agora. Ele era o que Evangeline queria. Só ele. Seu tempo. Seu coração. A única coisa que ele não tinha — não podia — lhe dar. Mas isso não significava que não pudesse mostrar o quanto ela era importante para ele. Passar mais tempo com ela em vez de confiá-la a um de seus homens todos os dias. Ele praguejou e passou a mão pelo rosto.

— Existem outras maneiras de machucá-la para tentar me atingir. As amigas dela, ainda que tenham se distanciado. Ninguém mais saberá disso. A família, a mãe e o pai de Evangeline, por quem ela fez, merda, por quem ela vem fazendo tudo. Eles têm que ser protegidos também, porque se os amigos ou familiares de Evangeline forem sequestrados, ela ficaria louca e me imploraria para fazer o que fosse necessário para resgatá-los.

Drake fez uma careta e fechou os olhos.

— E eu nunca poderia dizer não para ela, a não ser que a pusesse em perigo. Sua felicidade vem em primeiro lugar para mim e, se alguém levasse seus entes queridos, eu ficaria desamparado porque não conseguiria olhar nos olhos de Evangeline de novo e ficar parado, sem tomar uma atitude, me recusando a ceder a extorsões e chantagens, algo que eu nunca teria sequer considerado no passado.

Alguns de seus homens pareciam estupefatos e não fizeram o menor esforço para esconder o choque, embora aqueles mais próximos a Drake não parecessem nada surpresos. Havia respeito nos olhos deles, e tinham a mesma determinação em manter Evangeline — e aqueles que ela amava — seguros.

Hatcher mudou de posição, seu olhar demonstrava sua inquietação. Ele abriu a boca mais de uma vez só para fechá-la e pressionar os lábios firmemente, como se estivesse engolindo o que queria dizer.

— O que foi, Hatch? — Drake perguntou.

Hatcher suspirou.

— Caramba. Não me entenda mal. Gosto de Evangeline. Ela é meiga. Doce e inocente até demais para seu próprio bem. E, tanto quanto qualquer um aqui, não quero que ela sofra, muito menos que seja ferida ou morta por qualquer confusão que a gente arrumar.

— Mas...? — Drake pressionou, sabendo que Hatch tinha muito mais em mente do que exaltar as virtudes de Evangeline.

O desconforto de Hatcher crescia e o suor brilhava em sua testa.

— Apenas me escute — ele murmurou, repetindo o mesmo pedido que Justice havia feito momentos antes. — Você já está envolvido com ela. Nunca nem pensou em ficar com uma mulher por tanto tempo, muito menos em fazer dela sua rainha e mostrar isso para o mundo. Talvez... Talvez seja melhor assim.

— *Assim* como?

A voz de Drake estalou como um chicote atravessando a sala, explodindo cheio de fúria, porque ele tinha uma boa noção de onde seu homem queria chegar e, se estivesse certo, Silas, Maddox e Justice teriam de se juntar para impedi-lo de matar Hatcher ali mesmo.

— Rompendo de vez — Hatcher concluiu, seu olhar endurecendo. — Uma ruptura que já foi feita e que, provavelmente, é melhor assim. Evangeline te deixa vulnerável. Inferno, ela já te deixou vulnerável. Você está muito envolvido, Drake. Você não vê, mas o resto de nós vê, e você vai acabar se matando e levando a gente junto. Ela vai acabar custando *tudo* a você.

As reações foram mistas, de olhares do tipo *que merda é essa* a outros, frios, capazes de derreter pedras e, ainda, de fúria pura, como os de Justice, Maddox, Silas, Hartley, Jax e Thane.

— Você já está fazendo, ou planejando fazer, concessões que nunca teria admitido antes. Talvez deva pensar em deixar Evangeline partir, em vez de fazer dela sua rainha. Livrar-se dela, terminar e deixar claro a todos que não tem mais nada, mais nenhum compromisso com ela nem nada do tipo. Como sempre fez antes. É o que já fez, então deixe para lá. Você nunca ficou tão emocionalmente envolvido com uma mulher e menos ainda revirou essa porra de cidade inteira procurando alguém que claramente não quer ser encontrado. Se quer que ela fique segura, então essa é a melhor maneira de fazer isso porque ninguém, especialmente depois que você acabou com ela na frente dos Luconi, vai se lembrar dessa garota. Mas assumi-la publicamente? Você estaria atirando Evangeline aos lobos, e sabe disso.

Drake olhou tão friamente para Hatcher que a temperatura gelou no escritório. Os demais estavam visivelmente desconfortáveis porque sabiam que Hatch, ainda que bem-intencionado, tinha acabado de fazer uma cagada. Mas ele não conhecia Evangeline. Tinha passado apenas alguns momentos em sua presença, enquanto os outros haviam passado muito mais tempo com ela e entendiam perfeitamente a obsessão de Drake, sabiam que ele nunca simplesmente “a deixaria partir”.

— Evangeline é minha vida — Drake disse entredentes, a raiva aumentando a cada respiração. — E, se perdê-la, estou morto de qualquer maneira. Se sugerir de novo que eu me livre dela, quebro você com minhas próprias mãos. Fale dela e com ela com respeito absoluto. Trate-a com o máximo de respeito, mais até do que me trata. Evangeline será a sua prioridade. A felicidade, a segurança, o conforto dela. Todas as necessidades dela serão atendidas por todos nós. E estenderemos a seus amigos e familiares o mesmo cuidado e proteção.

A coisa mais importante na minha vida é Evangeline, sua felicidade e seu bem-estar, e espero — aliás, *exijo* — que todos aqueles que se aliarem a mim jurem protegê-la e estejam dispostos a dar a vida

por ela, assim como fariam por mim. E, se for preciso escolher entre mim e ela, que não haja dúvidas: Evangeline deve ser salva de qualquer maneira, e estou encarregando vocês, meus irmãos, de garantirem a segurança e o bem-estar dela se eu não estiver mais por perto. Ela jamais deve passar nenhuma necessidade ou sentir falta de nada. Estamos entendidos?

Os olhos de Hatcher não escondiam seu choque diante da veemência de Drake. Depois de um silêncio prolongado, ele finalmente conseguiu sussurrar um “sim”, acompanhado por um aceno de cabeça. Pela expressão de alguns outros homens na sala, Drake não era o único querendo dar uma surra em Hatcher por sua “ideia”. Drake fez uma anotação mental: nunca deixar Evangeline sozinha nas mãos de Hatcher. Não até que tivesse certeza da lealdade absoluta de Hatcher a Evangeline.

Drake já tinha ouvido o bastante e estava enojado até a alma em pensar que um de seus homens tinha realmente sugerido que ele deixasse Evangeline acreditar no pior, que ele tinha desistido dela. Só de contemplar essa ideia, sentia-se fisicamente doente.

Fez um gesto para que todos saíssem, mas, quando olhou para cima, Maddox, Silas e Justice ainda estavam diante dele, olhando-o solenemente. Houve outro silêncio prolongado, e então Maddox disse em voz baixa: — Ela é sua alma gêmea.

Drake não fingiu não ter entendido o que Maddox tinha dito. Sabia muito bem o que ele estava inferindo. Drake evitava compromissos e relacionamentos a todo custo. Jamais confiou em ninguém a não ser nos homens reunidos em seu escritório naquele momento, muito menos em uma mulher. Tinha jurado nunca se envolver de verdade com garota alguma, não só porque ainda não tinha conhecido nenhuma que mexeu o bastante para fazê-lo mudar de ideia, mas também por causa do perigo e do risco a que sua acompanhante estaria exposta simplesmente por estar segurando seu braço.

Mas agora...? Sim, Evangeline era sua alma gêmea.

Porém, em vez de responder à pergunta com um simples “sim” ou “não”, Drake apenas os encarou com um olhar cheio de

determinação e de um fogo que não era muito comum à sua personalidade geralmente fria e distante.

— Nunca vou deixá-la escapar. Maldição! Mesmo que isso signifique amarrá-la à minha cama todas as noites. Se ela quiser me deixar, terá que me *convencer* de que eu não sou quem ou o que ela deseja, e que o estilo de vida que exijo não é o que ela quer, e vai ter que me mostrar que não está feliz. Mas ela nunca vai querer outra coisa na vida. Farei de tudo para garantir isso.

— Nunca haverá outra como ela para você — Silas disse, como se refutasse a ideia de que Evangeline poderia partir, mas havia algo a mais no olhar penetrante de Silas. Talvez ele estivesse sondando a profundidade dos sentimentos de Drake por Evangeline. Silas parecia tão seguro de Evangeline, de que ela o perdoaria. No entanto, será que desconfiava que Drake pudesse traí-la de novo?

— Não — Drake disse, em resposta à declaração de Silas. — Como poderia haver? Só se experimenta esse tipo de perfeição uma vez na vida. E só alguém muito, mas muito idiota não faria de tudo para manter algo assim tão bom consigo. Quem recebe uma bênção dessas e não rala para conseguir mantê-la não a merece.

Drake encarou Silas, a raiva e a determinação borbulhando em suas veias. Não devia nada a ele, nem a ninguém e ainda assim... Evangeline... E o que ela significava para ele era importante demais para fôder com tudo agindo cegamente. Não poderia restar dúvida, ele precisava ter certeza inabalável do compromisso de seus homens com aquela busca. Encarou Maddox e Justice, incluindo-os em sua declaração apaixonada, raivosa.

— Enfim isso na cabeça de uma vez por todas: Evangeline é *tudo* para mim. Não há Drake Donovan sem Evangeline. Se algo acontecer a ela e, principalmente, se algo acontecer a ela por minha causa, não vou sobreviver. Não vou querer mais viver. Ela me dá um propósito. Uma razão para viver. Uma razão para me levantar de manhã e enfrentar um novo dia. Você não recebe esse tipo de luz só para permitir que ela se apague, achando que um dia vai conseguir se recuperar da perda.

Os homens pareciam atordoados, não pelos sentimentos de Drake por Evangeline, porque, até certo ponto, eles os compartilhavam, mas porque Drake acabara de expor sua alma. O que se seguiu foi um consenso geral, e Silas concordou em silêncio, como se estivesse satisfeito por Drake ter passado em algum teste que nem sabia estar fazendo.

Muito bem. Drake tinha conseguido tocá-los e, por isso, sabia que eles morreriam por Evangeline. Aqueles homens se colocariam entre Evangeline e qualquer possível ameaça, pois estavam conscientes de que se algo acontecesse com ela, perderiam Drake também.

— Vamos protegê-la — ela e você — com a nossa própria vida — Silas garantiu.

Maddox e Justice repetiram a promessa de Silas, com propósito e determinação brilhando em seus olhos.

Todos tinham vindo do nada e conseguiram subir na vida. Todos tinham passados nebulosos, nada tinha caído do céu. Tinham lutado por tudo o que tinham. Eram uma família, comprometidos uns com os outros por um vínculo mais forte do que qualquer vínculo de sangue poderia ser.

E, pela primeira vez, estavam ampliando seu círculo íntimo para incluir... uma mulher. A mulher de Drake. Nenhum deles se envolvera com uma mulher tempo suficiente para que aquilo sequer lembrasse um relacionamento. Satisfaziam as suas necessidades, sempre assegurando-se de que a mulher fosse bem cuidada e tivesse prazer também, e, quando a dispensavam, eram generosos. Mas mulher alguma jamais chegou nem perto de quebrar a armadura em torno de seus corações.

Até agora.

Até Evangeline.

Parte de seus homens sentia inveja, e parte deles sentia pena, porque agora havia muito mais em jogo para Drake do que antes. Antes, ele só precisava se preocupar consigo mesmo e com seus irmãos. Era temido e reverenciado. Ninguém ousava atacá-lo. Agora Drake tinha uma fraqueza que poderia muito bem ser sua ruína. Ser

invulnerável a *qualquer* fraqueza era que impedia seus inimigos de atacá-lo. Porque Drake não se importava com nada nem com ninguém. Mas agora? Agora ele tinha uma mulher que era todo o seu mundo. E que Deus ajudasse o tolo que tentasse encostar um dedo em Evangeline, porque Drake apareceria como um anjo vingador ou o mais assustador demônio do inferno para vingar brutalmente quem quer que ousasse fazer mal a ela. E faria isso pessoalmente. Não ia querer que Silas fosse atrás do canalha. Seria pessoal demais. Drake seria incansável e acabaria com a raça de qualquer um que ferisse sua mulher.

— SR. DONOVAN! SR. DONOVAN!

Drake quase rosnou, frustrado com aquela intromissão indesejada em seu caminho até o elevador. Eram três da manhã e ele e seus homens tinham passado o dia vasculhando a cidade, mais um dia infutífero, procurando Evangeline sem chegar a lugar algum.

Ele se desviou e olhou para o porteiro. Um pouco do que estava sentindo devia estar refletido em sua expressão, porque o homem recuou e parou a poucos metros de Drake, que já estava em frente ao elevador, agora aberto.

— Seja lá o que for, pode esperar — Drake respondeu. — Não quero ser perturbado.

Por um momento, o porteiro pareceu se debater, indeciso, e Drake, desgostoso, se virou e entrou no elevador. O porteiro avançou, estendendo a mão para impedir que as portas se fechassem.

— É sobre Evangeline, eh, quero dizer, sobre a senhorita Hawthorn.

À menção daquele nome, Drake saiu do elevador e agarrou o velho homem pela lapela do casaco.

— O que tem a Evangeline? — Drake rosnou. — Você sabe de alguma coisa?

O rosto do homem estava cinza de medo e seus olhos piscavam, culpados, olhando para baixo. Que porra era aquela?

Só então Drake se deu conta de que o porteiro o tinha visto deixar o edifício apenas alguns minutos depois de chegar com os Luconi. Ele tomou ar. Meu Deus! Como podia ser tão estúpido? É claro que o porteiro também devia ter visto Evangeline sair. E a condição em que estava quando saiu.

O porteiro gostava de Evangeline. Sempre era amistoso com ela, e Evangeline, com ele. Havia um afeto genuíno entre os dois, mas Drake nunca tinha dado muita importância, porque Evangeline inspirava isso em todos que conhecia.

Mas e se... Pavor rastejava insidiosamente pelo corpo de Drake e suas mãos apertaram ainda mais a lapela do porteiro, até que finalmente relaxaram e o libertaram para dar alguns passos trôpegos para trás.

Em nenhum momento ocorreu a Drake questionar aquele homem. Estava muito desesperado para encontrar Evangeline, revirando toda aquela maldita cidade, como um louco ensandecido. E se a resposta estivesse ali o tempo todo e Evangeline estivesse perdida lá fora, sozinha, desesperada, com fome e arrasada enquanto Drake perdia tempo atrás das pistas erradas?

— Você gosta dela? — o porteiro perguntou, em um tom quase acusatório. Sim, aquele homem sabia de alguma coisa e estava puto da vida com o que Drake tinha feito a Evangeline. E agora Drake tinha que agir com muito cuidado, porque se desse ao porteiro algum motivo para acreditar que pretendia prejudicar Evangeline, nunca obteria informação alguma daquele homem que Evangeline também tinha acolhido debaixo de sua asa, como fazia com todos com quem tinha algum contato.

— Muito — Drake respondeu com a voz suave, porém perigosa. — Sabe onde ela está?

— Eu a vi naquela noite — disse o porteiro, sem disfarçar a amargura na voz.

Seus olhos ainda refletiam uma acusação, como se Drake fosse o único responsável pela partida de Evangeline. E Drake era. Totalmente. Mas quanto aquele homem sabia? Sabia onde Evangeline estava?

— Houve um terrível mal-entendido — Drake explicou, quase sufocado por compartilhar problemas pessoais com um completo estranho. Mas, por Evangeline, para tê-la de volta em seus braços, faria qualquer coisa. — Que de modo algum foi culpa de Evangeline. *Não era para ela estar aqui.*

Não dava para esconder a agonia em sua voz, e ele podia jurar que o olhar do porteiro se suavizou, ainda que apenas um pouco.

— Ela tinha planejado uma surpresa para você — o porteiro disse, em voz baixa. — E, depois, ficou arrasada. Quis ajudá-la. Tentei. Mas ela me disse que se eu a ajudasse, eu iria para rua, assim como ela tinha ido.

Drake recuou e uma dor familiar, causada pela tristeza, invadiu seu peito, tirou seu fôlego. O porteiro tinha tentado ajudá-la e Evangeline não tinha deixado, preocupada que Drake o despedisse, caso descobrisse. Por um momento, ele se permitiu ter esperanças de que o porteiro fosse lhe dar alguma resposta. Que ele pudesse lhe dizer onde encontrar Evangeline.

O porteiro passou a mão no cabelo, subitamente parecendo preocupado e indeciso.

— Que Deus me perdoe se eu estiver errado. Que *ela* me perdoe se eu estiver errado. — Drake prestava muito atenção.

— O quê? O que você sabe? — ele perguntou, mudando de tática porque agora sabia por que o homem estava se debatendo. Ele estava inseguro das intenções de Drake em relação a Evangeline, e por isso relutava em lhe dar qualquer informação que pudesse ajudá-lo a encontrá-la. Agora, a menos que Drake pudesse convencê-lo de que estava fazendo a coisa certa e que não estaria traindo Evangeline dando a Drake qualquer informação que tinha, nunca conseguiria arrancar nada daquele homem, ainda que isso pusesse em risco seu emprego.

— É muito importante que eu a traga de volta — Drake disse, calmamente. — Sem ela, sou apenas metade de um homem. Preciso lhe pedir perdão, mas não posso fazer isso se não puder encontrá-la e trazê-la de volta para casa, para o local a que ela pertence.

Um pouco da preocupação do porteiro se desvaneceu enquanto, pensativo, estudava o rosto de Drake.

— Sabe, Sr. Donovan, acho que acredito em você.

— Só rezo para que ela também acredite — Drake sussurrou.

O porteiro suspirou.

— Eu a coloquei em um táxi e a enviei para um hotel no Brooklyn que minha irmã administra. Evangeline, quero dizer, a senhorita Hawthorn.

— Tudo bem — Drake o tranquilizou, interrompendo momentaneamente o porteiro. — Sei que ela é especial para você, como é para todos nós. Não é nenhum desrespeito chamá-la de Evangeline. E eu apostaria que foi ela que insistiu para que fosse assim.

Um sorriso se desenhcou nos lábios do velho homem.

— E foi mesmo, Sr. Donovan. Foi mesmo.

— Agora, de volta ao hotel ao qual você a enviou, onde ele fica?

— Drake perguntou, tentando controlar sua ansiedade.

— Ela não tinha para onde ir — disse o porteiro, franzindo a testa outra vez. — Sem dinheiro. Não tinha nada com ela além de algumas mudas de roupa. Não podia deixá-la partir assim, sem um lugar onde estivesse segura para ir.

— Você fez a coisa certa, e tem minha gratidão por ter cuidado da segurança dela. Será recompensado.

Ao ouvir aquilo, o rosto do porteiro endureceu.

— Minha recompensa será vê-la aqui, segura e feliz novamente.

Foi a vez de Drake franzir o cenho.

— Mas isso foi há cinco dias. Sabe se Evangeline ainda está lá? Ela não é o tipo de pessoa... ela nunca aceitaria caridade. É muito orgulhosa. Nunca ficaria em algum lugar pelo qual não pudesse pagar de alguma forma.

— Minha irmã lhe deu um trabalho como faxineira, apesar de Evangeline ter sido honesta e ter dito logo de cara que não planeja ficar ali por muito tempo. Só até ganhar dinheiro suficiente para seguir em frente.

O sangue de Drake congelou. Ir em frente. Deus. Como ele pôde chegar tão perto de perdê-la para sempre. Se é que ela ainda estava lá.

— O turno dela começa em uma hora — o porteiro disse, em voz baixa. Então, ergueu o rosto e encarou Drake como um igual, fogo em seus olhos. — Não me faça me arrepender de trair a confiança dela, senhor. Nunca faria nada para machucar aquela jovem. Ela já está muito magoada.

— Sobre isso, você e eu concordamos — Drake disse, fechando a mão sobre o ombro do porteiro. — Obrigado. Nunca serei capaz de retribuir a sua bondade com Evangeline quando ela mais precisou e por me ajudar a encontrá-la para tentar consertar as coisas, embora, Deus sabe, eu não mereça.

— Apenas traga-a para casa, Sr. Donovan — o porteiro disse, numa voz sombria. — Isso aqui não é a mesma coisa sem ela.

As palavras o atingiram em cheio. Bem no coração. Porque eram absolutamente verdadeiras. Nada era o mesmo sem Evangeline.

Quase virou-se e saiu correndo do prédio depois de conseguir o nome e o endereço do hotel com o porteiro, mas precisava tomar banho e trocar de roupa, e precisava ligar para Silas e Maddox. Eles eram os dois que mais gostavam de Evangeline, os que tinham mais interesse naquela busca. Maddox ainda carregava o peso da culpa por ter permitido que Evangeline escapasse dele naquela noite, e Silas... Drake ainda não sabia ao certo qual era a ligação entre seu homem e Evangeline, só que era a amizade mais improvável que conhecia. Mas uma coisa era certa: Silas era um protetor feroz de Evangeline, e Evangeline era igualmente protetora de Silas, combatendo toda e qualquer pessoa que lhe fizesse qualquer tipo de mal. Seria justo que Maddox e Silas o acompanhassem para trazer Evangeline de volta, para cuidar da segurança dela — e também da sua.

Silas resmungou um milhão de palavrões quando o carro que o levava junto com Drake e Maddox encostou perto do hotel decadente

cinco minutos depois do horário que Evangeline começaria seu turno. Drake olhou surpreso para ele, uma sobrancelha arqueada, em dúvida.

Mas Silas não ofereceu nenhuma explicação. Sua única resposta foi um olhar sombrio e carrancudo, que ecoava nos traços duros de Maddox. Nenhum deles estava feliz em ver que era ali que Evangeline estava vivendo e trabalhando enquanto andavam pelas ruas da cidade à procura dela.

Ao menos o porteiro tinha sido cuidadoso o bastante para garantir que Evangeline pudesse ir para um lugar seguro. Por causa disso, o porteiro tinha a gratidão eterna de Drake.

— Me esperem aqui — Drake pediu, enquanto abria a porta para sair. — Espero de verdade que consiga convencê-la a vir comigo.

EVANGELINE MERGULHOU O ESFREGÃO no balde de água com sabão e, então, o apertou no espremedor, usando toda a sua força para tirar dele a maior quantidade possível de água, antes de começar a árdua tarefa de limpar a área da recepção.

Sabia que precisava ser rápida para não atrapalhar a entrada e a saída dos clientes. Por isso, a limpeza era feita às quatro da manhã todos os dias. Suas costas doíam, seus pés estavam inchados e doloridos e seus olhos ardiam dos rios de lágrimas que ela chorava todas as noites deitada em sua cama, sem conseguir dormir.

Sabia que parecia estar mal e que seus movimentos eram robóticos enquanto trabalhava. Não fosse pelo fato de que seu coração doía sem nunca dar trégua, ela poderia jurar que já estava morta e era apenas um zumbi cumprindo, aos trancos e barrancos, a rotina diária.

Mais alguns dias. Tudo o que ela precisava era de mais alguns dias e teria dinheiro suficiente para comprar uma passagem de avião para voltar para casa e para os seus pais. Não era a primeira vez que precisaria trabalhar duro. Teria dois, três empregos, o que fosse necessário para sustentar seus pais, e ainda teria o bônus de não ter tempo para pensar em mais nada...

Um tremor percorreu seu corpo e Evangeline sentiu os olhos queimarem como se tivesse derramado ácido neles. Merda, ela não podia chorar ali. Somente à noite, no escuro, onde ninguém pudesse ver nem ouvir, ela permitia que seu pesar a consumisse. Quem estava

enganando? Pensaria em Drake e naquela traição horrível pelo resto da vida. Colocar a metade do país entre os dois certamente não ajudaria. Não. Porque seu coração estaria em Nova York para sempre. Com um homem sem coração, sem alma, sem a capacidade de amar. Oh, Deus, o que ela ia fazer? Por que não tinha ouvido suas amigas? Por que tinha sido tão ingênua? E agora, por causa da sua estupidez, tinha perdido não só Drake, mas também suas melhores amigas.

O que não daria para estar no apartamento delas, desabafando e pedindo desculpas por tê-las traído. No entanto, não queria que qualquer uma das pessoas que amava a vissem tão mal.

Ainda precisava de alguns dias para conseguir completar as parcas economias e juntar o suficiente para pagar pela viagem de volta para casa. E, também, para encontrar um modo de superar o que Drake tinha feito com ela, para que conseguisse enfrentar sua família sem a tristeza refletida com tanta intensidade em seus olhos e em sua linguagem corporal.

A tristeza invadiu Evangeline porque, mais uma vez, ela estava se enganando. Alguns *dias* para superar Drake? Não tinha a menor chance de conseguir, algum dia, se ver livre do impacto que ele causara em sua vida, ainda que o relacionamento deles não tivesse durado muito.

Mas ela poderia ao menos se prometer que nunca mais amaria com todo seu coração e toda a sua alma. Como poderia, se ambos agora pertenciam a Drake?

O cansaço a assaltou e Evangeline cambaleou quando mergulhou o esfregão de novo no balde, sentindo o sofrimento consumir todas as suas forças. Agarrou o cabo do esfregão em uma tentativa desesperada de não se encolher em posição fetal no chão e ceder ao desespero avassalador que lhe despedaçava o coração.

Sua mão tremia. Seu corpo inteiro estava trêmulo e assim ela ficou lá, respirando, para dentro, para fora, apoiando-se no cabo do esfregão. Aí, ela cometeu o erro de olhar para cima, e sentiu o sangue se esvaindo seu rosto. Se não estivesse segurando tão firme o esfregão, teria desmontado na mesma hora.

Drake passou pela entrada do hotel e olhou em volta: não havia funcionários de plantão. Ouviu o barulho suave de água caindo e o baque de um esfregão tocando o chão. Por instinto, virou-se, procurando a fonte do som.

Evangeline.

Seu coração acelerou quando ela se deixou cair, cansada, agarrando-se ao cabo do esfregão, e Drake bebeu daquela visão como um homem sedento, desprovido de qualquer tipo de vida. Até então. Seus joelhos tremiam e suas mãos... Deus, como suas mãos tremiam, descontroladas, e o nó que se formou em sua garganta o deixou paralisado, contemplando o raio de sol que iluminava sua vida.

Evangeline. Seu anjo. Ele a encontrara. Finalmente.

No entanto, quando ela ergueu a cabeça e seus olhares se cruzaram, o reconhecimento foi instantâneo, e Drake foi apunhalado pelo medo penetrante que brilhava nos olhos dela. O recuo imediato de Evangeline, seus olhos selvagens, como os de um animal prestes a fugir de um predador.

Suas pálpebras pegavam fogo, queimando, suas narinas ardiam com o súbito fluxo de emoção — e com o esforço de conter as lágrimas que ameaçavam tirar toda a coragem que lhe restava para falar com ela. Porque os mesmos lindos olhos angelicais que uma vez tinham olhado para ele com amor e confiança agora estavam cheios de terror e apreensão e o pior de tudo... vergonha. Aquilo o fazia desejar enfiar uma porra de uma bala na cabeça por ter feito tudo o que tinha feito com ela.

Evangeline tentou avaliar, rapidamente, possíveis rotas de fuga, e Drake avançou como o predador que era. Porém, a expressão fria, que costumava se encaixar nele como uma segunda pele quando se preparava para matar, fora substituída por outra, de pânico absoluto. Ele não podia perdê-la. De novo não. Nunca mais. Os últimos dias tinham sido um inferno. O tipo de inferno que ele nunca tinha experimentado e nunca mais ia querer experimentar.

Ele estava tremendo quando estendeu as mãos de maneira apaziguadora, como se ela fosse um animal selvagem encurralado, procurando desesperadamente por uma saída. Qualquer saída.

— Evangeline — ele disse, em um sussurro. — Por favor, meu amor, não corra. Por favor. Há tanta coisa que preciso lhe dizer. Explicar. Levei dias para te encontrar. Os piores dias de toda a minha vida. Por favor, não me faça passar por isso de novo.

Os lábios dela se curvaram, com desdém, e uma combinação de raiva e tristeza cintilou em seus olhos, que brilhavam com as lágrimas não derramadas. Ela parecia tão frágil, cansada até a alma. Como se ele já a tivesse perdido, mesmo que estivesse a poucos metros de distância. Quase perto o suficiente para tocá-la. Só mais alguns passos...

— O que você passou? — ela sussurrou. — O que *você* passou? — Ela levantou a voz a ponto de soar histérica, e agora suas lágrimas escorriam livremente pelas bochechas sem viço.

Notou a palidez de Evangeline, o quanto ela emagrecera desde que fora descartada com tanta frieza, as olheiras em seu rosto, que mais pareciam hematomas. Ela parecia... Derrotada.

Drake fechou os olhos, interrompendo o movimento da mão que ele mesmo havia começado a erguer, esperando além de todas as esperanças que ela não se afastasse, que ela o recebesse apesar de agora odiá-lo com a mesma paixão com que um dia o amou. Ele queria esse amor de volta. Deus, ele estava perigosamente perto de implorar. Ninguém nunca o amou... só Evangeline. Seu anjo generoso e amoroso, que não dava a mínima para o dinheiro, o poder, os presentes caros com os quais a inundou, que não ligava para o guarda-roupa inteiro que custava mais do que ela tinha ganhado em cinco anos. Ela só queria Drake e a única coisa que ele não foi capaz de oferecer a ela. Seu amor. E sua confiança.

E agora ele também não tinha a menor esperança de recuperar aquilo.

— Meu anjo — ele sussurrou, com a voz falhando. — Você tem todos os motivos para me odiar, para não querer nem me ver. O que fiz

fôï imperdoável. Mas *eu não tinha escolha*. Por favor, me dê uma chance para explicar. Se depois você continuar me odiando, se ainda me quiser fora da sua vida, não vou atrás de você. Isso vai me *matar*, mas juro que vou deixar você partir, e que você nunca mais vai passar necessidade na sua vida, quer eu esteja nela ou não. Você nunca mais terá que trabalhar nessas condições. Você estará segura financeiramente. Já providenciei tudo, embora saiba que não é o que quer de mim. Você nunca quis nada que viesse de mim a não ser... *Eu mesmo*. Me dê uma chance, Angel. Por Deus, me dê uma chance de consertar tudo. Para que me queira novamente. Só a mim e nada mais. Nunca vou duvidar de você, nunca duvidei. Mas farei de tudo para que você nunca mais tenha razão para duvidar de *mim* de novo.

— Vaca.

— Prostituta.

— *Inútil*.

As palavras sussurradas por ela, com tanta agonia em cada uma, palavras que ele usou para xingá-la, flechas que destroçaram a autoconfiança de Evangeline, quase destruíram a fina corda à qual ele estava se agarrando desesperadamente. A corda que tinha conseguido impedi-lo de perder todo o controle. Aquelas palavras que ele tinha atirado em Evangeline agora eram dardos direcionados a ele, cada um perfurando-o como um tiro fatal.

Ainda no restaurante, naquela noite horrível que parecia ter acontecido em alguma vida passada, Drake já tinha reconhecido aquilo: o que tinha feito a Evangeline tinha sido muito pior do que o que Eddie, o seu ex-namorado, havia feito. Mas ter consciência de algo e vê-lo em sua frente eram duas coisas bem diferentes. E ele a estava vendo, vendo o quanto a deixara em pedaços e como tinha conseguido destruir algo belo e inocente.

— *Isso é o que eu era para você*, Drake — ela disse, ainda sussurrando, seu corpo tremendo violentamente a cada respiração truncada.

— Não! — Ele gritou, fazendo-a estremecer e recuar diante da fúria crua em sua voz.

Seus olhos estavam arregalados de medo, incerteza e tanta dor, dor que ele conhecia bem, pois estava vivendo o inferno desde a noite em que tudo acontecera. Mas, mesmo conhecendo sua própria angústia, Drake tinha consciência de que aquilo não era nada em comparação com a dor e o sofrimento de Evangeline, e isso só o deixava pior, porque jamais desejou trazer tanta dor e feiura para a vida dela. Tinha feito um voto sagrado para si mesmo. Votos. E tinha quebrado os dois, da mesma maneira como tinha quebrado Evangeline.

— *Nunca* — ele disse, feroz. — Era tudo mentira, Angel. Mentiras terríveis, feias, mas *necessárias*. Meu Deus, se eu pudesse apenas voltar no tempo, se pudesse ter esse dia de volta. Eu teria feito de tudo para que você jamais tivesse se envolvido, nunca tivesse sido exposta daquela forma. Em minha arrogância, pensei que poderia mantê-la segura, longe desse lado da minha vida. É um erro com o qual terei de conviver pelo resto dos meus dias. Sei que não pode me perdoar, mas por tudo o que é mais sagrado, por favor, estou implorando. Me deixe explicar, tentar fazer você entender o mundo em que eu vivo. Um mundo no qual nunca deveria ter deixado você entrar, mas deixei... Porque não consegui me privar da sua doçura e da sua luz, como um homem faminto diante de comida e água. Angel, você era — você é — a única coisa boa na minha vida e, que Deus me ajude, mas eu não fui capaz de fazer a coisa certa e abrir mão de você. Eu tinha que ter você. Precisava de você. Ainda preciso.

Evangeline franziu o cenho, perplexa. Seus olhos pareciam desnorteados enquanto assimilava as palavras angustiadas que ele tinha dito com tanta emoção e autodesprezo. Parecia filtrar cada palavra que ele tinha dito, sua expressão mudando ao processar declarações tão conflitantes. Nem ele sabia se tudo o que dissera fazia algum maldito sentido. Só sabia que estava desesperado e faria ou diria qualquer coisa para fazê-la voltar para casa com ele.

— *Necessárias? Necessárias?* — Ela repetiu, seu rosto enrugado pela dor. — Era necessário que você me humilhasse, me deixasse nua na frente daqueles ho-homens, para me derrubar e me degradar, me fazer sentir como uma prostituta sem valor?

Deus do céu, cada palavra daquela noite estava firmemente gravada na memória dela, ela se lembrava de cada uma delas, tinha absorvido e pior, *acreditado* em todas elas.

Drake gemeu, e nem ele reconheceu a própria voz, tão grande era a agonia. Parecia o lamento de um animal ferido ou de um animal lamentando a perda de seu companheiro. Ele era ambos, mas não tão ferido quanto a bela mulher à sua frente, ao mesmo tempo tão perto e tão longe.

Ela sacudiu a cabeça e cobriu o rosto com as mãos, os joelhos cedendo enquanto deslizava para o chão. Drake saltou por cima do esfregão e do balde na tentativa de ampará-la, mas não chegou a tempo, então, se jogou de joelhos em frente a ela, seus braços automaticamente tentando envolvê-la, ignorando o repentino recuo, a rejeição dela a seu toque e a seu corpo. Ignorando aquela reação, Drake apoiou o corpo dela, que tremia tão perto do seu, segurando-a em um voto de nunca mais deixá-la escapar.

— Meu anjo — ele sussurrou, balbuciando as palavras. — Meu lindo, doce e inocente anjo. Por favor, meu amor, por favor, deixe-me levá-la para longe daqui. Deixe-me explicar. Eu juro que não vou te machucar. Nunca mais. Me dá uma chance para corrigir tudo. Me dá uma chance para fazer isso direito. Me dê você inteira de novo. Nunca mais vou ferir um presente tão precioso. Juro por minha vida.

Colada a Drake, Evangeline ficou mole, um gemido torturado escapou de seus lábios antes que os soluços escancarados sacudissem seu corpo inteiro. Lágrimas quentes pingaram no pescoço de Drake e o coração dele se partia a cada suspiro de dor que ela soltava. Mas ele entendeu que ela estava concordando, ou talvez apenas não tivesse mais forças para lutar. Drake sabia que precisava agir rápido, enquanto Evangeline ainda estava com a guarda baixa, ou talvez nunca mais tivesse outra chance. Rezando para que ela perdoasse mais um pecado de sua interminável lista de transgressões, ele a pegou no colo e a carregou pelo corredor daquele hotel decadente, até o local onde seu carro estava aguardando.

Maddox e Silas estavam ambos de guarda e, quando viram Drake carregando Evangeline, o sussurro de “Graças a Deus” que Maddox soltou ecoou alto na cabeça de Drake. Silas parecia aliviado e, por um momento, o fogo queimou em seus olhos enquanto ele absorvia a imagem da mulher chorando, agitada, nos braços de Drake. Lançou um olhar de acusação a Drake, mas ele o ignorou. Tudo o que importava era que tinha Evangeline de volta e pelo menos uma chance de explicar e corrigir os muitos erros que tinha cometido com ela.

Drake se acomodou na parte de trás do carro, segurando Evangeline com firmeza, enquanto soluços silenciosos faziam o corpo delicado dela estremecer. Maddox correu para o lado do motorista enquanto Silas ocupou o assento do passageiro. Maddox lançou um olhar inquisitivo a Drake, perguntando em silêncio para onde queria levar Evangeline.

— Para o Conquistador — ele respondeu, em voz baixa. — Certifique-se de que a suíte na cobertura esteja preparada para minha chegada.

De jeito nenhum levaria Evangeline de volta a seu apartamento, onde todo aquele absurdo havia acontecido. Não naquele momento. Talvez nunca mais. Silas assentiu com a cabeça, compreendendo na mesma hora a decisão de Drake.

Drake franziu a testa enquanto segurava com firmeza o corpo frágil de Evangeline junto ao seu. Ficaram separados apenas alguns dias e, ainda assim, ele podia sentir a fragilidade dela, o peso que perdera. Os olhos fundos e assombrados. Tinha se alimentado? Ele sabia a resposta. Não havia ninguém para cuidar dela, ninguém para cuidar de suas necessidades. Ninguém a quem ela pudesse recorrer. Nem as mulheres a quem chamou de amigas por tanto tempo. Nem os seus pais, porque seu orgulho não permitiria que ela contasse a ninguém sobre a sua situação desesperadora.

Evangeline estava se acabando, da mesma forma que Drake tinha se acabado naquele tempo interminável de sua separação, cada minuto, cada hora, cada dia... um inferno. Ele merecia cada segundo do sofrimento que viveu, mas, pela primeira vez em tanto tempo, ele

podia sentir novamente a agitação da esperança e a sensação de que o sol voltara a brilhar, dádivas que ele tinha perdido desde que seu anjo partira, levando consigo sua luz e sua esperança. E aquilo não era tudo o que lhe foi tirado. Drake também tinha perdido todos os prazeres que achava que não poderia perder: o riso dela, o prazer que tinha nas coisas mais simples. Seu altruísmo, sua generosidade inata, sua bondade e inocência, que afetaram não só a ele, mas a todos com quem ela teve contato. Seus homens tinham ficado tão desesperados para encontrá-la quanto ele, e agora que tinha seu milagre de volta em seus braços, ele faria exatamente o que havia discutido com seus homens.

Não tentaria mais mantê-la em segredo, com medo de que fosse usada — ferida — por aqueles que queriam atingi-lo e atacar seu império. Faria dela a sua rainha, e espalharia aos quatro ventos que não deveriam mexer com Evangeline — quem o fizesse, enfrentaria a ira de Drake Donovan e do seu exército de irmãos.

Drake sabia que seu nome só era pronunciado em tons abafados, respeitosos e cheios de medo. Se um fio do cabelo de Evangeline fosse tirado do lugar, a fúria de Drake não teria limites. Ele acabaria com qualquer um que ousasse tocá-la. Pessoalmente.

Evangeline agitou-se em seus braços e, na mesma hora, tentou empurrá-lo para longe, seus olhos cheios de lágrimas, amedrontados e ansiosos.

— Para onde está me levando? — ela perguntou. — A humilhação daquele dia não foi suficiente? Quer que o mundo inteiro veja você me dar o pé na bunda?

Ao ouvir a resignação e a tristeza na voz de Evangeline, Maddox não se conteve e soltou palavrões cabeludos, as mãos apertando o volante com raiva. Fez uma curva bem mais rápido do que deveria, empurrando Evangeline de volta contra o peito de Drake que, nisso, passou os braços em volta dela para abraçá-la de novo. O corpo grande de Silas estava tenso e dava para sentir a fúria que emanava dele. Ele se virou para olhar para Evangeline, com um olhar estranhamente terno.

— Eu nunca deixaria isso acontecer, Evangeline.

A promessa feita em voz baixa por Silas deixou Evangeline paralisada, e ela encarou Silas, congelada, e, em seguida, mirou Drake outra vez, completamente confusa. Drake gemeu e a puxou para mais perto de si.

Ele acariciou seus cabelos desgrenhados, inalando a doçura de seu perfume, um cheiro a que se agarrava, que saboreava todas as noites ao deitar-se, e o fazia xingar quando precisava se afastar dele ao sair da cama na manhã seguinte.

— Há tanta coisa que eu preciso te explicar, Angel — ele disse, com a voz atormentada. — Muita coisa que preciso que você entenda, e rezo para que seu generoso coração possa me perdoar. Mas nunca mais vou perder você. Nunca vou desistir de você. Você está gravada no meu coração e na minha alma, e te perder fez os dois serem arrancados de mim para só voltar agora.

— Vaca... Prostituta... Inútil — ela sussurrou, uma nova torrente de lágrimas deslizando por seu pescoço.

— Não! — Drake grunhiu — Amor, não! Nunca. Meu Deus.

Em choque, Silas encarava Drake e, estranhamente, parecia magoado. Então, ele ficou furioso. Drake levou alguns instantes para perceber que Maddox tinha parado o carro, e que os dois olhavam para ele, com uma expressão assassina.

— Diga que você não falou essas coisas para ela — Silas disse, em voz baixa.

— Puta merda — Maddox acrescentou. — Puta merda, Drake! Ela acreditava em você! Ela *ainda* acredita em você.

— Como você pôde? — Silas perguntou de um jeito acusador. — Eu sabia que a coisa tinha sido ruim. Sabia o que você tinha que fazer, mas, caralho, Drake. Você foi longe demais!

Drake fechou os olhos, apertando mais forte o abraço em torno de Evangeline enquanto ela chorava.

— Apenas dirija — Drake pediu, rouco. — Pelo amor de Deus, leve-nos ao hotel para que eu possa me explicar.

Silas balançou a cabeça, a tristeza invadindo seu olhar.

— Alguns erros não têm explicação. Algumas palavras nunca podem ser retiradas. Principalmente quando criam raízes.

— Não! — Drake rebateu. — Vou fazer Evangeline acreditar em mim. Ainda que seja a última coisa que eu faça, ela vai voltar a acreditar em mim.

Silas e Maddox trocaram olhares preocupados. Dúvida. Drake sentiu que um pouco da euforia por encontrar Evangeline se transformava em pavor. Porque tê-la de volta era apenas metade da batalha. Agora, ele precisava convencê-la a *ficar*.

EVANGELINE RESIGNOU-SE AO FATO DE que não tinha escolha a não ser enfrentar Drake. Ele não estava lhe dando nenhuma alternativa. E isso a incomodava porque ela estava sendo uma chorona e não alguém mais forte — uma mulher que devia cuspir no rosto dele, meter o joelho em suas bolas e depois lhe dizer exatamente onde enfiar aquela humilhação *necessária*.

Queria rir alto na cara dele se Drake achava que ela estava tão desesperada a ponto de engolir aquele monte de besteira. *Necessária* seu cu.

Não. *Crédula* era a palavra mais apropriada. E ela certamente era culpada de ser exatamente isso. *Crédula*. *Ingênua*. *Carente*. *Impulsiva* — ah, sim, certamente *impulsiva*. *Estúpida* demais para viver. Só para citar algumas de suas características. E pensar que ela se dera um beijinho no ombro por supostamente ter aprendido a lição depois do que passou com Eddie e de ter conseguido superar *aquela* desastre com toda a sabedoria.

Evangeline se afastou dos braços de Drake e se virou, incapaz de olhar para ele por medo de ver a própria estupidez refletida em seus olhos. Em vez disso, fixou o olhar no lado de fora do carro e jurou não derramar mais nem uma lágrima por causa de Drake Donovan. Não podia suportar o toque dele porque trazia de volta todas as noites que

aquelas mãos haviam coberto cada centímetro de seu corpo, e o prazer que haviam lhe dado.

O que não daria para poder dar uma surra nele. Ser uma daquelas mulheres que sabem se defender. O tipo de mulher que os homens respeitam porque sabem que não podem foder com elas impunemente. Ela não tinha sequer sido um desafio para ele. Tinha feito protestos simbólicos, sabendo o tempo todo que iria ceder e dar a Drake qualquer coisa que quisesse.

Evangeline mordeu o lábio em desgosto. Não conseguia nem reunir a coragem para atacá-lo com palavras, derrubá-lo de seu pedestal. A verdade crua era que tudo o que ela queria era... Fechou os olhos, cansada.

Ficar sozinha. Poder ir para algum lugar isolado, longe do escrutínio público, para que pudesse lamber as feridas e esquecer que Drake Donovan tinha existido em sua vida. E depois morrer de um jeito bem reservado e discreto, como vinha morrendo um pouco por dia desde que a venda que lhe cegava tinha sido retirada de seus olhos.

Queria ir para casa. Seu desejo de estar nos braços da mãe chegava a lhe causar uma dor física. Tinha sido um erro ir para a cidade e achar que alguém tão desajeitada como ela conseguiria sobreviver — e, mais ainda, se encaixar — fora da pequena cidade em que tinha sido criada.

Contraíu os lábios antes que um riso histérico escapasse deles.

Muito mais embaraçoso do que ter um dia acreditado que poderia vencer na cidade grande, repleta de gente sofisticada, era ter realmente se permitido acreditar que as diferenças entre Drake e ela não importavam. Que ela conseguiria se virar no mundo cheio de glamour em que ele vivia. Que pudesse satisfazer um homem como aquele, cujas demandas exigiam dedicação total. Que ele poderia ser feliz com a tímida e sem graça Evangeline.

Ai, Deus, se ela não parasse de pensar desse jeito, ia morrer de humilhação. Que fracote lamentável e trágica ela era. As milhares de vezes que tinha se autoflagelado por sua presunção iam começar a deixar marcas.

Sua mãe sempre dizia que, se algo parecia bom demais para ser verdade, provavelmente era isso mesmo.

Onde esse lampejo de sabedoria tinha ido parar quando Evangeline se viu catapultada para o reluzente mundo de Drake?

Mas, no fim das contas, ela não podia culpar ninguém além de si mesma. Estava, por vontade própria, com uma venda. *Gostando* de usá-la. Não *quis* saber a verdade. Estava ocupada demais mergulhada no mundo de conto de fadas que tinha criado para se preocupar em fazer as perguntas importantes, para questionar seu próprio julgamento. Se tivesse questionado, sua fantasia se partiria em mil pedacinhos, desmoronaria ao seu redor, um deslizamento de terra devastador que a enterraria sob detritos sufocantes.

Eddie, seu ex, estava certo sobre uma coisa. O pensamento súbito e amargo queimou como ácido e deixou um gosto amargo em sua boca. Ela não era nada além de um avestruz passando pela vida, enterrando sua cabeça na areia à primeira sugestão de adversidade. Só que agora Evangeline não se sentia envergonhada dessa comparação. Quem diabos *abraçava* a adversidade? Ela com certeza não. Evangeline não se dava bem com a dor — fosse ela sua ou de outra pessoa.

Embora lá no fundo uma parte dela desejasse poder voltar para aquela noite. Por apenas cinco minutos. Mas, dessa vez, consciente do que estava por vir em vez de levar uma rasteira cruel como tinha sido. Só queria que Drake Donovan experimentasse um pouco do próprio remédio.

O pensamento tomou conta de Evangeline, e ela sentiu um frio na barriga de emoção. Drake sendo humilhado por uma mulher. Essa sim era uma imagem que tinha o poder de nunca mais sair de sua cabeça. Os colegas de trabalho dele parados lá e rindo ao ver Evangeline fazendo o nariz de Drake sangrar. Na sequência, ela lhe daria uma joelhada no saco que o faria cantar em falsetto por semanas a fio.

Apoiou a testa na janela do carro e fechou os olhos para as calçadas borradas. Outra trilha de lágrimas quente deslizou silenciosamente por suas bochechas. Droga!

Para que aquilo tudo? Por que ele viera buscá-la? E o que era toda aquela merda de *necessário* isso e *necessário* aquilo? Ninguém tinha colocado uma arma na cabeça de Drake e o forçado a destruir Evangeline. Mas, pelo jeito, parece que ele esperava que ela pensasse que ele era a vítima ali.

Evangeline balançou a cabeça. Ah, mas de jeito nenhum. Não ia mais fazer joguinhos mentais estúpidos, muito menos daria a ele alguma absolvição, algo que Drake pelo visto queria ou precisava, a julgar pelo seu comportamento e por suas palavras.

Ele que acertasse as contas com Deus por seus erros. Porém, como não tinha alma, era improvável que acreditasse em qualquer divindade superior. Ela olhou de canto de olho para Drake, sentindo o mais puro desgosto. A quem ela estava enganando? Ele provavelmente pensava que *era* Deus.

Medo e pânico percorreram sua espinha quando o carro freou até parar completamente em frente a um famoso hotel da cidade. Ela riu internamente pensando em Drake entrando no suntuoso hotel com uma mulher usando um uniforme de faxina. Provavelmente, ele receberia olhares de piedade. Um homem com sua riqueza e posição social tão desesperado para se confraternizar com o povão.

— Angel?

A fala hesitante de Drake interrompeu a viagem amarga de Evangeline. Ela se virou, com cuidado para manter a maior distância possível dele.

Sentiu a fúria que finalmente tinha criado coragem de expressar se aplacar abruptamente quando seus olhos se encontraram. Ela se encolheu ao ver como ele estava atormentado e... arrasado. Fechou os olhos na mesma hora, antes que ficasse ainda mais indecisa do que já estava.

Que diabos havia de errado com ela? Aquela era a oportunidade de acabar com ele usando palavras, da mesma forma que ele tinha feito com ela. De fazer picadinho dele e destruí-lo, assim como ele fizera com ela. De dar a ele um gostinho de como era ser o alvo de tanto...

Ódio.

Evangeline escondeu o rosto nas mãos, e uma tremedeira violenta percorreu seu corpo. Oh, Deus, oh, Deus, ela estava pensando — agindo — exatamente como *ele*.

Mãos tímidas subiram pelos braços dela, hesitantes como se Drake estivesse com medo de ser rejeitado. Ora, mas não tinha sido ele a rejeitá-la? Ela odiava joguinhos. Por que tinha vindo atrás dela? Por que ela estava no carro dele? Ele tinha dispensado Evangeline. Deixou isso bem claro. Então por que aquela charada tão elaborada?

A cabeça dela doía com força, mas não tanto quanto seu coração.

— O que você quer, Drake? — Ela perguntou em voz baixa. — O que é preciso para me deixar para lá... em paz? Com certeza não é pedir muito. Tive que aceitar que estava muito errada sobre você, mas não consigo acreditar que estivesse tão errada *assim*. Que você tem prazer em ver meu sofrimento.

Através de suas lágrimas, Evangeline encarou Drake determinada a ser firme, e encontrou um olhar angustiado.

— Entendo que já está farto de mim. Você deixou isso *muito* claro. Mas você vai mesmo me envergonhar e me humilhar só porque pode? Para poder abusar física e emocionalmente de mim de novo?

Evangeline estava tão envolvida com seu próprio desabafo, que precisou de alguns segundos para perceber que Silas e Maddox tinham saído do carro, deixando-a sozinha com Drake. Não deveria parecer mais uma traição vinda de quem ela não esperava, mas foi assim que Evangeline se sentiu. E não deveria ter machucado, mas machucou. Os homens de Drake não lhe deviam nada. A lealdade deles era para com ele. O que ela era, além de mais uma mulher com quem Drake se divertira?

Devagar, como se temesse ser rejeitado — bem, isso colocava os dois no mesmo barco — Drake estendeu a mão para segurar delicadamente o queixo dela, segurando-a parada, de modo que ela não pudesse desviar o olhar, quando o teria baixado, cedendo ao desespero.

— Angel, me escute. Por favor.

Ela ficou completamente imóvel porque não conhecia essa faceta de Drake. Humilde. Chateado? E, Jesus amado, ele parecia estar

prestes a *implorar*.

O polegar dele acariciou sua bochecha com delicadeza, os olhos dele marejados com a mesma emoção que Evangeline sentia apertar a garganta.

— O que você quer? — Ela sussurrou, sua voz falhando com o peso da dor em seu coração.

— Você. Quero você. Só você. Sempre você.

Evangeline se encolheu e teria se afastado, mas a outra mão dele segurou o ombro dela para mantê-la no lugar. A respiração dela saiu entrecortada, como se não estivesse conseguindo fazer os pulmões cooperarem e respirarem por ela.

— Não, não vá. Ouça. Apenas ouça.

Ela mordiscou o lábio inferior, recusando-se a derramar mais lágrimas por aquela situação complicada.

— Há tanto que preciso te dizer, que preciso te explicar. Não mereço a sua compreensão e com certeza não mereço seu perdão, mas, se fosse possível, eu estaria de joelhos na sua frente agora implorando por uma chance de corrigir tudo. Suba comigo para a gente conversar. Para que eu possa lhe dar o que já deveria ter dado — o que é seu, legitimamente, e que já pertence a você. Sei que não sou digno de sua consideração. Eu *sei*. Mas me deixe ao menos explicar e tentar fazer você entender. Não estou pedindo que me prometa nada, mas posso te dar a *minha* palavra. Se continuar me odiando, se continuar não suportando me ver e nunca mais quiser me ver de novo depois que eu disser tudo o que precisa saber, então...

Ele se interrompeu e tirou a mão do ombro dela para passá-la por seus cabelos. Foi aí que Evangeline viu, nos olhos dele, uma revelação surpreendente. Se ele não estivesse segurando o queixo dela, tão perto de sua boca, ela teria levado a mão até os próprios lábios para sufocar o suspiro de choque. Drake estava com medo.

— Então o quê? — Ela perguntou em voz baixa, os lábios tremendo contra a firmeza dos dedos dele.

— Vou deixá-la partir — ele disse, com uma voz sem vida.

Drake declarou aquilo como se acabasse de receber uma sentença de morte.

E Evangeline já não estava entendendo mais nada. Nada de nada.

— Você já me deixou partir — ela respondeu com a voz sombria.

— Não!

A raiva ferveu no sangue de Evangeline e correu por suas veias até deixá-la tonta.

— Sim. Ah, sim, você me deixou, Drake.

Evangeline lançou a ele um olhar de desprezo que mostrava exatamente o que ela achava de seu método de dar adeus. Balançou a cabeça.

— Aliás, acho que isso também não é verdade. Você não me deixou partir. Deixar alguém partir pressupõe um ato de bondade. Um gesto nobre. Você me dispensou como se eu fosse pior que lixo!

Os olhos de Drake fecharam-se brevemente, e depois voltaram a encarar Evangeline.

— Devo uma explicação a você.

— É um pouco tarde para pensar nisso agora — disse ela, com desdém.

Ele balançou a cabeça.

— Angel, por favor. Vamos entrar. Deixe-me explicar. Me dê cinco minutos. Se não quiser mais nada comigo depois de cinco minutos, Maddox vai te levar para onde quiser ir, mas não para aquele ninho de ratos decadente em que te encontrei.

A voz de Drake soava feroz e seus olhos brilharam com uma luz selvagem. Evangeline ficou com o fôlego preso na garganta quando o rosto dele chegou mais perto do dela. Uma fome crua emanava daqueles olhos cintilantes e o pulso dela se acelerou em suas veias.

— Jurei cuidar da sua segurança e do seu bem-estar estivesse eu na sua vida ou não, e não vou faltar com a palavra. Você estará livre para fazer o que quiser, como quiser, mas nunca mais terá que esfregar um chão de merda ou trabalhar em lugares onde não posso ter certeza de que estará segura o tempo todo.

Ela percebeu que sua tentativa de sorrir foi trágica. Como podia sorrir quando estava sangrando por dentro? Drake Donovan nunca faltava com a própria palavra. Ah, mas tinha faltado sim. Não só tinha faltado com a palavra e descumprido promessas feitas a ela como seu dominante, como também tinha mentido. Todo o tempo em que estiveram juntos não passou de uma enorme mentira, nada tinha sido real.

Com exceção de seu amor por ele.

E todo mundo sabe que um amor unilateral está condenado desde o início. Evangeline não poderia amar Drake o suficiente para compensar o fato de que ele não a amava e nunca a amaria.

— Angel, você está partindo meu coração — ele disse, com a voz embargada de emoção.

— Então estamos quites — ela sussurrou, sem malícia.

DRAKE SABIA QUE ESTAVA SENDO UM covarde adiando sua conversa com Evangeline tanto quanto podia, mas ainda não sabia exatamente o que ia dizer nem como diria. Todo seu foco e sua energia nos últimos dias ficaram concentrados em encontrar seu anjo. Tinha, de propósito, bloqueado todos os outros pensamentos de sua mente porque não queria, nem por um momento, dar asas à ideia de que não conseguiria encontrá-la e trazê-la de volta para o local a que pertencia.

Mas agora que tinha o que mais queria... Não, mais do que tê-la de volta ele queria seu perdão e sua compreensão. Sua confiança não seria recuperada com tanta facilidade, e ele sabia que tinha de ser cuidadoso. Não podia cometer outro erro ou perderia Evangeline para sempre. Teve sorte de ainda não tê-la perdido.

Você não sabe se não a perdeu. Ela estava ali de corpo. Mas certamente não estava de alma. Estava reservada, em modo de autoproteção, determinada a não lhe dar o poder de machucá-la novamente.

Drake caminhava de um lado para o outro, perto do banheiro da suíte enquanto esperava que Evangeline reaparecesse após o banho. Tinha colocado roupas para ela no balcão para que não se sentisse vulnerável e em desvantagem quando ele explicasse tudo. Ou morresse tentando.

Não, ela o ouviria. Ela tinha que ouvi-lo. Evangeline não era como as muitas outras mulheres que conhecia. Não manipulava as

emoções dos homens — de ninguém — com lágrimas, nem fazia beicinho ou ficava regulando um perdão para punir as pessoas.

Só que todos tinham seus limites, e Drake esperava que não tivesse se colocado em uma situação em que não haveria perdão. Que não tivesse causado danos permanentes ao coração amoroso e cheio de generosidade dela. Ele era descrente e cínico o suficiente pelos dois. A ideia de Evangeline tornar-se alguém como ele — dura, desconfiada e cheia de suspeitas — o deixava enjoado até a alma.

Você não a merece.

Talvez Hatcher é que estivesse certo com aquele monte de merda que propôs. Pela primeira vez, Drake sentia a dúvida penetrar sua mente. Era errado lutar por Evangeline? Dar essa virada de 180 graus e fazer dela a sua rainha, tornando-a assim intocável não só para quem valorizava a riqueza material mas também a própria vida?

Porque qualquer um que conhecesse Drake, pessoalmente ou apenas por reputação, sabia que ele iria até o fim do mundo para punir quem ousasse prejudicar algo ou alguém que fosse importante para ele. Drake faria todos os envolvidos pagarem bem caro, ainda que nem tivessem participado do plano.

Drake acabaria com qualquer um que tocasse em Evangeline. E então a pessoa morreria, e não seria uma morte rápida nem misericordiosa. Ela pagaria dez vezes mais por cada marca, risco, machucado, medo ou ameaça que Evangeline tivesse sofrido.

Ele balançou a cabeça, dissipando a nuvem de dúvida em um movimento raivoso. Depois de jogar aquela merda na cara de Drake, Hatcher tinha sorte de ainda poder usar as pernas e os braços. E os outros homens de Drake também não ficaram nada felizes com a sugestão “prática” que ele dera.

O som da porta fez Drake girar nos calcanhares, e ele quase perdeu o ar quando Evangeline apareceu, hesitante, na porta do banheiro, seus dedos apertando o batente da porta com tanta força que suas pontas até ficaram brancas. Seu cabelo úmido emoldurava o rosto e então caía pelos ombros. Ao ver que Drake não tirava os olhos dela, Evangeline

se moveu e enrolou os braços em torno de si, em um gesto de proteção, como se quisesse se esconder do escrutínio dele.

Evangeline estava vestindo um jeans básico e uma blusa de mangas compridas, e Drake notou que ela tinha calçado as meias e os sapatos também, talvez se preparando para fugir a qualquer momento. Inquietação e indecisão cintilaram em seus olhos expressivos e, depois que memorizou a posição dele no quarto e olhou brevemente para seu rosto, ela desviou os olhos e não quis encará-lo de novo.

Ele suspirou e passou as mãos pelos cabelos desalinhados e depois as deixou ao lado do corpo.

— Está disposta a me ouvir, Angel? — Ele perguntou, calmo. — A me dar uma chance para explicar?

Um ombro delicado ergueu-se um pouco, e o lábio inferior de Evangeline desapareceu entre seus dentes enquanto ela os mordia, nervosa.

— Acho que não entendo o que resta a dizer — ela disse, em uma voz suave. — Você deixou bastante claro qual é o meu lugar. Ou melhor, qual não é. Como esmiuçar esse assunto poderá fazer algum bem para mim ou para você?

Sem conseguir manter ou sem estar disposto a continuar mantendo a distância entre eles, Drake se aproximou para pairar sobre Evangeline antes que ela pudesse sequer segurar o ar em surpresa. Segurou sua bochecha e, com os dedos, acariciou sua pele delicada de bebê.

— Foi uma mentira — ele disse, a voz áspera. — Foi tudo uma mentira. Oh, Deus, Angel. Você não deveria estar lá. Não tinha ideia de que estava lá ou nunca teria levado aqueles homens para a nossa casa. Fui pego com a guarda baixa e tive que agir rápido, ou você se tornaria um alvo.

O olhar que dela revelava sua descrença, a acidez. Ele não podia culpá-la.

Drake suspirou e estendeu as mãos entre os dois para acolher as dela. Depois, recuou lentamente em direção à cama e se sentou na beirada, puxando Evangeline para se sentar também.

Ela ficou completamente paralisada, cada músculo de seu corpo protestando contra aquela proximidade. Que pena. Ele não a deixaria escapar novamente. Não importava o que fosse preciso, quanto tempo demoraria, ele a reconquistaria. Até lá, sonharia com o dia em que ela voltaria para os seus braços por vontade própria, com amor e riso em seus olhos. Assim como tinha feito tantas vezes antes daquela noite desgraçada.

Não era o homem mais paciente do mundo. Teve que tossir para disfarçar o riso que sufocava na garganta. Seus homens muitas vezes diziam que Drake era o canalha mais impaciente da face da Terra e que não tinha a menor experiência em sentar e esperar qualquer coisa, muito menos a *vontade* de fazer isso.

Quando queria algo, era dele. Fim da história. E ele atropelava cada obstáculo no caminho. Mas agora, pela primeira vez, precisava ter um mínimo de paciência. Porque se não tivesse, corria o risco de perder tudo o que importava. E, Deus, como ele odiava aquilo. Odiava não estar na cama com Evangeline, ela nua, debaixo do corpo dele enquanto Drake reafirmava seu domínio e controle sobre ela. E não apenas o domínio e controle. Ela era a mulher de que ele mais tinha gostado na vida. Nunca antes estivera com uma mulher que lhe inspirasse tanta necessidade e desejo de proteção e cuidado.

Evangeline demandava dele um cuidado primoroso. Ele devia isso a ela e muito mais. Muito mais. Ela merecia ser tratada como um bem infinitamente precioso. Ele sabia que ela era forte, embora ela achasse que não. Evangeline não se entregava os pontos fácil, mas isso não significava que ele tinha o direito de pressioná-la. Dar sua força sobre ela como certa. Ela podia até não ter entregado os pontos — ainda — mas não significava que não tinha chegado perto, perto demais para a paz de espírito dele. Nunca iria esquecer a imagem dela trabalhando naquele hotel, à beira de um colapso. E ele tinha feito aquilo com ela. Ninguém mais. A culpa era só dele.

Havia um ar de fragilidade nela que não existia no tempo que passaram juntos. Que tipo de idiota ele seria se simplesmente

ignorasse o estado delicado em que ela se encontrava e agisse como se nada tivesse acontecido?

Nunca a deixaria sem seu sólido apoio. E também não tentaria ficar adivinhando pistas sobre seu estado de espírito, sua autoestima e o que se passava em sua cabeça, especialmente quando se tratava de seus pensamentos sobre si mesma e sobre o lugar dela na vida dele.

— Cometi um erro com você — Drake admitiu.

Ela piscou, obviamente não esperando que ele assumisse a culpa. Suas feições refletiram sua surpresa, e Drake entendia por quê. Ele não era um homem que admitia prontamente o fracasso. Em geral, era muito seguro de si e não dava a mínima para o que os outros pensavam de suas escolhas.

— Angel, tenho muitos inimigos poderosos e implacáveis. Homens que fariam de tudo para me atacar. Há muito tempo, venho deixando-os frustrados por não ter nenhuma fraqueza que eles possam explorar. Não há nada com que eu me importe tanto a ponto de precisar fazer concessões ou ceder a chantagens e extorsões.

Ele respirou fundo e olhou diretamente nos olhos dela.

— Até você chegar.

Os olhos de Evangeline se arregalaram e ela mordeu o lábio, consternada. Ele podia ver as engrenagens girando loucamente em sua cabeça enquanto ela tentava processar a sinceridade das palavras dele.

Drake queria tocá-la, puxá-la para seus braços e provar o que estava dizendo, mas não sabia se ela aceitaria, estava bem longe disso. Evangeline ainda não acreditava nele e ele não podia culpá-la. Não quando ele costumava ser tão frio e manter-se a determinada distância de todas as pessoas.

Ele passou a mão pelos cabelos até que os fios curtos ficaram de pé, em completa desordem.

— Fiz tudo errado com você. Te escondi, escondi o que você significava para mim. Tentei mantê-la em segredo e longe do olhar público.

Ela olhava para ele cada vez mais intrigada.

— Por quê? Não entendo.

Ele suspirou.

— Porque se meus inimigos suspeitassem do que você significa para mim, de como você é importante para mim e de que eu faria qualquer coisa para te manter segura, eles teriam ido atrás de você. Eles não descansariam até colocar as mãos sujas em você e te usar para me derrubar. Teriam te ameaçado e, Angel, esses caras não fazem ameaças que não cumprem. Se eu não aceitasse as exigências deles, você sofreria de um jeito horrível e poderia até ser morta.

— Mas não sou ninguém — ela disse, elevando a voz. — Não faz sentido. Sou apenas... Sou apenas sua...

— Não diga isso — ele a cortou, em um tom que soou como uma chicotada. — O que você está pensando, não se atreva a dizer. Isso é mentira. Se acha que não é importante para mim, é outro pecado que terei que carregar, porque eu deveria ter mostrado a você. Você deve saber que é especial. Não só para mim, mas para os meus homens. Para todos nós.

Ela balançou a cabeça e ficou em silêncio enquanto lutava com aquela declaração tão veemente.

— Então, te mantive bem escondida — ele continuou, o autodesprezo soando em sua voz. — Fui arrogante. Pensei que poderia ter você, mantê-la só para mim e em segurança. Que meus inimigos nunca saberiam de você. Fui estúpido e aprendi. Merda, eu aprendi!

— Então, a reunião de negócios que você teve, os homens que você trouxe para o seu apartamento quando eu deveria estar em outro lugar, esses são seus inimigos? — ela perguntou, com ceticismo.

Ele afirmou com a cabeça, e ela franziu o cenho, a perplexidade apertando sua sobancelha.

— Por que trouxe esses homens para dentro de casa, então? — ela perguntou. — Por que correr esse risco se eles te odeiam? E por que não me disse por que não me queria lá em vez de contornar a questão? Se tivesse me dito que seria perigoso, eu nunca teria interferido. Não teria feito papel de idiota, com certeza.

A dor cintilou fundo em seus olhos, e suas bochechas ganharam cor quando ela abaixou a cabeça, recusando-se a continuar encarando

Drake.

Ele segurou o queixo dela e gentilmente virou sua cabeça até que olhasse de novo em seus olhos.

— Você não fez *nada* de errado, Angel. Aquela noite inteira está na minha conta. Minha culpa. Você fez algo muito especial para mim, mas eu não podia permitir que os Luconi suspeitassem o quanto você significava para mim. Que você era mais do que uma amante temporária ou alguém que apenas aquecia minha cama até eu dar um pé na bunda.

Sua expressão ficou sombria ao lembrar aquela noite, de como ele tinha humilhado Evangeline, que se repetiam e se repetiam em sua mente. O olhar no rosto dela. A tristeza e as lágrimas. As coisas desprezíveis que ele havia dito e *feito* com ela.

— Foi tudo mentira — ele sussurrou. — Tive que fazer a maior cena da minha vida para convencer aqueles caras de que você não era nada para mim. E, Evangeline, eles tinham que acreditar, porque se tivessem alguma suspeita de que eu estava fingindo, teriam ido atrás de você. E, se eu permitisse que você fosse a anfitriã, bastaria cinco minutos em sua companhia para eles enxergarem a verdade.

— Que verdade? — ela sussurrou.

— O que você significa para mim — ele disse, em voz baixa. — Não dava para correr o risco. Um deslize, um momento de descuido, o orgulho estampado em meu rosto quando olhasse para você ou minha moleza quando você sorri para mim. Eu teria sido um livro aberto, Angel. E você pagaria o preço pela minha falta de controle quando estou com você.

— Então você preferiu me atacar antes — ela disse, sombria.

Drake fechou os olhos, com dor.

— Eu me senti péssimo. Sabia o que tinha que ser feito, e isso me deixou doente. Ter que ficar lá e fingir ser tão insensível, fingir que você não significava nada para mim. Meu Deus, tudo o que eu disse e fiz. Você precisa saber que aquilo não era verdade, Evangeline!

Ela o estudou, em silêncio, mordendo o lábio inferior. Ficou quieta e pensativa, seu conflito interior refletido no rosto e nos olhos.

— Não sei no que acreditar — ela disse, finalmente. — Há muita coisa que não entendo. Você disse que errou comigo, me mantendo em segredo. Mas se ficar sob seus cuidados me coloca em perigo, o que mais poderia ter feito, exceto me manter em segredo?

Ela arregalou os olhos e ficou ligeiramente boquiaberta.

— Ah — ela murmurou. — Deixa para lá. Entendi.

— O que entendeu? — Drake perguntou, não gostando do olhar resignado no rosto dela.

— Você nunca deveria ter se envolvido comigo — ela declarou, com calma. — É isso que está tentando dizer.

— Não! — Ele disse quase num bramido, fazendo-a recuar e se fechar em si mesma, olhando-o com cautela.

Ele pegou a mão dela e a colocou entre as suas, sentindo-a tremer de leve enquanto o encarava com seus olhos enormes cheios de interrogação.

— Eu nunca deveria ter mantido você em *segredo* — ele disse, bravo. — Nunca deveria ter tentado fingir que você não era importante para mim.

Evangeline inclinou a cabeça para o lado, sua expressão ainda mais confusa.

— Mas acabou de dizer que se alguém soubesse disso, eu teria sido usada para te atacar.

A mandíbula de Drake se apertava com força, ele olhava ferozmente para ela.

— O que eu deveria ter feito, e o que vou fazer daqui para frente, é tornar público que você é minha rainha. Minha mulher. A pessoa mais importante da minha vida. E ficará bem claro como eu vou retaliar qualquer um que ousar encostar em um fio de cabelo seu. A segurança ao seu redor será reforçada, mas você conhece e já está à vontade com os homens que estarão te protegendo.

Toda a cor se esvaiu do rosto dela, fazendo seus olhos parecerem ainda maiores. Ela abriu a boca, mas nenhuma resposta saiu, e por um bom tempo ela simplesmente permaneceu ali, olhando para ele. Então

Evangeline balançou a cabeça, como se tentasse dissipar a confusão que a dominava.

— A gente não está junto, Drake — ela disse, hesitante.

— A puta que pariu que não estamos — ele retorquiu, feroz. — Eu te afastei, Angel. Voltei ao meu apartamento o mais rápido que pude sem despertar suspeitas, porque planejava explicar tudo naquela noite mesmo e depois implorar seu perdão. Quando vi que você tinha ido embora, fiquei louco. Passei os últimos cinco dias revirando essa cidade de cabeça para baixo tentando te achar. E, agora que te encontrei, se acha que vou deixar você ir embora de novo sem lutar para caramba, está doida. Seu lugar é ao meu lado. Você pertence a mim, assim como eu pertenço a você. O que aconteceu naquela noite nunca mais se repetirá. Nunca deveria ter acontecido, mas naquele dia foi o único jeito que encontrei de te manter segura.

— O que está me pedindo exatamente, Drake? — ela perguntou, com ceticismo.

— O que quer que esteja disposta a me dar. Com o tempo, tudo. Mas por ora aceito o que estiver disposta a me dar, contanto que me dê a chance de consertar as coisas e provar como você é importante para mim.

— Então quer que a gente volte a ser como antes? Que a gente finja que aquela noite nunca aconteceu?

Ele recuou.

— Claro que não espero que seja assim tão fácil. Tenho muito o que consertar. Você tinha me dado sua confiança, e agora preciso merecê-la de novo. Você tinha me presenteado com sua submissão e tenho que te fazer se sentir segura e amada o bastante para que faça isso de novo. Mas quero você comigo, Angel. Em todos os momentos. Uma vez que todos souberem de você, nunca vou deixá-la ir a qualquer lugar sozinha.

Evangeline fechou os olhos por um longo momento, torcendo os dedos em um nó sem sangue em seu colo. Seu desespero e sua indecisão eram presenças tangíveis no cômodo.

— Não sei o que devo fazer — ela finalmente balbuciou, a exaustão invadindo seu discurso e sua postura.

— O que você quer, Angel? — Drake perguntou, baixinho. — Esqueça o “dever”. O que você *quer*?

Ela virou a cabeça e seu olhar cheio de lágrimas encontrou o dele.

— Quero que as coisas voltem a ser como eram antes — ela admitiu, com os lábios trêmulos.

— Elas podem ser — ele disse, com sinceridade.

— Você faz parecer fácil.

— E não é? Cometi um erro terrível, meu anjo. Um de que não vou me esquecer por muito tempo. Um de que vou me arrepender pelo resto da vida. Mas não vou cometer esse erro novamente. Chega de tentar esconder sua presença na minha vida ou sua importância para mim. Apenas me dê a chance de mostrar como tudo pode ser. Não desista de nós ainda.

Drake estava perigosamente prestes a implorar. E ele preferia morrer a implorar por qualquer coisa. Mas, naquele momento, se ficar de joelhos e se mostrar completamente vulnerável para Evangeline a convenceria a lhe dar outra chance, faria isso sem hesitar.

De que valia o orgulho se ele perdesse o que mais lhe importava?

Uma lágrima deslizou pelo rosto de Evangeline e ela bufou em um suspiro trêmulo, lutando bravamente para não cair no choro. Drake a abraçou e a segurou firme, balançando para frente e para trás enquanto dava beijos em seus cabelos úmidos.

— Dê outra chance para mim — para nós, Angel — ele sussurrou. — Vou consertar as coisas, eu juro.

Evangeline levantou a cabeça lentamente e se afastou até que conseguisse olhar Drake nos olhos. O medo brilhava intensamente no olhar dela, e sua testa estava franzida de preocupação.

— Mas se não queria que ninguém soubesse de mim antes... — Ela balançou a cabeça como se tentasse organizar os pensamentos. — O que mudou? — ela sussurrou. — Se eu podia ter sido usada para atingir você antes, isso não é ainda mais provável agora? Não quero ser usada para te destruir, Drake.

Ele inalou bruscamente e só percebeu que estava segurando o fôlego quando o rosto dela começou a ficar embaçado em sua frente. Deixou todo o ar sair em uma longa expiração. Então, abraçou Evangeline de novo, incapaz de suportar a distância que ela colocara entre eles.

— Vamos apenas dizer que uma mensagem será dada em alto e bom som — Drake disse, bem sério. — Que se alguém ousar olhar torto para você, estará morto. Tenho inimigos. Eu te falei isso. Mas também sou muito temido. Não sou conhecido por ser misericordioso. Meus homens farão com que todos saibam que só alguém que deseje morrer vai mexer com você para tentar me atingir. Mas, ao mesmo tempo, sua segurança será reforçada, e sempre haverá alguém te escoltando quando não estiver comigo.

Uma dor peculiar se instalou no peito dele, e algo semelhante a pânico invadiu suas entranhas. Talvez ela não gostasse do tipo de vida que ele podia oferecer. Muita gente não gostaria. Ela estaria vivendo em uma verdadeira prisão.

Ah, ela teria todos luxo e comodidades imagináveis. Seria cuidada e mimada, suas necessidades colocadas na frente das de todos os outros. A única coisa que ela não teria era... liberdade. Se continuasse com ele, estaria entregue a uma vida cercada de segurança. Ninguém teria acesso irrestrito a ela. Por quanto tempo Evangeline conseguiria viver em circunstâncias tão sufocantes?

Quanto tempo levaria para ela se rebelar e se colocar contra as medidas de proteção extrema que Drake queria que ela seguisse? Muitas pessoas não se entregariam de bom grado a uma verdadeira prisão, por mais luxuosa que fosse.

— Pode me perdoar, Angel? — Ele perguntou, baixinho. — Pode me perdoar com o tempo? Vai me dar a chance de consertar as coisas? De provar que nunca mais faria você passar por aquilo que fiz naquela noite? Sei que é pedir muito. Não te culparia se não quisesse mais nada comigo, mas não quero viver sem você. Você é tudo o há de bom na minha vida. A única coisa boa. A melhor parte de mim, e quase destruí isso por medo, por pânico de que fosse usada para me

atacar. Jamais conseguiria viver comigo mesmo se algo acontecesse com você por minha causa. E vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para protegê-la dos canalhas que não pensariam em abusar de uma mulher para conseguir seu objetivo. Cada um dos meus homens será dedicado à sua segurança e proteção. Eles darão a própria vida para te proteger. Preciso que acredite nisso. E preciso que acredite que você é a coisa mais importante para mim e que nunca vou deixá-la escapar sem lutar muito.

A expressão dela era confusa, e o seu conflito interior era evidente em seus olhos tempestuosos. Ela parecia... receosa. Drake queria soltar um monte de palavrões que fariam corar o homem mais durão, mas a última coisa de que precisava era assustá-la e empurrá-la na direção oposta.

— Então, a gente apenas volta... a ficar junto? — ela perguntou, em uma voz sufocada. — Recomeçamos de onde paramos?

— Não — ele disse, muito sério. — Nós, ou melhor, eu começo de novo. Um novo começo. Dessa vez, melhor. Tenho muito a consertar, não vou fingir o contrário. Você, no entanto, não precisa mudar nada. Não fez nada de errado. Me deu um presente que a maioria dos homens só pode sonhar em receber, e não cuidei nem protegi esse presente como deveria. Isso muda agora e muda daqui para a frente. Se disser que sim e concordar em ficar comigo.

— Ah, Drake, não sei o que dizer — ela confessou, com a voz sufocada.

Lágrimas brotaram em seus olhos e, na mesma hora, ele limpou com o polegar as gotas que escorregaram pelas bochechas dela.

— Eu estava tão feliz. Você me fazia feliz. E eu queria te fazer feliz. Tudo estava... perfeito. E então...

— Shhh, meu anjo — ele disse, embalando-a mais uma vez em seus braços. — Será perfeito de novo. Prometo. Não espero que você me perdoe ou esqueça o que aconteceu tão cedo. Tudo o que peço é a oportunidade de provar a você que posso ser o homem que você merece. Apenas diga sim e nós vamos viver um dia de cada vez, e prometo que vou tentar fazer cada dia melhor que o anterior. Não tenho

dúvidas de que teremos alguns obstáculos no caminho, mas posso prometer que o que aconteceu naquela noite nunca mais se repetirá. Daria tudo o que tenho para poder voltar no tempo e apagar aquela noite.

Evangeline apoiou sua testa na dele e fechou os olhos ao tentar lutar contra as lágrimas que deslizavam silenciosamente por suas bochechas.

— Quero isso: você — ela sussurrou, em uma voz cheia de dor, que pulsava com emoção. — Mas estou com medo, Drake. Você tem tanto poder sobre mim. Tem o poder de me fazer muito feliz, mas também pode me destruir como nada mais pode. Acho que não sobreviveria à tanta dor novamente. Senti como se fosse morrer nos últimos cinco dias, e odeio como você me deixa vulnerável, como eu dependendo tanto de você para ser feliz. Isso me assusta demais. Consegue entender? Não consigo imaginar você desamparado, à mercê de outra pessoa e dependente dela para manter a sanidade mental e não se perder.

— Entendo — ele murmurou. — Entendo muito mais do que imagina porque você me tem nas palmas das mãos, e tem tanto poder sobre mim como diz que tenho sobre você. E preciso dizer, é uma merda. Odeio me sentir tão desamparado. Nunca fui dependente de outra pessoa na minha vida. Estou sempre no controle. Mas, quando estou com você, sinto um monte de coisas, menos que tenho o controle. Sinto como se estivesse caminhando por um campo minado e bastasse um movimento errado para destruir algo muito precioso e bonito. Quase fiz isso. Sei que causei muitos danos, e isso faz de mim um canalha completo. Acredite em mim, Angel. *Nunca* esquecerei. Nunca me perdorei pelo que aconteceu naquela noite. É algo com que terei de conviver o resto da vida. Não tenho comido, não tenho dormido, tenho sido apenas uma casca nos últimos cinco dias, e o desprezo por mim mesmo vem cavando devagar um buraco na minha alma, até que não sobre quase nada, se é que sobrar alguma coisa.

— Drake, não — ela gritou. — Pare. Apenas pare! Você não pode se torturar dessa maneira. Não faz bem para nenhum de nós dois. Se

queremos que isso funcione, precisamos deixar isso para trás e seguir em frente. Ficar preso ao passado só vai destruir nós dois. Se posso perdoar, você deve ser capaz de fazer o mesmo.

Drake engoliu o ar e seu pulso disparou. Ele estava tremendo e tentando, com desespero, se manter calmo enquanto as palavras de Evangeline penetravam em sua raiva e em sua tristeza. Agarrou os ombros dela e aproximou seu rosto do dela até que estivessem nariz com nariz.

— Tem certeza, Evangeline? Está dizendo o que acho que está dizendo? Está me dando outra chance?

Parecia que o coração dele ia pular do peito. Estava batendo muito rápido e, por um momento, Drake temeu que a tensão fosse demais e que tivesse um ataque cardíaco. Seu corpo inteiro tremia. Não havia uma parte dele calma ou imóvel enquanto seu olhar se apoiava no dela, buscando a confirmação da esperança que tinha fincado raiz e serpenteava insidiosamente em suas veias.

Evangeline engoliu em seco e Drake viu como era difícil para ela. Como a decisão a que tinha chegado era importante. Mas então ela assentiu lentamente.

— Preciso das palavras — ele disse, a voz rouca. — Preciso ter certeza. Preciso ouvir você dizer em voz alta.

— Sim — ela confirmou, suavemente. — Vou dar outra chance para você — para nós. Não vou mentir. Estou com medo pra caramba. Mas estou disposta a tentar.

Era demais para Drake. Ele quase a esmagou em seus braços, segurando-a como se fosse sua própria vida. Ele se balançava para frente e para trás, ora murmurando nos cabelos dela, ora enchendo aquelas madeixas sedosas de beijos.

Um grande nó na garganta o impediu de articular seus pensamentos e emoções, então ele simplesmente a abraçou, acariciou sua pele e a beijou repetidas vezes enquanto, em silêncio, dava graças por aquela mulher linda, doce e generosa estar em seus braços.

Ele não a merecia, não, mas sem chance de desistir dela. Evangeline se tornara vital para ele. Tão necessária quanto respirar.

Não podia mais imaginar sua vida sem ela. Não queria de jeito nenhum voltar à existência dura e estéril que levava antes que Evangeline tivesse invadido sua vida e mudado tudo.

Durante vários e longos minutos, Drake simplesmente a abraçou, incapaz de articular qualquer palavra. Relutantemente, ele afrouxou o abraço e deu um beijo em seus lábios antes de segurar as mãos dela entre as suas.

— Preciso saber se ainda quer continuar vivendo no apartamento em que estávamos. Se não quiser, é totalmente compreensível. Não quero nada que te traga más lembranças. Mas se optarmos por viver em uma das minhas outras casas, vou precisar de mais ou menos uma semana para instalar a segurança e deixar o imóvel no mesmo padrão do meu apartamento atual. Podemos nos mudar todos os dias para não passarmos a noite no mesmo lugar até que tudo esteja pronto e uma residência nova esteja bem protegida.

— Tudo bem voltar ao seu apartamento — ela disse, depois de um breve momento.

Ele estudou o comportamento de Evangeline, sua expressão e seus olhos, procurando qualquer sinal de hesitação ou medo. Mas não viu nada.

— Você tem certeza? — Ele insistiu, para garantir.

Ela assentiu com a cabeça.

— Não faz sentido gastar todo esse tempo e dinheiro para equipar outra casa quando a que você tem já é adequada.

— Então vamos para casa — ele disse, gentil, estendendo a mão para ela e se levantando.

Após uma ligeira hesitação, ela deslizou sua palma suave sobre a dele e permitiu que ele a puxasse para ficar a seu lado.

— Não vai se arrepender, Evangeline — ele disse, com muita seriedade.

Por uns segundos, o olhar dela procurou o de Drake, e então Evangeline apertou um pouquinho a mão dele. Ela hesitou apenas por um breve momento, quando pareceu ter superado seu conflito interno, e, em seguida, expirou profundamente. Os olhos dela se suavizaram e a

esperança invadiu o peito dele. Evangeline umedeceu os lábios com a língua uma vez e então proferiu as palavras mais doces que ele já tinha ouvido.

— Acredito em você, Drake. Acredito em você.

QUANDO CHEGARAM AO APARTAMENTO de Drake, os nervos de Evangeline estavam em frangalhos. Embora ela tivesse concordado em ir para lá, em vez de obrigar Drake a gastar tempo e dinheiro preparando uma nova casa, não significava que o simples pensamento de voltar ao lugar onde sofrera a maior humilhação de sua vida não a deixasse à beira de um ataque de ansiedade.

Para piorar, assim que adentraram o saguão, Evangeline viu Edward e estremeceu com a compaixão e a preocupação estampadas nos olhos dele ao vê-lo se apressar na direção dela. Oh, Deus. Ela só queria que o chão se abrisse e a engolissem inteira.

Drake, no entanto, deve ter percebido o constrangimento dela e, com o olhar, avisado a Edward que se afastasse, porque ele parou e, no mesmo instante, virou-se para tratar de outra tarefa. Quando chegaram ao elevador, Evangeline estava tremendo e prestes a começar a hiperventilar.

Ela passou os braços ao redor da própria cintura, abaixou a cabeça e ficou olhando para o chão. Seus olhos estavam queimando e ela já tinha suportado humilhação o bastante sem ter se dissolvido em lágrimas na frente de Drake. Mais uma vez.

Drake não a cutucou nem fez nenhum comentário sobre seu quase colapso. Em vez disso, foram até o último andar em silêncio. Mas Drake passou, sim, o braço ao redor dela, ancorando-a solidamente contra si, para que o calor de seu corpo se infiltrasse na carne fria de Evangeline.

Ela era uma idiota? Uma idiota ingênua por concordar com aquela loucura depois de tudo o que ele fizera com ela?

Ainda de cabeça abaixada, ela se arrastou do elevador para o apartamento de Drake. Para sua surpresa, Drake a deteve e simplesmente a puxou para seus braços, segurando-a com força.

— Graças a Deus que você voltou — ele murmurou. — Graças a Deus te encontrei a tempo.

Ela descansou a testa no peito dele e ficou ali, absorvendo aquele toque como um viciado em tratamento. Drake acariciou as costas dela e, em seguida, se afastou, relutante, segurando o queixo dela e inclinando-o para cima para que seus olhares se encontrassem.

— Vá para a sala de estar, sente-se e fique à vontade enquanto preparo algo para você comer. Você não tem cuidado muito bem de si mesma — repreendeu. — Perdeu peso.

— Eu tinha de sobra — ela respondeu, secamente.

Ele fechou a cara.

— Você era perfeita do jeito que era. Agora, venha para que eu possa cuidar do meu anjo. Você vai comer e descansar um pouco, e planejo garantir que faça as duas coisas.

— Você não precisa trabalhar? — Ela franziu o cenho para ele. Já está atrasado. Posso me virar sozinha.

Drake respondeu com um olhar de censura e então a conduziu para a sala de estar e a acomodou no sofá, colocando um cobertor ao redor dela. Ajeitou-a um pouco mais, para ter certeza de que estava confortável, e depois advertiu que ela nem pensasse em se levantar.

— Voltarei em alguns minutos e vamos tomar café da manhã juntos. E então você e eu vamos para a cama descansar um pouco. Não durmo desde a noite em que você foi embora — ele disse, um traço de dor em sua voz. — E você não parece ter dormido muito mais que eu.

Evangeline corou, culpada, mas não refutou a declaração.

Com uma última carícia em seu rosto, ele se virou e desapareceu na cozinha, deixando Evangeline no sofá. O cansaço bateu e ela fechou os olhos. Drake estava certo sobre uma coisa: ela não tinha dormido. Nenhum dia. De noite, ficava deitada naquela pequena cama rezando

para esquecer tudo. Rezando para que pudesse ter algumas horas em que pudesse escapar de sua dor e tristeza. Em vez de dormir, passara noites intermináveis enxugando lágrimas de seus olhos inchados e se perguntando *por que* repetidamente.

Ela puxou o cobertor mais confortavelmente ao seu redor, inalando o cheiro de Drake, absorvendo-o. A presença dele estava em todo o apartamento. Mesmo que ele estivesse em outro cômodo, Evangeline ainda sentia sua presença esmagadora. Não devia lhe dar uma sensação de conforto, mas dava.

Os últimos cinco dias tinham sido horríveis. Os piores de sua vida. Não queria repeti-los nunca mais. Talvez ela fosse mesmo uma tola — uma tola desesperada — por tê-lo aceitado de volta com tanta facilidade, mas precisava dele. Desejava-o. Só se sentia segura quando estava com ele, o que era absurdo, considerando que ele era o responsável pelo sofrimento indescritível que ela teve que suportar.

Uma inquietação se apoderou dela ao pensar na explicação dele, na justificativa de suas ações. Em que exatamente Drake estava metido para ter tantos inimigos? A ponto de despertar tanto ódio que essas pessoas seriam capazes de usá-la para atingi-lo?

Ela não era estúpida. Não tinha ilusões de que Drake fosse um cidadão modelo, mas não conseguia imaginá-lo envolvido em algo realmente hediondo. Ao mesmo tempo, já tinha reconhecido que, quando se tratava dele, ela ficava cega, como um avestruz com a cabeça profundamente enfiada na areia.

A verdade verdadeira era que não queria saber. Ignorância era mesmo bem-aventurança, e, enquanto não soubesse ao certo como Drake ganhava a vida, não poderia julgá-lo direito. Estava mais feliz por não saber e, se isso fazia dela uma pessoa má, era algo que teria de aprender a aceitar.

Ou talvez só precisasse de tempo para ter coragem de confrontá-lo sobre suas práticas de negócios. De qualquer modo, não seria naquele momento. Não quando tudo entre eles estava tão frágil. Na hora certa, ela abordaria o assunto e, em seguida, decidiria se conseguiria viver com a resposta que tivesse.

Ah, mamãe e papai. O que está acontecendo comigo? Não foi assim que vocês me criaram.

Eles ficariam tão envergonhados se soubessem que ela estava, pelo menos temporariamente, fechando os olhos para o que era certo. A última coisa que ela queria era decepcioná-los. Eram boas pessoas. As melhores. E sempre a ensinaram a fazer o que era certo, não importa o sacrifício.

— Angel.

A voz gentil de Drake despertou Evangeline de sua introspecção, e ela abriu os olhos para vê-lo carregando uma bandeja com dois pratos.

— Sente-se, amor. Você precisa comer e, depois, dormir. Nós dois precisamos descansar e eu não consigo pensar em maneira melhor de fazer isso do que com você nos braços.

Ela aspirou o cheiro, apreciando, e seu estômago protestou pelos muitos dias sem comer. De não ter força nem vontade de se forçar a comer. Um arrepio varreu seu corpo, fazendo-a tremer e suar frio. Seu estômago se revirou e se rebelou e então se pressionou e se apertou em um duro nó.

— Não tenho certeza se consigo — ela disse, sincera, pousando a mão na barriga. A náusea revirava seu estômago, deixando-a fraca, úmida e trêmula.

Drake soltou uns palavrões e rapidamente colocou a bandeja na mesa de café antes de se sentar no sofá ao lado dela, amparando-a. Ele a conduziu até a borda das almofadas apoiando suas costas.

— Incline-se para a frente e abaixe a cabeça — ele instruiu, gentil. — Respire profundamente. Inspire pelo nariz e solte pela boca. Vou pegar um pouco de sopa. Acha que consegue comer então?

Ela assentiu, sentindo-se mal, cada vez mais envergonhada a cada minuto que passava. Estava agindo como uma idiota desamparada que não era capaz de sobreviver sem seu homem.

Drake permaneceu sentado ali mais alguns momentos, acariciando, confortável, a mão para cima e para baixo nas costas dela, e massageou suavemente sua nuca.

— Vai ficar bem enquanto pego a sopa? — ele perguntou, baixinho.

— Si-sim.

Os lábios de Drake roçaram o topo da cabeça de Evangeline. Ele voltou para a cozinha e retornou minutos depois com uma caneca fumegante. Colocou-a entre as palmas das mãos dela e pediu que tomasse um gole.

O líquido quente abriu caminho da garganta até o estômago, e parte da tensão de Evangeline se dissipou e ela relaxou. Conseguiu beber metade da caneca antes de se inclinar para a frente para colocar o copo na mesa de centro.

— Chega? — Drake perguntou, subitamente.

Ela assentiu e, de repente, a tensão tomou conta de seus músculos de novo.

— Então vamos levá-la para a cama — Drake disse, levantando-se.

Ela engoliu em seco, nervosa, mas então concordou. Quando começou a se levantar, Drake deslizou seus braços por baixo dela e a levantou do sofá. Ela foi suavemente aninhada ao peito dele, e Drake ficou parado por um momento com os lábios pressionados firmemente contra a testa de Evangeline.

Ela sentiu um estremecimento percorrer o corpo de Drake e percebeu que ele estava tão profundamente afetado quanto ela. E nervoso.

Seu coração se apertou com o brilho fugaz de vulnerabilidade nos olhos dele, e então Evangeline estendeu a mão, pegou o queixo de Drake e virou o rosto dele para ela.

— Tive tanta saudade — ela confessou, baixinho.

Fogo se acendeu nos olhos dele, e o alívio quase o deixou cambaleante.

— Deus, também senti tanto a sua falta, Angel — ele admitiu, em um sussurro rouco. — Nunca mais vou deixar você ir embora.

Enquanto Drake levava Evangeline para o quarto, ela se permitiu ser invadida pelas palavras apaixonadas dele. Eram verdadeiras? Ou

eram apenas palavras que Drake estava dizendo no calor do momento? Ela não queria estragar o momento, pedindo explicações. Estava com medo das respostas. A fantasia era preferível à realidade, mesmo sabendo que a fantasia sempre acabava cedendo a uma verdade dolorosa. Por enquanto, até que pudesse entender melhor seu relacionamento com Drake e o que ela significava para ele, decidiu acreditar em cada palavra que ele dizia e que ela era especial em sua vida, que ele a amava e a queria... *para sempre*.

Essas palavras se perdiam em seus pensamentos. Evangeline era incapaz de pronunciá-las até mesmo mentalmente, por causa da esperança que inspiravam e da consciência de que, se tudo fosse apenas um sonho, ela se sentiria mais uma vez esmagada. Pelo menos uma vez, não olharia para frente com a praticidade que seus pais tinham ensinado. Em vez disso, viveria o momento. Não tentaria prever o futuro e se prepararia para o dia em que Drake e ela seguiriam caminhos diferentes. Mas agora viveria um dia de cada vez. Uma fantasia preciosa e um sonho de cada vez. Se e quando chegasse a hora de enfrentar fatos frios e duros, teria para sempre muito carinho pelas lembranças de seu tempo com Drake.

Porque um fato era certo: apesar de se considerar uma pessoa prática e de saber que ninguém era único na vida de ninguém, ela também sabia, sem sombra de dúvida, que nunca haveria outro homem como Drake para ela. Ninguém jamais chegaria nem perto disso.

Drake a conhecia por dentro e por fora, talvez melhor do que ela mesma. Entendia as necessidades de Evangeline e conseguia supri-las antes mesmo dela reconhecê-las. E ela deveria acreditar que havia outro homem lá fora que conseguiria enxergar seu coração e sua alma como Drake? Não era muito provável.

Drake era sua alma gêmea, um encontro único, que nunca poderia ser repetido ou replicado. E, merda, ela não queria ter de se contentar com nada que não fosse o melhor. Nunca. Se não pudesse ter sua carametade, a pessoa que foi feita e destinada para ela, preferiria viver a vida sozinha e manter vivas as lembranças do único homem capaz de conhecê-la melhor do que ela mesma ou que sua família.

Espantou tais pensamentos, brava por permitir que suas inseguranças e seus medos invadissem seu reencontro com Drake. Ninguém era perfeito. Sim, o que ele tinha feito era horrível. Ela tinha sido humilhada e arrasada, seu coração foi arrancado do peito. Mas, se fosse acreditar em Drake, e ele não tinha dado nenhuma razão para não acreditar, suas ações tiveram um bom motivo, ainda que extremas.

Ela viu a expressão de Drake quando admitiu o quanto temia que ela fosse usada para enfraquecê-lo. Como se a ideia de que ela fosse ferida ou abusada a fim de extorquir algo dele o deixasse tão acabado quanto ele tinha acabado com ela naquela noite. Evangeline não foi a única a ser ferida e abalada pelo que havia acontecido. Os olhos de Drake estavam totalmente sombrios e ele parecia... derrotado quando implorou seu entendimento e perdão.

Evangeline sentiu o estômago se apertar porque não tinha lhe dado o que ele pedira. Ainda. Seguia com muito medo de confiar nele. Ainda estava em modo de autopreservação, com medo de tornar-se vulnerável mais uma vez e abrir-se à dor e à traição.

Ah, Drake, mil desculpas. Lágrimas molharam suas pálpebras, mas ela se recusou a arruinar o momento permitindo que caíssem. Drake tinha se desnudado para ela, tinha se colocado a seus pés, e um homem como Drake não era alguém que se humilhava diante de qualquer um, homem ou mulher. E, mesmo assim, ele tinha feito exatamente isso. Arriscara tudo. Seu orgulho. Tudo para tentar consertar as coisas com Evangeline. E ela não lhe oferecera nada além de cautela. Certamente não misericórdia, compreensão ou perdão.

Uma sensação de paz tomou conta dela quando decidiu corrigir os erros entre eles na primeira oportunidade. Esperaria o momento certo e daria a Drake o que ele tinha dado a ela. Desnudaria sua alma e ficaria tão nua quanto ele havia ficado, para que estivessem no mesmo pé, em igualdade de condições. Se um homem tão orgulhoso e poderoso podia ir tão longe e se tornar mais humilde, ela com certeza poderia fazer o mesmo e devolver-lhe o que tinha recebido.

Se no fim das contas estivesse errada — sobre Drake, sobre o relacionamento, sobre tudo — não teria arrependimentos, pois teria

feito a coisa certa. Não podia controlar as ações, as decisões, os pensamentos e os sentimentos dele, mas, sem dúvida, podia controlar os seus, e usá-los de forma amorosa.

Evangeline sentiu o coração vibrar de esperança, inchado de necessidade e ansioso pela completude que só Drake poderia lhe dar. Cinco dias eram tão pouco tempo e, no entanto, aqueles tinham parecido uma eternidade de solidão e uma vida inteira de sofrimento por tudo o que ela pensou ter perdido.

Agora tinha uma segunda chance. A oportunidade de corrigir erros anteriores. Ambos tinham essa oportunidade. E ela tinha a intenção de aproveitar ao máximo essa chance e mostrar a Drake o quanto ele importava.

— Você está a quilômetros de distância daqui — Drake murmurou enquanto a colocava na cama.

Evangeline ruborizou, mas ele não a censurou nem perguntou em que estava pensando. Em vez disso, começou a despi-la, parando para beijar e acariciar cada área de pele exposta. Quando ele se levantou para tirar a própria roupa, Evangeline já ofegava, sem ar, seu corpo ardendo com uma necessidade desesperada, diferente de qualquer outra que tivesse experimentado antes.

O olhar dela se alimentou avidamente do físico musculoso, dos ombros largos e do peito forte. Da mandíbula de traços fortes e bem marcados e dos olhos que ardiam com fome e necessidade em resposta. Evangeline sentiu as bochechas esquentarem e uma onda de calor se espalhando por todo seu corpo quando a ereção latejante de Drake ficou visível.

Ele estava rígido, com o pênis inchado e as veias muito distendidas, e sua ereção estava quase paralela ao abdômen malhado, apontando agressivamente para seu umbigo. Umidade envolvia a cabeça, e Evangeline lambeu os lábios sem nem sequer perceber o que estava fazendo.

Drake gemeu e fechou os olhos, o peito arfando como se estivesse tentando manter o controle.

— Está acabando comigo, Angel. Sabia que os últimos cinco dias pareceram uma eternidade sem você?

Ela sorriu ao ouvir essas palavras que ecoavam os pensamentos que tivera segundos antes.

— E que me deito aqui todas as noites, sofrendo, sentindo falta de você a cada respiração? — Ele sussurrou, enquanto se deitava ao lado dela na cama. — Que eu não conseguia dormir por me perguntar onde você estava, preocupado pensando se estava segura. Deus, tudo o que eu conseguia era ver seu rosto. E o medo de que, mesmo depois que te encontrasse, você não me perdoasse, não me desse — não desse para gente — outra chance me mantinha acordado. Não sou completo sem você, Angel. Os últimos cinco dias não deixaram dúvida sobre isso.

Ela se virou de lado, aconchegando-se perto dele e colocou um dedo em seus lábios para parar aquele fluxo de autorrecriminação.

— Shhh, querido. Você não era o único que não conseguia dormir à noite. Eu ficava acordada, sofrendo, querendo, precisando e sentindo falta de você a cada respiração. Chorava até dormir todas as noites.

Ele recuou e fechou os olhos, a tristeza e o pesar gravados profundamente em seus traços.

— Não falei isso para fazer você se sentir mal — ela sussurrou. — Mas para que saiba que nós dois sofremos. Que nós dois lamentamos. Mas que temos outra chance agora. Vamos fazer com que tudo seja perfeito desta vez.

— Você é boa demais para mim — ele disse, bruscamente. — Doce demais, inocente demais, compassiva e amorosa demais. Não mereço seu perdão nem seu amor, mas, por Deus, preciso deles. Preciso de você.

— E eu de você — ela concordou, antes de pressionar os lábios contra os dele. — Faça amor comigo, Drake. Tire de mim a solidão dos últimos cinco dias. Faça-me esquecer. Preciso muito de você.

Drake rolou sobre ela, com os olhos brilhando. Apoiou os antebraços de ambos os lados da cabeça dela e montou em cima de seu

corpo, olhando nos olhos de Evangeline até que ela se afogasse em seu olhar. Então, mirou a boca dela e encheu-a de beijos ternos.

— Tem certeza? — Ele perguntou, com a voz tensa.

— Por favor — ela implorou, baixinho.

Drake interrompeu o apelo de Evangeline com a boca e enfiou a língua lá dentro, provando-a, fazendo amor com a língua dela.

— Nunca terá que me implorar por nada — ele disse. — Tudo que tenho é seu.

O coração dela bateu de um jeito diferente, e Evangeline ficou sem ar por um momento. Drake parecia tão sério, como se estivesse fazendo um voto eterno.

— Então quero você. Agora — ela disse, envolvendo o pescoço dele com os braços e levantando a cabeça para beijá-lo de volta. — Agora — ela insistiu. — Rápido!

— Você não está pronta para mim. Não quero te machucar.

Ela balançou a cabeça, mexendo o corpo, inquieta embaixo dele. Estava pronta. Mais do que pronta. Precisava ser tomada por ele. Que ele recuperasse seu corpo da maneira mais primitiva que um homem poderia reivindicar uma mulher.

— Estou pronta. Por favor, Drake. Você disse que eu nunca teria que implorar por nada.

Ela afastou as coxas, abrindo-se para Drake, e então passou as pernas em volta da cintura dele, sentindo a cabeça da ereção em sua abertura.

O rosto de Drake era um véu de tensão e o conflito interior que ele travava era nítido, ceder ao apelo de Evangeline ou ir mais devagar por medo de machucá-la. Por fim, os instintos falaram mais alto e ele se posicionou na entrada dela, e, após uma breve hesitação, em que olhou atentamente para o rosto dela, avançou com uma única estocada vigorosa.

Evangeline gritou, Drake abaixou a cabeça e, em seguida, enterrou-a no pescoço dela enquanto seu corpo se movia, a respiração saindo em pequenas explosões. As unhas dela cavaram firmes em seus

ombros, e ela fechou os olhos quando a beleza da possessão dele corria em suas veias.

Foi como voltar para casa. Depois de tantos dias de dor, desespero, tristeza e perda, ela estava de volta aonde mais queria estar, com o homem com quem mais queria estar. Não podia pedir mais do que aquilo que tinha ali, naquele momento.

— Por que está chorando, Angel?

Evangeline piscou e percebeu que Drake tinha levantado a cabeça e estava olhando para ela, preocupado e apreensivo. Ela mesma não tinha percebido que estava chorando, mas agora sentia as trilhas quentes deslizando lentamente pelo rosto. Ela lhe deu um sorriso trêmulo.

— Estou feliz — disse, simplesmente. — Você não tem ideia de como os últimos cinco dias foram horríveis. Pensei que tinha te perdido para sempre.

A culpa escureceu os olhos de Drake e ele desviou o olhar por um instante, como se quisesse se recompor antes de voltar a encarar Evangeline. Devagar, ele saiu de dentro dela, e Evangeline gemeu enquanto ele passava entre seus tecidos delicados. Em seguida, ele meteu novamente, enterrando-se tão profundamente quanto podia.

— Nunca mais — ele jurou, segurando seu olhar ferozmente. — O mundo inteiro saberá o que você significa para mim. Qualquer um que ferrar com você, ou que apenas tentar ferrar com você, estará assinando o próprio atestado de óbito, e saberá disso.

Ela lutou contra a onda de desconforto, determinada a não dar lugar a nada, a não ser o aqui e agora e a bela sensação de estar de volta para casa que sentia nos braços de Drake.

— Me ame — ela sussurrou, arqueando-se contra ele, exigindo mais. Não havia sinal do amante dominante que Evangeline tinha aprendido a desejar no decorrer do relacionamento. Aquele era um homem que fazia amor com ela com reverência. Havia ternura e um pedido de desculpa em cada beijo, carícia e toque dentro e fora de seu corpo. Era um lado de Drake que ela não conhecia. Ah, ele tinha sido gentil e amoroso enquanto faziam amor. Não foi sempre um exercício

de dominação e de sexo *kinky*, mas ele tinha um lado emocional que fez os olhos dela se encherem de lágrimas e causou uma dor profunda em sua alma.

Ela desejava ser dominada por ele — precisava disso — e, no entanto, percebia que precisava daquilo ali também. Dava-lhe uma confiança que, antes, ela acreditava não precisar, mas, no rescaldo daquela noite horrível, a insegurança havia se enraizado e florescido. Agora? Ela precisava de ambos. Ela precisava da face mais dura, mas também do toque mais suave. Precisava... do amor dele.

Era algo que podia esperar?

Tirou aquele pensamento desconcertante da cabeça e se entregou totalmente à beleza do amor que faziam, entregues de coração, corpo e alma à poderosa libertação que inchava e crescia até que não aguentasse mais segurá-la.

— Drake!

— Estou com você, amor — ele disse, cheio de ternura. — Venha comigo. Se solte.

Ele meteu com força, balançando os quadris contra os dela até que não sobrasse nenhuma parte dele que não estivesse enterrada profundamente dentro dela. O rosto dele ficou turvo na visão de Evangeline, enquanto a euforia inundava seu corpo, e ela começou a perder o controle, dismantelando-se mais e mais rápido até que ela estivesse ofegante, tentando recuperar o fôlego.

Drake rosnou e a segurou firme em seus braços. Enfiou nela uma última vez e, em seguida, enterrou o rosto em seu pescoço, e ambos atingiram o clímax e caíram no entorpecimento.

Por um longo momento, ele deixou seu peso descansar sobre ela e, então, rolou, segurando-a firmemente contra si, para que suas posições fossem invertidas e ela ficasse deitada sobre ele na cama. Suas mãos grandes e fortes acariciavam toda a espinha de Evangeline, e ela aconchegou o rosto no peito dele, acariciando-o e distribuindo beijinhos em sua pele úmida.

— Não me deixe de novo — ela sussurrou, suavemente.

Ele a apertou ainda mais forte, e ela sentiu um tremor no corpo de Drake que entregava a sua emoção.

— Nunca mais, Angel. Preciso demais de você.

EVANGELINE DESPERTOU ACONCHEGADA NO calor gostoso e no conforto sólido de braços fortes, ancorada a um corpo firme. Levou alguns instantes para entender o que estava acontecendo, entre pensamentos nebulosos e uma breve confusão. Não estava na pequena cama na minúscula despensa do hotel que tinha sido convertida em um dormitório improvisado para ela. Tampouco se sentia mal, esmagada pela desolação da solidão e do desespero.

Lentamente, os acontecimentos do dia anterior voltaram à sua mente. Drake aparecendo no hotel onde ela trabalhava, trazendo-a para casa, fazendo amor com ela. Eles cochilando por algumas horas e depois passando uma noite tranquila no apartamento assistindo a filmes. Tinham pedido comida e ela caíra no sono aninhada em seus braços no sofá, e essa era a última lembrança que tinha.

Obviamente, ele a levara para a cama sem ela nem se mexer.

Ela piscou com o brilho da luz do sol que se infiltrava através das cortinas que cobriam as janelas, e aí ficou preocupada, porque estava muito iluminado. Com pressa, girou para se apoiar nos cotovelos, de modo que conseguisse enxergar o relógio no criado-mudo do lado de Drake.

Ah, droga! Ele tinha dormido demais. Eram quase nove e ele sempre se levantava e saía bem antes disso.

O braço de Drake a agarrou pela cintura e a puxou para baixo contra seu corpo deliciosamente quente.

— Volte a dormir — ele murmurou.

Ela olhou ansiosamente para o rosto dele, que ainda estava de olhos fechados. Então, tocou seu ombro para chamar sua atenção. Com preguiça, Drake abriu os olhos o suficiente para ficarem semiabertos e a estudou, desejo refletido em seu olhar escuro.

— São quase nove — ela disse, com urgência.

Drake continuou a encará-la, cheio de preguiça, sem demonstrar qualquer reação àquela declaração. Ele sorriu.

— Estou bem ciente da hora.

— Mas está atrasado!

Ele sorriu mais uma vez.

— Como chefe, tenho a prerrogativa de chegar atrasado de vez em quando, e esse de vez em quando é justamente esta manhã, que prefiro passar na cama com minha mulher para depois levá-la a algum lugar gostoso para almoçar. Quanto ao resto do dia, vamos ver como vai ser, mas tenho certeza de que vou encontrar maneiras de ficar bem ocupado.

Evangeline estremeceu com a insinuação sexual tão direta. Assim que Drake acabou de falar, puxou até a cintura o lençol com que ela cobria os seios, deixando os mamilos dela à mostra.

— Isso sim é um bom jeito de acordar — ele disse, com uma voz sedosa.

Drake se inclinou e selou seus lábios em torno de um dos bicos sensíveis de Evangeline, e sugou-o entre os dentes. Ela ofegou e estremeceu enquanto milhares de arrepios eriçavam sua pele. Ambos os mamilos se enrijeceram na mesma hora, e ela sentiu a vagina se contrair com a necessidade imediata.

— Fique em cima de mim ele rosnou. — Agora.

Ah, mas ela adorava o comando na voz dele, e, em silêncio, alegrou-se que seu amante dominante não tivesse desaparecido para sempre.

Obediente, ela se levantou e ficou de joelhos. Então, passou uma perna sobre as dele e se deitou em cima dele, ajustando-se para montá-lo. Arrastou-se até que o pau de Drake, já duro, encostasse no V de suas pernas.

— Está pronta para mim? — ele perguntou.

— Sim. Ah sim — ela disse, sem fôlego.

— Me mostre.

Um pouco autoconsciente, ela deslizou sua mão entre os dois corpos, escavando entre suas partes sensíveis até tocar a própria abertura. Enfiou um dedo lá dentro, coletando sua umidade antes de retirá-lo e, em seguida, estender a mão para mostrar a Drake.

— A questão é, você está pronto para mim? — Ela perguntou, desafiando-o, com os olhos brilhando.

Ele arqueou uma sobrancelha diante da ousadia dela, levantou a cabeça e se projetou para frente, chupando o dedo e lambendo até deixá-lo completamente limpo.

— Delicioso — ele disse, num tom de voz que era quase um ronronar. — Estou mais do que pronto para a minha mulher. Dá pra mim, Angel. Dá pro seu homem e cavalgue nele sem pressa nem piedade. Não tenha misericórdia alguma.

— Ah, não tenho nenhuma intenção de pegar leve com você — ela sentenciou, ofegante. — Tive tanta saudade, Drake. Só estou inteira quando estou com você.

Em resposta àquela declaração apaixonada, ele puxou a cabeça dela para baixo e esmagou seus lábios contra os dela, devorando sua boca em um beijo de tirar o fôlego. Suas mãos eram possessivas, percorrendo todo o corpo dela, tocando e acariciando, reconectando-se com cada centímetro daquela pele.

Os braços de Evangeline tremiam quando ela se inclinou para encostar as palmas das mãos contra os ombros dele. No momento em que ela ia soltar uma das mãos para pegar o pau de Drake e colocá-lo dentro de si, ele impediu.

— Deixe comigo. Segure-se em mim. Não vou deixar você cair, amor. Sempre cuidarei de você.

Evangeline obedeceu, arqueando-se para cima para que Drake pudesse posicionar o pênis e enfiar a cabeça na vagina dela. Ela prendeu a respiração quando ele a penetrou uns poucos centímetros. Mas ele não foi mais fundo. Em vez disso, tirou a mão dali e estendeu

os dois braços na cama. Olhou para ela, com os olhos brilhando de desejo e necessidade.

— Sou todo seu — ele ronronou. — Dá pra mim com força. Dá pra mim devagar, bem gostoso. Vai, minha linda, me dá todo seu prazer.

Incapaz de esperar um segundo a mais, Evangeline engoliu o pau dele com a vagina, deslizando para baixo em um movimento forte e rápido, ofegante com a súbita e esmagadora sensação de plenitude quando ele puxou as pernas dela, deixando-a impossivelmente aberta, e a preencheu por completo.

— Não deixe eu te machucar — ele gemeu alto.

— Nunca me machucaria — ela disse, baixinho, inclinando-se para beijá-lo enquanto sua fenda estreita o apertava como um punho sedento e pulsava de desejo em torno de seu pênis túrgido. Evangeline contraiu seus músculos internos, ajeitando-se em cima dele. O gemido angustiado de prazer e necessidade desesperada que Drake soltou alimentou sua confiança. Saber que tinha um pouco de poder sobre aquele homem dominante a deixou emocionada e sem fôlego. Reunindo sua coragem, Evangeline começou a cavalgar sensualmente sobre Drake, erguendo-se e arqueando-se até que o pênis dele saísse quase completamente de dentro dela para em seguida, devagar, afundar-se de novo no pau dele, engolindo-o inteiro.

Com os braços esticados ao lado do corpo, ele agarrou os lençóis com força, até que os nós dos dedos estivessem esbranquiçados, e ergueu os quadris para facilitar as investidas de Evangeline e, assim, também poder penetrá-la completamente. Então, como se fosse incapaz de controlar sua necessidade de tocá-la ou comandá-la, Drake meteu as mãos na bunda dela e cravou os dedos com vontade, puxando-a para baixo com movimentos vigorosos.

— Você é linda demais — ele murmurou. — Nunca vou deixar você escapar, Angel. Por Deus, espero que fique comigo para sempre porque não posso mais ficar sem você. Preciso de você.

O coração dela se sobressaltou, apertando-se com uma emoção violenta. Lágrimas brotaram sob suas pálpebras e ela se inclinou para

baixo de modo que seu rosto pairasse exatamente sobre o dele. Olhou para Drake com ternura.

— Também preciso de você, Drake. Não vou a lugar algum. Pelo tempo que me quiser, serei sua.

Satisfação brilhava feroz nos olhos dele.

— Me beija — ordenou. Evangeline levou os lábios até os dele e os lambeu, fazendo com que se abrissem. Então, mergulhou boca adentro, provando Drake, absorvendo sua essência. Ele retirou uma das mãos da bunda dela e a enroscou grosseiramente em seus cabelos, segurando-a contra sua boca de forma que não conseguiria escapar.

— Você é perfeita — ele disse, em uma voz áspera, sufocada. — Não te mereço. Não depois de tudo o que fiz, mas, que Deus me ajude, não posso abrir mão de você. Vou compensar meus erros, Angel. Nem que seja a última coisa que eu faça. Vou compensar tudo para você.

— Você já compensou — ela sussurrou. — Foi me resgatar.

De repente, ele passou os braços ao redor dela e rolou rapidamente, colocando-a embaixo dele, pressionando-a contra o colchão com seu peso. Depois, mergulhou profundamente, abrindo ainda mais as pernas dela que, em seguida, colocou sobre os ombros, apoiando-a completamente aberta e sem obstáculos. Ela também não queria nenhum obstáculo.

— Não vou aguentar muito mais — ele gemeu, com os dentes cerrados. — Está perto, amor? Quero você comigo.

Evangeline estendeu a mão para acariciar a linha firme da mandíbula dele.

— Estou com você, Drake. Não pare.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, totalmente enfiado no corpo dela. Então, fez uma breve pausa e começou a meter forte, furiosamente, o som de carne batendo em carne soava alto no quarto.

Cada músculo no corpo de Evangeline se contraiu, preparando-se para o gozo. O prazer foi crescendo e crescendo até que ela se sentiu completamente invadida, com tanto tesão que estava prestes a explodir. Fechou os olhos, mas lembrou-se da ordem de Drake de mantê-los

abertos, fixos nele, e obedeceu: encarou seu olhar intenso, observando a intensidade de seus olhos enquanto ele se aproximava do orgasmo.

— Agora — Drake ofegou. — Venha comigo. Se solte. Agora!

Ele metia com tanta fúria dentro dela, que os corpos deles se movimentavam pela cama até que a cabeça dela batesse na cabeceira da cama. O corpo inteiro de Evangeline se contraiu e estremeceu. Um grito estava na ponta da língua e então foi simplesmente demais. Não podia mais se segurar e deixou escapar o grito agudo quando o mundo explodiu ao seu redor e seu corpo ficou mole, a euforia borbulhando em suas veias, seus músculos se relaxando.

Prazer, tanto prazer. Um prazer gostoso e indescritível a inundava, onda após onda. Ela estava voando, flutuando nas nuvens, completamente sem peso. Lágrimas escorriam por sua face, não de tristeza, mas de imensa alegria e contentamento.

— Não chore — Drake sussurrou, e bebeu as trilhas de umidade e as beijou. — Nunca chore, meu amor.

— Não consigo evitar — ela disse, com a voz trêmula. — É tão bonito. A coisa mais linda que já experimentei. Estou tão feliz agora, Drake. Quando pensei que nunca mais seria feliz.

Ele pareceu se sentir torturado por aquela declaração sincera e baixou seu corpo para o dela. Abraçou Evangeline, segurando com firmeza, sem parar de beijar suas lágrimas.

— Tudo será diferente de agora em diante, Angel — ele assegurou, com a maior sinceridade. — Juro por minha vida. Você é a minha prioridade. Você vem primeiro. Sua felicidade e segurança vêm antes de tudo. Eu e meus homens vamos garantir isso. Com o tempo, você vai confiar em mim novamente. Só me dê uma chance.

— Mas, Drake, eu confio em você — Evangeline disse, segurando o rosto dele. — Por favor, acredite nisso, se não acredita em mais nada. Já te perdooi. Não vamos ficar presos ao passado, vamos nos concentrar no futuro.

Drake pareceu convencido, encostando a testa na dela, com a respiração entrecortada. Fechou os olhos e beijou sua boca carinhosamente.

— Não te mereço — ele disse, triste, repetindo sua declaração anterior. — Mas estaria perdido sem você comigo.

— Não vou deixar você me deixar escapar — Evangeline disse. — Preciso de você, Drake. Não posso viver sem você. Não quero viver sem você.

Ele a puxou para si, com o corpo tremendo de emoção. Seus olhos estavam fechados e ele apenas a abraçou.

— Graças a Deus — Drake sussurrou. — Graças a Deus.

Ficaram ali mais um pouco e, então, relutante, Drake se afastou e rolou para o lado, de modo que pudessem se encarar.

— Vou passar o dia com você — anunciou, para surpresa dela.

Embora estivesse declaradamente atrasado para o trabalho, Evangeline esperava que ele fosse sair em algum momento, e não conseguiu conter um olhar de surpresa.

— Vou te levar para almoçar e, depois, pensei em fazermos um passeio de carruagem no Central Park. Aí poderíamos ir ao mercado e pegar alguns ingredientes. Gostaria que cozinhasse para mim hoje à noite e que ficássemos por aqui mesmo.

As bochechas dela se aqueceram de prazer.

— Algum pedido especial?

Ele a beijou.

— Surpreenda-me.

No mesmo instante, Evangeline começou a maquinar, pensando em algumas de suas especialidades que ainda não tinha preparado para ele.

— Tenho de voltar ao trabalho amanhã, mas vou providenciar um esquema de segurança que possa te acompanhar a qualquer lugar que queira ir.

Seu coração murchou imediatamente. Ainda não estava preparada para encarar os homens de Drake. Só de pensar, a humilhação invadia seu ser.

— Talvez outra hora — ela murmurou. — Não tenho nada em mente para amanhã. Prefiro ficar no apartamento e relaxar.

Ele a beijou uma última vez antes de ir para a beira da cama e se levantar.

— Do jeito que quiser, amor. É só pedir que é seu.

Sentiu borboletas no estômago e no seu peito com a ternura e o afeto evidentes na voz dele. Ele não estava blefando. Drake simplesmente não era esse tipo de homem. Era franco até demais e não poupava os sentimentos de ninguém para dizer o que pensava. E cada palavra que ele lhe disse desde que a reencontrara tinha sido absolutamente sincera.

Não precisava oferecer banalidades nem acariciar o ego de ninguém para persuadi-los a cumprir suas ordens. Era um sujeito do tipo ame ou deixe. Evangeline admirava aquela honestidade mesmo que às vezes fosse dolorosa. Ao menos, nunca tinha precisado perguntar o que ela significava para ele. Não havia nenhuma suposição e nenhuma dúvida de que Drake queria de verdade que ela estivesse em sua vida.

Ainda tinha dificuldade de entender por que, entre tantas mulheres bonitas, sofisticadas e muito mais materialistas na cidade, ele tinha ido atrás justo dela. E fizera isso sem subterfúgios, sem joguinhos, flertes ou rodeios em torno da questão. Pegou o que queria e se recusou a aceitar não como resposta.

Talvez não ganhasse o título de feminista do ano, mas Evangeline se refestelava com seu domínio, sua autoridade, o fato de que ele tomava todas as decisões e esperava que ela se resignasse e permitisse que cuidasse dela de todas as maneiras concebíveis.

Se precisasse escolher entre ser uma princesa mimada e protegida ou uma mulher que se recusaria a permitir que Drake controlasse sua existência, nem sofreria para se decidir. Drake fazia com que ela se sentisse a única mulher do mundo para ele, a mulher mais linda com a qual já tinha se envolvido; não tinha dúvida de que ele já tinha se envolvido com inúmeras mulheres, mas, cadê todas elas agora? Elas não estavam por perto, e Evangeline pertencia a ele de coração e alma. Isso tinha que significar algo, certo?

Mesmo algo totalmente novo para Evangeline — sua autoconfiança — tinha se fortalecido de um modo que ela jamais experimentara: ela se repreendia para não se tornar confiante demais. Arrogante demais. Afinal, poderia muito bem ser apenas um desafio temporário para Drake. Uma diversão. Outras mulheres poderiam ter sido o mesmo, o que explicaria o sumiço delas: Drake se entediava e precisava de um novo desafio, por isso as dispensava e partia para a próxima conquista. Ela mordeu o lábio e ficou mordiscando, consternada. *Para, Evangeline! Pelo amor de Deus, você está sendo uma covarde infeliz.* Se Drake realmente estivesse envolvido com o relacionamento deles e ela continuasse com essas inseguranças e falta de autoconfiança, ela é que acabaria o afastando. Não o contrário.

Ele escolheu você. Ele poderia ter qualquer mulher e, no entanto, ele te viu por uma câmera de segurança e te escolheu. Isso tem que significar alguma coisa.

Embora Evangeline não tivesse passado muito tempo na boate de Drake, não era cega. Tinha visto em primeira mão todas as pessoas bonitas que estavam lá. Homens e mulheres, mas principalmente as mulheres. Corpos lindos das mais variadas alturas e etnias, algumas pequenas e cheias de curvas, outras altas com pernas fatais e um sorriso de um milhão de dólares, sem falar dos cabelos perfeitos, da pele, da roupa, da maquiagem.

E, ainda assim, por alguma razão que a deixava espantada, Drake tinha mirado nela e a possuído segundos depois de se verem cara a cara pela primeira vez. Balançou a cabeça. Essas coisas simplesmente não aconteciam com uma menina como ela, de uma cidadezinha minúscula do Mississippi. Ela era desajeitada, desastrada, tímida e extremamente conservadora. Por isso, só tinha perdido a virgindade recentemente, com um homem que era todo errado para ela. E como era ingênua. Meu Deus, ela só podia ser a mulher mais crédula e ingênua do planeta. Então, o que diabos Drake via nela?

— Evangeline, o que há de errado? — Drake perguntou, interrompendo seus devaneios.

Ela corou, sentindo-se culpada por ser pega viajando em seus pensamentos. Não tinha a menor chance de contar a Drake o que estava pensando, mesmo que tivesse uma propensão a vomitar a verdade, por mais embaraçosa que fosse. Pela primeira vez, mentiria para ele, e tinha prometido nunca mentir para ele. Mas a verdade só o irritaria e arruinaria o que estava sendo uma manhã perfeita. Ela justificou sua mentira dizendo a si mesma que não era uma mentira maldosa. Não estava traindo Drake, nem negando a verdade sobre algo que realmente importava. Porém, mesmo assim, não se sentia melhor. Odiava mentir. Odiava.

— Estava só tentando pensar no que cozinhar para o jantar esta noite — ela disse, tentando parecer descontraída.

Drake observou Evangeline por um momento e ela sentiu as bochechas ruborizando, porque viu que ele não tinha engolido aquela desculpa esfarrapada. Mas, para sua surpresa, ele não a desmascarou, nem fez pressão para obter respostas.

— Vamos tomar um banho juntos e depois vamos almoçar. Em seguida, vou te levar para aquele passeio de carruagem.

Ela suspirou, contente.

— Parece um dia perfeito.

— VOCÊ PENSA EM DEIXAR EVANGELINE sair do apartamento algum dia? — Maddox perguntou secamente.

Drake levantou os olhos bruscamente, e um exame rápido de seus homens revelou que tinham nos olhos a mesma pergunta que Maddox verbalizara. O questionamento surgiu de repente e não tinha nada a ver com os assuntos de negócios que estavam discutindo. Aliás, seus assuntos pessoais não estavam abertos para discussão. Pelo visto, precisava deixar isso claro.

— Do que está falando? — Drake perguntou. — Não consigo entender como o meu relacionamento com a Evangeline seria da sua conta.

Seu tom era frio e suas feições, glaciais, enquanto encarava seus homens. Havia desaprovação nos olhos deles, e Drake ficou furioso. Estava tentado a dar uma surra em cada um deles. Se agora dessem para ficar julgando seu relacionamento com Evangeline, estava perdido. Foda-se.

— Bom, não sei. Vamos ver. Ela não pôs os pés para fora de seu apartamento desde que a levou de volta para lá. Merda, ninguém nem viu Evangeline. Você ia fazer dela a sua rainha e assumi-la em público, mas ela está mais sumida agora do que antes.

Os olhos de Drake se estreitaram diante da crítica implícita na voz de Maddox. Como se Drake estivesse tentando manter Evangeline escondida.

— Ela está livre para ir e vir como bem entender — Drake declarou, com frieza. — Está ciente da necessidade de segurança reforçada e não se opôs. Ofereci que alguns de vocês a acompanhassem aonde quer que ela quisesse ir, mas até agora ela se recusou, preferindo ficar em casa.

— Droga, ela deve estar com vergonha — Justice disse, com desgosto. — Ela não tem como saber o que ou o quanto sabemos, embora provavelmente suspeite que estamos informados de cada detalhe do que aconteceu naquela noite. É compreensível a razão pela qual não está muito ansiosa para ter que lidar com o julgamento dos outros.

— Quem diabos diz que ela vai ser julgada? — Silas perguntou, puto da vida.

Justice olhou para ele com impaciência.

— Evangeline tem orgulho. De sobra. Não estou dizendo que qualquer um de nós a julgaria. *Ela* não fez nada de errado. — Justice lançou um olhar afiado em direção a Drake, que o fez cerrar os dentes. — Mas ela não sabe o que ou o quanto sabemos ou de que lado estamos. É provável que esteja evitando a todos nós. Não a culpo. Não posso dizer que não faria exatamente a mesma coisa se estivesse em seu lugar. Pela sua maneira de pensar, ela já foi humilhada o bastante.

— Foda-se — Maddox rosnou. — Não vou deixar ela acreditar nessa merda do caralho.

— Vou dar uns cascudos em Evangeline — Silas esbravejou, silenciando Maddox.

Drake lançou um olhar cortante na direção de Silas.

— Ah, vai?

Silas sustentou o olhar de Drake, sem recuar.

— Sim, eu vou. Vou deixar bem claro para ela que qualquer merda em que esteja pensando é apenas isso: merda! Tínhamos combinado antes de pedir comida e almoçarmos juntos uma vez por semana. Então, vou pegar o delivery e ir até sua casa amanhã, e vou pôr os pingos nos “is”. Sem chance de Evangeline continuar se escondendo por vergonha de uma situação em que era inocente.

Drake quase não conseguiu se controlar. Só porque sabia que Silas preferiria cortar a própria garganta antes de trair alguém que considerava um irmão — sua única família — é que foi capaz de segurar a raiva que sentiu quando ouviu a condenação na voz de Silas. Merda, como se Drake já não estivesse se culpando o bastante e precisasse ser lembrado a toda instante pelos homens que lhe eram leais.

Contudo, a raiva fervilhante diminuiu rapidamente e então Drake se sentiu grato pela defesa feroz de Silas e pelo respeito que demonstrava por Evangeline. Não sabia de nenhuma outra pessoa que tivesse ganhado assim a consideração de Silas, salvo pelos homens reunidos ali em seu escritório. E assumir Evangeline publicamente causava em Drake um medo paralisante — uma emoção a que não estava acostumado. Mas para tornar seu relacionamento público, ele precisaria que todos os seus homens tivessem lealdade incondicional a Evangeline, porque confiaria neles tanto quando confiava em si mesmo para mantê-la segura o tempo todo.

E Justice provavelmente tinha chegado à conclusão certa. Drake praguejou por não ter lhe ocorrido que Evangeline estaria com vergonha demais para encarar seus homens, mas, agora que Justice tinha dito aquilo, parecia bastante provável. Aquela noite tinha sido degradante e humilhante demais para Evangeline. Claro que ela não ia querer estar com pessoas que sabiam de cada detalhe do que tinha acontecido.

Ele também tinha acertado na mosca sobre Evangeline ter um orgulho feroz. Era uma das características que Drake mais admirava nela.

— Silas está certo — Drake admitiu. — A poeira precisa baixar e Evangeline tem que ficar à vontade. Não quero que ela se sinta desconfortável justamente com as pessoas a quem confio a vida dela. — Fez uma pausa e dirigiu um olhar firme para cada um de seus homens, um de cada vez. — No entanto, já que Silas quer pôr os pingos nos “is”, quero deixar bem claro que aquela noite jamais deve ser mencionada na presença de Evangeline. A menos que ela toque no

assunto, isso é para ser esquecido, e mesmo se ela abordar o que aconteceu, vocês não dirão nada que possa incomodá-la ou a deixá-la envergonhada de alguma forma. Quase a destruí na minha tentativa de mantê-la fora do radar dos Luconi, e não vou permitir que se fale ou se faça nada que lhe traga ainda mais dor.

Maddox bufou de desgosto.

— Que tipo de canalha acha que somos? Evangeline é uma mulher doce. Inocente e meiga até demais para seu próprio bem. Machucá-la seria como chutar um maldito cachorrinho indefeso. Só um idiota de merda ia querer humilhá-la ou jogar a merda no ventilador.

— Só quero ter certeza de que estamos todos entendidos — Drake disse, com calma. — Não vou deixá-la escapar, o que significa que ela será parte da nossa rotina diária. Quanto mais cedo Silas conseguir abrandar o clima com Evangeline e deixá-la à vontade de novo com todos vocês, mais cedo as lembranças daquela noite desaparecerão.

— Vou cuidar disso amanhã — Silas reafirmou e Drake assentiu.

— Veja o que pode fazer. Maddox, talvez você devesse acompanhar Evangeline em um passeio no dia seguinte. Peça-lhe que faça uma lista e vá com ela comprar os ingredientes de que precisa. Ela gosta de cozinhar e de sentir que está contribuindo e sendo útil. Não vou tirar isso dela. Leve Justice com você. Ela precisa se acostumar a ter vocês por perto de novo, sem qualquer constrangimento residual.

— Ela pode cozinhar para mim sempre que quiser — Justice declarou, esperançoso. — Talvez, se eu me comportar bem, possa abocanhar um convite dela para jantar.

Drake revirou os olhos enquanto os outros faziam coro a Justice para elogiar os dotes culinários de Evangeline e expor seus desejos de serem convidados para jantar. Drake não era estúpido. Seus homens apreciavam mais do que apenas as habilidades culinárias dela. Se Drake não fosse cuidadoso e fôdesse com Evangeline novamente, alguns de seus homens investiriam nela sem pensar duas vezes, e a tratariam como uma rainha, mimando-a descaradamente. Então ele seria obrigado a acabar com a raça deles.

Drake sentou-se em sua cadeira e se voltou para Silas.

— Preciso de tantos olhos na rua quanto possível. Quando as informações sobre meu relacionamento com Evangeline começarem a vazar, quero olhos e ouvidos por toda a cidade e quero saber de qualquer possível ameaça a ela *antes* que haja chance de se concretizar.

— Já estou cuidando disso — Silas garantiu, sem mostrar alterações com a intensidade de Drake. — Tenho olhos e ouvidos em toda parte. Se alguém estiver planejando qualquer ação, serei o primeiro a saber. Desde que Evangeline não fique sozinha e, principalmente, não saia andando pela cidade sem ninguém ao seu lado, estará segura.

Drake franziu o cenho.

— Ela não vai por os pés na rua sem ter vários homens ao seu lado. Não vai a lugar algum sem proteção, e haverá seguranças no apartamento quando ela estiver lá sozinha durante o dia.

— Sabe que a maneira mais eficaz de dar credibilidade aos rumores sobre seu relacionamento com Evangeline seria aparecer em algum evento social com ela pendurada em seu braço — Hartley comentou. — Você nunca trouxe uma mulher para nenhum dos eventos aqui. Nas poucas vezes em que decidiu vir, foi sempre como um lobo solitário e um tanto inacessível. Imagino que só isso já causaria bastante burburinho. Some isso aos rumores de que está envolvido em um relacionamento sério com Evangeline e deixará toda a cidade em polvorosa.

Drake enrijeceu, a mandíbula contraída a ponto de doer. Não gostava da ideia de usar Evangeline ou de exibi-la como um cavalo premiado apenas para passar uma mensagem. *Porra*. Mas, por outro lado, Hartley tinha argumentado bem. Se quisesse espalhar por toda a parte que Evangeline era sua rainha adorada e mimada e que qualquer um que mexesse com ela teria uma morte lenta e dolorosa, precisava dar provas concretas e não apenas falar. As ações tinham que apoiar as palavras.

O que significava uma noite em companhia polida, perto de pessoas que ele desprezava ou que o desprezavam, pessoas que queriam seu apoio e suporte financeiro para seus planos mais recentes, ou

simplesmente pessoas que ele achava entediadas e falsas. Nenhum dos cenários era atraente. E expor Evangeline a um verdadeiro ninho de cobras o deixava com um gosto ácido na boca. Ela não merecia ser alvo de zombarias nem ser intimidada, e certamente não merecia ser atormentada e perseguida porque não vinha de um status social muito alto.

Drake gostava e *respeitava* que ela fosse inexperiente e seguisse intocada pela ganância e ambição. Ela era tão genuína quanto é possível ser, alguém que um mês antes ele jamais acreditaria que pudesse existir, ou melhor, que achava que só existia no reino do bom demais para ser verdade. Drake ficou calejado e cínico ainda muito jovem — não tivera escolha. Mas Evangeline era uma lufada de ar fresco, diferente de tudo que vira antes. Ela o fazia acreditar que ainda existia bondade verdadeira no mundo, por mais que fosse em quantidade limitada.

Era como ele a tinha apelidado, um... anjo. Bondosa até o último fio de cabelo, incapaz de trapanças e traições. Jesus. Ele estava começando a parecer um garoto na puberdade, encantado, idealista, sem a menor noção de como o mundo real funciona.

Era Evangeline que não tinha uma compreensão clara da humanidade e da sua natureza tortuosa, e era seu dever protegê-la daqueles que não pensariam duas vezes em acabar com ela e tirar proveito de sua bondade inerente.

Ele se recriminou por dentro. Parecia que estava criticando Evangeline. Como se ela tivesse uma falha e fosse estúpida demais para viver, quando nada poderia estar mais longe da verdade. Não queria dizer que ela não tinha um entendimento da realidade. Ela tinha sentido o peso da realidade na pele graças a seu primeiro amante e agora a Drake, o homem que tinha jurado nunca machucá-la. Ela era apenas doce ao extremo e preferia ver o lado bom das pessoas, a não ser que não tivesse escolha. Seu coração era muito sensível e, por isso, ela precisava de alguém para protegê-la daqueles que se aproveitariam de seu espírito generoso.

— Alguns de vocês irão conosco — Drake ordenou. — Não é opcional. Não vou atirá-la aos lobos, vocês sabem tão bem quanto eu que eles acabariam com ela e iam adorar fazer isso. Ela estará cercada por mim e por vocês o tempo todo e ninguém, repito, ninguém, vai passar por vocês e chegar até ela para encher sua cabeça de merda ou fazê-la sentir que ali não é seu lugar. Caso contrário, corto fora o saco de vocês.

— É com as vadias que terá que tomar cuidado. Muito mais do que com qualquer homem — Maddox declarou, em tom de constatação. — Assim que as mulheres que você dispensou ou rejeitou completamente a virem de braço dado com você, quando mulher alguma jamais conseguiu isso, elas vão botar as garras para fora e vão tentar fazer picadinho de Evangeline.

Os outros concordaram solenemente.

— E é por isso que todos vocês formarão uma barreira impenetrável ao redor dela e afastarão qualquer um que tente se aproximar dela — Drake disse, enfático.

— Jesus... — Zander gemeu. — Isso significa que eu tenho que vestir aquela roupa de pinguim de novo?

— Se o resto de nós for sofrer, você também vai — Thane riu.

— Não estou brincando — Drake reafirmou, com a expressão dura. — Evangeline deve ser protegida a qualquer custo. Não permitirei que seja abusada ou humilhada nunca mais. Se deixarem alguém passar, responderão a mim. Está claro?

— Evangeline é nossa, chefe — Justice disse. — Ela é sua, sim, e logo é nossa também. A única maneira de alguém conseguir chegar até ela será passando por cima do meu cadáver.

Drake analisou as expressões de seus homens e viu que Justice falava a verdade. Evangeline de fato pertencia a todos eles. Era uma deles, o que significava que cada um a protegeria como protegia os outros.

Drake acenou com a cabeça, reconhecendo e aceitando o voto de seus homens de se colocarem entre Evangeline e o caminho do mal. Um pouco da tensão que vinha sufocando suas entranhas desde que

decidira assumir Evangeline publicamente se aliviou, e, pela primeira vez desde que Evangeline o deixara, Drake relaxou.

Seus homens — seus irmãos — eram ponta firme. O melhor dos melhores. Confiava sua vida a eles e agora confiava a de Evangeline também. Sabia que Justice não estava apenas falando da boca para a fora. Ele e todos os seus homens se colocariam na linha de frente por Evangeline. Morreriam por ela assim como morreriam por ele. Era o tipo de lealdade que não se podia comprar. Tinha sido conquistada e era recíproca, porque ele também daria a vida por qualquer um deles, e eles sabiam muito bem disso.

— Vou dar uma olhada nos meus convites — ele cedeu. — Há sempre uma pilha deles na minha mesa. Vou escolher um que proporcione a maior exposição a mim e a Evangeline e, então, vou dar o show de um jeito que não deixará dúvidas na cabeça de ninguém. Depois dessa noite, ninguém duvidará que Evangeline pertence a mim e está sob minha absoluta proteção.

Silas olhou fixamente para Drake, como se estivesse descascando suas camadas e fazendo dele um livro aberto.

— Então é isso que é? Um show? — ele perguntou, em uma voz sombria.

Drake fechou a cara, e ele olhou friamente para Silas, páreo a páreo com a intensidade daquele homem que o questionava.

— Ela é minha e isso é tudo que você precisa saber. O que há entre mim e Evangeline é estritamente nosso. Fica entre nós, e não está aberto para discussão ou análise.

Os lábios de Silas se contraíram, mas ele não aprofundou o assunto. Maddox não parecia mais satisfeito do que Silas com a resposta de Drake, mas, como Silas, não falou mais daquilo.

— Agora, se isso é tudo o que tínhamos para discutir, podemos encerrar o dia — Drake anunciou. — Vou ficar em casa e não vou para a boate hoje, então vou precisar de vocês, Zander e Hartley, para cobrir, e de Maddox. Se houver algum problema, me liguem. Evangeline e eu planejamos ficar em casa hoje à noite, mas posso trazê-la comigo se algo precisar de minha atenção.

EVANGELINE CAMINHAVA DE UM LADO para outro pela sala do apartamento de Drake, nervosa e tensa. Estava prestes a ficar louca com a reclusão autoimposta dos últimos dias. Queria sair, tomar ar fresco, dar um passeio, qualquer coisa. Mas fazer isso exigiria uma equipe de segurança dos homens de Drake. Homens que ela estava envergonhada demais para encarar.

Sabia que não tinha razão para sentir vergonha. Não era culpada, mas não podia suportar a ideia de enfrentar o escrutínio deles e ver, em seus olhos, que sabiam o que tinha acontecido. Se enxergasse julgamento ou compaixão, nenhum dos dois era uma opção desejável.

Com um suspiro, ela se jogou no sofá, abriu os braços e se deitou. Tinha de encontrar algo, qualquer coisa, para fazer. Ninguém merecia ficar o dia inteiro sentado sem fazer nada. Dava-lhe tristeza pensar que se tornaria uma daquelas mulheres que não tinham vida, além do que estivesse relacionado ao seu homem. Não era uma idiota desamparada, mas, olhando para ela, não era essa a ideia que se tinha. Deus sabia que ela não estava agindo como uma mulher independente e autossuficiente.

Era louca por aceitar Drake de volta tão facilmente? Ainda havia tantas perguntas sem resposta em sua mente — perguntas que ela não tinha certeza de que queria saber a resposta —, mas, ao mesmo tempo, uma preocupação chata a consumia. Não poderia viver na ignorância para sempre, poderia?

Não poderia viver sua vida como uma covarde, com a cabeça enfiada na areia. Logo ela teria de confrontar Drake e lhe fazer as perguntas que estavam perfurando seu cérebro. Mesmo que isso significasse perdê-lo.

A dor subiu por suas veias e ela foi dominada pelo sofrimento. Fechou os olhos. Não, não chegaria a tanto. Certamente, havia uma explicação bastante razoável para o segredo em que Drake estava envolvido, as medidas extremas de segurança que ele tinha implementado e sua preocupação exagerada com a proteção dela.

Como sua mãe sempre dizia, era melhor não se precipitar.

O zumbido do interfone a assustou e interrompeu seus pensamentos conturbados. Ela se levantou de um pulo do sofá para correr até o aparelho. Apertou o botão.

— Sim?

Sua voz estava trêmula, e ela respirou fundo para acalmar os nervos desgastados.

— Senhorita Hawthorn... Evangeline — Edward disse, em voz amigável. — Há alguém aqui para te ver. Deixo subir ou devo dizer que não está recebendo visitas?

Seu pulso se acelerou. Quem estaria ali para vê-la? Eddie não era tão estúpido. Não, não poderia ser ele.

— Quem é? — perguntou, nervosa.

— O nome dele é Silas. Ele trabalha com o Sr. Donovan, como tenho certeza de que está bem ciente.

O coração de Evangeline se apertou e um nó se formou em seu estômago. Oh Deus, ela ainda não estava preparada para enfrentar nenhum dos homens de Drake. Por que ele estava aqui? Estava prestes a dizer a Edward que estava indisposta, mas não quis continuar sendo uma covarde. Endireitou a coluna e respirou fundo.

— Deixe ele subir, Edward, e obrigada.

— Por nada, Evangeline — ele disse, calorosamente.

Caminhou agitada enquanto esperava o elevador chegar e então percebeu que estava parada bem perto da porta, como se estivesse preocupada com aquela visita inesperada. Correu para a sala de estar,

ligou a televisão e se acomodou no sofá, como se estivesse desfrutando de um dia relaxante sem qualquer preocupação. A última coisa que queria era que os homens de Drake a vissem como uma fracote.

Ficou tensa quando as portas do elevador se abriram, mas se forçou a relaxar e, em seguida, levantou-se com um sorriso acolhedor no rosto. Na verdade, suas feições estavam rígidas, congeladas e falsas como o inferno. Ela só esperava que Silas não enxergasse através do seu fingimento.

Quando contornou o sofá para cumprimentá-lo, ficou surpresa ao vê-lo carregando várias sacolas de comida. Confusa, apressou-se em ajudá-lo a segurar as que estavam por cima e lhe lançou um olhar de dúvida.

— Qual é a ocasião? — perguntou, confusa.

Ele colocou as sacolas restantes na ilha da cozinha e, em seguida, pegou as que estavam com Evangeline e começou a retirar recipientes de dentro delas e alinhá-los em estilo buffet.

— A gente tinha combinado de se encontrar uma vez por semana para comer delivery — ele explicou, calmo. — Ou você esqueceu?

Evangeline corou, o calor ardendo em suas bochechas, e ela olhou para longe, incapaz de encará-lo nos olhos.

— Não — ela respondeu, em voz baixa. — É que pensei...

— Pensou o quê? — Silas perguntou, sem rodeios.

Ela lambeu os lábios secos e ficou inquieta, retorcendo os dedos em agitação.

— Não sabia se você ainda ia querer vir almoçar comigo — ela sussurrou.

Silas deixou escapar uma torrente de palavrões cabeludos que a fez estremecer. Então, separou as mãos dela, que estavam firmemente apertadas. Pegou uma delas e a aninhou na dele.

— Olhe para mim, Evangeline.

Não foi um pedido. Ninguém que tivesse ao menos meio cérebro poderia interpretar as declarações de Silas como algo além de um comando. Relutante, ela levantou a cabeça para olhar em seus olhos, e

a raiva que borbulhava ali quase a fez fugir o mais rápido que pôde. Ele parecia... perigoso. E estava extremamente puto.

— Me escute, Evangeline, e escute bem, porque só vou dizer uma vez e você vai prestar atenção às minhas palavras ou então, eu juro, vou cumprir minha ameaça de te dar uns cascudos.

Ela engoliu em seco, os olhos arregalados de pânico.

— *Você não fez nada* de errado — ele disse, em um tom firme. — Não tem culpa de nada que aconteceu naquela noite. A culpa é exclusivamente do Drake, mas ele estava em uma situação muito difícil e fez o que pôde para te proteger. Ele não tinha ideia de que você estaria aqui. Se tivesse, jamais teria trazido aqueles homens para menos de um quilômetro de você. Ele se odeia pelo que fez, e eu não posso dizer que estou muito feliz com ele, mas, ao mesmo tempo, dadas as circunstâncias e o fato de que foi pego desprevenido, ele fez o que pôde e ninguém o puniu mais do que ele mesmo por ter te machucado.

— Ele me explicou — Evangeline sussurrou. — Não entendi completamente, mas ele me disse o mesmo que você.

— Agora talvez você possa me explicar por que diabos acha que eu ou qualquer um dos outros poderíamos te culpar ou pensar mal de você quando você foi tão ferida e humilhada?

Ela mordeu o lábio, decidida a não chorar. Merda, já tinha chorado o suficiente. Não choraria mais. Era hora de se manter de pé e ser mais forte. Ela tinha a casca grossa. Como provaria ser digna de um homem como Drake se sempre agia como uma fracote chorona?

Como ela não respondeu imediatamente, Silas suspirou e apertou sua mão em um gesto reconfortante.

— Eu e todos os outros cuidamos de Drake. Incondicionalmente. Cada um de nós daria a vida por ele sem hesitação, e ele faria o mesmo por nós. Essa lealdade e proteção se estende a você também. Além disso, nossa proteção a você não é restrita ao fato de estar com Drake. Não mais. Se algo acontecer entre você e Drake, nossa lealdade a você não acaba. Se algum dia precisar de alguma coisa, espero que entre em contato conosco. E, se não conseguir de jeito nenhum fazer isso, é *bom*

que entre em contato comigo, porra! E reitero: para qualquer coisa. Entendeu?

Evangeline olhou para ele com incredulidade.

— Mas não sou ninguém! Você nem me conhece tão bem. Sua lealdade é e deve ser de Drake.

— Agora você só está me irritando ainda mais — ele rosnou. — Se eu permitir que uma mulher inocente sofra por não fazer nada além de ser uma pessoa bonita por dentro e por fora, isso não faz de mim um homem. E se isso me custar o meu relacionamento com Drake, que assim seja. Estou bastante acostumado a ser um lobo solitário e a não responder a ninguém. Agora, chega dessa conversa ridícula. A comida está esfriando.

Abalada por aquela declaração enfática, Evangeline foi até o armário e retirou vários pratos. Depois, pegou utensílios na gaveta. Quando voltou para a ilha, Silas estava abrindo as várias embalagens.

— Não sabia o que você ia estar a fim de comer, então trouxe um monte de opções. Tenho todos os seus pratos tailandeses e chineses favoritos, bem como entradinhas e aperitivos, incluindo asa de frango, palitos de queijo, molho de espinafre, chips de batatas fritas ao molho de queijo, dois tipos de tiras de frango e algumas outras coisinhas que peguei para você experimentar.

Evangeline sentiu a boca salivar e seu estômago grunhiu, contente.

— Parece maravilhoso — Evangeline disse, baixinho. Então, olhou nos olhos dele com sinceridade. — Obrigada, Silas. Significa muito para mim.

A expressão dele se suavizou.

— Na próxima semana, vou trazer algo diferente para a gente experimentar. Dessa vez, quis trazer comida que sabia que ia gostar.

— Já estou ansiosa — ela disse, honestamente. — Odeio estar presa aqui. Estou ficando louca.

Ele franziu o cenho.

— Então acho que já está na hora de parar de se esconder no apartamento de Drake e sair mais. Não tem motivo para ficar com

vergonha de mim ou de qualquer outro homem do Drake. Eles sabem que ele foi um babaca. Eu sei que ele foi um babaca. E que nada daquilo foi culpa sua. Amanhã de manhã, Maddox virá aqui para te levar às compras junto com alguns dos outros homens.

— Para quê? — ela perguntou, ainda mais nervosa do que antes.
— Não preciso de nada.

Ele riu e Evangeline olhou para ele, atônita, porque Silas não era um homem propenso a rir. Aquilo transformava todo o seu rosto, fazendo-o parecer mais jovem e extremamente bonito.

— Quem disse que fazer compras tem a ver só com necessidade? Fazer compras pode ser divertido.

Evangeline franziu a sobancelha, pensativa.

— Acho que posso começar minhas compras de Natal — ela disse, meio sem jeito, pensando em seu dinheiro limitado e imaginando até que ponto poderia fazê-lo render agora que tinha muito mais gente na sua lista de presentes.

Silas ficou olhando para ela, como se pudesse lê-la como um livro. E Evangeline teve certeza disso quando os olhos dele se apertaram e ele se levantou de repente e foi até a gaveta em que ela tinha escondido os cartões de crédito e o dinheiro que ele lhe dera. Lera seus pensamentos como se tivessem sido transmitidos em luzes de néon.

— Você se esqueceu do dinheiro e dos cartões de crédito? — Silas perguntou. Ela sacudiu a cabeça miseravelmente.

— Então sabe usá-los — ele disse, direto.

Ela suspirou, infeliz.

— Isso não é fácil para mim, Silas. Odeio a ideia de ser uma mulher sustentada que não faz... nada.

A expressão de Silas se suavizou e ele fechou a gaveta antes de voltar para seu assento na ilha.

— Compreendo o orgulho quando o vejo, Evangeline. E respeito isso. Drake tem mais dinheiro do que jamais usará em dez vidas. Não vai nem sentir falta do pouco que você gastar. Mas, se ficar sabendo que se recusou a usar seu dinheiro ou seus cartões de crédito, ele não

ficará feliz. Já se sente culpado o bastante pelo que rolou com você naquela noite, e de sua participação em toda aquela bagunça sórdida. Vai continuar punindo-o e rejeitando os mimos que ele quer te dar?

Ela olhou para Silas boquiaberta, reconhecendo os argumentos que ele apresentara em sua declaração. Não queria punir mais Drake. Ambos tinham sofrido o suficiente, e tudo o que ela realmente queria era poder seguir em frente e esquecer que aquela noite acontecera.

— É tão importante assim para ele? — ela perguntou, baixinho.

— Não seria para você? — Silas devolveu a pergunta. — Se alguém com quem se importa se recusasse a aceitar algum presente que você quisesse lhe dar, não ficaria chateada?

Ela mordeu o lábio e, devagar, fez que “sim” com a cabeça.

— Acho que posso dizer que Drake vai te levar para sair à noite em breve. Talvez possa aproveitar as compras de amanhã para comprar um vestido para a ocasião, além de sapatos e todos os outros acessórios. Drake é uma figura muito importante nos círculos que frequenta e, embora eu prefira cortar a língua antes de lhe dizer o que vestir ou que aparência ter, sei o bastante sobre você para saber o tamanho do seu orgulho, e que ia querer deixar Drake orgulhoso.

Evangeline sentiu a mente se acelerar a mil quilômetros por hora.

— Sair comigo? Mas aonde a gente vai?

— Não tenho certeza de qual convite ele decidiu aceitar — Silas respondeu. — Mas ele vai fazer uma declaração. Uma que você não será capaz de interpretar mal. Ele quer que o mundo saiba que você é dele e que ele valoriza o que é dele. Até a morte dele — e de todos os outros. Compre um vestido do caralho que fará Drake matar de inveja todos os outros homens presentes, um que garantirá que ele não consiga tirar as mãos de você a noite inteira.

Evangeline teve um ataque de riso.

— Você tem toda essa confiança em mim?

Luz raiou nos olhos escuros de Silas, que cintilaram com a risada que ele deu em resposta.

— Pode apostar esse seu lindo traseiro nisso.

— Está certo então. Certamente não quero ser motivo de vergonha para Drake. Posso confiar em Maddox e nos outros que vão às compras com a gente amanhã para me darem uma opinião honesta sobre um vestido e sapatos?

— Deixe-os comigo — Silas garantiu. — Mas, Evangeline, é bom que eu não fique sabendo de nenhuma historinha de você não querer comprar o que eles acharem que deva ou que precise. Estamos entendidos?

Ela suspirou.

— Sim, estamos. Agora, podemos comer antes que tudo esfrie?

Silas a encarou deixando claro que sabia que ela estava se esquivando da questão, e havia um recado em seus olhos. Evangeline não era estúpida. Sim, Silas tinha sido muito doce e gentil com ela, mas não tinha dúvidas de que se o desobedecesse ou o irritasse de alguma forma, ela não demoraria a estar apoiada em seu joelho com a mão dele estalando forte em sua bunda.

UMA HORA DEPOIS DE TER TERMINADO O almoço com Silas, Evangeline estava de pé no banheiro principal, tentando decidir entre receber Drake usando um *négligé* sexy ou deixar as roupas de lado e ficar esperando por ele nua mesmo, na sala.

Nas poucas noites desde que retornara ao apartamento, o ritual diário de esperar Drake de maneira especial tinha sido deixado de lado, e ele não tinha dito nada sobre isso. De fato, Drake agora estava sendo supercuidadoso com tudo que dizia respeito a ela. Quase como se temesse que um gesto ou uma palavra errada fôsse pôr tudo a perder. Bem, chega disso. A única maneira de deixar aquela noite horrível totalmente para trás era fazendo tudo voltar ao normal o quanto antes e seguir assim. Evangeline faria o que estivesse a seu alcance para conseguir colocar na cabeça dele que não iria a lugar algum e que a única maneira possível de Drake perdê-la seria se ele decidisse terminar o relacionamento.

E ela começaria naquela noite.

Experimentou aquele minúsculo roupão de seda rendado chamado *négligé*, e decidiu não se incomodar. Queria os olhos de Drake sobre si assim que ele saísse do elevador. Não no que estivesse vestindo.

Queria agradá-lo, mas, acima de tudo, queria que Drake voltasse.

Forte, arrogante, completamente dominador. E vigoroso.

Estremeceu só de pensar no toque dele, no golpe do couro contra sua pele. Naquela boca beijando a sua. Em seus seios, entre suas pernas.

Fechando os olhos enquanto mergulhava mais e mais na fantasia, deixou o *négligé* cair no chão, a seus pés, e afastou-se, empurrando a peça para o lado, fora de seu caminho. Então, escovou o cabelo até que ficasse bem brilhante, cascadeando sobre suas costas.

Sabendo que faltavam poucos minutos para Drake chegar, correu para a sala de estar e se ajoelhou no tapete felpudo, de frente para o elevador, de modo que seria a primeira coisa que ele veria assim que chegasse. A ansiedade inundava sua pele e, em suas veias, o calor inflamava. Seu pulso se acelerou e a respiração saía errática de seus lábios. Então involuntariamente prendeu a respiração quando as portas do elevador começaram a se abrir. Levantou o olhar, faminto, à procura de Drake. Buscou na expressão dele qualquer indício de desaprovação ou algum sinal de que tinha cometido um erro ao decidir recebê-lo daquela maneira.

Quando viu um fogo selvagem se acender nos olhos dele assim que seus olhares se encontraram, o ar preso em seu peito finalmente escapou. Ela se encolheu, aliviada, e a excitação tomou conta de seu corpo.

Drake tinha esperado impaciente o elevador chegar ao último andar. Ainda que tivesse saído do trabalho bem mais cedo do que de costume, parecia que uma eternidade se passara desde que deixara Evangeline na cama naquela manhã.

Estava ficando cada vez mais difícil deixar o calor suave do corpo dela. Ele acordava todo dia com ela agarrada ao seu corpo, possessiva, a cabeça aninhada na curva de seu braço e seus cabelos espalhados por todo o seu peito.

Quando as portas do elevador se abriram, todo o ar deixou seu corpo em uma expiração tão forte que o deixou sem equilíbrio.

Evangeline.

Ela estava esperando por ele. Nua, o brilho suave das luzes da sala de estar faziam-na cintilar como um anjo. Ela estava ajoelhada no

tapete em posição de subserviência, com a cabeça ligeiramente abaixada. Mas seu olhar se encontrou com o dele, audacioso, um desejo claro iluminando seus lindos olhos.

Ao perceber um leve tremor de incerteza sombrear o olhar dela, Drake se colocou em movimento na mesma hora. Preferia morrer a fazer Evangeline sentir medo ou incerteza por lhe oferecer um presente tão precioso.

Caminhou até onde ela estava ajoelhada e caiu de joelhos em sua frente. Em seguida, segurou o rosto dela com as duas mãos, puxou-o em direção ao seu e esmagou seus lábios contra os dela.

— É assim que todo homem sonha em ser recebido em casa — ele murmurou, ainda devorando aqueles lábios.

Evangeline olhou timidamente para Drake quando ele liberou sua boca.

— Estava torcendo para que não se chateasse. Eu só... Só queria... — Ela parou e olhou para baixo, em desconforto evidente.

Com os dedos, ele levantou o queixo dela, até seus olhares se encontrarem de novo.

— O que você queria, Angel? — Ele perguntou, com carinho.

— Você — ela disse, séria. — Quero que tudo volte a ser como antes...

Ela corou e mais uma vez desviou o olhar.

— Precisa saber que lhe daria qualquer coisa no mundo, Angel.

— Só quero você — ela sussurrou. — Como era antes. Seu domínio.

Tais palavras quebraram o tênue controle que Drake ainda tinha de si. Controle que ele nem sequer tinha percebido que tinha colocado em prática desde que Evangeline retornara. Só agora via: esteve lá o tempo todo. Por medo de pressioná-la demais, longe demais, rápido demais. De perdê-la. E, no entanto, ali estava ela, de joelhos, implorando do jeito mais doce a única coisa que ele mais queria lhe dar.

Com um gemido agoniado, ele a levantou em seus braços, deixando sua pasta jogada no chão. Levou-a para o quarto e a deitou na cama, com cuidado. Por vários longos segundos, simplesmente

permaneceu de pé admirando seu belo corpo. A calorosa recepção que encontrava em seus olhos.

Ele estava em casa.

Esse pensamento lhe despertou uma sensação de humildade que nunca tinha sentido antes. Nunca tinha se sentido em casa em nenhum dos lugares onde já vivera. Até agora. Por causa do seu anjo. Não importava onde morassem. Desde que ela estivesse lá todos os dias quando ele chegasse em casa, se sentiria em casa em qualquer lugar.

— O que está pensando? — Ela perguntou, baixinho.

— Na sorte que tenho — ele respondeu, com honestidade. — Em como você é linda. No quanto quero fazer amor com você agora.

Lentamente, ela se pôs de joelhos no colchão, frente a frente com ele.

— Então me possua, Drake. Me faça sua. Hoje à noite quero ser tudo o que você quer e precisa. Apenas para você. Tudo para você.

O peito de Drake se apertou com uma emoção que ele não soube nomear. Por um momento, ficou sem palavras enquanto olhava para o que lhe pertencia.

— O que mais deseja hoje à noite, Drake? — Ela sussurrou, em sua orelha.

Os lábios de Evangeline roçaram o pescoço dele, logo abaixo da orelha e, em seguida, ela roçou o queixo de Drake até chegar a seus lábios.

Ele mergulhou os dedos nos fartos cabelos dela, e a agarrou com força contra si, como se Evangeline fosse todo o ar de que ele precisava.

— Faça amor comigo — ele murmurou. — Hoje à noite sou seu para fazer o que quiser comigo. Como desejar.

— Então tire a roupa para mim — ela mandou, com voz suave.

Hipnotizado pela sedutora feiticeira à sua frente, Drake prontamente se conformou, tirando o paletó e, em seguida, arrancando a camisa de dentro da calça. Em questão de segundos, seus sapatos e as meias foram jogados no chão, seguidos pelo restante de suas roupas e de sua cueca.

O olhar de Evangeline estava fixado no pênis já ereto de Drake, e ele quase gozou quando ela lambeu os lábios, ansiosa.

— Sou todo seu, Angel. Me diz, agora que sou todo seu, o que vai fazer com seu homem?

— Falar não é exatamente o que está nos meus planos — ela disse, num sussurro. — Estou mais a fim de *mostrar*.

Ele gemeu em uma satisfação torturante quando a língua de Evangeline subitamente começou a limpar o líquido que já umedecia a cabeça de seu pau. Provocativa, ela lambeu toda a área em volta da cabeça, parando na parte de dentro, mais sensível, para fazer carícias com a língua até que ele comesse a projetar o quadril para a frente, tentando enfiar mais fundo em sua boca.

Ela o chupou com vigor, cumprindo, voraz, sua demanda silenciosa por mais. Suas bochechas se estufavam e depois murchavam quando Drake enfiava com mais força, fazendo-o chegar até a parte de trás de sua garganta. Ele soltou um protesto gutural quando ela permitiu que ele deslizasse para fora de sua boca. Evangeline o puxou, trazendo-o para a cama.

Ele se deitou e ela o acompanhou, passando a perna sobre ele para montar em seus quadris. O pênis dele estava posicionado no V das pernas dela, e então Drake pousou as mãos nos quadris dela, cavando os dedos fundo em sua carne, pedindo que ela o cavalgasse.

Como uma deusa, ela se levantou, pairando sobre ele enquanto levava a cabeça de seu pênis até a sua fenda. Ambos ofegaram quando a umidade pulsante dela se contraiu em volta da cabeça do pau dele e começou a sugá-lo ainda mais fundo.

Ela fechou os olhos e, para se apoiar, agarrou os ombros dele. Depois, relaxou, recebendo-o profundamente dentro de seu calor acolhedor. Ela deitou sobre ele, cobrindo-o com o próprio corpo, de modo que ele sentisse cada centímetro daquela pele sedosa. Seus cabelos roçaram a pele de Drake, e ele mergulhou os dedos nos fios macios, puxando a cabeça de Evangeline para baixo para encontrar seu beijo.

As línguas dos dois se encontraram e duelaram, batendo e rolando, lambendo, chupando até que estivessem respirando o mesmo ar. Tudo que ele podia provar, podia sentir, era ela. Nunca havia experimentado algo mais doce do que o toque de um anjo.

Ela se afastou e jogou a cabeça para trás quando começou a cavalgar violentamente sobre ele. Drake fixou os olhos nela, nos mamilos à sua frente, nos cabelos balançando sem controle sobre seus ombros; Drake sentiu o aperto forte da vagina de Evangeline em seu pênis enquanto ela subia e descia.

— Olhe para mim, Angel — ele disse, bruscamente. Os olhos dela se abriram e ela encontrou o olhar dele.

— Olhe para mim quando gozar. Me veja. Só a mim.

Assim que acabou de dizer essas palavras, Drake assumiu o controle, segurando os quadris de Evangeline e arqueando-se para dentro dela, metendo ainda mais fundo. Ela plantou as mãos no peito dele, os dedos esticados enquanto usava o corpo dele como apoio.

— Goze! — ele rosnou. — Me dê tudo. Dá pra mim.

Ela se contraiu violentamente em volta de Drake enquanto seu corpo inteiro tremia. Soltou um grito e, como já não tinha mais forças para se segurar, desmoronou em cima dele enquanto ele se esvaziava dentro do corpo dela.

Evangeline se aconchegou o mais perto dele que pôde, derretendo-se em seus braços. Ele a abraçou, trazendo-a para perto de seu peito, enterrando o rosto em seu cabelo.

— Não sei o que eu fiz para te merecer, Evangeline, mas nunca vou deixar você partir — ele murmurou.

Eles ficaram ali por um longo tempo, os corpos ainda intimamente ligados, até que Evangeline se agitou e levantou a cabeça para olhar para ele.

— Fiz o jantar para você — ela disse, tímida. — Quer que eu traga na cama ou prefere ir jantar na cozinha?

No peito de Drake, o coração palpitou um pouquinho e, por um momento, ele não conseguiu formular uma resposta.

— Ainda é cedo. Vamos nos vestir e jantar na cozinha. Depois, podemos assistir a um filme no sofá.

— Gostei — ela disse, sorrindo.

Ele deu um tapinha afetuoso na bunda dela e depois rolou, segurando-a até que ficassem um de frente para o outro.

— Toma banho comigo e depois te ajudo a servir o jantar.

— Hum, que decisão difícil — ela brincou. — Você me mima demais, Drake.

A expressão dele ficou séria e, com carinho, ele tirou os fios de cabelo que estavam sobre sua bochecha.

— Nem perto de ser o suficiente, Angel. Nem perto.

EVANGELINE SENTOU-SE À ILHA DA COZINHA, de frente para Drake, observando como ele apreciava o jantar que preparara. Depois de provar cada um dos pratos, ele elogiou efusivamente seus esforços, e ela sentiu as bochechas queimarem até ficar desconfortável.

Quando tentou ser modesta, dizendo que era apenas uma receita simples, um frango assado com arroz de ervas, batatas fritas e legumes, ele a repreendeu e disse que não havia nada de simples em cozinhar um jantar maravilhoso daqueles.

Em momentos assim, Evangeline se permitia aventurar-se em território perigoso e fantasiar sobre cozinhar o jantar para Drake todas as noites. Imaginava-o chegando em casa e sentindo o aroma de uma bela refeição caseira, ela experimentando novas receitas com ele.

Dizer a si mesma para viver o momento e não se permitir ser machucada pensando que haveria um amanhã não tinha funcionado. Não fazia sentido castigar-se pelos seus sonhos, porque ela os vivia, vivia neles, todos os dias. Se chegasse o dia em que Drake não a quisesse mais, tudo o que levaria dele seriam as memórias que construíram juntos, e ela estava determinada a aproveitá-las.

— Silas disse que Maddox vai me levar às compras amanhã — Evangeline comentou, despojada. — Ele mencionou que você quer me levar a um evento, e que eu deveria comprar algo apropriado para a ocasião. Mas ele não sabia dizer qual evento você tinha escolhido e, por isso, não tinha certeza do que exatamente seria melhor eu usar.

Os olhos de Drake piscaram um pouco, e ele ficou pensativo. Então, pegou a pasta que abandonara ao chegar em casa. Tirou três convites lá de dentro, todos endereçados a ele, e os colocou no balcão para que Evangeline pudesse vê-los.

— Reduzi a três possibilidades —ele disse, com indiferença. — Pensei em deixar você escolher de qual preferiria participar.

Evangeline pegou os convites ornamentados e, com atenção, leu cada um deles.

— Vou usar um smoking preto, não importa qual seja o evento, então sinta-se à vontade para escolher um vestido que vai combinar com que o estarei vestindo.

Evangeline pegou um que anunciava o início da temporada de fim de ano no Carnegie Hall.

— Amo o fim de ano — ela disse, melancolicamente. — Para que exatamente é esse aqui? — Drake pegou o convite da mão dela e, em seguida, devolveu.

— É para arrecadar fundos para o departamento de polícia de Nova York. Os rendimentos vão para uma organização de apoio a viúvas e filhos de policiais mortos em serviço, e também para uma outra organização de amparo aos agentes feridos em serviço e às suas famílias, enquanto eles se recuperam e não podem voltar ao trabalho.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Você ajuda essas duas instituições?

Evangeline sentiu o coração na garganta, porque Drake estava lhe apresentando a oportunidade perfeita para fazer as perguntas que vinha querendo fazer, mas estava se segurando. Agora que a chance tinha caído bem em seu colo, ela estava nervosa e preocupada com a resposta que poderia receber.

Ele assentiu, indiferente.

— Apoio uma série de causas locais. Tenho uma equipe inteira para supervisionar as instituições com as quais contribuo. Eles checam se elas são idôneas e se os fundos são realmente repassados conforme anunciado.

— Costuma ir a esses eventos ou apenas assina os cheques?

Por um breve momento, Drake pareceu desconfortável.

— Raramente vou. Deixo que meus funcionários lidem com todos os pedidos de doação, e criei uma organização para doar o dinheiro.

— Mas suponho que todos sabem que você é dono dessa organização? — Evangeline persistiu. — Caso contrário, como poderiam convidá-lo pessoalmente, em vez de enviar um convite para a organização?

Ela tinha virado cada um dos convites, e o nome de Drake e o endereço dele estavam bem visíveis. Ele fez que sim.

— Então por que você — a gente — está indo para um agora se não é algo que geralmente gosta de fazer?

— Quero que o mundo te veja de braços dados comigo — ele explicou, a voz áspera de possessão. — E o mais justo é avisá-la desde já, Angel. Todos os olhos estarão em você e em mim. Primeiro, eu raramente apareço nesses eventos e, segundo, nunca apareço com uma mulher do meu lado. Imagino que vai causar bastante burburinho.

Os olhos dela se arregalaram e seu pulso disparou.

— Não quero que se preocupe — ele a acalmou. — Meus homens irão conosco e vão nos proteger o tempo inteiro. Ninguém vai conseguir passar por eles para chegar até você. Ninguém vai falar com você, a menos que você queira.

Era a oportunidade perfeita. A pergunta estava na ponta da língua de Evangeline, e, ainda assim, ela mordeu o lábio: não queria arruinar aquela noite tão íntima e perfeita. A noite em que Drake acabara de admitir que queria mostrar ao mundo que ele era dela. Algo que ele disse nunca ter feito com nenhuma outra mulher.

Sério que ela ia mesmo arruinar algo tão perfeito?

— Angel, o que está te incomodando? — Drake perguntou, analisando intensamente o rosto dela.

Evangeline fechou os olhos rapidamente e, em seguida, umedeceu os lábios.

— O que você faz é assim tão perigoso? — ela sussurrou. — A segurança já era reforçada antes... Quer dizer, quando a gente se

conheceu. E agora, depois daquela... noite. — Ela engoliu em seco e, antes de perder completamente o controle, seguiu em frente. — Você me falou que fez e disse todas aquelas coisas horríveis naquela noite para me proteger. Explicou que eu estaria em perigo se seus inimigos soubessem o que eu significava para você ou mesmo que eu significava alguma coisa. Mas então mudou de ideia e disse que queria que todos soubessem sobre mim. Que seria a melhor maneira de me manter segura. Se todos souberem o quanto sou importante para você, ninguém vai ousar tentar me machucar. E ainda triplicou a segurança. Não posso sair do apartamento sem ser acompanhada por uma multidão de homens. O que você faz, Drake? Sei que é dono de uma boate e de um prédio inteiro em Manhattan que aluga para outras empresas bem selecionadas. Você é dono deste prédio, não é? — ela perguntou, hesitante.

Ele fez que sim com a cabeça, rápido.

— Isso com certeza não explica a necessidade de tanta segurança. O que mais você faz exatamente? — ela perguntou, nervosa.

O olhar dele mirava o dela cheio de advertência.

— Não faça perguntas para as quais não está preparada para ouvir a resposta, Angel. Não precisa se preocupar com o que faço ou com quem faço negócios. Isso nunca vai te afetar. Nunca vai te tocar. Tudo em que precisa se focar é em me agradar e, em troca, vou te mimar e colocar o mundo a seus pés.

Ela abriu a boca para responder, mas Drake estendeu os braços sobre a ilha, colocou as mãos sobre as dela e apertou, entrelaçando firmemente os dedos dela com os seus.

— Deixe para lá, Angel. Por mim, deixe para lá. Pode fazer isso por mim?

Ele soou quase... vulnerável. Havia uma súplica no fundo de seus olhos.

— Sim, Drake. Posso fazer isso por você — ela murmurou.

E, naquele momento, percebeu exatamente o que a decisão que acabara de tomar significava. Deveria se sentir culpada. Aquela não era a pessoa que tinha sido criada para ser, muito menos a pessoa que

tinha sonhado se tornar algum dia. Ainda assim, só conseguiu sentir alívio quando viu o calor e a aprovação nos olhos de Drake. O alívio dele por ela não ter pressionado mais para obter respostas que ele não ficava confortável em dar.

E, então, ele se levantou e se aproximou de onde ela estava sentada, e a puxou para dentro de seu abraço. Seus lábios se derreteram sobre os dela, no mais doce dos beijos.

— Então, vou levar meu anjo ao Carnegie Hall? — Ele perguntou, enquanto pressionava seus lábios na testa de Evangeline.

Ela sorriu.

— Eu adoraria, Drake. E é por uma causa muito nobre.

Ele sorriu de volta, levantou-a em seus braços e a levou para o quarto.

— Nesse caso, farei uma doação substancial em seu nome, além da que minha organização já faz. Você vai ser muito requisitada, Angel. Todos vão brigar pela sua atenção.

Ela bufou indelicadamente, enquanto Drake a despejava na cama com um leve balanço.

— Pelo seu dinheiro, você quer dizer — ela rebateu. — Não vai ser por minha causa.

Ele cobriu os lábios dela com os seus, beijando-a longa e docemente.

— É aí que se engana, Angel. Ninguém consegue ficar na sua presença mais do que alguns segundos sem se apaixonar. Você já tem todos os meus homens na palma da mão.

— E se houver apenas um homem que eu quero na palma da mão? — ela perguntou, sem fôlego.

Os olhos dele brilharam, e ele a despiu com mãos gentis e amorosas.

— Creio que é uma aposta segura dizer que ele já está na palma da sua mão, e também em cada partezinha sua que pode tocar.

Então Drake fez amor longamente, docemente, com ela. De novo e de novo nas primeiras sombras do amanhecer, ele a levou aos céus. E Evangeline não tinha mais dúvidas de que, independentemente do que

acontecesse daquele dia em diante, ela tomara a decisão certa ao não pressionar Drake para obter respostas sobre seus negócios.

Talvez isso selasse seu destino e talvez a condenasse a cair com ele, mas Evangeline não conseguia encontrar forças dentro de si para se arrepender de um único momento de sua história com Drake.

Ele tinha prometido dar a vida por ela. Que seus homens dariam a vida por ela e que nada relacionado aos seus negócios poderia afetá-la, nem sequer chegaria até ela. E Evangeline acreditou nele.

Porque o amava.

EVANGELINE DESPERTOU DEVAGAR E PERCEBEU que estava esparramada sobre Drake, completamente nua e fraca como uma gatinha recém-nascida após terem feito amor tantas vezes na noite anterior. Ela soltou um suspiro de satisfação e resposta dele foi passar a mão pela coluna dela e, então, por seu braço.

— Meu anjo está bem?

Ela esfregou o rosto contra o peito dele e pensou se era possível mesmo que estivesse ronronando.

— Mmm-hmm.

O peito dele vibrou com uma risada e, em seguida, ele inclinou a cabeça para trás e lhe deu um beijo carinhoso.

— Preciso de uma ducha, amor. Estou atrasado e tenho uma reunião importante. Maddox já telefonou para dizer que chega daqui a uma hora para te levar às compras.

— Adoro acordar com você — ela murmurou.

— Que bom, já que você vai fazer isso todo santo dia — ele disse e deu uma apertada carinhosa no nariz dela.

Drake se sentou, mas fez com que ela se aconchegasse de novo nos cobertores que colocou ao seu redor. Olhou para ela por um momento e, para a surpresa de Evangeline, ele parecia desconfortável. Ela percebeu que ele estava querendo lhe dizer algo.

— O que acharia de trazer seus pais aqui para o Dia de Ação de Graças? — Ele perguntou, baixinho. — Você gostaria? Acha que eles

iam gostar?

Ela se sentou na cama, ereta, boquiaberta e em estado de choque. Em seguida, se jogou sobre Drake, gritando de alegria. Ela o acertou direto no peito e o derrubou. Ele a abraçou, rindo, enquanto salpicava seu rosto inteiro com beijos.

— Isso é um sim? — Ele perguntou, entre os beijos.

— Ah, meu Deus, sim! Sim. Sim. Sim! Ai, Drake, está falando sério?

Ela olhou para ele, implorando em silêncio a confirmação de que ele estava mesmo falando sério.

— Nunca iria brincar assim sobre algo que sei que é importante para você — ele a repreendeu. — Está com saudade deles. Vejo como se anima quando eles ligam e também como fica triste quando fala deles. Tenho condições para trazê-los para visitá-la, e não seria lá muito homem se não fizesse tudo que posso para deixar minha mulher feliz.

— Ah, Drake. Você é tão maravilhoso para mim — ela disse, à beira das lágrimas. — Como posso te agradecer? Você nunca vai saber o quanto isso significa para mim, poder vê-los de novo. Você já fez tanto por eles e agora isso.

Ela perdeu a batalha para conter as lágrimas, que deslizaram livremente por suas bochechas. Com o polegar, Drake as limpou com carinho e depois puxou Evangeline para seus braços, embalando-a contra seu peito.

— Quero conhecer essas pessoas que significam tanto para você a ponto de te fazer deixar sua vida de lado para cuidar da deles. Devem ser muito especiais para você. E, como você é especial para mim, acho que seus pais e eu teremos pelo menos algo em comum.

Ela afundou o rosto no peito dele para sufocar seus soluços, mas seus ombros tremiam, entregando sua emoção. Passou os braços em volta do pescoço dele e o abraçou forte.

— Você é o homem mais maravilhoso do mundo, Drake Donovan.

— Não, não sou — ele disse, em um tom duro. — Nunca esqueça isso, Angel. Não sou um bom homem. Sou egoísta e possessivo e farei o que for preciso para mantê-la feliz só para que fique comigo. Isso não faz de mim um homem bom. Faz de mim um canalha egoísta.

Ela sorriu para ele através das lágrimas, sem cair naquela conversa.

— Ah, mal posso esperar para contar a novidade para eles! Podemos ligar para eles hoje à noite depois que chegar em casa?

Ele sorriu com a empolgação dela, e a beijou antes de colocá-la de volta na cama.

— Aproveite o seu dia de compras. Vou te levar para jantar hoje à noite e depois ligaremos para seus pais, se quiser. Vou providenciar o transporte até o aeroporto e, então, eles virão para cá no meu avião. Vou mandar Silas e Maddox buscá-los no aeroporto e vou hospedá-los em um hotel na Times Square. A menos que prefira que eles fiquem aqui conosco.

Drake olhou interrogativamente para Evangeline quando falou a última frase, e ela percebeu o quanto ele estava disposto a fazer por ela. Drake não tinha a menor vontade de ter a privacidade invadida por dois estranhos, e ainda assim estava movendo mundos e fundos para dar a ela e seus pais um feriado de Ação de Graças memorável.

— Acho que eles adorariam ficar na Times Square — Evangeline respondeu, casualmente. — Podemos recebê-los para jantar e posso passar o dia com eles enquanto estiver no trabalho.

Houve uma piscadela de alívio nos olhos dele, rapidamente substituída por calor e aprovação. Ele a beijou uma última vez antes de ir para o banho.

— Vou providenciar tudo. Não haverá economia para dar a eles o maior conforto possível — assegurou para Evangeline.

Ela deitou-se de novo no travesseiro e fechou os olhos, curtindo aquele momento. Tudo era tão absolutamente perfeito. Lágrimas voltaram a encher seus olhos quando pensou que veria seus pais pela primeira vez em dois longos anos.

Eles iam amar Drake. Como não amariam, quando ele tinha se esforçado tanto para fazer a filha deles feliz?

Evangeline abraçou o travesseiro e cochilou, acordando apenas quando Drake se inclinou para beijá-la e avisá-la de que Maddox chegaria em meia hora. Ela se levantou de novo e o lençol caiu até sua cintura quando abraçou o pescoço de Drake e retribuía seu beijo.

— Ah, Angel, como você me tenta a ficar em casa e mandar os negócios para o inferno — ele disse, parecendo pesaroso.

— Muito obrigada, Drake. Este é o melhor presente que já ganhei — ela disse, séria.

— Você tem até esta noite para pensar em maneiras criativas de expressar sua gratidão — ele disse, provocando.

Os olhos de Evangeline se estreitaram e ela abriu um sorriso maligno.

— Ah, não pense que não serei muito, muito criativa.

— Mal posso esperar — ele murmurou, beijando-a uma última vez. Então, fez um carinho em sua bunda e disse: — Melhor sair da cama, para que Maddox não veja o que só eu vejo.

— Como se tivesse alguma coisa para se preocupar — ela disse, revirando os olhos.

— Não acredita que todos aqueles homens que trabalham para mim dariam uma das bolas para te ver nua? — Ele perguntou, incrédulo.

Ela gemeu e enfiou o rosto, ardendo, no travesseiro.

— Ai, meu Deus, Drake. Pare! Agora não vou mais conseguir olhar para eles!

Rindo, ele saiu do quarto, dizendo que a veria mais tarde. Evangeline permaneceu ali mais alguns minutos, saboreando seu entusiasmo e o reconhecimento de que estava apaixonada por Drake. Olhando para trás, percebeu que se apaixonara por ele desde o início. Era por isso que tinha ficado tão arrasada na noite em que deixara aquele apartamento.

Recusando-se a passar mais um segundo sequer revivendo a noite mais horrível de sua vida, saiu da cama e tomou um banho rápido.

Vestiu-se despreziosamente, com um jeans e um suéter grande, e escovou o cabelo bem rápido para deixá-lo secar ao ar livre enquanto esperava Maddox chegar.

Percebeu que estava faminta após passar a noite inteira fazendo amor com Drake. Tomara que Maddox e quem mais ele trouxesse com ele naquela missão de ir às compras não estivessem com pressa. Ou talvez ela conseguisse suborná-los com o café da manhã.

Confiante de que poderia conquistá-los com um café da manhã caseiro, começou a retirar os ingredientes e, em poucos minutos, estava ocupando várias panelas.

Quinze minutos depois, Edward telefonou para informar que Maddox estava subindo. Pouco tempo depois, Maddox enfiou a cabeça na cozinha.

— Ai, meu Deus, por favor diga que há o suficiente para mim também — Maddox disse com um gemido brincalhão.

— Não dê bola pra ele — Justice disse, passando por Maddox com um empurrão. — Eu te amo mais, então eu que deveria ser alimentado.

Evangeline riu e balançou a cabeça.

— Sentados. Todos. Tem mais alguém aqui ou são só vocês dois?

— Jax e Hartley estão lá embaixo vigiando o entorno — Maddox respondeu.

— Temos tempo para comer, então? — ela perguntou, ansiosa.

— Querida, se fez o suficiente para nós, pode levar o tempo que quiser — declarou Justice.

Evangeline sorriu.

— Me dê cinco minutos e já vou servir.

Ambos os homens caíram sobre os banquinhos da ilha com um olhar tão ansioso que Evangeline teve que rir. Ela sacudiu a cabeça enquanto começava a preparar as omeletes, os croquetes de batatas, mais conhecidos como *hash browns*, além de presunto frito e bacon. Depois de colocar tudo no prato, abriu o forno para verificar os biscoitos e decidiu que estavam no ponto perfeito.

Tirou os biscoitos do forno e, em seguida, distribuiu vários em dois pratinhos. Colocou um pratinho na frente de Maddox e um na frente de Justice e sorriu diante das reações deles.

— Morri e fui para o céu — Maddox suspirou.

Evangeline sentou-se em um banquinho em frente a Maddox e começou a tomar seu café da manhã. Era a primeira vez que via Maddox desde aquela famigerada noite e se deu conta de que não tinha ideia se ele tinha se metido em algum problema porque ela o enganou, fugindo do apartamento das amigas.

De repente, Evangeline não estava mais tão faminta quanto antes, e ficou brincando com a comida enquanto esperava os dois terminarem.

— Evangeline, o que há de errado? — Maddox perguntou, baixinho.

Ela se assustou ao ver que ele tinha percebido sua mudança. Olhou rapidamente para Justice e corou com a ideia de ter que tocar naquele assunto na frente dele. Ele a surpreendeu, no entanto, levando seu prato vazio para a pia. Depois, foi para a sala, dizendo que os esperaria lá.

Ela não conseguiu disfarçar seu nervosismo de Maddox, esperando que ele aceitasse seu “nada” murmurado como resposta suficiente.

Sem sorte.

Ele franziu o cenho e, em seguida, para desespero de Evangeline, contornou a ilha, parou ao seu lado e pegou sua mão.

— O que está te incomodando? — perguntou sem rodeios.

Ficou ainda mais consternado quando percebeu o quanto ela estava tremendo.

— Me desculpe — ela deixou escapar. E então ficou envergonhada, incapaz de continuar encarando Maddox.

— Que porra é essa?

Evangeline se encolheu ante aquela reação explosiva e tentou afastar-se, mas ele segurou sua mão com mais força e então tocou sua bochecha com delicadeza, forçando-a a olhar mais uma vez para ele.

— Evangeline? Por que diabos está se desculpando?

Havia choque e consternação genuínos no tom de voz e na expressão de Maddox. O rosto de Evangeline estava pegando fogo, e ela teve vontade de se bater por ter tocado no assunto quando, aparentemente, não tinha a menor necessidade.

Respirou fundo e focou seu olhar na área sobre o ombro direito dele.

— Me desculpe por fugir de você do jeito que fiz naquela... noite — ela sussurrou. — Espero que me perdoe e que não tenha se ferrado por causa do que eu fiz.

O queixo dele caiu em puro espanto. Então, seu olhar tornou-se tempestuoso e negro de raiva. Ela se encolheu, mas ele se aproximou ainda mais dela e segurou seus ombros.

— Olhe para mim, Evangeline — Maddox ordenou, bravo. Esperou até que ela conseguisse encará-lo novamente, devagar, e então abrandou seu olhar. — Não tem nada para se desculpar, merda. Por Cristo, por favor não me diga que estava me evitando todo esse tempo porque achou que eu estava com raiva de você.

Ela deu de ombros.

— Não tinha certeza. Quer dizer, não sabia. Foi horrível. Queria que aquela noite nunca tivesse acontecido.

Para desespero ainda maior de Evangeline, mais lágrimas escorreram por seu rosto, deixando uma trilha quente sobre sua pele. Maddox tirou as mãos dos ombros dela para pousá-las em suas bochechas, e usou os polegares para secar, com carinho, a umidade de seu rosto.

— Me escute, querida. Ninguém, nenhum de nós, está bravo com você. Ficamos muito putos com o Drake pelo que ele fez, mesmo que a gente consiga entender as razões dele. Mas nunca, nem uma única vez, a gente pensou mal de você. Você não merecia de jeito nenhum o que te aconteceu naquela noite, e ninguém tem mais consciência disso do que Drake. Ele estava insuportável até conseguir te encontrar e te trazer de volta para casa. Mas, minha flor, preste atenção ao que eu vou te dizer: se ele não tivesse ido atrás de você, se não tivesse decidido fechar o cerco ao seu redor e fazer circular a ameaça de que se alguém

tentasse te machucar, morreria, um de nós teria feito isso. Entende? Jamais deixaremos que nada aconteça a você.

Evangeline retribuiu com um olhar de completo choque e perplexidade.

— Mas, Maddox, você mal me conhece! Não vale a pena arruinar seu relacionamento com Drake por minha causa.

— Que bobagem — ele disse, rudemente. — Você é tudo para Drake, mas sabe o que é além disso? Você é importante para nós! É importante para mim. Nunca tive uma irmã e eu não vou mentir e dizer que te vejo apenas como uma irmãzinha. Porque tenho certeza de que meus pensamentos nunca poderiam ser considerados fraternais e duvido até que estejam dentro da lei. Mas, se tivesse uma irmãzinha, gosto de pensar que ela seria como você.

O rosto dele relaxou, e as lágrimas de Evangeline mais uma vez nublaram sua visão. Então, ela se atirou nos braços de Maddox e o abraçou com força.

— Obrigada — ela sussurrou, com a voz sufocada. — Não tem ideia do quanto isso significa para mim. Nunca tive ninguém além de meus pais e, depois, minhas amigas daqui, e agora... Bem, não as tenho mais.

Sua boca se virou para baixo e seus lábios tremerem quando ela pronunciou essa última frase.

— Você está com a gente, Evangeline — Maddox disse, com carinho. — E tenho certeza de que Silas tirou toda e qualquer caraminhola da sua cabeça ontem.

Ele olhava fixamente para Evangeline, e ela corou de novo.

— Sabe o que ele disse para mim? — ela perguntou.

— Bem, não sei as palavras exatas. — Ele riu. — Ele não é de dar detalhes. Não é o jeito dele. Ele não fala muito. Mas ele falou algo do tipo “Vou deixar claro para ela que qualquer merda que esteja passando na sua cabeça é apenas isso: merda”.

Evangeline gemeu.

— Ele está certo, querida. — Maddox disse bruscamente. — Você estava pensando um monte merda, o que não é legal. Então, quero que

cheguemos a um acordo de que, quaisquer que sejam as merdas que estão na sua cabeça, elas acabam agora. Estamos entendidos?

Evangeline suspirou.

— Sim, estamos.

Maddox lhe deu um sorriso de aprovação.

— Essa é a minha garota. Agora, pronta para umas comprinhas?

— Ai, meu Deus — ela disse, em pânico. — Não tenho noção do que devo comprar! Drake vai me levar para um evento beneficente da polícia no Carnegie Hall. Ele disse que usaria um smoking preto e que eu poderia usar qualquer coisa que combinasse, mas não quero errar, Maddox.

Ela olhou suplicante para ele.

— Drake nunca vai a esses eventos. Ele mesmo me disse. Mas agora ele não só quer ir como quer que eu vá junto. E se eu o envergonhar?

— Calma, princesa — Maddox a tranquilizou. — Primeiro de tudo, você nunca irá envergonhá-lo. Drake não dá a mínima para o que alguém pensa sobre ele e, acredite em mim, se alguém falar mal de você perto dele, ele vai acabar com o filho da puta na base do soco. Isso se ele conseguir chegar antes de mim. Em segundo lugar, por acaso tenho excelente gosto para roupas femininas e sei o que fica bem em uma bela mulher como você. Não vou deixar você comprar nada que não te faça estar muito luxuosa. Combinado?

Ela o abraçou de novo e apertou com força.

— Você é demais, Maddox. Nunca tive um irmão, mas, se tivesse, queria que fosse como você.

Ele beijou o topo da cabeça dela e esfregou a mão levemente por suas costas.

— Está maltratando meu ego, querida. Só para constar. Deveria dizer que se Drake um dia sair fora da jogada, você me procuraria como a goiabada procura o queijo.

Ela riu e deu um soquinho no estômago dele.

— Vamos fazer compras ou ficaremos aqui, nessa ladainha, a manhã inteira? — Justice chamou da sala de estar.

— Acho que é a nossa deixa — Maddox resmungou. — Pegue um casaco, certo? Está frio hoje.

Evangeline correu para o armário do corredor, ao lado das portas do elevador, e tirou um dos casacos do cabide. Justice pegou da mão dela e segurou para que ela deslizasse os braços para dentro das mangas, quando o interfone zumbiu. Ela franziu o cenho e olhou para Maddox e para Justice.

— Estão esperando mais alguém? — Ela perguntou.

— Então você não está esperando ninguém? — Maddox perguntou, ficando alerta na mesma hora.

Ela negou e apertou o botão para atender a chamada.

— Evangeline, você tem visitas — Edward disse pelo interfone.

— Quem é? — Evangeline perguntou, lançando um olhar nervoso em direção a Maddox.

— Elas se chamam Lana, Nikki e Steph — Edward disse, seu tom cada vez mais desconfortável. — Disseram que são amigas suas. Posso autorizar a subida ou digo que você não está disponível no momento?

O queixo de Evangeline caiu e ela olhou em choque para Maddox, um apelo claro em sua expressão, querendo saber o que fazer. A expressão de Maddox estava furiosa.

— São as vadias que você costumava chamar de amigas? — ele perguntou.

Sem dizer nada, ela assentiu. O que elas estavam fazendo ali? Por que tinham vindo? Lana tinha deixado bem claro que Steph não era a única com razão para estar chateada com Evangeline.

— Quer vê-las, Evangeline? — Justice perguntou, gentil. — Se não quiser, é só falar que Maddox e eu vamos dar um jeito de nos livrarmos delas. Não precisará nem vê-las. Eu garanto.

Ela torceu as mãos e depois torceu de novo, agitada.

— Não sei — sussurrou.

— A decisão é sua — Maddox disse, em voz baixa. — Justice e eu estaremos aqui o tempo todo. Não precisará enfrentá-las sozinha. E

a qualquer momento podemos nos livrar delas. É só dizer e deixar com a gente.

Engolindo com força, ela apertou o botão novamente e hesitou, olhando mais uma vez para Maddox para ter certeza. Então, disse: — Pode deixá-las subir, Edward.

Maddox praguejou e, em seguida, pegou a mão de Evangeline.

— Não gosto de te ver tão pálida e com medo dessas vadias, querida. Sente-se na sala de estar e fique confortável. Justice e eu vamos recebê-las e ter uma palavrinha com elas.

— Não as assuste — ela pediu, baixinho.

— Quer dizer, não assuste como elas estão te assustando? — Justice disse, bem direto. — Você não deve porra nenhuma para elas depois que viraram as costas para você daquele jeito.

Evangeline mordeu o lábio inferior e, sem ânimo, foi para a sala de estar. Deixou Maddox conduzi-la até uma cadeira. Então, ele apoiou as mãos em seus ombros e olhou em seus olhos.

— Se disserem uma palavra atravessada para você, terão que cair fora na mesma hora, com instruções para nunca mais voltarem.

Ela concordou e, em seguida, apertou as mãos no colo, tentando se recompor para o confronto prestes a acontecer. Maddox se afastou e ela esperou, tensa, pelo som do elevador chegando. Pouco depois, ouviu as amigas chegando e Justice e Maddox falando baixinho, mas não conseguia entender o que diziam. Por fim, a espera alongou-se demais, e ela saiu da cadeira foi ao hall, onde viu as amigas paradas, olhando em completo espanto e admiração para Justice e Maddox, que, por sua vez, estavam de cara fechada.

— Evangeline? — Steph falou, dando um passo à frente.

As duas se encararam por um longo momento, e então Steph soltou um grito e correu em direção a Evangeline. Um segundo depois, Evangeline se viu nos braços de Steph, ela chorando ruidosamente em seu ombro.

— Sinto muito, Vangie — Steph disse, de novo e de novo. — Fui uma vaca contigo. Por favor, me perdoe.

E então Lana e Nikki se aproximaram e puxaram as outras duas para um abraço. Sobre os ombros das amigas, Evangeline olhava para Justice e Maddox com olhos arregalados de perplexidade.

Era um olhar que não podia ser mais nada além de um pedido de ajuda, já que as três continuavam a abraçá-la, chorando muito. Por fim, Maddox interveio e, com gentileza, tirou os braços de Nikki e de Lana, enquanto Justice soltava Steph. Então, conduziram-nas até a sala de estar para que se sentassem.

— Não sairemos do seu lado, querida, então não vá aprontar nada — Maddox disse em voz baixa ao passar por Evangeline, indo em direção à cozinha.

Justice ficou no meio da sala, com os braços cruzados sobre o peito largo, cumprindo muito bem o papel do guarda-costas hostil enquanto Maddox agia como o anfitrião perfeito e servia bebidas para todos.

Ele se sentou ao lado de Evangeline e dirigiu seu olhar para as mulheres na sala de estar.

— Evangeline? — Lana sussurrou. — O que aconteceu com Drake? Ainda está com ele? Quem são esses homens?

— Trabalhamos para Drake — Justice respondeu. — E pode ter certeza de que ela ainda está com Drake.

— Ah! — Nikki exclamou, de olhos arregalados. — Estávamos tão preocupadas. Ele veio te procurar na manhã seguinte à noite em que você ligou e falou com Lana. Ele estava, hum, bem, ele estava muito chateado com a gente. Mas não sabíamos o que estava rolando. Ainda não sabemos, por isso viemos pedir desculpas pessoalmente. Fomos péssimas com você — ela disse, a voz fraquejando quando outra lágrima escorreu por seu rosto.

— Perdoa a gente, Vangie? — Steph implorou. — Fui a pior de todas e sinto muito. Sabe que te amo e estava só preocupada que estivessem se aproveitando de você.

— Engraçado, é a mesma coisa que me preocupa — Maddox disse em uma voz de aço.

Lana, Nikki e Steph lançaram olhares chocados na direção de Maddox. Então Steph encarou Evangeline, sua voz se transformando em um apelo.

— Não pense que estamos tentando tirar vantagem de você, Vangie. Por favor, me diz que não acha isso.

Evangeline balançou a cabeça, confusa.

— Não sei o que pensar — ela disse, com honestidade.

Maddox colocou o braço ao redor de Evangeline para apoiá-la, e apertou seu ombro. Ela olhou para ele com gratidão.

— Por que vieram agora? — Evangeline perguntou, em um sussurro. — Por que não vieram antes? Quando precisei de vocês?

Sua voz fêlhôu e Evangeline ficou em silêncio, recusando-se a se desmanchar em emoções. Podia sentir o corpo de Maddox vibrando de raiva, mas colocou a mão em sua perna para impedi-lo de expulsar as amigas do apartamento.

Lana saiu de sua posição no sofá e ficou de joelhos na frente de Evangeline. Segurou as mãos de Evangeline e encarou a amiga, implorando.

— Amamos você, Vangie. Cometemos um erro. Estávamos preocupadas com você e ficamos magoadas porque não nos ouvia. Mas isso não nos dá o direito de agir como agimos. Você pergunta se estamos nos aproveitando de você *agora*. E a resposta é não, mas *antes* a gente não te dava o devido valor. Esse foi o nosso pecado, amiga. Pode nos perdoar por isso? Podemos ser amigas de novo?

— Ah, Lana — Evangeline disse, abraçando a amiga. — Claro que podemos ser amigas. Ainda amo muito todas vocês, e estou morrendo de saudade.

E então, de repente, Nikki e Steph se juntaram as outras duas e as quatro mulheres se abraçaram efusivamente e pediam desculpas umas às outras. Na hora que se seguiu, conversaram e colocaram o papo em dia: as garotas atualizaram Evangeline sobre o que estava rolando no bar onde elas tinham trabalhado juntas por tanto tempo.

Consciente de que provavelmente já tinha chegado ao limite da paciência de Maddox e Justice, Evangeline se desculpou e disse às

amigas que estava atrasada para um compromisso, mas que elas poderiam voltar outro dia.

Justice as conduziu até o hall, enquanto Maddox ficou para trás, com Evangeline. Assim que elas saíram, Evangeline se afundou na cadeira, sentindo como se tivesse sido atingida por um caminhão.

— Você está bem, princesa? — Maddox perguntou, suavemente. — Muita coisa para assimilar de uma vez, né?

— Obrigada por estarem aqui — ela disse, com gratidão. — Não sei ao certo como teria me saído se estivesse sozinha.

Evangeline se sentia patética e carente falando daquele jeito, sem falar desamparada. Mas, naquele momento, estava muito grata para se preocupar com aparências.

— Me prometa que não vai autorizar que elas venham aqui a menos que haja alguém com você — Maddox pediu, com firmeza.

Evangeline olhou para ele, em dúvida.

Maddox suspirou.

— Você é muito meiga e crédula, querida. Acho um pouco suspeito elas virem justo agora. Se buscaram qualquer informação sobre Drake, e provavelmente buscaram, sabem que você pegou um homem bastante rico. Caralho, ele já está pagando o aluguel delas, então quem garante que não vieram aqui bisbilhotar, querendo mais dinheiro?

— O quê? — Evangeline perguntou, completamente horrorizada com o que Maddox estava sugerindo. — Acha que elas estavam fingindo o tempo todo?

Ela estava tão assustada que Maddox quase sentiu remorso por ter sugerido aquilo. Mas não retirou o que disse, e isso fez Evangeline refletir. Será que ele tinha razão?

Evangeline cobriu o rosto com as mãos e soltou um suave gemido de angústia.

— Ei, princesa — Maddox disse, com a voz pesada de arrependimento. — Não ligue para o que eu falo. Sou um idiota desconfiado. É meu trabalho. Principalmente quando se trata das pessoas que se aproximam de você. Elas podem estar falando a

verdade. Só estou dizendo para ir devagar e com cuidado. Melhor ir pisando em ovos pelo menos agora e, como eu falei, não aceite se encontrar com elas a menos que um de nós esteja com você, está certo?

— Ok — ela concordou, trêmula.

Ele estendeu a mão para ela e lhe ajudou a se levantar do sofá.

— Venha, deixe-me pegar seu casaco de novo para a gente sair.

Drake quer que você volte a tempo para o jantar de hoje à noite.

— Sabe, você não é o cara durão que gosta de parecer — ela o provocou.

Maddox franziu o cenho e fingiu estar furioso.

— Se contar isso para alguém, sou eu que vou dar uma surra nesse seu bumbum lindo. Não o Silas.

DRAKE CHEGOU AO APARTAMENTO pouco depois das cinco da tarde e foi recebido por Maddox assim que entrou no hall. Drake percebeu o mau humor de Maddox na mesma hora e ficou tenso, procurando na expressão dele qualquer sinal do que o incomodava.

— Evangeline teve um dia difícil — disse Maddox, em voz baixa.

— Que merda aconteceu? — Drake perguntou, um arrepio de inquietação percorrendo sua espinha. — Por que diabos só estou sabendo disso agora?

— As amigas dela apareceram aqui bem na hora que Justice e eu estávamos saindo com ela para ir às compras. Ficamos ao lado dela, e as amigas vieram chorando, fazendo um escarcéu e se desculpando por terem sido umas vacas com Evangeline.

O olhar de Drake se estreitou.

— E você não está acreditando nelas.

Maddox sacudiu a cabeça negativamente.

— Não, não acredito. E deixei Evangeline chateada quando tentei falar isso. Mas fiquei reforçando que ela não deve receber essas meninas sem um de nós por perto.

— Ela está muito chateada? — Drake perguntou.

— Parece estar bem agora. Justice e eu a distraímos e conseguimos nos divertir. Quando a deixei no apartamento há meia hora, ela ia tomar um banho e trocar de roupa para jantar com você.

Parecia estar relaxada e de bom humor, mas, quando tudo rolou, foi como se tivesse sido atropelada por um ônibus.

— Droga — Drake praguejou. — Ela não merece essa merda.

— Nisso a gente concorda. Vou ficar de olho nas amigas e ver o que estão tramando. Liguei para Silas agora há pouco e pedi que ficasse atento. Se estiverem tramando alguma coisa, Silas descobrirá. Não dá para esconder muita coisa dele.

Drake assentiu com a cabeça.

— Muito obrigada, cara. Evangeline já se magoou demais por minha causa, e, se ela se machucar por causa dessas vacas egoístas que querem usá-la para chegar até a mim, vou ficar muito mal.

— Apenas faça ela feliz — Maddox disse, sem rodeios.

— Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance — Drake devolveu. — Boa noite e obrigado por cuidar de Evangeline hoje.

— O prazer é meu. — Maddox sorriu — Ganhei um café da manhã. O melhor agradecimento que podia querer.

Maddox fez um gesto em saudação e saiu do prédio, e Drake foi pegar o elevador para seu apartamento. Enquanto subia, praguejou por saber que Evangeline tinha sido incomodada pelas ex-colegas de apartamento. Maddox já o advertira de que as vadias seriam as primeiras a querer fazer picadinho de Evangeline, mas ele não imaginava que essas vadias poderiam ser as amigas dela. Ele deveria ter suspeitado há tempos para nunca ter deixado que isso se tornasse um problema. Mas o assunto ficara de lado porque parecia que elas não estariam mais por perto de Evangeline. Erro dele, um que não cometeria de novo.

Entrou no apartamento, imediatamente procurando Evangeline. Seu sangue subiu quando ele a ouviu chamar seu nome, entrando na sala. Ela estava colocando um par de brincos de diamante que ele lhe dera, e usava um vestido de coquetel sexy, extremamente feminino, que ia até o joelho.

Correu em direção a ele descalça, um sorriso de boas-vindas no rosto.

— Pensei ter ouvido o elevador — ela disse, sem fôlego. — Não sabia que horas você iria chegar. Me desculpe por não estar aqui para cumprimentá-lo adequadamente.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Defina *adequadamente*. Porque daqui onde estou, a vista é deliciosa. Preciso dizer, amor... esse vestido? Vai sair do seu corpo assim que pisarmos nesse apartamento mais tarde.

Ela o envolveu em um abraço de boas-vindas e estremeceu um pouco.

— Sou uma pessoa terrível por dizer que de repente não vejo a hora de o jantar terminar para a gente voltar logo para casa? — Ela perguntou, ofegante. Drake sorriu e capturou seus lábios com os dele em um beijo longo e terno.

— Já te contei o quanto adoro mulheres terríveis?

A expressão de Evangeline ficou preocupada e ela mordiscou o lábio inferior. Ele a encarou consternado.

— O que há de errado, Angel?

— Tenho uma coisa para te contar — ela confessou, em voz baixa. — Minhas amigas Steph, Nikki e Lana estiveram aqui hoje. Foi um choque. Não tinha noção de que viriam.

Ele relaxou e abraçou Evangeline. Então, a guiou até o sofá na sala de estar.

— Maddox me contou o que aconteceu. Você está bem?

Ela assentiu lentamente.

— Estou bem. Agora. Na hora, fui pega completamente desprevenida e não sabia como reagir.

— O que a sua intuição está dizendo? — Ele perguntou, segurando o queixo dela e olhando-a nos olhos.

Ela pareceu surpresa com a pergunta. Depois, pensou por um instante antes de deixar o ar escapar.

— Sinceramente, não sei — ela respondeu, sincera. — Acho que ainda é muito cedo. Acho que preciso de mais tempo para me decidir.

Ele concordou.

— Boa garota. Esperar para formar uma opinião quando tiver mais provas não faz de você uma pessoa má. Faz de você uma pessoa inteligente.

As bochechas de Evangeline ficaram rosadas com seu embaraço pelo elogio, e Drake beijou a ponta de seu nariz.

— Me dê dez minutos para trocar de roupa e estarei pronto para sair, se você também estiver.

— Só preciso colocar os sapatos.

— Zander e Hartley vão nos acompanhar até o restaurante e na volta de lá também — ele informou, enquanto caminhavam para o quarto. — Vamos jantar sozinhos, mas eles estarão sentados bem perto.

Ele disse aquilo em um tom descontraído, mas ficou atento à reação de Evangeline. Ela franziu o cenho ligeiramente e sua testa enrugou-se de preocupação.

— O risco que você corre é assim tão grande?

Ele parou e a puxou para si.

— Estou mais preocupado com a existência de riscos para *você*. É por isso que insisto que esteja protegida o tempo todo, e que sempre tenha uma escolta com você quando sair do apartamento.

Ela pareceu ficar sem palavras, encarando-o.

— Por que alguém me ameaçaria?

— Porque me importo muito com você e qualquer pessoa com olhos é capaz de enxergar isso. Não quero te assustar, Angel, e certamente não quero lhe dar qualquer razão para não querer estar comigo, mas não vou mentir. Você corre perigo simplesmente por estar comigo.

Drake ergueu a mão dela e pressionou a palma suave contra seus lábios.

— Não vou deixar ninguém te machucar. Protejo e valorizo o que é meu. E você pertence a mim agora, Angel. Você é a coisa mais importante para mim e o que valorizo acima de tudo.

Evangeline parecia ter ficado atordoada com a declaração. Um brilho de lágrimas se refletiu nos olhos dela ao olhar para ele em

estado de choque.

— Ah, Drake — ela finalmente sussurrou. — Não sei o que dizer.

— Diga que nós valem a pena. Que todo o transtorno na sua rotina e a chateação de ter sempre alguém acompanhando cada movimento seu valem a pena para estar comigo.

Ela jogou os braços ao redor do pescoço dele e ficou na ponta dos pés para tentar alcançar sua altura.

— Ah, Drake, você não sabe? Você vale tudo. Não há nada que não faria para estar com você. Pelo tempo que me quiser. Sou sua.

A doçura de Evangeline perfurou a alma de Drake, e espalhou raios de luz onde quer que ela tocasse. Partes dele que há um longo tempo não se sentiam aquecidas ganhavam vida sob seu toque e floresciam como uma flor selvagem. Ele a abraçou forte, simplesmente absorvendo a sensação de ter algo tão precioso nos braços, perto do coração.

O que faria sem ela agora? Como era a sua estéril existência antes de ela entrar em sua vida e virar tudo de cabeça para baixo! Que Deus o ajudasse, mas não podia suportar a ideia de perdê-la algum dia. Se alguma vez ela se machucasse por causa dele, nunca descansaria até que cada canalha pagasse com o sangue.

Ele acomodou Evangeline na cama até que ela estivesse sentada na beirada. Então, pegou os sapatos que ela segurava e deslizou-os em seus pés. Em seguida, deu outro beijinho em seus lábios enquanto se levantava.

— Volto já. Não saia daí.

Ele correu para até o closet e vestiu um de seus ternos mais caros. Depois de deslizar os pés nos mocassins italianos dispostos no canto do armário, voltou para pegar Evangeline.

— Está pronta, Angel?

— Onde vamos comer? Ou melhor, *o que* vamos comer hoje à noite? — ela perguntou, enquanto ele a escoltava até o elevador.

— Frutos do mar. Em um restaurante excelente em Midtown. Um dos meus favoritos. Tenho reserva permanente lá e uma mesa sempre à disposição, assim não precisaremos esperar.

— Adoro camarão — ela comemorou, com um sorriso.

— É porque você é um — ele disse, batendo no queixo dela com os nós dos dedos.

Quando chegaram ao saguão, Zander e Hartley estavam esperando para acompanhá-los até o carro. Ambos ocuparam os bancos da frente, Hartley na direção. Drake ajudou Evangeline a entrar no banco de trás e sentou-se ao lado dela.

— Boa noite, Zander. Hartley — Evangeline cumprimentou, com doçura.

— Boa noite, Evangeline — Zander respondeu. — Teve um bom dia, querida?

Ela sorriu.

— Sim, e você?

— Teria sido melhor se tivéssemos recebido o convite para o café da manhã — disse Hartley, sucinto.

Evangeline corou, mas seus olhos brilhavam de prazer.

— Que tal se da próxima vez eu chamar vocês todos?

— Fechado — Zander disse.

— Vou começar a pensar que você não alimenta bem seus homens — Evangeline provocou Drake, e aconchegou-se em seu corpo. Ele passou um braço ao redor dela, aninhando-a contra si, e acomodou-se.

— Eles reconhecem o que é bom quando veem — Drake disse. — E estão com um puta ciúme que eu tenha visto primeiro.

— Não é mentira — Hartley admitiu.

Venceram o trânsito em tempo recorde e, alguns minutos depois, Hartley encostou na frente do restaurante e Zander saltou para abrir a porta para Drake. Ele saiu e estendeu a mão para ajudar Evangeline a sair do carro.

Ela tinha dado no máximo dois passos quando o mundo inteiro ao seu redor explodiu em uma miríade de luzes piscantes. Drake soltou uma torrente de palavras que foram ecoados por Zander. Evangeline tropeçou, mas Zander e Drake estavam lá, ao redor dela.

— Tire a maldita câmera do rosto dela — Drake ordenou. — Ou juro por Deus que vou fazer você engoli-la.

Houve o barulho de uma briga, mas Drake exortou Evangeline a entrar no restaurante e sair da calçada onde estavam expostos. O *maître* parecia horrorizado e imediatamente escoltou Drake e Evangeline para uma mesa na parte de trás, pedindo desculpas profundas por todo o caminho.

— O que aconteceu? — Evangeline perguntou, confusa, quando finalmente se sentou.

— Fotografos — Drake disse.

— Eles sempre te incomodam assim? — ela perguntou, confusa. Ele parecia muito contrariado, mas concordou.

— Vai ser pior agora que fui visto com você.

Ela o encarou cheia de lamentação.

— Mil desculpas, Drake. Não quero ser um problema para você.

Ele estendeu a mão e segurou a dela, levando-a até sua boca.

— Calada. Você não é um problema. Isso vai ser um saco para você, Angel. Eles são sanguessugas implacáveis. Uma vez que cravam os dentes em um osso, não largam mais. Vão nos seguir em todos os lugares.

— Não me importo — ela sibilou. — Nunca farão eu me arrepender de estar com você.

Fogo ardia nos olhos de Drake, e ele apertou a mão dela, segurando-a entre eles sobre a mesa.

— Não seremos incomodados aqui. Nossa mesa é reservada e não tem como tirarem fotos pela janela.

— Então vamos aproveitar a noite e esquecer essas sanguessugas — ela disse. — Mal posso esperar para chegar em casa e ligar para mamãe e papai. Ai, Drake. Eles vão ficar tão felizes de vir para cá para o Dia de Ação de Graças.

— Eu diria que você mesma está bem feliz — Drake respondeu, indulgente.

— Você é tão bom para mim. Nunca vou me esquecer de tudo que fez por mim.

Um garçom se aproximou e Drake fez o pedido para os dois, escolhendo um prato com camarões para Evangeline. Depois de lhes

servir vinho, o garçom desapareceu, deixando-os sozinhos de novo.

Evangeline se ajeitou na cadeira e olhou interrogativamente para Drake.

— Acha que eu fiz a coisa errada, deixando minhas amigas subirem até o nosso apartamento? Maddox insistiu para que eu nunca as receba se estiver sozinha.

— Evangeline, não precisa da minha permissão para convidar alguém até o nosso apartamento — Drake respondeu, com carinho. — É a sua casa, tanto quanto é minha. Espero que se sinta totalmente à vontade lá. Acho que fez muito bem de ouvir e aceitar o que disseram com um pouco de desconfiança. E também concordo com Maddox, que você não deve permitir que ninguém suba a não ser que eu ou alguns dos homens estejam lá. Quando se trata de você, prefiro não arriscar.

Evangeline suspirou.

— Elas devem estar pensando que eu sou uma vadia orgulhosa que está guardando rancor. E nunca fui assim antes.

— Acho que elas vão considerar a responsabilidade que têm nessa história toda e perceber que você está com receio de se machucar de novo. Não podem culpá-la por não aceitar imediatamente as desculpas delas ou por não ceder logo de cara ao desejo delas de recomeçar de onde pararam. Acho que você sabe que isso não é possível agora. Muita coisa mudou, Angel.

— Você está certo, é claro — ela disse, com um suspiro.

— Eu, pelo menos, não estou triste — ele disse, em uma voz irredutível. — A perda delas sem dúvida é o meu ganho.

— Só você para me fazer sentir que fiz a coisa certa — ela disse, com um sorriso. — Claramente, preciso aprender mais com você. Minhas amigas sempre se desesperaram comigo por eu ser gentil demais e perdoar com muita facilidade. Acho que agora elas vão sentir na pele que eu posso ser uma garota malvada e implacável.

— Gosto desse lado garota malvada — Drake disse, com um sorriso sexy. — Sinta-se livre para ser tão malvada quanto quiser mais tarde, quando eu arrancar esse vestido de você.

Evangeline arqueou uma sobrancelha para ele.

— Pensei que seu trabalho era me manter na linha. Você está afrouxando ultimamente, Sr. Donovan. Estou começando a achar que tem fantasias secretas sobre eu ser uma dominatrix e, preciso dizer, não acho essa imagem muito sexy.

Drake começou a rir, os olhos brilhando de divertimento.

— Então, não estou cumprindo meus deveres, né? É isso que está dizendo, meu anjo?

Ela sentou-se na beirada da cadeira com as mãos no colo, olhando para ele. Então, inclinou-se para a frente para que suas palavras sussurradas não fossem ouvidas nas outras mesas.

— Está me tratando como se fosse de vidro. Não vou quebrar, Drake. Quero seu domínio. Preciso disso. Nem consigo me lembrar da última vez que me açoitou ou me espancou. Você tem sido muito terno, e não pense que não aprecio o seu respeito, mas o que mais quero é que tudo volte a ser como antes... daquela noite. Ou você não quer mais que seja assim?

Evangeline estava totalmente vulnerável naquele momento, tendo falado abertamente sobre seus segredos e desejos para ele. Segurou o lábio inferior com os dentes, porque estava tremendo, com medo de ter ido longe demais e irritado Drake com suas críticas.

— Meu querido anjo — Drake disse cheio de ternura. Seus olhos ardiam de desejo e aprovação. Não havia o menor sinal de irritação nele, para o enorme alívio de Evangeline. — Você se sentiu negligenciada por mim? Não fiz o que deveria para manter meu anjo feliz?

Ela corou e abaixou a cabeça, mortificada por aquelas palavras.

— Oh, Drake, não! Não é nada disso.

— Baby, estou te provocando — Drake disse e estendeu a mão para tocar a bochecha dela. — Olhe para mim, Evangeline.

Havia autoridade na voz dele, o que fez um calafrio delicioso percorrer a espinha de Evangeline. Seus braços foram tomados por um arrepio que fez sua pele pinicar enquanto ele acariciava seu rosto.

— Nunca me esconda seus pensamentos, suas necessidades, seus desejos. Você está certa. Tenho sido seletivo com você ultimamente. Me desculpe por isso. Não poderia suportar a ideia de te pressionar demais ou de fazer qualquer coisa que te deixasse desconfortável comigo. É um território novo para mim, Angel. Nunca tinha me preocupado com o que uma mulher pensava de mim. Sempre fui um cara do tipo “ame ou deixe”. Mas com você eu me importo. Você eu não quero perder. E eu já fodi tanto com você e já cheguei tão perto de te perder... Como resultado, receio ter sido cauteloso demais e por isso peço desculpas.

— Você não vai me perder, Drake.

Dessa vez, foi Evangeline que estendeu a mão e puxou a dele, deixando a outra em seu rosto, fazendo carinho devagar.

— Quero ser a mulher que você quer e precisa que eu seja. Quero sua autoridade e seu controle. Não quero mudar nunca quem e o que você é porque então não seria real. Preciso de você — ela sussurrou. — Da forma e na hora em que me quiser. Do jeito que quiser. Quero ser aquela que te faz feliz. É importante para mim.

Ela implorava a Drake com os olhos, e o olhar dele se suavizou quando sua mão deixou o rosto dela. Ele juntou as mãos dela nas suas e entrelaçou os dedos.

— Uma vez lhe disse que nunca precisaria implorar por nada que eu possa lhe dar, Angel. Isso ainda é verdade. O que quiser, o que precisar, é seu. Eu sou seu — ele afirmou, em uma voz séria. — Entende isso? Compreende? Sim, você pertence a mim e sou um homem muito possessivo, mas eu também sou seu e, Angel, você também é uma mulher muito possessiva.

Os olhos dele brilharam com malícia.

— Gosto disso. Preciso dizer que me dá um baita tesão ter uma mulher tão possessiva — ele disse, com um sorriso.

Ela corou, mas não desviou o olhar dele por vergonha. Não havia censura na voz ou nas palavras de Drake. Nenhuma advertência.

— Ok, está bem, admito totalmente que eu daria uma surra em qualquer vadia que olhasse para você do jeito errado — Evangeline

murmurou.

Drake riu, um sorriso sensual.

— Então estamos quites, porque daria uma surra em qualquer homem que olhasse para você um segundo a mais que o necessário. Ainda que eu possa entender a razão que levaria alguém a ficar te encarando sem o menor constrangimento. Não posso culpar um homem por respirar e por ter olhos na cabeça, mas posso e vou dar uma surra nele se ficar olhando para você muito tempo.

— Está tão certo disso, Drake. — Ela bufou — Nunca vou entender o que vê em mim, mas não estou reclamando.

Ele fez uma cara brava e balançou a cabeça, desaprovando.

— Agora isso vai fazer com que seu traseiro leve uma surra, Angel. Não fale mal de si mesma. Eu jamais aceitaria que outra pessoa falasse assim de você, então não vou permitir que nem mesmo você perpetue essa mentira deslavada.

Evangeline olhou para ele, nervosa e sem saber o que dizer. Então, calou a boca e não disse nada, mas sentiu uma explosão de calor em seu peito por ele, sem hesitar, ter chamado a atenção dela por falar mal de si mesma. Drake se inclinou sobre a mesa para que ela ouvisse bem suas palavras seguintes.

— Você é a mulher mais linda que já conheci — ele declarou, com voz rouca. — Agora, se acha que tenho costume de dizer isso a toda mulher que conheço, está bastante enganada.

Ela se agitou na cadeira. O jantar ia chegar ou não? A tensão sexual entre eles era tão espessa que poderia ser cortada com uma faca. Ela estava morrendo de vontade de sair daquele local público e correr de volta para o apartamento e para as promessas de Drake.

O olhar dele percorreu o rosto de Evangeline e ele sorriu, como se soubesse exatamente o que ela estava pensando. O danado provavelmente sabia mesmo. Ele sabia de tudo.

Bem naquele momento, o garçom aproximou-se da mesa e Evangeline quase murchou de alívio. A refeição parecia deliciosa e cheirava muito bem, mas ela não conseguia manter os olhos — e pensamentos — em outra coisa que não Drake.

— Coma, querida — ele disse, com um sorriso. — Vou cuidar de todas as necessidades do meu anjo mais tarde. Prometo.

Ela suspirou e olhou para o prato. Ia ser uma noite longa.

PASSARAM A MAIOR PARTE DO CAMINHO de volta ao apartamento calados. Evangeline estava aconchegada ao lado de Drake, com a cabeça apoiada em seu ombro, absorta pelas luzes cintilantes da cidade. Aquele era um silêncio confortável, companheiro, e não um carregado de estranheza.

Ficava feliz que estivessem tão confortáveis um com o outro e tão à vontade. Quem teria adivinhado que ela estaria ali, assim, quando, semanas atrás, ela tinha ido à Impulse para esfregar na cara de Eddie o que ele estava supostamente perdendo.

Sua mãe sempre dizia que a vida era cheia de surpresas e que não era mesmo para ser previsível. Ela ensinara Evangeline desde criança a abraçar cada dia como o presente que era porque o amanhã não era certeza para ninguém. Ela virou o pulso de Drake em sua direção para ver a hora no relógio.

— Tudo bem? — ele murmurou. — Tem outro compromisso urgente para ir?

A provocação dele a fez rir, atrevida.

— Na verdade, tenho um encontro quente combinado com um garanhão que conheci na Impulse. Disse a ele que daria um jeito de sair à meia-noite para vê-lo.

Drake bateu na bunda de Evangeline com força suficiente para fazer pegar fogo em sua pele, e um gemido suave escapou de seus lábios.

— Talvez eu devesse te amarrar na cama hoje à noite...

— Mmm..., talvez deva. Afinal, posso ser uma garota muito má, lembra?

— Acho que tem alguém querendo conversar com meu chicote ou meu cinto.

— Dã — ela disse, revirando os olhos. — Quer dizer, o que uma menina precisa fazer para conseguir ser punida nos dias de hoje? Está ficando muito bonzinho com a velhice, Drake. Se não se cuidar, não vai mais conseguir me acompanhar e vou ter que mandar você pastar e aposentá-lo dos serviços de garanhão.

Ele engasgou de tanto rir e, em seguida, tossiu, o corpo apoiado contra o dela.

— É assim que vocês falam lá no Sul? Porque não tenho ideia do que está falando. Mulherzinha sem-vergonha — ele disse, sem sinal de estar bravo.

Evangeline riu.

— Mandar alguém pastar é um jeito educado de dizer que aquela pessoa não está mais mostrando serviço. Em outras palavras, você está ficando cada vez mais velho e vou ter que encontrar alguém para satisfazer minhas necessidades.

— Tenho uma recomendação, se quiser ou precisar de uma — Zander disse, do banco dianteiro do carro.

Ela pôs a mão sobre a boca, morrendo de vergonha, e praticamente mergulhou entre Drake e o banco de trás tentando se esconder.

— Esqueceu que não estamos sozinhos no carro, Angel? Diria que Zander acaba de te dar um retorno sobre o que você estava perguntando.

— Posso rastejar até um buraco e morrer agora? — Evangeline gemeu.

— É isso que você ganha por tentar ser tão espertinha — Drake respondeu, complacente. — E estou bastante ansioso para espancar essa sua bunda quando chegarmos em casa.

— Olhei as horas no seu relógio porque queria ver se já estava muito tarde para ligar para os meus pais quando chegarmos em casa — ela respondeu, com ansiedade. — Lá é uma hora antes, então ainda devem estar acordados se você não se importar de eu ligar hoje à noite.

Ele a puxou mais para perto e deu um beijo em sua testa.

— Claro que não me importo que ligue para eles, amor. Sei como está doida para dar a notícia para eles. Que tal se eu fizer essa ligação com você, claro, se não tiver nenhuma objeção, e então depois você pode expressar sua gratidão de forma muito criativa.

Drake terminou a frase com um sorriso safado e um brilho cheio de más intenções nos olhos.

— Vamos ver se consigo fazer a ligação com rapidez — ela murmurou.

— Sem pressa — Drake disse, casual. — Não precisa ter pressa para nada. Teremos a noite toda, Angel. E pretendo aproveitar ao máximo cada minuto. Acho que seria uma boa ideia você ficar em casa amanhã, dormindo. Estou com a sensação de que não vai estar com vontade de fazer muita coisa depois de tudo que eu fiz com você.

Ela olhou para ele com os olhos semicerrados e havia uma intenção firme em seus lábios.

— Não faça promessas que não pode cumprir, Sr. Fodão. Até agora você é muito papinho e nenhuma atitude. Só espero que sustente todas essas palavras.

Ele levantou uma sobrancelha na direção dela.

— Isso soa muito parecido com um desafio.

Ela deu de ombros, tranquila.

— Apenas certifique-se de estar à altura dele. Fico me perguntando o que todos aqueles fotógrafos sensacionalistas pensariam do grande Drake Donovan se soubessem que ele não está satisfazendo sua mulher.

— Acho que você criou um monstro, Drake — Hartley disse, em uma voz seca.

Evangeline gemeu novamente.

— Cala a boca! Podem pelo menos fingir que não estão ouvindo o que a gente está falando? Não vou dizer mais uma palavra.

Ela olhou para o banco da frente, onde Hartley e Zander estavam rindo. Quando Drake se juntou a eles, Evangeline lhe deu uma cotovelada na barriga, fazendo-o grunhir e perder a respiração.

— Meu anjo está ficando atrevida comigo — ele disse cheio de aprovação. — Gosto disso.

Ela continuou a olhar entre ele e os homens na frente do carro, os lábios contraídos, apertados em silêncio.

Felizmente para ela, chegaram ao apartamento poucos minutos depois, e ela se recusou a olhar para Zander ou Hartley quando eles abriram a porta para ela e Drake.

— Não seja tão dura com ele esta noite, docinho — Zander gritou, assim que Evangeline e Drake entraram no prédio.

Ela tapou as duas orelhas com as mãos, mas ouviu as risadas dos homens mesmo assim.

Quando chegaram ao elevador, Drake esperou alguns andares e apertou o botão de parada, e o elevador parou entre dois andares.

— Drake? — Ela perguntou, cautelosa. — O que está fazendo?

— Temos alguns minutos antes de ligar para os seus pais — ele disse, a voz áspera de excitação. — Passei a noite toda duro como uma pedra. Basta você respirar que eu fico duro. Tire a calcinha.

Os olhos de Evangeline se arregalaram e ela olhou para ele em estupefação.

— O que acabei de mandar você fazer? — Ele perguntou com uma voz perigosamente aveludada.

Ela enfiou a mão debaixo do vestido e, devagar, tirou a calcinha de renda, percorrendo suas pernas até chegar até o chão, entre seus pés.

— Agora, abra minha calça e tire meu pau para fora.

Com as mãos tremendo, Evangeline abriu a calça dele lentamente. O pênis de Drake se encaixou em suas mãos ansiosas, completamente rígido e teso.

— Puxe seu vestido até parar na cintura e segure-o lá — Drake ordenou, seus olhos brilhando com um toque de severidade.

Assim que ela obedeceu, ele enganchou os braços debaixo da bunda dela e levantou seu corpo. Ele a ajeitou, de maneira que os ombros dela ficassem apoiados na parede do elevador, e então posicionou seu pênis na entrada da vagina dela.

— Pronta para mim, Angel? Consegue me aguentar assim? Temos apenas cerca de dois minutos antes que a segurança abra o elevador depois do alarme. Ou podemos encerrar e então aperto o botão para retomarmos a subida.

Nada no mundo faria com que Evangeline deixasse aquilo se arrastar a ponto de a segurança chegar para encontrá-los nus e em uma posição um tanto embaraçosa, pouco importava se não estava pronta ou não. Mas em vez de ficar embaraçada, um arrepio de tesão percorreu sua espinha. Em vez de sufocar, o risco de ser pega no flagra estimulou seu desejo.

— Sim — ela sibilou. — Por favor. Mete forte, Drake.

Em uma estocada brutal, ele enfiou até as bolas dentro de Evangeline e os gemidos dela ecoaram pelo elevador. Deus, como ele era grande! Podia senti-lo em cada parte de seu núcleo mais profundo, pulsando e latejando.

— Enrole as pernas ao meu redor e segure-se — ele rosnou.

Ela enrolou as pernas na cintura dele e enganchou os tornozelos. Então, agarrou os ombros de Drake enquanto ele começava a meter. Evangeline inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Drake continuava as investidas, para frente e para trás, na vagina quente e molhada.

— Tão linda — ele disse, os dentes cerrados. — Nunca vi nada tão bonito em minha vida.

— Então nunca deve se olhar no espelho — ela respondeu, entre suspiros.

— Não vou aguentar muito tempo. Quão perto você está, Angel? Ela já estava totalmente trêmula dele, apertando sua ereção.

— Perto — ela conseguiu dizer. Tão perto. Por favor. Eu preciso...

Então, Drake se liberou do controle que cultivava com tanto cuidado. Bombeou dentro de Evangeline com estocadas fortes e longas, enfiando tudo uma e outra e outra, até que o mundo se turvou e as paredes pareciam girar e girar em torno dela.

Ela soltou um grito agudo no mesmo momento em que a primeira inundação do gozo dele banhava as paredes de sua vagina. Ele enterrou o rosto no pescoço dela e continuou as poderosas investidas com os quadris, até que finalmente mergulhou fundo e ali ficou, imóvel, jato após jato de seu sêmen enchendo cada centímetro dela.

O peito de Evangeline arfava por causa do esforço, e ela aspirava ar e mais ar, ruidosamente, enquanto ele permanecia lá, segurando-a contra a parede, seu pênis encaixado em uma profundidade impossível.

Com uma mão, Drake apertou o botão do elevador para retomar a subida, e eles seguiram o resto do caminho em silêncio, ainda intimamente conectados, as pernas dela firmemente enroladas ao redor de seus quadris.

Quando a porta do elevador se abriu, Drake a levantou em seus braços e entrou lentamente no apartamento, ainda segurando-a perto dele e mantendo-se conectado a ela.

— Uau — ela murmurou.

Ele riu.

— Bom?

— Uh-huh.

— Está meio sem palavras, hein?

— Sim.

Ele riu novamente e levou-a até o banheiro, onde a colocou em cima do balcão, ao lado da pia. Ligou o chuveiro para preparar um banho e tirou as roupas dela e as suas, antes de levá-la para debaixo da ducha quente e começar a lavar cada centímetro de seu corpo hipersensível. Quando terminou de enxaguar os dois, Drake a puxou para fora do chuveiro e enrolou uma toalha em volta dela. Então, deu um beijinho no topo de sua cabeça.

— Vamos ligar para os seus pais. Depois, meu anjo, vou dar a recompensa da minha menina má.

DEPOIS DE DESLIGAR A CHAMADA COM seus pais, Evangeline recostou-se nos braços de Drake e suspirou, feliz.

— Eles pareciam animados — Drake disse, indulgentemente.

— Ah, eles estão. *Eu* estou animada, Drake! Ainda não acredito que vai mesmo se dar o trabalho de trazê-los aqui para o Dia de Ação de Graças. Obrigada!

Ele sorriu, caloroso, para ela.

— É um gesto tão pequeno, Angel. Como poderia não fazer algo que te traz tanta felicidade? E admito, estou ansioso para conhecê-los.

— E os dois estão doidos para te conhecer — Evangeline admitiu. — Vou avisá-lo desde já: eles provavelmente lhe farão mil perguntas. Meu pai vai te encher para saber quais as suas intenções em relação à menininha dele, e minha mãe estará nos observando como um falcão.

Drake parecia se divertir com a chateação dela.

— Acho que consigo lidar com um pequeno interrogatório. Não se preocupe, Angel. Tudo ficará bem.

Ela se aconchegou ainda mais em seu abraço, e, com o rosto, acariciou seu peito.

— Então me conte. Quão má eu fui e qual será a minha recompensa? — ela perguntou, inocente.

— Deve chegar a qualquer momento.

Evangeline se afastou um pouco para olhá-lo nos olhos.

— O que deve chegar a qualquer momento?

— Sua punição. Minha recompensa. Sua recompensa também.

— O que é?

Drake pegou uma de suas mãos e levou-a até a boca, beijando a palma aberta.

— Lembra-se do Manuel?

Um zumbido quente inundou as veias de Evangeline, e ela estremeceu sem perceber. Ela assentiu, sem confiar em si mesma para falar naquele exato momento.

— Ele vai nos fazer uma visita esta noite. Espero que seja uma boa garota e que obedeça meus comandos sem hesitação.

— Nunca te faria passar vergonha na frente de outro homem — ela disse, baixinho.

— Sei muito bem disso, Angel. Agora, vá para o quarto e prepare-se. Mas não demore. Ele chegará em breve e quero você aqui, na sala, de joelhos, quando ele chegar.

Na mesma hora, ela se levantou e correu para o banheiro para escovar os dentes e os cabelos e se arrumar. Com as instruções de Drake na cabeça, demorou apenas alguns minutos, e então correu para a sala de estar para ficar diante de Drake e aguardar seu comando.

O olhar de Drake acariciou seu corpo nu e seus olhos se encheram de aprovação.

— Ajoelhe-se no tapete no meio da sala — ordenou, num sussurro. — Manuel está subindo agora.

Obediente, ela se posicionou onde ele tinha ordenado e, então, lentamente se abaixou até ficar de joelhos de maneira que encarasse o hall de entrada e, assim que chegasse, fosse a primeira coisa que Manuel visse.

Engoliu em seco, nervosa, tentando lembrar o máximo possível sobre aquela noite com Manuel. Tanta coisa tinha sido como um borrão cheio de prazer. Mal conseguia se lembrar das feições, da aparência dele. Pelo que lembrava, tinha achado que ele era da idade de Drake. Talvez alguns anos mais velho.

Era um homem bonito, de cabelos curtos e negros como a noite, ligeiramente grisalhos. Apenas o suficiente para lhe conferir uma aparência distinta. Ele falava muito bem e tinha sido muito solícito com Evangeline naquela noite, mas o foco dela estava unicamente em Drake e em seu prazer.

O que Drake tinha em mente para aquela noite? Queria vê-la dominada por outro homem, como na vez anterior, ou iria participar mais dessa vez?

As portas se abriram e Manuel a viu imediatamente. Desejo e aprovação cintilaram em seus olhos escuros enquanto ele adentrava o apartamento. Drake se levantou do sofá para cumprimentar Manuel e os dois apertaram as mãos.

— Evangeline, você se lembra de Manuel — Drake disse.

— Sim — Evangeline respondeu, num tom sussurrado e submisso. — Espero que esteja bem, senhor.

— Tão doce e respeitosa essa sua submissa, Drake — Manuel elogiou, comendo Evangeline com os olhos sem o menor pudor. — Me considero entre os homens mais sortudos por ter recebido esse dom.

— Ela é sua hoje à noite — Drake disse, simplesmente. — Vou assistir e até mesmo participar, mas é você que vai conduzi-la, não eu. Como na primeira noite, a única coisa proibida é beijar a boca dela. Tudo o mais é permitido.

— Quais são seus limites? — Manuel perguntou, sem rodeios.

— Ela não tem — Drake respondeu.

Manuel levantou uma sobrancelha, surpreso.

— Use seu próprio julgamento. Confio em você para saber o quanto é longe demais. E, porque eu confio em você, Evangeline também vai confiar. Ela sabe que eu nunca deixaria que ela se machucasse.

Manuel voltou sua atenção para Evangeline, e o pulso dela se acelerou. Suas narinas se dilataram com a expulsão do ar preso em seu peito.

— Diga-me, Evangeline. Você gosta de pegar pesado? Quanto consegue aguentar? Não tenho a menor vontade de te machucar. Quero que seja prazeroso para você, como será para mim e para Drake.

— Quero que faça o que quiser comigo — ela disse, encontrando seu olhar sem hesitar. — Quero que seja real. Não gosto de nada falso.

Os olhos de Drake brilhavam de orgulho, o que dava a ela uma injeção de confiança.

— Você e eu vamos nos dar muito bem — Manuel disse, com um sorriso. — Também não curto joguinhos. Mas como esta é apenas a nossa segunda vez juntos e desta vez sou eu, e não Drake, que estarei no controle, quero que invente uma palavra de segurança para dizer se quiser que eu pare.

— Não vou querer que você pare — ela declarou, calmamente. — Drake saberia muito antes que eu se você precisasse parar. Ele não vai permitir que você vá longe demais. Confio totalmente nele.

— É um presente de fato muito precioso para um dominante que seu submisso tenha tanta fé nele. Drake é um homem muito sortudo.

— *Eu* é que sou sortuda — ela sussurrou.

Drake foi até Evangeline e descansou a palma de sua mão em seu rosto.

— Sobre isso, teremos que concordar em discordar, meu anjo. Estou bem ciente de quem é o sortudo aqui. Mas você está certa: nunca vou deixar ninguém levar as coisas longe demais com você a ponto de machucá-la. Mas, ao mesmo tempo, se, em qualquer momento, por qualquer razão, quiser que Manuel pare, é só pedir. Entendeu?

— Sim — ela sussurrou.

Drake voltou-se para Manuel.

— Ela é sua — ele disse, gesticulando em direção a Evangeline.

Manuel parou por um momento, olhando fixamente, seu olhar faminto vagando de um jeito possessivo pelo corpo nu de Evangeline. Em resposta, ela estremeceu, e seus mamilos ficaram imediatamente rijos. Sua vagina se contraiu e seu clitóris latejava, pulsando. Estava animada. Mais animada do que na primeira vez em que Drake

convidara Manuel, porque agora conhecia os prazeres que a aguardavam. Na primeira vez, estava nervosa e insegura, apreensiva e preocupada que Drake ficasse zangado por se entregar a outro homem. Mas ele se deleitou ao observar sua reação a um homem que ele tinha escolhido a dedo para ela. Quando Evangeline viu isso, reconheceu isso, relaxou e se soltou, mergulhando no êxtase luxurioso que Manuel — e Drake — estavam lhe proporcionando.

E, a julgar pelo brilho nos olhos de Manuel, aquela tinha sido apenas a ponta do iceberg. Tinha a intuição de que aquela primeira noite tinha sido uma espécie de teste, um em que ela tinha passado, e que nesta noite não haveria nenhum pudor. Ela mal podia esperar.

Manuel desabotoou suas calças e tirou de dentro delas sua enorme ereção, que, com as mãos, bombeou para ficar ainda mais rígida. Então, diminuiu a distância entre ele e Evangeline até que seu pênis ficasse sacudindo deliciosamente diante dos lábios dela.

— Chupe meu pau, Evangeline — ele ordenou, usando uma linguagem grosseira que a excitava. — Espero que esteja preparada porque quero que faça garganta profunda. Vou foder sua garganta até que tudo que possa provar, sentir e cheirar seja eu. Mas, primeiro, vou pedir a Drake para te segurar, porque te quero completamente à minha mercê para que eu possa exercer minha vontade sobre você sem que possa reagir, exceto aceitar o que lhe dou.

Ela gemeu suavemente, seu corpo se contorcendo e formigando conforme seu tesão aumentava. Inconscientemente, ela se arqueou para a frente, projetando os seios para fora, seus mamilos tão duros que quase doíam.

Enquanto Manuel permanecia ali, deslizando sua mão lentamente para cima e para baixo em seu pênis, provocando Evangeline com o que estava por vir, Drake puxou os braços dela para trás com força, e amarrou seus pulsos juntos, com firmeza. Depois, para o choque de Evangeline, Drake enfiou as mãos em seus cabelos, puxando sua cabeça para trás e, então, segurou o rosto com as mãos, mantendo-a no lugar enquanto Manuel plantava os pés ao lado das coxas dela, de maneira a ficar de frente para ela, enquanto continuasse ajoelhada.

— Abra! — Manuel ordenou, sem rodeios.

Evangeline obedeceu na mesma hora. Devagar, Manuel deslizou a parte de baixo de sua ereção sobre a língua dela, esfregando para frente e para trás com um grunhido de satisfação.

— Segure-a — ele disse a Drake em uma voz dura.

Foi esse todo o aviso que ela recebeu antes que ele mergulhasse duro até o fundo de sua garganta. O engasgo — e a respiração — de Evangeline foram cortados pela enorme circunferência do pau dele. Ela precisou de toda a sua disciplina para não se sufocar e lutar contra aquela invasão: forçou-se a relaxar e se apoiou em Drake, confiando que ele cuidaria dela.

Manuel fez uma pausa e olhou para baixo com um sorriso terno que lhe disse que seu movimento quase imperceptível não tinha passado despercebido. Ele suspirou.

— Esta é uma que eu roubaria de você, meu amigo — disse a Drake. — Nunca antes fui tentado a tomar a mulher de outro homem, mas esta eu levaria embora e nunca sofreria um pinga de remorso. Ela é um tesouro inestimável.

— Você pode até tentar — Drake respondeu, com frieza. — Mas vou matar qualquer um que tentar tirá-la de mim.

— E deveria mesmo — Manuel disse, aprovando. — É o que eu faria. — Essa frase foi dita com pesar, e ele abaixou a mão para acariciar a bochecha de Evangeline de uma maneira suave e íntima enquanto metia mais devagar, ganhando mais profundidade a cada golpe. — Você tem o que todo homem como a gente sonha. Espero que saiba disso e a proteja adequadamente.

Manuel tirou o pênis da boca de Evangeline, a cabeça descansando nos lábios dela; ele olhava para ela com luxúria... e algo completamente diferente brilhando em seus olhos. Tristeza?

Esquecendo-se de si mesma por um segundo, e, bem, sendo impulsiva por natureza, Evangeline não conseguiu não perguntar.

— Perdeu alguém importante para você, Manuel? — Ela perguntou em um tom suave e gentil. — Não tem uma mulher para cuidar de suas necessidades?

Assim que fez as perguntas, Evangeline corou de vergonha, cada parte de seu corpo e de sua expressão revelando seu vexame. Olhou para ele em completo tormento.

— Sinto muito — disse, horrorizada. — Por favor, me perdoe, Manuel. — E se virou para Drake, em pânico. — Perdoe-me, Drake. Passei dos limites. Não deveria ter dito — perguntado — nada. Não estou em lugar de questionar nada. Meu dever é cuidar de suas necessidades e atender suas ordens, para ser o que precisa. Não para investigar sua vida pessoal. *Por favor*, me perdoe — ela repetiu, sua angústia irradiando como um fârol.

— Evangeline, olhe para mim — Manuel disse, sua voz terna e firme ao mesmo tempo. Carinhoso, mas ainda assim, tratava-se de uma ordem.

Ela olhou para cima com medo, triste por ter falhado com ele, mas acima de tudo ter falhado com *Drake* era o que apertava seu peito.

— Não olhe assim, minha doce e amorosa Evangeline — ele disse com um sorriso terno. — Como eu poderia encontrar defeitos em uma mulher que brilha com tanta beleza e compaixão? Você tem um coração generoso, que cativa a todos ao seu redor. Sim, perdi alguém e não, não tenho uma mulher agora. Há tempos não quero ter uma. Não desde...

Ele parou, sua expressão sombria.

— Ninguém tem falado ao meu coração há muito tempo. Só você. É por isso que brinquei com Drake dizendo-lhe que se ele não fosse um amigo tão próximo eu roubaria você para mim sem a menor culpa ou remorso. Mas seu coração está com ele. Qualquer tolo pode ver. Você nunca seria feliz com nenhum outro homem.

— Não — ela sussurrou. — Apenas com Drake.

As mãos de Drake se apertaram em seu cabelo e o corpo dele tremia, encostado nas costas dela. Ele passou os dedos por seus longos fios, e depois se inclinou para beijar o topo de sua cabeça. Evangeline olhou intensamente para Manuel, sem desviar o olhar uma única vez.

— Sei que seu coração está com outra pessoa, assim como o meu, mas gostaria muito de ser a mulher que vai lhe dar ao menos

uma noite de paz. E de prazer. Me possua, Manuel. Tudo bem se quiser fingir. Faça o que quiser comigo. Faça como quiser comigo. Não vou quebrar. Posso aguentar qualquer coisa. Eu quero e você precisa. Deixe-me ser o seu consolo esta noite.

— Jamais te machucaria, pequena — Manuel disse, afeição e respeito deixando seu olhar mais suave. — Quero te dar prazer e, por um momento, tocar o sol mais uma vez.

Ele deslizou o pênis até a parte de trás da garganta de Evangeline. Drake segurou a cabeça dela com firmeza no lugar, embora não fosse necessário. Ainda que aquela noite fosse para ela, depois da incitação de Drake, Evangeline sentiu a necessidade desesperada de confortar Manuel. E ansiava perseguir as sombras que estavam nos olhos daquele homem grande.

Obediente, ela permaneceu no lugar e Manuel parou, alojado em profundidade total, e permaneceu ali, a cabeça jogada para trás, as linhas ásperas do prazer esculpidas em sua feição sensual.

— O que diria se nós dois a tomássemos, a possuíssemos, de novo e de novo esta noite? — Perguntou Manuel, com uma voz sexy e apaixonada. — Drake e eu.

Ela estremeceu delicadamente, fechando os olhos com as repentinas, quase violentas ondas de desejo e necessidades ousadas que percorreram seu corpo.

Manuel deu uma risadinha.

— Diria que já temos a nossa resposta, Drake.

— É verdade — Drake murmurou, beijando o pescoço dela enquanto seus dedos se enredavam mais profundamente em seu cabelo. — Meu anjo consegue aguentar muito e quero dar-lhe o mundo. Esta noite é apenas a cereja do bolo.

Ela gemeu suavemente, absorvendo as palavras amorosas de Drake como um viciado desesperado por sua droga.

Manuel se retirou e Evangeline se virou na mesma hora, para que pudesse olhar para Drake. Sabia que estava desobedecendo. Que ela devia obedecer a Manuel. Que o foco dela devia estar em Manuel, mas

simplesmente não podia conter as palavras que pairavam em seus lábios.

— Você não sabe, Drake? Você é meu mundo — ela disse, suave.

O fogo que ardia nos olhos dele chegou a uma temperatura infernal, e ele se inclinou para esmagar seus lábios contra os dela, devorando sua boca, sem se importar que o pau de outro homem tivesse acabado de sair dali. De alguma forma, aquilo só deixava tudo mais sexy, e Evangeline sentiu o clitóris pulsar e seus mamilos ficarem ainda mais rígidos.

— Ainda tem o banco de castigos? — Manuel perguntou a Drake.

Drake fez que sim e afastou-se de Evangeline, que sentiu a perda de seu calor intensamente. Manuel apertou o queixo dela, dirigindo seu olhar para si.

— Pensei em açoitá-la esta noite — ele murmurou. — Queria marcar essa sua pele bonita. Levá-la além dos limites de seu controle. Forçá-la até seu ponto de ruptura. Mas acho que não tenho coragem. Há muitos mais usos para um banco de castigos, como descobrirá em breve.

O brilho nos olhos de Manuel prometia um prazer inenarrável e Evangeline sentiu o corpo inteiro estremecer, inundado por calafrios de prazer, que irromperam sobre sua carne, onda após onda.

Drake voltou pouco depois, trazendo um objeto que lembrava, de certa forma, uma sela encaixada de lado no que parecia ser um cavalete. Mas era de pelúcia, e não de madeira como os cavaletes que seu pai costumava usar em sua loja antes de se acidentar. Era nítido que se tratava de um objeto projetado para o conforto. E para o sexo *kinky*.

O declive da sela, destinado a amparar a barriga de quem a usasse, era de couro, grosso e macio. Havia aros de metal aos pés das pernas dianteiras e traseiras do cavalete, e ela se perguntou para que serviria aquilo.

Manuel foi extremamente solícito; ajudou Evangeline a se levantar e soltou seus pulsos. Apoiou-a por um momento, até ter certeza de que ela estava firme, mas seu braço permaneceu ao seu redor,

fazendo carinhos e carícias, sem nunca deixar de incitar seu prazer. Para homens tão duros e dominantes como Manuel e Drake, eles estavam sendo extremamente gentis com ela, tratando-a como um bibelô delicado que poderia quebrar se manuseado sem cuidado. Isso a deixava confusa, porque havia homens que pegavam sem pedir, sem nem perguntar. Eles apenas possuíam.

Ele agarrou um de seus seios, esfregando o mamilo com o polegar até que Evangeline estivesse quase ofegante com aquela sensação deliciosa. Então deslizou a outra mão por seu ventre e continuou descendo, até mergulhar os dedos em suas dobras sensíveis, afagando e acariciando sua carne feminina.

Manuel estimulou seu clitóris, acariciando-o com movimentos circulares, com cuidado para não exercer pressão demais e machucá-la. Então, deslizou o dedo médio para baixo e o enfiou na vagina dela, explorando as paredes internas. Ela subiu na ponta dos pés, o prazer torturante estampado em seu rosto. Já estava tão perto do orgasmo e ele mal havia tocado nela! Manuel deslizou mais fundo, pressionando cuidadosamente seu ponto G, e ela quase gozou ali mesmo. Suas pernas bambearam, seus joelhos tremiam e se dobraram, e, se Manuel não a tivesse segurado, teria desmoronado.

— Calma, pequena — ele disse. — Temos a noite toda pela frente. Não precisa correr, não é?

Ele tirou as duas mãos do corpo dela e Evangeline gemeu, consternada. Ele riu suavemente e a conduziu até o banquinho que Drake havia posicionado no meio da sala. Onde diabos ele mantinha aquilo? Ela nunca tinha visto. O que mais estava escondido naquele apartamento enorme sem que ela soubesse?

Os olhos de Drake se incendiavam, pairando sobre o corpo nu de Evangeline e sobre as mãos de Manuel, contemplando-os possessivamente. A aprovação, a luxúria e o desejo se refletiam naquelas esferas escuras e isso dava a Evangeline uma emoção inebriante. Ela se sentia confiante. Sexy. Até desejável.

Os olhos de Evangeline e Drake se encontraram, e ela lhe deu um sorriso sensual que prometia o mundo, uma mensagem que ele não ia

deixar passar.

Ele fez que sim com a cabeça para Manuel, e então se viu posicionada de barriga para baixo sobre o luxuoso recorte de couro do banco. Manuel abriu as pernas dela enquanto Drake pegou os braços e os abriu também. Eles amarraram os tornozelos e os pulsos dela aos misteriosos aros que tinham deixado Evangeline intrigada. Agora, entendia o objetivo deles, e seu pulso se acelerou com a excitação, porque estava totalmente impotente e teria de aguentar o que quer que fizessem a ela.

Mal podia esperar.

Manuel esfregou levemente a bunda dela, afagando, cariciando, e afastou as nádegas, permitindo que um ar mais frio soprasse sobre as agora expostas áreas íntimas.

— Quero primeiro a boceta — ele ronronou. — Só depois vou foder essa bunda gostosa. E enquanto eu estiver te fodendo — e, Evangeline? Vou te foder muito! — você vai chupar o pau de Drake. Não pode gozar até que a gente goze. Se desobedecer ao meu comando, esquecerei minha decisão de não marcar essa pele linda e farei isso de um jeito que você não vai conseguir se sentar por uma semana.

Ela esmoreceu, seus músculos se transformando em geleia. Fechou os olhos diante da imagem provocante e engoliu em seco. Não queria compaixão. Queria tudo. Forte. Bruto. Queria a dor afiada que se transformava no prazer mais extraordinário.

Ela se moveu inquieta, suspiros suaves escapando de seus lábios, impacientes para que começassem.

A mão de alguém mergulhou em seu cabelo e, no início, ela não sabia se era de Drake ou de Manuel. Era Manuel, puxando quase dolorosamente para que ela encarasse um pênis enorme, muito ereto que se projetava em direção a seus lábios.

Drake.

Ela gemeu suavemente e lambeu os lábios, ansiosa. O gemido de resposta de Drake abafou o dela.

— Você está me matando, Angel.

— Abra — Manuel ordenou, autoritário como o estalo de um chicote.

Todos os sinais do amante gentil e terno haviam desaparecido, deixando em seu lugar um macho feroz e dominante, eriçado de autoridade.

Obedientemente, abriu os lábios e Drake se enfiou lá dentro, preenchendo Evangeline com seu gosto familiar. Ela lambeu, girando a língua ao redor da cabeça e ao longo do comprimento enquanto ele enfiava mais fundo. Suas bochechas se inflaram para acomodá-lo, e a mão em seu cabelo se apertou.

— Isso — Manuel disse. — Chupa. Engole inteiro. Assim como fará comigo daqui a pouco.

Mais uma vez, não houve aviso, preâmbulo ou preparação. Ele meteu em Evangeline com um impulso brutal e ela emitiu um grito abafado, pois sua boca estava completamente cheia com o pau de Drake. Deus, doeu. De um jeito delicioso, depravado com que nenhuma mulher viva se importaria. Ela estava bastante esticada, ainda não completamente preparada para a penetração, o que a deixava mais apertada.

Ele se retirou e então meteu com tudo de novo, fazendo-a choramingar.

— Dói, pequena? — Manuel perguntou, sedoso.

— Mmmm...

Manuel deu um riso sonoro, que fez seu corpo inteiro vibrar contra a bunda dela, enquanto ele metia bem fundo na sua vagina.

— É apenas o começo — Manuel sussurrou perto de seu ombro. — Vai doer muito mais, mas garanto que vai adorar cada minuto.

Ah, sim. Com certeza, adoraria. Não havia dúvida. A dor misturada com o proibido era uma sensação inebriante, eufórica, diferente de tudo que Evangeline já tinha experimentado em sua vida. Nunca poderia imaginar que apreciaria a linha tênue entre o excessivo e o insuficiente.

Quando Manuel meteu nela de novo, Evangeline se enrijeceu, cada músculo de seu corpo se contraindo enquanto o orgasmo se

apressava, ameaçando explodir antes que ela se desse conta.

Manuel se arrancou de seu corpo dolorido, e Drake mergulhou nas profundezas de sua garganta. Manuel deu um tapa em sua bunda, um golpe forte que a arrancou da nebulosa euforia que a cercava.

— Não goze — ele a repreendeu, rude. — Ou vai levar bem mais do que minha mão na sua bunda.

Desesperadamente, ela aspirou ar pelo nariz, lutando para conseguir respirar enquanto o pênis de Drake ocupava toda sua boca, sem deixar nenhum centímetro livre. Começou a lutar, mas Manuel lhe deu mais um tapa forte, dessa vez na outra nádega.

— Aguenta! Você não está no controle aqui. Você é nossa, e fazemos o que quisermos com você. Qualquer coisa, Evangeline. Entendeu?

Ela assentiu, ou pelo menos tentou. Fechou os olhos e forçou-se a relaxar. Forçou-se a frear o gozo iminente, embora seu corpo formigasse como se tivesse recebido um choque elétrico.

Então Drake começou a foder sua boca em estocadas longas e impiedosas, usando sua boca como usaria sua vagina. Profundo, forte. A mão de Manuel se torcendo em seus cabelos e puxando-a para trás de forma que ela não poderia escapar das investidas de Drake.

Manuel passou um gel gelado bem no meio da bunda de Evangeline, pressionando o polegar para dentro para lubrificar a abertura minúscula.

— Não muito — ele explicou, com um sorriso na voz. — Quero que sinta quando eu possuir essa bunda.

Como se ela não fosse sentir.

E, da mesma forma que antes, ele não lhe deu tempo para se preparar ou se ajustar. Ele estava sobre ela, ainda segurando firmemente seu cabelo e abrindo-a com a outra mão antes de pressionar sua abertura apertada e macia.

Evangeline arregalou os olhos na mesma hora, em choque: ele mal tinha entrado e ainda assim parecia que já tinha enfiado um bastão de beisebol em sua bunda. Oh, Deus. Ela nunca sobreviveria a isso.

— Aguenta — ele disse, asperamente. — Eu vou meter meu pau inteiro, Evangeline. É pra aguentar.

Manuel avançou, abrindo-a sem dó com uma estocada brutal, metendo tão fundo dentro de Evangeline que seus quadris espremeram as nádegas dela. Ela estava completamente preenchida. Drake em sua boca, sua garganta, e Manuel profundamente dentro de sua bunda. Presa entre dois machos alfa dominantes.

Paraíso.

Lembrando-se da orientação de Manuel, para que não gozasse antes que os dois tivessem gozado, ela foi cuidar de Drake, banhando-o com sua língua, apertando mais os lábios em torno do pau dele até que ele agarrou sua cabeça para segurá-la com firmeza enquanto metia longas, fortes estocadas em sua boca.

— Boa menina — Manuel ronronou. — Sua mulher quer gozar, Drake.

— Sim, ela quer gozar. E tem sido uma garota muito, muito boa, então vamos lhe dar o que ela quer — Drake disse em um tom áspero e sedoso que fez arrepios percorrem as costas de Evangeline.

Sem dizer mais nada, os homens estabeleceram um ritmo implacável que fez Evangeline lutar para respirar, seus sentidos em fnesi, toda a sala ficando borrada ao seu redor. Seu orgasmo floresceu, desabrochando como as mais suaves pétalas de uma rosa no verão, mas ela se segurou, concentrando toda a sua atenção em dar a Drake tanto prazer quanto ele estava prestes a lhe dar.

Manuel inchou até ficar enorme, suas estocadas duras, frenéticas, seus quadris batendo com força contra Evangeline. As mãos dele estavam cravadas nos quadris dela, segurando-a com tanta firmeza que ela sabia que ficaria com aquelas marcas por dias. Então, com um rosnado, ele se arrancou dela, fazendo-a choramingar com a perda repentina daquela plenitude esmagadora.

Drake também saiu de dentro da boca de Evangeline, e ela sentiu o jorro quente de sêmen vindo de dois lugares embaixo e em cima de suas costas. Era a sensação mais ousada e pecaminosamente que já sentira. Quem teria pensado que ela, que pouco tempo antes não tinha

nenhuma experiência sexual, estaria participando de um delicioso *ménage à trois* com dois dos homens mais gatos que conhecera em sua vida?

E um deles lhe pertencia.

A respiração ofegante ficou presa em sua garganta quando sentiu a ponta lisa de... alguma coisa... cutucar a entrada de sua vagina e, em seguida, os dedos de Manuel suavemente afagando e acariciando seu clitóris latejante. Seus olhos se abriram surpresos quando um objeto deslizou para dentro dela, espesso e duro, e ela percebeu que devia ser um vibrador ou algum outro brinquedo sexual.

— Como vai querer, Evangeline? Suave e lento ou forte e rápido?
— Manuel perguntou, diminuindo os movimentos.

Estava difícil formular qualquer raciocínio coerente, quanto mais articulá-lo em palavras.

— Suave e lento com sua mão. Rápido e forte com o... — Ela se interrompeu, sem saber o que exatamente ele estava usando nela. Manuel deu uma risadinha.

— Dildo, Evangeline. Você tem um dildo preenchendo toda essa sua boceta gostosa. E seu desejo é uma ordem.

Manuel começou a acariciá-la suave e lentamente como ela havia pedido e forte e rapidamente com o dildo, fazendo-a gritar enquanto seu corpo se contorcia, preso nas amarras.

Drake se ajoelhou em frente a ela e enfiou as mãos em seus cabelos, inclinando seu queixo para encontrar seu beijo. A língua dele entrou varrendo tudo, provando e devastando sua boca. Ele engoliu seus gemidos, inalou sua respiração e deu a ela seu próprio ar. E, quando Evangeline gozou, gozou gritando na boca dele, o som abafado por sua língua e seus lábios.

Ela estava tremendo e se sacudindo como um fio elétrico ligado quando Manuel, com cuidado, puxou o vibrador de dentro de sua vagina ainda espasmódica. As paredes se contraíram, sedentas, sem querer abrir mão da deliciosa sensação de estar preenchida. Mas o dildo não era nada comparado à coisa real, e ela queria os paus de Manuel e

Drake. Bem no fundo dela. Entrando nela. Marcando-a, possuindo-a, sendo seus donos.

Enquanto Drake ainda beijava Evangeline, passando as mãos por seus cabelos e acariciando seu rosto com carinho, Manuel soltou as amarras e a libertou. Ela caiu sobre o banco, desmantelada demais para conseguir se mover. Para sua sorte, não era mesmo preciso.

Drake levantou-a em seus braços e sentou-se no sofá segurando-a no colo. Manuel apareceu com uma bebida, que levou aos lábios de Evangeline.

— Beba — ele disse, gentil. — Você deve estar com sede. Precisamos cuidar de nossa mulher esta noite. Ela não pode se cansar da gente.

Ela sorriu, olhando sensualmente para ele.

— Sem chance de isso acontecer.

Ela bebeu, sedenta, e Drake observou fascinado, admirado que aquela visão fosse sexy para caralho. Tudo relacionado a Evangeline tinha esse efeito sobre ele. Sabia que estava completamente ferrado, mas, pela primeira vez em sua vida, não dava a mínima.

Às vezes, um homem não se importava de ser capturado e bem amarrado, como um peru de Natal. Que homem tinha uma mulher como o anjo dele? Ela sentiu o desespero e a solidão de Manuel e reagiu exatamente como Drake esperava. Com tanta compaixão e doçura que chegava a doer. A dor mais agradável possível.

A noite ainda era uma criança, e ele nunca conseguia satisfazer sua própria necessidade de Evangeline. Alguns poderiam até dizer que ele era um louco por não só permitir mas buscar ativamente outro homem para comandar e comer sua mulher. Ele não estava nem aí. Há muito tempo deixara de procurar desculpas e de dar explicações para as necessidades e desejos mais obscuros que o guiavam. Algumas coisas eram do jeito que eram, e essa era uma delas. Permitir que outro homem tocasse sua mulher sob seu olhar atento, de modo algum diminuía a possessividade feroz que tinha em relação a Evangeline. Na real, aquilo só aumentava essa possessividade, porque sabia que era sortudo demais por encontrar uma mulher que o compreendesse. Uma

que, por vontade própria, se entregou às suas preferências sexuais. Merda, uma mulher que se deliciava com elas tanto quanto ele. E Drake sabia que Manuel também não estava saciado. E não estaria nem quando a noite terminasse, mas aquilo era tudo que seu amigo teria. Uma noite de vez em quando. Nunca um arranjo regular. Somente a pedido de Drake, seguindo seus caprichos.

Ambos os homens tinham em comum o desejo de agradar e dar prazer a Evangeline. De levá-la ao orgasmo de novo e de novo e ouvir seus gemidos suaves de êxtase, seus gritos de prazer e o brilho quente de contentamento em seus lindos olhos azuis, nebulosos de paixão.

Drake trocou olhares com Manuel, e Manuel simplesmente assentiu. Era a hora. Manuel estendeu a mão para Evangeline e ela deslizou os dedos sobre a palma de sua mão para que ele a ajudasse a se levantar. As mãos dele percorreram seu corpo, tocando e acariciando cada curva e ondulação, prestando atenção especial aos seios fartos e à bunda, e, então, mergulharam entre as pernas dela.

Os olhos de Evangeline ficaram nublados, suas pupilas se dilataram quando a paixão se acendeu naquelas órbitas sonhadoras.

— Vire-se — Manuel ordenou, soltando-a.

Obediente, Evangeline fez conforme o ordenado. Manuel a puxou para si, de modo que as costas dela ficassem contra seu peito, e começou a caminhar para trás, em direção ao sofá. Ele se sentou, mas manteve uma mão firme sobre as costas dela, um aviso silencioso para que permanecesse de pé. Drake jogou o lubrificante para ele e Manuel aplicou uma quantidade generosa em seu pau, bombeando para cima e para baixo até que estivesse tão ereto quanto o de Drake já estava.

Evangeline tinha esse efeito sobre ele. Seu pênis se endurecia para cima, quase paralelo ao abdômen, apontando para o umbigo. Ele estava prestes a estourar de tanto desejo de estar dentro dela, e a consciência de que a bunda dela seria preenchida pelo pênis de Manuel, deixando-a portanto bastante apertada, fazia um líquido pré-ejaculatório vazar da ereção de Drake.

— Sente-se em mim — Manuel disse, tesão evidente em sua voz. — Venha para trás devagar. Vou te guiar. Coloque as mãos na sua

bunda e a deixe bem aberta para mim.

As bochechas de Evangeline ficaram cor-de-rosa, e o rubor subiu por seu pescoço até que seu rosto inteiro ficou rosado. Mas, novamente, fez conforme instruído, deixando Drake com um orgulho feroz ao ver como aquela mulher era magnífica.

A sua mulher. Ela pertencia a ele e somente a ele, e a lembrança de que em breve a assumiria publicamente, reconheceria abertamente esse fato, quase o deixou de joelhos. Ele, que nunca havia chamado ninguém de seu. Ele, que nunca tivera ninguém, salvo seus irmãos. Ninguém com quem se importasse. Ninguém que se importava com *ele*.

Ele se sentia honrado e, ao mesmo tempo, sentia a adrenalina correr em suas veias. Uma revelação chocante, que nunca imaginou que teria de admitir a quem quer que fosse. Mas seus homens sabiam que ele tinha feito uma escolha — não havia dúvida sobre isso. Qualquer pessoa com olhos e um mínimo de bom senso poderia ver que Drake estava totalmente laçado, e a merda era que ele não dava a mínima para quem estava sabendo disso ou não.

Tinha relutado quando seus irmãos deram a sugestão de que ele a assumisse em público e fizesse uma declaração aberta de que Evangeline era sua mulher, e que seria protegida e cuidada para que ninguém se metesse com ela. Ficou hesitante. E, sim... com medo. Ele, que não temia nada nem ninguém. E, no entanto, uma mulher frágil o deixava muito assustado. Dois meses atrás, ele daria risada na cara de quem sugerisse que ele cairia de joelhos por uma tentadora loira de olhos azuis. Por fora, ele era o dominante, o que estava no controle, mas ele sabia a verdade. Em seu relacionamento com Evangeline, ele era tudo, menos quem estava no controle, pois moveria céus e terras para fazê-la feliz, faria qualquer coisa para que ela nunca mais fosse embora. Estava, na verdade, à mercê dela.

Observou como Evangeline seguia lentamente as ordens de Manuel e permitiu que ele agarrasse seus quadris e a puxasse para seu colo. As mãos dela deslizaram, hesitantes, sobre a bunda voluptuosa e

depois abriu bem as nádegas, cada vez mais ofegante, o rubor ainda visível em suas bochechas enquanto ela vencida as próprias incertezas.

Embora estivesse preocupada e insegura consigo mesma, obedeceu a cada comando. E fez isso por Drake. Ainda que cedesse com vontade às mãos firmes de Manuel, seus olhos estavam nos dele e nunca se desviavam, como se estivesse lhe dizendo: *Isso tudo é para você. Apenas para você. Sempre para você.*

O peito de Drake se apertou a ponto de causar uma dor física, e ele quase entregou suas emoções esfregando-o para aliviar o leve desconforto. Então, Evangeline fechou os olhos quando Manuel começou a penetrá-la, a tensão evidente no vinco de sua sobrancelha, sua respiração soprando em sons baixos, mas audíveis.

— Abra os olhos, Angel. Olhe para mim. Só veja a mim.

Ela obedeceu no mesmo segundo, e Drake se perdeu na névoa dos olhos dela, o azul mais brilhante, convidando-o a se perder ainda mais. Ele já estava irremediavelmente perdido, sem a menor chance de encontrar a saída. Mas ele também não queria sair.

Ela deu um gemido assustado quando Manuel a puxou abruptamente para baixo, enfiando-se todo em sua bunda. Manuel encostou-se no sofá, jogando a cabeça para trás, os dedos ferozmente cravados nos quadris de Evangeline. Ele esticou as pernas, separando-as, afastando também as pernas de Evangeline para que sua vagina ficasse aberta e exposta à visão de Drake.

Manuel se inclinou ainda mais para baixo no sofá macio, deslizando para a frente de modo que Evangeline ficasse empoleirada na borda, na posição perfeita para Drake. Ele permaneceu imóvel, o botão de Evangeline se alargou ao redor de seu pênis. Não parecia nem possível que ela pudesse sequer acomodar o seu pau. A posição deixava a entrada da boceta dela muito menor, tão pequena que Drake teria que dar um jeito de entrar nela.

Só de pensar na carne sedosa tentando bloquear sua invasão e como aquela bocetinha ficaria deliciosamente apertada ao redor dele, Drake já ficava no limite, fluido pingando da cabeça de seu pau. Era impossível que houvesse no mundo uma sensação mais incrível do

que sentir as paredes aveludadas de Evangeline envolvendo seu pênis, engolindo-o e resistindo enquanto ele insistia em entrar.

Merda! Se conseguisse enfiar até as bolas nela, gozaria em dois segundos. Não aguentaria, e era conhecido por seu controle e disciplina rígidos. Mas com Evangeline ambos lhe faltavam. Ela o deixava frenético, irracional, sem nenhum controle sobre seu gozo ou sobre todo o resto.

Mas o caralho se ele não ia aproveitar cada minuto — ou melhor, segundo — enquanto enfiasse até as bolas dentro de Evangeline, ela ordenando cada gota de seu sêmen. Dessa vez, não ia tirar. Nem Manuel. Eles iam enchê-la de sêmen até que escorresse por suas coxas, um carimbo visível de sua propriedade e posse.

Evangeline não disse uma palavra. Era disciplinada e determinada demais para decepcionar Drake questionando sua autoridade. Mas estava nos olhos dela de um jeito tão claro, que era como se tivesse feito o pedido em voz alta.

Por favor.

Como se ele fosse capaz de negar qualquer coisa a ela.

— Abra-a mais — Drake ordenou a Manuel.

Os olhos de Evangeline se arregalaram e ela automaticamente olhou para as suas pernas já esticadas, imaginando como Manuel poderia abri-las ainda mais.

Os olhos de Drake estavam cravados em sua vagina toda exposta; os lábios macios, inchados e rosados pediam seu toque. Ele queria tocá-la em todos os lugares, prová-la, mas haveria tempo suficiente para isso mais tarde. Agora, seu pau estava prestes a explodir com o pensamento daquela abertura deliciosamente apertada apenas esperando que ele a penetrasse.

A carne sedosa cintilava com a umidade, que a deixava brilhante e convidativa. Estava molhada. Muito molhada. Mas, mesmo assim, entrar nela ia ser uma tarefa difícil. Ele teria que ir devagar ou corria o risco de rasgá-la, e a última coisa que queria era causar qualquer dor a Evangeline.

Havia dor que era prazer, mas havia apenas dor também. Nunca faria mal a ela só para satisfazer seus desejos egoístas.

Colocou-se entre as pernas dela, segurando sua ereção grossa com a mão. Esfregou a cabeça gotejante para cima e para baixo na abertura acetinada até o clitóris dela, e então novamente para baixo para atíçar sua vagina.

Ela gemeu desesperadamente enquanto seus quadris, embora firmes nas mãos de Manuel, se projetaram para cima, como se ela quisesse fazer a penetração dele. Finalmente, Drake acomodou a ponta de seu pênis em seu minúsculo orifício e começou a penetrá-la, mantendo uma pressão constante. Os olhos de Evangeline se abriram na mesma hora, arregalados com o choque, nebulosos de desejo. Ela encontrou o olhar de Drake e, para ele, foi como um tranco em cada um de seus sentidos.

Os olhos dela disseram tudo. *Me possua. Sou sua.*

Sim, ela era dele.

Com um gemido, ele enfiou até o fim, suando e praguejando enquanto o corpo dela resistia ao avanço, contraindo-se em torno dele como se quisesse empurrá-lo para fora. A guerra de vontades foi feroz. Drake contra as defesas naturais de Evangeline. Ele iria ganhar. Claro que iria ganhar. Não aceitaria outro desfecho.

Sua mandíbula se apertou forte, ele retirou-se alguns milímetros e então meteu com tudo nela, enfiando até as bolas. Houve um coro de gemidos e suspiros, uma mistura de reações de Evangeline, Manuel e Drake, os três resistindo ao limite perverso da dor inebriante misturada ao mais doce dos prazeres.

Assim que ele entrou por inteiro em Evangeline, as paredes de sua vagina se contraindo em volta dele, apertando, ficando ainda mais molhadas com o orgasmo iminente.

— Goze, Angel — ele murmurou. — Goze quantas vezes quiser.

Com um grito assustado, o corpo dela entrou em erupção em torno deles, em espasmos, ficando escorregadio e possuindo aqueles dois paus desesperadamente. Drake teve que cerrar os dentes para evitar que gozasse sozinho. Manuel gemeu e xingou, agarrando os quadris de

Evangeline com mãos inquietas enquanto também lutava pelo controle.

Drake começou a comê-la com força. Dava estocadas impiedosas, poderosas, fôdendo-a durante todo seu orgasmo até sentir o corpo dela se contrair e recomençar uma rápida escalada a outro.

— Jesus — Manuel murmurou.

Evangeline estava enlouquecida entre eles, contorcendo-se, movendo-se sem pensar, jogando a cabeça para frente e para trás enquanto o êxtase a alcançava. Não tinha mais controle sobre o próprio corpo. Era tudo sob o comando de Drake. Aos cuidados de Drake. E ele cuidaria dela.

Conduziu-a através de outro orgasmo, e Manuel não conseguiu mais se segurar. O tesão era enorme demais e ele começou a projetar os quadris para cima, metendo dentro dela por trás enquanto Drake metia pela frente. Manuel gozou e desmoronou no sofá, ainda segurando Evangeline para Drake, como um sacrifício pagão. Ele acariciou o pescoço dela com os lábios, puxando seus cabelos úmidos para longe de sua pele macia, para que pudesse prestar ainda mais atenção nela.

Mas Drake não tinha terminado.

— Mais um. Me dê mais um — ele ordenou. — Goze para mim, Angel.

— Não consigo — ela ofegou.

— Sim, você consegue.

Apesar da negativa dela, ele sentiu a pressão de seus tecidos e sabia que ele mesmo não aguentaria muito mais tempo. Mas estava determinado a dar a ela ainda mais prazer primeiro. Então, diminuiu a velocidade, renunciando ao ritmo brutal que tinha definido, e começou a deslizar para dentro dela com estocadas longas e vagarosas. Porra, ela era muito gostosa. O suor escorria pela testa de Drake, e sua expressão era uma máscara de tesão, um tormento delicioso lambendo desde as suas bolas até a ponta de seu pau.

— Drake! — Ela gritou, com as mãos tremulando em um gesto de impotência, como se ela não soubesse o que fazer.

— Agarre-se a mim, amor — ele disse, rouco. — Vamos juntos. Você e eu. Venha comigo agora.

Os dedos dela cravaram-se nos ombros de Drake, segurando freneticamente enquanto ele se enfiava dentro dela até que suas bolas pressionassem sua bunda. Uma vez. Duas vezes. Na terceira estocada, ele estava banhado na onda quente do gozo doce de Evangeline, que liberou o seu também. Começou a bombear mais forte, enchendo-a com suas sementes até que vazassem da boceta dela.

Meteu uma última vez e, em seguida, trancou-os juntos, parado enquanto seu pênis se contraía e pulsava, expelindo o que parecia ser um galão de sêmen na vagina de Evangeline. Ela se desmontou, completamente devastada, contra o peito de Manuel, os cílios tremulando fechados.

Fascinado por aquela visão, Drake beijou ambas as pálpebras e depois o nariz e finalmente a boca de Evangeline, apoiando-se nela, que estava deitada entre os dois. O peito dele se erguia e arfava, empurrando-a mais para dentro de Manuel, e ninguém falou nada, para não quebrar a névoa sensual que os cercava.

— Uau — ela murmurou, com palavras arrastadas, incapaz de abrir os olhos. — Acho que vocês me mataram, mas não consigo pensar em maneira melhor de morrer. Foi... surpreendente.

Manuel mordiscou seu pescoço e Drake beijou sua boca deliciosa.

— Fico feliz que tenha gostado, Angel, mas te asseguro que a honra foi toda nossa. Você nos deu algo muito precioso esta noite, não pense que não sabemos, ou que vamos nos esquecer disso.

— Nunca — Manuel disse, com a voz sombria. — Você é uma mulher muito especial, Evangeline, e Drake é um filho da puta sortudo que tem que agradecer todos os dias por ter te visto e te tomado primeiro, senão você estaria na minha cama agora mesmo.

Evangeline deu um sorriso malicioso, parecendo intoxicada, embriagada de paixão. Não reagiu à declaração de Manuel, que Drake sabia ser absolutamente sincera — Manuel não era de dizer qualquer merda só por dizer. Em vez disso, ela se focou em Drake, nos olhos dele, quentes e brilhantes de amor e carinho. Estendeu a mão para

acariciar o rosto dele, acariciando a pele áspera com as pontas de dedos macios como pele de bebê.

— Posso tomar banho antes de começarmos de novo? Acho que me lembro de uma promessa de ter a noite toda para mim e, pelas minhas contas, ainda temos várias horas.

EVANGELINE ANDAVA DE UM LADO para o outro na sala, agitada. O evento beneficente no Carnegie Hall era naquela noite e, apesar de saber o que vestiria, não tinha ideia do que fazer com o cabelo e com a maquiagem. Drake tinha avisado sobre a imprensa e que os fotógrafos estariam em todo lugar, e a última coisa que queria era envergonhar Drake, parecendo a menina esquisita recém-saída-da-fazenda que ela era.

Pegou o celular e reuniu a coragem necessária para apertar o número de Silas. Quase desligou na hora em que a ligação se conectou, mas se obrigou a colocar o aparelho na orelha e esperar que ele atendesse.

— Evangeline? — Ele atendeu, no segundo toque. — Tudo certo?

— Sim. Não. Quer dizer, não tem nada errado. É só que... — ela parou em um suspiro, e se afundou no sofá.

— Está em casa? — Ele perguntou.

— Sim — ela respondeu, sem muita energia.

— Estou a apenas cinco minutos daí. Estou indo.

A chamada terminou e a ligação ficou em silêncio. Tudo bem então. Aquela era a lei segundo Silas. Ele ia achar que ela era uma bela de uma idiota quando ficasse sabendo por que ela tinha ligado. Evangeline soltou um gemido de consternação e se jogou no sofá.

E foi lá que Silas a encontrou exatamente quatro minutos depois, quando entrou no apartamento.

— O que foi? — Ele perguntou sem rodeios, sentando-se no sofá ao lado dela.

— Você vai me achar uma idiota — ela murmurou.

Ele olhou para com expectativa, obviamente esperando que ela explicasse. Evangeline suspirou mais uma vez e se sentou.

— O evento a que Drake vai me levar, no Carnegie Hall, é hoje à noite.

— Sim. E?

— Tenho um vestido e sapatos, mas preciso de ajuda com cabelo e maquiagem. Não quero envergonhar Drake e fazer papel de boba — ela disse, cada vez mais angustiada. — Ele disse que haveria fotógrafos e câmeras para todo lado. Ai, Deus, Silas. O que devo fazer? Meu lugar não é em eventos assim. Nunca deveria ter concordado em ir.

Os lábios de Silas se enrijeceram.

— Bobagem. Você vai ser a mulher mais linda lá. Garanto.

— Acho que você não é minha fada madrinha e nem tem uma varinha escondida aí em algum lugar, né? — ela disse, com tristeza.

Silas contraiu os lábios e depois os curvou em um sorriso genuíno. Evangeline estava tão assustada que tudo que conseguia fazer era olhar fixamente em fascínio absoluto. Silas sempre era tão sério e sombrio. Sorria tão raramente que a deixava totalmente transtornada cada vez que sorria.

— Posso não ter uma varinha mágica, mas tenho outros recursos — ele respondeu, com um toque arrogante que apagou o sorriso em seus lábios. — Consegue se aprontar rápido para ir?

— Ir aonde? — ela piscou.

— Vou te levar para fazer cabelo e maquiagem. Depois, te trago aqui de volta para que possa se vestir e ficar pronta para quando Drake chegar em casa do trabalho.

— Conhece alguém que possa fazer meu cabelo e minha maquiagem? — Ela perguntou, desconfiada.

— O que posso dizer, sou um cara muito versátil. Agora tire essa bunda do sofá e vá se trocar para que a gente possa sair logo daqui. Vou ligar antes, para que eles te atendam na hora.

Quatro horas depois, Evangeline e Silas voltaram para o apartamento. Ela estava completamente arrumada e irreconhecível, graças a um maquiador incrível que tinha um salão exclusivo, onde os horários precisavam ser marcados com semanas de antecedência. Silas, no entanto, com certeza tinha algum trunfo poderoso, porque o cabeleireiro que tinha feito o cabelo e a maquiagem de Evangeline tinha cancelado todos os horários da tarde a fim de atender o pedido de Silas e encaixar Evangeline.

Quando saíram do elevador, ela parou para estudar o próprio reflexo no espelho do hall e franziu o cenho.

— Esta não sou eu — ela disse, preocupada. — Pareço uma garota de classe alta. — Silas fechou a cara e fulminou Evangeline com seu olhar de aço.

— Juro por Deus, Evangeline. Diga mais alguma coisa assim na minha frente e vou virar você sobre meu joelho e espancar seu traseiro. Você está bonita. Agora vá colocar seu vestido e seus sapatos e venha me mostrar o pacote completo. Tem cinco minutos, então ande logo.

Ela se atirou nos braços dele e o abraçou com força. Silas recuou um pouco, perplexidade brilhando em seus olhos.

— Obrigada — ela sussurrou. — Você é o melhor, Silas. Não sei o que faria sem você. Você é o melhor amigo que já tive.

Os braços dele a envolveram, tímidos, e ele apertou as costas dela, embora estivesse claramente desconfortável com aquela demonstração espontânea de afeto.

— Por nada, Evangeline — ele disse, caloroso. — Agora vá se trocar para eu ver como ficará.

Ela correu para o quarto, tirou o vestido do armário e, com cuidado, retirou de dentro da embalagem de plástico que o envolvia. Atenta para não estragar o penteado nem borrar o vestido de maquiagem, ela o vestiu. Só então percebeu que não conseguiria fechá-lo sozinha.

Segurando o corpete sobre o peito, ajeitou os sapatos com os pés e os calçou, admirando como eram brilhantes. Examinou-se no espelho e percebeu que o conjunto não ficava tão mal. O maquiador tinha lhe perguntado a cor do vestido e dos sapatos, e tinha escolhido usar matizes e tons de bronze para dar à pele de Evangeline um brilho dourado.

O vestido era de um tom de ouro mais escuro e brilhante, que realçava as luzes em seu penteado. Pequenos cachos pendiam pelo pescoço e emolduravam seu rosto. Lembrando-se do enorme par de brincos de diamante que Drake lhe dera, pegou-os na caixa de joias e, em seguida, procurou o colar de gota de diamante, cuja pedra era maior que seu polegar.

Fechou os brincos e, em seguida, passou o colar sobre a cabeça para que pendesse por cima do corpete. Olhou para o pulso nu e deu de ombros. Por que não? Não era sempre que tinha oportunidades de usar as joias caras com que Drake lhe cobria. Se aquela noite não fosse a ocasião certa para usá-las, não tinha ideia de qual era.

Ela era a acompanhante de Drake e queria deixá-lo orgulhoso. Se fosse verdade que ele nunca fora a nenhum evento público com uma mulher, bem, aquela seria uma noite ainda mais épica para ela. Evangeline apertou o bracelete de diamantes em torno de seu pulso, feliz com o resultado final. Com os saltos batendo no chão de mármore, ela correu para a sala, ainda segurando o vestido com a mão.

— Preciso de ajuda. Pode fechar para mim?

— Isso tem que me qualificar para a santidade — Silas murmurou. — Todo homem tem um limite, puta merda.

Evangeline o olhou intrigada. Ele revirou os olhos e virou-a para que pudesse fechar o vestido.

— Você não tem mesmo a menor noção do seu efeito sobre a população masculina?

Ela corou até a raiz do cabelo.

— Desculpe — ela murmurou. — Não pensei direito.

— Estou te enchendo, Evangeline — ele disse, gentilmente. — Estou feliz que esteja à vontade o bastante comigo para: A, me ligar

porque não tinha ninguém para fazer o seu cabelo e maquiagem, e B, me pedir para fechar seu vestido. Já estou ao seu redor tempo o suficiente para saber que é muito exigente com as pessoas em que confia, fico honrado em ser uma delas.

Silas a virou de frente e deu alguns passos para trás, para que pudesse examiná-la da cabeça aos pés.

— Vire-se lentamente e me dê uma visão completa — ele incentivou.

Ela girou devagar e riu quando o vestido brilhou e reluziu na luz.

— Me sinto de verdade como a Cinderela agora — ela disse, com um sorriso largo.

— Você é especial, Evangeline — Silas disse, com sinceridade. — E muito bonita. Estou feliz por estar indo com você e Drake esta noite. Serei o idiota arrogante murmurando “Eu te disse!” a noite inteira, assistindo a homens bem crescidos fazendo papel de bobo na sua frente.

— Ah, é mesmo! — exclamou Evangeline. — Tinha me esquecido de que você ia. Estou tão feliz. Me faz sentir bem melhor, saber que estará lá.

Ela o abraçou de novo e, com cuidado, ele manteve uma distância segurando-a nos ombros, para que não estragasse seu cabelo nem a maquiagem. Então, para surpresa dela, baixou a cabeça e lhe deu um beijo na bochecha.

— Preciso ir agora para me trocar e voltar a tempo de acompanhar você e Drake ao evento. Não deixe ninguém subir a não ser que seja Drake ou um de nós. Entendeu?

— Sim, meu senhor e mestre — Evangeline brincou.

Seu olhar sombrio ardeu.

— Se estivesse na minha cama, saberia que é isso mesmo que sou, e não faria piadas sobre quem é seu mestre.

Borboletas bateram asas no estômago de Evangeline, mas ela se recusava a deixar que Silas a abalasse.

— Fora — ela ordenou. — Está apenas tentando mexer comigo. Já tenho um senhor e mestre que me baste para lidar, muito obrigada.

Silas piscou e foi para o elevador.

— Até daqui a pouco, boneca. Não vá arruinar minha obra de arte.

Evangeline saiu em busca de seu telefone, esperando que Drake tivesse mandando alguma mensagem para dizer a que horas chegaria em casa. Mas não havia mensagem alguma. Evangeline mordiscou o lábio e ponderou um pouco se deveria ou não mandar uma mensagem para ele.

Nunca tinham tido uma conversa sobre ela mandar mensagens ou ligar para ele no trabalho. Ela tinha decidido por conta própria nunca tentar entrar em contato, porque não queria distraí-lo nem incomodá-lo. Mas, entre casais, um mandava mensagem para o outro o tempo todo. No início, ela tinha motivos para duvidar de seu lugar na vida de Drake, mas ele deixara claro desde a reconciliação que não tinha intenção de ir a lugar nenhum.

— Pare de ser boba — ela murmurou.

Poderia ter perguntado a Silas se era uma boa ideia mandar mensagem para Drake no trabalho, mas não pensara nisso antes da partida dele. Balançando a cabeça para sua própria covardia, escreveu uma mensagem rápida e apertou “enviar” antes que pudesse mudar de ideia.

Oi.

Espero que tenha tido um bom dia no trabalho.

Só pensando a que horas você vai chegar em casa.

Estarei pronta e esperando.

Bj Bj. Evangeline Seu rosto queimou. Ela se sentia uma completa idiota. O que era aquele *bj bj*? Jesus, o que ela era, uma colegial?

Seu telefone vibrou e ela digitou a senha apressada, para ler a mensagem de resposta.

Chego em 15 minutos.

Dia foi bom.

Será melhor quando eu chegar em casa para o meu anjo.

Bj bj pra você. D

Um milhão de vibrações minúsculas palpitarão no peito de Evangeline, e ela sentiu os lábios se abrirem em um enorme sorriso. Quem diria que uma mensagem de texto poderia ser tão doce? Leu mais duas vezes, saboreando cada palavra. Senhor, mas ela estava tão profundamente envolvida que não tinha a menor esperança de encontrar uma saída. Aliás, ela nem queria encontrar uma saída.

Ela se abraçou e começou a dançar pela sala em seus saltos brilhantes de princesa. Ia ser uma noite perfeita. Ela adorava o Natal e as festividades de fim de ano. Amava as músicas de Natal, a decoração e as luzes. Uma noite no Carnegie Hall para celebrar a abertura da temporada de fim de ano não poderia ser mais maravilhoso. Mas estar de braços dados com Drake? Para ir, corajosa, aonde nenhuma outra mulher chegara antes?

Uma risadinha escapou-lhe com aqueles loucos devaneios. Então, Evangeline soltou um suspiro sonhador. Drake em um smoking, ela em seu braço para o mundo ver.

Perfeição absoluta.

DRAKE APERTOUC A MÃO DE EVANGELINE quando o carro parou atrás de vários outros que esperavam para deixar os passageiros na entrada do tapete vermelho do Carnegie Hall.

— Você está deslumbrante, amor — ele elogiou, em uma voz calorosa.

O olhar dela estava voltado para a massa de pessoas aglomerada na entrada e em todas as câmeras e fotógrafos. Flashes piscavam um seguido do outro, enquanto as pessoas saíam de seus carros. Oh Deus. Sim, Drake tinha avisado, mas ela não esperava aquilo. Parecia até que eram celebridades.

— Respire, Angel — Drake sussurrou. — Maddox, Silas e eu estamos todos com você. Não vamos deixar que nada te aconteça. Prometo.

Evangeline engoliu o nó em sua garganta, mas ele logo se formou de novo quando o carro avançou, o que fazia deles os próximos a desembarcarem. A porta se abriu e Drake saiu, protegendo o interior do carro com seu corpo grande. Imediatamente, Maddox e Silas se colocaram em ambos os lados dele, que estendeu a mão para dentro do veículo para ajudar Evangeline.

Ela saiu do carro e se colocou ao lado dele no ar frio da noite e estremeceu, deslumbrada e aturdida pelo fluxo de luzes brilhantes e do flash das câmeras que vinham de quarenta direções diferentes.

Ela se encolheu quando as pessoas começaram a gritar perguntas a Drake. Maddox pegou a outra mão de Evangeline e a apertou, dando-lhe apoio, enquanto a mantinha firme entre ele e Drake com Silas logo à frente. Eles formaram uma barreira impenetrável para quem quisesse acessá-la, graças a Deus.

— Sorria — Maddox disse, perto de sua orelha. — Você parece aterrorizada. Dê a eles um lindo sorriso e mostre-lhes seus lindos olhos azul-bebê.

Evangeline se sentia como um robô programado para obedecer a comandos de voz. Sorriu tão largamente, que parecia que suas bochechas estavam rachando. Forçou-se a relaxar e a dar a impressão de que estava se divertindo como nunca, e que não tinha qualquer preocupação. Até mesmo se forçou a olhar diretamente para algumas das câmeras, com um sorriso aberto e cheio de dentes.

Depois que eles tinham vencido a multidão e Drake se esquivara dos pedidos de entrevistas, ele a puxou para dentro do edifício, onde, na mesma hora, Evangeline murchou.

— Isso é loucura! — Ela sussurrou.

— Venha, vamos procurar nossos assentos. Quanto mais cedo a gente se sentar, mais rápido sairemos da linha de fogo — Drake disse.

— Você está bem, boneca? — Silas perguntou, calmo, quando eles tomaram seus assentos em um camarote acima do palco. — Precisa de um intervalo antes do show começar? Maddox e eu podemos acompanhá-la até o banheiro das mulheres.

Agradecida por uma chance de se recompor e verificar sua maquiagem para garantir que não estava borrada, ela acenou com a cabeça e se levantou. Drake pegou sua mão e levantou-a para a boca, dando um beijo suave na palma da mão.

— Não demore, Angel.

Ela lhe presenteou com um sorriso radiante. Tomou o braço que Silas lhe oferecia e deixou que ele a guiasse para fora do camarote e pelo corredor até o banheiro.

— Vamos te esperar aqui fora — Maddox disse. — Não demore muito. Ninguém entrará atrás de você, mas pode haver alguém lá

dentro. Faça o que precisa, rápido, ok?

— Certo — ela anuiu, dando-lhe um sorriso de gratidão.

Ela empurrou a porta e entrou no banheiro. Foi até o espelho para verificar sua maquiagem. Usou um lenço de papel para acertar o canto dos olhos e depois retocou o brilho labial. Ouviu uma descarga e, atendendo ao conselho de Maddox para entrar e sair rapidamente, virou-se e começou a caminhar para a porta, quando uma morena alta e elegantemente vestida parou em sua frente, a caminho do espelho.

— Com licença — Evangeline murmurou enquanto se desviava da mulher.

— Ah, você deve ser o casinho mais recente de Drake — disse a mulher, em tom de zombaria.

Diante da grosseria, Evangeline recuou.

— Desculpe?

A morena sorriu.

— Aproveite enquanto durar, querida. E, acredite, não vai durar muito. Drake nunca mantém a mesma mulher mais do que algumas semanas. Mas as vantagens são incríveis. E, cá entre nós, se ele convidar o Manuel, prepare-se para se divertir *muito* — ela ronronou.

Aquelas palavras caíram sobre Evangeline como adagas certeiras. Náusea fez seu estômago revirar a ponto de temer pôr para fora tudo o que estava lá dentro, mas o orgulho estava arraigado demais em Evangeline para se abater assim. Ela se recompôs e, sem perder a calma, conseguiu encarar a mulher.

— Não tenho ideia do que está falando. Quem é Manuel?

O riso da mulher tilintava, era abrasivo e irritante.

— Ah, ele é amigo de Drake. Eles compartilham as mesmas perversões, se preferir assim. E, conforme for a sua sorte, compartilham mulheres de vez em quando também.

Evangeline lutou contra o suor frio que brotava rapidamente em sua testa. Ah, diabos, não, ela não ia deixar aquela mulher derrubá-la assim. Encarou-a com um olhar piedoso, cheio de desdém.

— Você não conhece Drake muito bem, não é? — Evangeline disse, com escárnio.

— Bem o suficiente — a mulher se defendeu, e deu uma risadinha.

— Não — Evangeline rebateu. — Não conhece, não. Porque se conhecesse, saberia que Drake é um homem extremamente possessivo e que nunca compartilha aquilo que considera seu. Então, se ele compartilhou você, isso mostra que ele não tinha tanta consideração assim por você. E, se conhecesse Drake tão bem quanto diz, também saberia o significado de eu estar com ele aqui hoje à noite, pois deve saber perfeitamente que ele nunca leva mulheres aos eventos que frequenta. Agora, se me der licença, os homens de Drake estão lá fora me esperando. Mas duvido que tenha conhecido algum deles, não é?

O rosto pálido e chocado da mulher foi a última coisa que Evangeline viu ao sair pela porta. Ela deveria estar dando soquinhos no ar para comemorar a vitória contra a vaca enfeitada que tentou derrubá-la. Mas tudo que queria fazer era chorar.

Na mesma hora, Silas e Maddox perceberam a angústia de Evangeline e quiseram saber o que estava errado.

— Nada — ela disse, bruscamente. — Vamos voltar, por favor.

Ela foi na frente, fazendo os dois acompanharem seus passos para não ficarem para trás. Eles a escoltaram de volta ao camarote, e ela se sentou ao lado de Drake, o coração batendo forte. Com o canto dos olhos, Evangeline viu Drake olhar para ela, curioso, e em seguida olhar para Maddox e Silas.

Felizmente, as luzes se apagaram e os aplausos soaram para o concerto começar. Com a música tocando, Evangeline pôde deixar para trás o incidente desagradável do banheiro. Pelo menos temporariamente. A sinfonia era magia pura e ela adorou cada nota.

Drake sentou-se observando Evangeline absorver a música com um olhar de encantamento em seu belo rosto. Ele olhou de volta para Silas e Maddox, que se sentaram logo atrás dele e Evangeline, e

arqueou uma sobancelha, com ar de interrogação. Algo tinha perturbado Evangeline e ele queria saber quem era o responsável.

Silas pegou seu telefone e fez sinal para que Drake entendesse que lhe mandaria uma mensagem. Alguns segundos depois, com o telefone no silencioso, Drake olhou para a tela e precisou morder o lábio para não soltar um monte de palavrões cabeludos. Filha da puta.

Lembra daquela maluca que você pegou há cerca de um ano?

Morena, alta, chamada Lisa?

Ela estava no banheiro com Evangeline e, quando Evangeline saiu, estava pálida e abalada.

Tenho certeza de que Lisa encheu a cabeça dela com todo tipo de merda.

Drake contraiu a mandíbula com tanta força que seus dentes até doeram. Jesus Cristo. Tentou lembrar quanto tempo dormiu com Lisa. Não tinha sido muito. Inferno, nem sequer se lembrava do que tinham feito juntos. Mas isso não significava que ela não poderia ter enchido Evangeline de veneno e arruinado sua noite inteira.

Merda!

Quando a música terminou e as luzes se acenderam de novo, o presidente do conselho das duas instituições para as quais o dinheiro estava sendo arrecadado naquela noite, subiu ao palco para fazer um discurso pensado para arrecadar o máximo de doações possível. Mas Drake já tinha chegado ao limite e não ia torturar Evangeline um segundo a mais do que o necessário.

— Pegue o carro — ele disse, para Maddox. — Vamos embora agora.

Evangeline se virou ao ouvir o comando de Drake.

— Acabou? — Ela sussurrou.

— A parte boa sim — ele disse. — O resto são apenas discursos e pedidos de doações. Como já fiz uma em seu nome, assim como em nome da minha fundação, não é necessário que continuemos aqui.

Ela assentiu com rigidez e depois voltou a atenção para o palco de

novo. Instantes depois, Silas bateu no ombro de Drake para indicar que Maddox estava esperando na frente. Drake estendeu a mão para o braço de Evangeline e deslizou seus dedos para enredá-los com os dela. Ele a puxou para perto de si, envolveu seu braço com firmeza ao redor da cintura dela e a conduziu para fora do camarote.

A expressão de Silas era sombria, mas, principalmente, a preocupação era evidente em seus olhos enquanto estudava o semblante consternado de Evangeline. Assim que saíram, Silas foi na mesma hora para a frente dela, bloqueando-a dos fotógrafos e das câmeras de televisão. Alguém gritou para ela, dizendo que era a última conquista de Drake, e ela se encolheu, vergonha transbordando em seus olhos expressivos.

Silas rosnou e enquadrou o cara que gritou o insulto, e corpos saíram voando. Drake pegou Evangeline e mergulhou dentro do carro, ambos ocupando o banco traseiro. Assim que Silas entrou no banco da frente, Maddox rugiu.

— Que diabos aconteceu lá atrás? — Maddox perguntou.

— Um imbecil falando merda para Evangeline — Silas rosnou. — É melhor ligar para o seu advogado amanhã de manhã, Drake. O filho da puta mereceu, mas não significa que ele não vai gritar como uma cadela e tentar te processar.

— Se ele fizer isso, eu e os meninos lhe faremos uma visitinha — Maddox disse, sombrio.

— Chega — Drake ordenou.

Evangeline já estava apavorada o suficiente. A última coisa que precisava era participar do lado sombrio do mundo de Drake.

Ele a abraçou e a embalou em seus braços, segurando-a contra o peito enquanto acariciava seu braço, passando a mão para cima e para baixo devagar. Beijou seus cabelos, mantendo os lábios por lá por um longo tempo.

— Você está bem, Angel? — Ele murmurou.

Ela assentiu com firmeza, e ele praguejou em voz baixa. O que quer que aquela vadia tenha dito no banheiro, devia ter tido um impacto forte nela.

— Leve-nos para casa e nos deixe por lá — Drake disse, seco.

Silas virou-se ligeiramente em seu assento, e focou o olhar em Evangeline.

— Você está bem, boneca? — perguntou, suavemente.

Foi como um soco no estômago de Drake quando lágrimas encheram os olhos de Evangeline. Ela virou o rosto rapidamente, mas não antes que ele e Silas pudessem ver sua angústia. Drake segurou-a em seus braços com mais firmeza e encaixou a cabeça dela embaixo de seu queixo. Seguiram o resto do caminho em silêncio.

Quando chegaram ao prédio, Silas saiu e abriu a porta para ajudar Evangeline. Drake veio logo atrás dela e colocou o braço em seus ombros.

— Obrigada por tudo, Silas — ela disse, com a voz calma. — Pelo menos, minha aparência estava adequada esta noite, graças a você. Silas segurou o queixo dela com a palma da mão.

— Você é totalmente adequada, Evangeline. Tem mais classe em seu dedo mindinho do que aquela vadia do banheiro jamais sonhará em ter.

Ela ficou vermelha e afastou o rosto da mão de Silas.

— Boa noite, Maddox — ela disse, em direção a ele, e foi em direção à entrada do prédio.

Na mesma hora, Drake se aproximou dela e, no elevador, segurou sua mão.

Assim que entraram, Drake puxou-a em um abraço e descansou o queixo em cima de sua cabeça.

— O que aconteceu hoje à noite, Angel?

Ela ficou tensa e enterrou o rosto no peito dele. Drake deixou que ela evitasse a pergunta enquanto estavam no elevador. Conversariam sobre isso no apartamento, e ele esperava ser capaz de desfazer qualquer dano que tivesse sido causado.

Quando o elevador se abriu, Evangeline tentou se afastar de Drake e entrar no apartamento, mas Drake segurou firme a mão dela e a levou para a sala de estar. Lá, com carinho, fez com que ela se sentasse no

sofã, e sentou-se ao lado dela em seguida, se ajeitando para que ficassem cara a cara.

— O que a vadia no banheiro te disse, Evangeline?

Sabia que seu tom era ríspido, mas não ia deixar Evangeline se esquivar sem dizer o que aquela vadiazinha conspiradora tinha feito. Evangeline parecia envergonhada, e se recusava a cruzar seu olhar com o dele. Drake também não ia aceitar isso. Colocou um dedo na bochecha de Evangeline e dirigiu seu olhar para frente até que finalmente estivesse olhando para ele. Ele suspirou.

— Angel, você sabe que houve mulheres antes de você — ele disse, suavemente. — Nunca disse que era um santo, mas posso te dizer que não houve outras mulheres desde que te conheci. Nem olhei para outra. Como eu poderia? Você é a única mulher que eu quero.

E espantosamente era verdade. Desde o momento em que Evangeline entrou na vida de Drake, as outras mulheres tinham deixado de existir para ele. Evangeline desviou o olhar, olhando para baixo, onde ela torcia os dedos juntos, agitada.

— Não foi isso — ela disse, baixinho.

— Então, o que foi?

— Foi o que ela disse — Evangeline engasgou. — Que... — Ela fechou os olhos, e ele ficou alarmado ao ver um sinal de lágrimas antes de as pálpebras se fecharem.

Naquele momento, Drake quis rastrear a maldita mulher e, com palavras, fazer picadinho dela da mesma forma que ela fizera com Evangeline. O que quer que tivesse dito tinha ficado na cabeça de seu anjo. Tinha feito com que ela duvidasse de si mesma e tinha sido um duro golpe em sua autoconfiança. Merda.

— Ela me disse para aproveitar enquanto durasse. Que você nunca ficou com nenhuma mulher por muito tempo.

Drake ia falar, mas ela interrompeu com um gesto com a mão.

— Não é só isso. Quer dizer, posso ser doce, ingênua e muito crédula, como sou lembrada o tempo todo, mas reconheço uma mulher ciumenta e traiçoeira quando vejo — e ouço — uma.

Amargura temperava as palavras dela, e Drake lembrou-se da Evangeline que conhecera naquela primeira noite na boate. A Evangeline que não tinha certeza de seu lugar no mundo. Insegura de seu próprio valor. Queria dar um soco na parede.

— Ela sabia do Manuel — Evangeline disse, com dor. — Me perguntou se você tinha convidado o Manuel e começou a falar sobre como era gostoso e como vocês dois sabiam como tratar uma mulher. E, pela primeira vez, consegui responder. Pela primeira vez, me defendi e a coloquei em seu devido lugar.

As sobrançelas de Drake se uniram em confusão.

— E aí...?

Lágrimas cintilavam nos olhos de Evangeline, mais brilhantes agora, ameaçando cair.

— Não estou orgulhosa do que disse, mas não vou mentir e dizer que, no momento, não foi bom, porque pela primeira vez não fui um capacho nem uma vítima. Mas...

— Mas o quê? — Ele perguntou, gentilmente.

— Ah Deus — ela sussurrou. — Foi uma mentira. Foi tudo mentira e como dói.

Drake ficava cada vez mais frustrado.

— O que foi uma mentira?

— Eu disse que evidentemente ela não te conhecia tão bem quanto pensava, porque você jamais compartilharia qualquer coisa que considerasse sua, e o fato de tê-la compartilhado com Manuel só mostrava que você não se importava com ela. Depois disse que, sabendo o que dizia saber sobre você, ela deveria perceber que você nunca aparece em público com uma mulher e que eu estava ali, com você em um evento público, então, o que isso dizia a ela?

— Bom pra você, amor — Drake disse, baixinho, orgulhoso dela por se defender.

Mas Evangeline parecia estar pior. E... triste. Que porra era aquela?

Ela levantou os olhos brilhantes para encontrar os dele. Olhos sem vida e sem brilho que roubavam o ar de seus pulmões porque ela

parecia tão infeliz e resignada.

— Mas você me compartilhou com Manuel — sussurrou. — Da mesma forma que, pelo visto, compartilhou suas outras mulheres com ele. O que eu achava que era especial não era nada além de algo que você já fez dezenas de vezes. Pensei que estava fazendo algo exclusivamente para você. Queria fazer algo só para você. Para o seu prazer. Não para o meu. Como deve ter se divertido com a ideia de que eu estava fazendo algo especial para você. Foi humilhante ver aquele olhar de conhecimento no rosto horrível daquela mulher. Tão presunçosa e confiante de que eu logo serei substituída e não serei nada além de mais uma na longa lista de mulheres com quem você transou.

Drake quase explodiu ali mesmo. Precisou usar todo o seu controle para não se perder totalmente. Mas isso só deixaria Evangeline assustada e a última coisa que queria era que ela tivesse medo dele. Isso nunca. Deus. Não Evangeline. Ele cultivava uma saudável dose de medo em todos os outros, mesmo nas mulheres com quem tinha se envolvido. Não via nenhum problema em que eles soubessem que, se o desagradassem, pagariam muito caro. Mas Evangeline era a única pessoa no planeta que não queria que o temesse. Queria sua confiança. Sua absoluta fé nele, de que ele nunca iria machucá-la.

Suas mãos tremiam de fúria. Não por causa de Evangeline. Nunca por causa de Evangeline. Ele entendia muito bem a fonte de sua chateação agora que ela tinha contado tudo. Como explicar a diferença entre ela e todas as outras mulheres que ele tinha fodido? Não tinha a certeza nem de que podia dar essa explicação a si mesmo, muito menos a outra pessoa.

Buscou as mãos dela, cuidadosamente separando-as e entrelaçando-as com as suas. Então, segurou as duas em seu colo.

— Angel, olhe para mim.

Embora tenha dito isso em uma voz terna, ainda assim era um comando. Com aparente relutância e um bom grau de constrangimento, ela ergueu o queixo até que seus olhos tristes se conectassem aos dele.

— Se não acha que o que tenho — o que sinto — com você e por você é bem diferente do que já tive ou senti por qualquer outra mulher, está enganada. Sim, Manuel participou outras vezes quando transei com outras mulheres, não muitas vezes aliás. Mas a diferença é que nenhuma outra mulher jamais quis fazer algo tão altruísta a ponto de me perguntar o que eu quero e expressar seu desejo de fazer algo exclusivamente por mim. Sempre foi sobre elas. Os desejos, as necessidades delas. Pouco se importavam comigo. O envolvimento de Manuel foi, até certo ponto, para mim, porque é algo de que gosto, mas principalmente foi por iniciativa das mulheres e, acredite em mim, a atenção delas ficava toda focada nele. Elas nem se lembravam de mim, nunca olhavam para mim. Meu nome não estava nos lábios delas. Nunca olharam para mim para ver aprovação ou pedir permissão. Nunca deixaram de lado o próprio prazer em nome do meu e certamente não ficavam atormentadas, preocupadas por ter tido prazer, por terem gozado com outro homem ou por sentirem que, de alguma forma, estavam me traindo.

Ele respirou fundo, dando um tempo para Evangeline digerir suas palavras. Ela parecia assustada e inclinou a cabeça para o lado enquanto processava rapidamente tudo o que ele estava dizendo.

— Só você, Angel. Só você fez e pensou nisso. Só você fez isso como um presente para mim, sem nem pensar em si mesma. Se acha que isso não significa nada para mim, que você não é especial, se acha que é apenas outra mulher que eu estou comendo, então estou fazendo tudo errado com você. E, claramente, precisamos de ter uma conversa muito longa e séria.

Evangeline parecia chocada, a cor saltando em suas bochechas, seus olhos arregalados enquanto estudava cada nuance da expressão de Drake, como se medindo sua sinceridade.

— E sabe o que mais, Angel? Tinha razão quando disse àquela mulher que eu nunca compartilharia algo que realmente considerasse meu. E não, nunca considere aquelas mulheres como minhas. Você, por outro lado, é minha de todas as maneiras possíveis. Pertence a mim. Sou seu dono. E nunca vou te deixar escapar. Sei que soa

contraditório, já que o Manuel esteve aqui duas vezes — e você transou com ele seguindo as minhas ordens, mas, Angel, aquilo não era compartilhar você — ele disse, suavemente, soltando uma das mãos para que pudesse acariciar o rosto dela. — Foi você que compartilhou algo infinitamente precioso *comigo*. Para mim. E acredite quando digo que isso te faz mais especial para mim do que qualquer outra mulher já foi ou algum dia será.

— Oh — ela exclamou, ligeiramente boquiaberta, surpresa com esse entendimento. — Nunca pensei nisso desse jeito.

— É um fato — Drake disse com firmeza. — Sinto muito que aquela mulher tenha te magoado. E o que me deixa mais triste é que, ainda que por um segundo, ela te fez duvidar da sua importância para mim e abalou sua autoconfiança. Mas, amor, se fosse qualquer outra mulher sentada aqui, questionando seu valor para mim, eu já a teria mandado embora, porque nenhuma outra mulher importa.

O rosto de Evangeline desmoronou, arrependimento e pesar obscurecendo seus olhos.

— Me desculpe, Drake.

Ele colocou um dedo em seus lábios antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa.

— Não se desculpe por ser humana e ter sentimentos. Não para mim. Nunca para mim. Mas, de agora em diante, se ouvir qualquer merda que te incomode, fale comigo para que eu possa explicar, antes de ficar criando caraminholas na cabeça. Entendido?

Ela assentiu, embora a preocupação ainda fosse um fantasma em seus olhos.

— Agora venha aqui e me beije — ele disse, baixinho.

Evangeline se inclinou na mesma hora, e Drake adorou vê-la obedecendo sem hesitar ou fazer perguntas. Tão docemente submissa. Perfeita demais. E toda sua.

Ele devastou a boca dela, enfiando a língua profundamente, como se estivesse morrendo de vontade de enfiar o pau dentro daquela pequena boceta gostosa. Um gemido emergiu de seu peito, soando como um rosnado em sua garganta.

— Cama. Agora!

Foram as únicas duas palavras que ele conseguiu falar, mas ambos entenderam muito bem o que estava rolando. Antes que ela se levantasse, Drake a pegou nos braços e caminhou até o quarto, para trocar as palavras por ações. Depois daquela noite, ele queria que não houvesse mais dúvidas sobre o lugar dela em sua vida.

Em seu coração. Na porra de sua alma.

EVANGELINE ESTAVA EM PÉ COM Drake na pista, esperando, impaciente, que o avião chegasse ao terminal. Simplesmente não conseguia acreditar que estava prestes a ver os pais cara a cara pela primeira vez desde que se mudara para a cidade grande, o que parecia ter sido séculos atrás.

Apertou a mão de Drake até praticamente interromper a circulação de seus dedos, mas ele, compassivo, apertou sua mão também.

— Aí está — ele disse, apontando para o avião pequeno que se aproximava deles.

— Ai, meu Deus, Drake. São eles! — ela gritou.

O tempo não estava ajudando. Uma frente fria tinha chegado com força, despejando uma mistura de granizo e neve sobre a cidade nos últimos dois dias. Hoje caía aquela garoa cortante de tão gelada, que o guarda-chuva que Drake segurava sobre os dois mal conseguia conter. Evangeline estava tremendo da cabeça aos pés, mas nem sequer percebia o desconforto causado pelo vento e pela umidade tamanha era sua ansiedade para rever a mãe e o pai.

O avião parou a vários metros de distância e ela esperou, ofegante, que a porta se abrisse. Quando sua mãe apareceu no topo dos degraus, Evangeline não se segurou mais. Afastou-se de Drake e correu até os pés da escada, esperando enquanto os dois comissários de bordo ajudavam a senhora a descer os degraus.

E então ela se jogou nos braços da mãe.

— Mamãe!

Lágrimas escorriam fragorosas pelas bochechas de Evangeline, misturando-se com a chuva e o granizo gelado.

— Meu bebê — sua mãe disse, várias vezes. — Deixe eu dar uma boa olhada em você. — Ela puxou Evangeline e a inspecionou da cabeça aos pés.

— Oh, minha querida, você está absolutamente linda — a mãe disse, com a voz embargada.

— Cadê o papai? — Evangeline perguntou, ansiosa.

— Eles vão pegar a cadeira de rodas e carregá-lo escada abaixo. Olha ele lá.

Evangeline ficou na ponta dos pés, esforçando-se para ver. Os dois homens fizeram uma cadeira com os braços para seu pai e, com cuidado, desceram a escada com ele. No pé da escada, ele foi recebido com sua cadeira de rodas, em que foi colocado para ficar confortável.

— Venha dar um grande abraço no seu pai, menina — ele disse, rouco.

Evangeline jogou seus braços ao redor de seu pai e o agarrou com toda força. Lágrimas obscureceram a visão dela, mas não importava. Nada importava além do fato de que estavam ali e que ela podia abraçá-los e dizer, pessoalmente, que os amava.

— Angel, querida, odeio interromper, mas seus pais estão ficando encharcados e você ficou aqui, esperando por eles, debaixo de chuva durante meia hora. Vai ficar doente. Vamos levar todos para a van.

Evangeline afastou-se de seu pai, envergonhada por ter sido tão rude com Drake. Tinha praticamente se esquecido de que ele estava ali e acabou não apresentando os pais a ele.

— Mamãe, papai, há alguém muito especial que quero que conheçam.

Ela pegou a mão de Drake e o puxou para perto deles.

— Este é Drake Donovan. Drake, esta é minha mãe e este é meu pai.

Drake se inclinou para beijar a mãe de Evangeline na bochecha.

— Sra. Hawthorn, é um prazer enfim conhecê-la pessoalmente. Agora sei exatamente de onde Evangeline herdou não só a sagacidade e

a inteligência, mas também a beleza. Se você é uma amostra do que me espera daqui a trinta e poucos anos, sou um homem muito sortudo.

A mãe de Evangeline corou de um vermelho flamejante.

— Ah, bobagem — ela disse, por um momento arrebatada demais para responder. — E, por favor, me chame de Brenda. Você é família, afinal de contas, e Sra. Hawthorn soa muito empolado.

— Prazer, Brenda.

Então, Drake se virou e estendeu a mão para o pai de Evangeline.

— Estou honrado em conhecê-lo, senhor. Ouvi tanto sobre vocês que sinto como se já os conhecesse.

— Grant — o pai de Evangeline respondeu, com sua voz rouca. — E prazer em conhecê-lo também, Drake. Estou muito grato por cuidar da minha garotinha. A mãe dela e eu ficamos acordados incontáveis noites preocupados com ela, morando tão longe e em uma cidade tão grande. No fundo, ela é uma menina de cidade pequena, crédula demais e com o coração generoso demais para seu próprio bem.

— Sobre isso, concordamos — Drake disse. — Mas são essas qualidades que a tornam tão especial e eu não mudaria nada nela.

— Ele é bom, Brenda — Grant declarou com um aceno de aprovação. — Diria que nossa menina está em boas mãos.

— Venham. A van está estacionada aqui. Vamos abrigar vocês da chuva. Vamos fazer o check-in no hotel de vocês e deixá-los descansar. Depois, Evangeline e eu vamos buscá-los para jantar.

Eles correram para a van adaptada que Drake tinha alugado para os pais de Evangeline usarem enquanto estivessem na cidade, com um motorista e um assistente para ajudar com a cadeira de rodas. Drake ajudou as mulheres a subir no veículo enquanto os comissários colocavam o pai de Evangeline lá dentro, e, em seguida, guardavam as bagagens junto com a cadeira no porta-malas. Drake se acomodou ao lado de Evangeline e eles se dirigiram para a Times Square, onde Drake tinha reservado uma suíte no Marriott.

— Tudo é tão grande aqui, Evangeline! — exclamou a mãe. — E, puxa vida, tantas luzes. Todo mundo está com pressa e ocupado,

ocupado, ocupado.

Evangeline sorriu.

— Espere até ver a Times Square, mamãe. É uma loucura.

Seus pais soltaram exclamações durante todo o percurso até o hotel. Mas, quando sua mãe teve o primeiro vislumbre da Times Square, ficou boquiaberta.

— Gente do céu! Como alguém dorme à noite com tanto barulho aqui fora?

Drake riu.

— Os quartos são equipados com persianas corta-luz para que as luzes não atrapalhem o seu sono. Se precisarem de qualquer coisa durante a estadia, basta chamar o concierge e eles vão providenciar o que quer que seja. Evangeline deu a vocês nossos números de celular. Não hesitem em me ligar para qualquer coisa, de dia ou de noite.

— Você é um bom rapaz, Drake — a mãe de Evangeline elogiou, dando-lhe um tapinha afetuoso no braço. — Seus pais devem ficar muito orgulhosos.

Drake ficou um pouco tenso e, por um breve instante, seus olhos se esfriaram. Seu sorriso não alcançou seus olhos.

— Perdi meus pais há muito tempo.

— Ah, sinto muito ouvir isso — a mãe se preocupou. — Desculpe por tocar no assunto.

— Sem problemas, Brenda — Drake disse, com a voz novamente calorosa. — Foi há muito tempo. Eu era apenas uma criança. Mal me lembro deles.

Mas Evangeline sabia que era mentira. Qualquer que fosse a lembrança que ele tinha dos pais, não era boa. No início, Drake se confundiu sobre a natureza do relacionamento dela com os pais e ficou zangado, pois achava que eles estavam se aproveitando dela, que trabalhava sem descanso para sustentá-los. Só mais tarde ele começou a entender a profundidade da devoção de Evangeline aos pais. E dos pais a ela.

Era óbvio que Drake nunca tivera esse tipo de relacionamento com as pessoas que tinham lhe dado a vida, e o coração dela doía por

aquele jovem rapaz ter sido forçado a abrir seu próprio caminho no mundo. Assim como o restante dos homens dele. Era o único traço que todos tinham em comum, e o que os unia. Passados difíceis, problemáticos, confiando apenas em si mesmos e em ninguém mais.

— Então, o que vamos fazer no Dia de Ação de Graças, Evangeline? — a mãe dela perguntou quando desceram da van na fente do hotel. Evangeline sorriu.

— Vou cozinhar para a gente no apartamento de Drake. Adoraria que você me ajudasse para que pudéssemos fazer uma grande festa, como nos velhos tempos.

— Ah, que maravilha, querida. Claro que vou ajudar. Eu adoraria. Vai ser muito divertido estarmos juntas na cozinha novamente. Ela é uma cozinheira maravilhosa, Drake, não concorda?

— Concordo sim, senhora. Ela me mimar com refeições caseiras frequentes. Se não tomar cuidado, terei que comprar um guarda-roupa novo.

Evangeline deu risada. Até parece. Aquele homem era forte como uma muralha. Não tinha nem um grama sobrando em qualquer parte do corpo. E ninguém melhor que ela para atestar, considerando como estava bem familiarizada com aquele corpo.

Depois de fazer o check-in com seus pais e de providenciar que toda a bagagem fosse levada para o quarto, Evangeline abraçou os dois, insistindo que descansassem antes do jantar. Depois de marcarem uma hora para se encontrarem novamente, Drake e ela se despediram.

Evangeline precisou exercer todo seu autocontrole para não ficar com os pais no hotel, afinal eles precisavam descansar. Ambos pareciam cansados, e ela estava preocupada com o pai. Ele não estava acostumado a viajar e a se esforçar tanto como tinha se esforçado na viagem. Se tivesse ficado, nem seu pai nem sua mãe descansariam. Ficariam batendo papo, colocando a conversa em dia.

Drake deve ter percebido a relutância de Evangeline em ir embora, pois pegou a mão dela e a puxou com delicadeza para o elevador. Ele lhe deu um beijinho na têmpora.

— Terá bastante tempo para visitá-los antes que voltem para casa — ele disse, para confortá-la.

— Eu sei. É que é difícil me afastar, mesmo por algumas horas, depois de tanto tempo sem vê-los — ela explicou, melancólica.

— Eles parecem pessoas maravilhosas. Assim como a filha deles.

— *Você* é uma pessoa maravilhosa, Drake. Muito obrigada mais uma vez por ter feito isso acontecer. É o melhor presente que já ganhei.

Evangeline envolveu o pescoço dele com os braços quando a porta do elevador se fechou e eles desceram para o piso inferior. Então, puxou a cabeça de Drake e lhe deu um beijo na boca.

Ainda estavam grudados quando o elevador abrandou a descida. Relutante, Evangeline afastou-se, com os olhos pesados e meio fechados. Saíram do elevador e caminharam até a rua lateral, onde Jax e Thane os esperavam em um carro para levá-los de volta ao apartamento de Drake.

— Acha que Maddox se importaria de ir às compras comigo e com minha mãe pela manhã? — perguntou Evangeline, enquanto entravam. — Preciso ir ao mercado e comprar os ingredientes para o Dia de Ação de Graças. Pensei que ela poderia ir comigo, e papai poderia ficar em seu apartamento até a gente voltar.

— Pensei em tirar o dia de folga amanhã, então farei companhia a seu pai. Com o feriado, tiro a semana toda de folga.

— Você não se importa? — Evangeline perguntou.

— Claro que não me importo de passar um tempo com seu pai, Angel. Vá e aproveite com sua mãe. Vou ligar para Maddox e pedir que ele passe amanhã de manhã para levar vocês.

Com um suspiro satisfeito, ela se aninhou nos braços de Drake durante o percurso de volta ao apartamento deles. Nos cinco dias que se seguiriam, Evangeline teria consigo as três pessoas mais importantes do mundo. A vida era, ela pensou, inebriada de felicidade, absolutamente... perfeita.

FIEL AO PEDIDO DE DRAKE, MADDOX chegou na manhã seguinte com Silas para levar Evangeline e a mãe às compras. Evangeline adorou que sua mãe conheceria os dois, que eram os homens de Drake de quem ela se sentia mais próxima. Tinha a sensação de que nenhum deles saberia como agir diante da mãe dela. E guardava na manga uma surpresa que esperava que desse certo. Falou com Drake naquela manhã sobre o que tinha em mente e, quando disse que gostaria muito de convidar Maddox e Silas para o jantar de Ação de Graças, ele ficou surpreso, mas disse que tudo bem se ela quisesse convidá-los.

Ele até pareceu... Feliz... Que ela tivesse pensado em incluí-los.

Naquele momento, Maddox e Silas estavam na sala de estar com Drake e o pai de Evangeline, enquanto ela preparava um café da manhã rápido e sua mãe estava no banheiro.

— Maddox? Silas? — Evangeline chamou.

Eles apareceram na cozinha um segundo depois e ela lhes deu um sorriso de boas-vindas.

— Querem me ajudar a preparar a mesa? Fiz café da manhã suficiente para todo mundo. Não vai demorar muito e aí podemos ir para o mercado com minha lista de compras.

Maddox cheirou o ar com apreço. Então, apertou o peito dramaticamente.

— Quer casar comigo, Evangeline? Deixe-me levá-la para longe de tudo isso. Ah, espere. Isso é exatamente o que quero que faça na

minha casa. Mas é a única coisa que vou te pedir. Isso e sexo, é claro. Se cozinhar para mim todos os dias, vou cuidar para que tenha todos os desejos atendidos para o resto de sua vida.

Silas revirou os olhos e começou a tirar os pratos do armário.

Evangeline riu e soprou um beijinho para Maddox.

— Na realidade, a verdadeira razão pela qual chamei vocês aqui é porque tenho um pedido especial.

Ambos voltaram a atenção para ela, e Silas a sondou com seu olhar.

— Está tudo bem, boneca? — ele perguntou, preocupado.

— Ah, sim, está tudo bem. Queria perguntar se me dariam a honra de passar o jantar de Ação de Graças comigo, Drake e meus pais?

Maddox parecia nocauteado, e a expressão de Silas congelou em seu rosto.

— O Dia de Ação de Graças é um momento de celebração em família — ela continuou suavemente. — Considero vocês dois parte da minha família. Significaria muito para mim. Isso é, se já não tiverem outros planos.

— Fico muito honrado em aceitar seu convite — Maddox disse, em tom solene.

Silas se inclinou e roçou os lábios na bochecha dela.

— Estarei aqui, boneca. E obrigado pelo convite. Significa muito para mim.

Ela sorriu, aliviada porque os dois pareciam felizes por terem sido incluídos em seus planos.

— Sentem-se. Vou buscar papai e Drake para a gente comer.

O café da manhã foi animado e divertido, mas quando a mãe de Evangeline percebeu que ela e Evangeline iriam ter a escolta de Silas e Maddox até o mercado, sua reação foi histérica.

— Não vou, Evangeline! É assim tão perigoso andar na cidade grande que precisamos ser escoltadas por esses dois rapazes tão bonitos?

Evangeline se engasgou com sua bebida quando viu o pescoço de Maddox ficar vermelho e Silas inquieto em seu assento.

— Eles são mesmo bonitos demais, não é mamãe? — Evangeline concordou, com os olhos brilhando. — Pense. Todo mundo vai se perguntar quem você é e vai achar que você é famosa, te vendo escoltada por Maddox e Silas. Acho que eu devia ter pedido a Zander ou a Jax que viessem também — refletiu.

— Você, meu anjo querido, é uma provocadora travessa — Drake disse, em voz baixa, só para ela ouvir. O riso brilhava intensamente em seus olhos e ele disfarçou o sorriso tomando um longo gole de seu copo.

— Ah, meu Deus. Você está certa! — Exclamou a mãe. — Oh, isso não é excitante, Grant? Espere até eu contar para todos lá em casa. Eles não vão acreditar em mim, é claro, então você vai tirar fotos, não vai, Evangeline?

O anseio e a esperança evidentes no rosto e na voz de sua mãe quase fizeram Evangeline perder a batalha que travava para não começar a rir.

— Com certeza, mamãe. Vou tirar tantas fotos quanto quiser. Tenho certeza de que Maddox e Silas não vão se importar, não é? — ela disse, com doçura, olhando cheia de inocência para os dois homens em questão.

Silas tossiu e então olhou para a mãe de Evangeline, com toda a sinceridade.

— Seria um privilégio acompanhar a mãe de Evangeline pela cidade. Evangeline é uma mulher incrível, bonita e também é uma das pessoas mais compassivas e amorosas que já conheci. Só posso concluir que ela herdou tudo isso da mãe.

Para o deleite de Evangeline, sua mãe corou até as raízes do cabelo e depois se abanou com a mão rapidamente.

— Ah, meu Jesus — ela respirou. — Evangeline, o que você faz com todos esses jovens maravilhosos?

Evangeline engasgou e Drake apertou sua mão sob a mesa, contraindo e soltando os lábios enquanto tentava suprimir o riso com a

vergonha de Evangeline. Maddox sorriu, e os lábios de Silas se curvaram para cima em um sorriso lento.

— Não o suficiente — Maddox disse, com ar de mau humor. — Eu poderia comer a comida dela todos os dias — Vai conseguir bastante da minha comida e da comida da minha mãe amanhã — Evangeline disse. — Ficaré em coma de tanta comida durante alguns dias.

— Mal posso esperar — Maddox disse, sonhador.

— Pronta para ir ao mercado, mamãe? — Evangeline perguntou. — Já fiz minha lista completa. Maddox, você e Silas têm algum pedido especial para a refeição de amanhã?

— Confie em mim. Vamos comer qualquer coisa que colocar na mesa, boneca — Silas prometeu.

— Não é mentira — Maddox concordou, enfático.

— Bem, vamos embora então. Vamos? — a mãe de Evangeline disse, animada. — Não me lembro da última vez em que uma ida ao mercado foi tão emocionante. Quero aproveitar cada minuto.

Drake pegou a mão de Evangeline quando ela se levantou da mesa e, com carinho, a puxou de volta para cadeira.

— Não está se esquecendo de nada, Angel? — ele murmurou.

Ela ficou confusa no começo, sem saber do que ele estava falando. Mas então viu o brilho saído nos olhos dele.

— Meu beijo de despedida, talvez? — ele sugeriu.

Ela ruborizou, mas, em segredo, ficou emocionada por Drake não se importar em beijá-la na frente de seus pais nem de seus homens. Inclinou-se e lhe deu um beijo longo e doce, passando a língua sobre os contornos de sua boca até que ele separou os lábios e deixou que ela mergulhasse lá dentro.

Ele tinha um gosto tão bom. Ela queria se derreter em seu colo e passar a hora seguinte não fazendo nada além de beijá-lo.

— Pegue leve com meus homens, está bem, Angel? — Drake disse, brincalhão.

— Você fala como se eu vivesse arranjando problemas — ela respondeu, com uma bufada.

— Só os melhores problemas — ele murmurou.
Ela o beijou uma última vez e depois foi pegar a bolsa.
— Todo mundo pronto? — Perguntou assim que voltou.

O Dia de Ação de Graças foi o feriado mais maravilhoso que Evangeline se lembrava de ter vivido. Ela e sua mãe tinham começado a cozinhar na parte da manhã, e todos comeram pouco depois das duas naquela tarde.

A princípio, sua mãe ficara horrorizada quando Drake pediu que ela e Evangeline não se preocupassem em lavar a louça. Porém, depois que ele lhe assegurou que tinha contratado alguém para limpar, sua mãe na mesma hora ficou aliviada e se manteve longe da pilha de panelas, frigideiras, panelas, assadeiras, copos, pratos e utensílios.

Foi naquela noite que sua mãe fez um comentário inocente que lhe deu uma ideia. Ela perguntou se Evangeline planejava montar a árvore de Natal na manhã seguinte, como era a tradição em sua família desde que Evangeline conseguia se lembrar.

Sem ter a menor ideia de quais eram os sentimentos de Drake sobre o assunto — ele não parecia ser do tipo que saía enfeitando a casa à toa —, quanto mais pensava sobre isso, mais sua ideia ganhava forma.

E, assim, antes de ir dormir na noite de Ação de Graças, deu um discreto telefonema para Maddox e fez seu pedido.

Na manhã de sexta-feira, os pais de Evangeline chegaram ao apartamento acompanhados por todos os homens de Drake. Quando começaram a sair do elevador carregando caixas e sacolas de compras e a cereja do bolo — a árvore de Natal natural, de dez pés de altura — Drake arregalou os olhos e imediatamente procurou Evangeline na multidão agora reunida em seu apartamento.

Ela sorriu, mas seu estômago se revirava de nervosismo. Estava torcendo para que aquilo não terminasse mal. Aproximou-se dele, passou os braços ao redor de sua cintura e sorriu mais uma vez.

— Surpresa! — ela disse, carinhosamente. — E Feliz Natal. É tradição na minha família montar a árvore no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças, para ficar até o Ano Novo. Espero que não se importe... Eu queria fazer algo especial para você enquanto meus pais ainda estivessem aqui para ajudar a decorar e apreciar a árvore também.

— Fez isso por mim? — Drake perguntou, em um tom estranho. Ela assentiu com a cabeça.

— Gostou? — Ela perguntou, hesitante.

Ele a abraçou e depois a beijou.

— Amei. Obrigado.

— Evangeline, querida, você e Drake venham ajudar a decorar sua árvore! — a mãe dela chamou, do outro lado da sala. — Esses jovens aqui se superaram. Devemos ter mil e quinhentas luzes para colocar nessa árvore!

Evangeline olhou para Drake e quando ele acenou com a cabeça, ela pegou sua mão e o puxou para onde sua mãe estava tirando enfeites das caixas.

— Seu pai e eu trouxemos algo para você — a mãe disse, procurando uma caixa meio esfarrapada que Evangeline não tinha notado até então. Evangeline passou a mão com amor sobre a embalagem desgastada antes de abri-la para ver o que era. Segurou a respiração e sentiu as lágrimas queimando suas pálpebras.

— Ah, mamãe... — ela disse.

— Trouxe enfeites da nossa árvore que pensei que gostaria de colocar na sua — a mãe disse, um brilho de umidade em seus próprios olhos. — Alguns deles foi você que fez na escola, quando criança. E há um para cada Natal que comemoramos com você, começando do primeiro. Também lhe trouxe vários enfeites feitos por sua avó. Sei o quanto os amava e os valorizava.

Evangeline sentou-se no sofá ao lado de sua mãe e lhe deu um abraço. As duas começaram a examinar cada um dos enfeites.

— Obrigada — Evangeline agradeceu, em um sussurro. — Eu amei, mamãe.

— Por nada, minha querida. Mal posso acreditar que já está tão crescida, com uma vida só sua. Sei que não dizemos isso o suficiente, mas seu pai e eu estamos muito orgulhosos de você. Ninguém deve ter mais orgulho de um filho do que a gente. Antes de te visitarmos, costumava me preocupar e ficava imaginando coisas. E me doía tanto que você tivesse precisado abandonar a escola e se mudar para cá para ajudar a sustentar a mim e a seu pai.

— Não, mamãe!

— Shh — a mãe dela disse, acariciando o rosto de Evangeline.
— Deixe eu terminar.

Evangeline notou que Drake, Silas e Maddox estavam todos ouvindo o que sua mãe estava dizendo, embora tentassem despistar.

— Como estava dizendo, me doía tanto e me preocupava imensamente por você estar sozinha, com poucos amigos, sendo engolida por uma cidade cheia de estranhos. Mas quando cheguei aqui e te vi, percebi que estava errada ao desejar que as coisas fossem diferentes. Porque se não tivesse se mudado para cá, não teria conhecido Drake e não estaria tão feliz quanto parece agora, e eu nunca desejaria tirar isso de você.

— Tem muita razão em um ponto, Brenda — Drake interveio, sério. — Apesar de também odiar as circunstâncias que trouxeram Evangeline para essa cidade, eu, assim como você, não posso lamentá-las. Se não fosse por essas mesmas circunstâncias, ela não estaria aqui em meu apartamento hoje. Eu não a teria em minha vida. E, agora que a tenho, as circunstâncias que a trouxeram para mim não são nem de longe tão importantes quanto Evangeline continuar pertencendo a mim.

Evangeline sentiu como se alguém tivesse acabado de lhe dar um soco no estômago. Sentiu-se nocauteada pelas palavras de Drake, pela sinceridade e verdade contidas nelas. Olhou para ele em completo espanto.

Sua mãe e seu pai trocaram sorrisos satisfeitos e felizes, observando Evangeline lidar com a enormidade da declaração apaixonada de Drake.

— Penduramos as luzes, Sra. Hawthorn — Jax disse, de seu posto na árvore. — Se nos disser o que vai onde, podemos terminar a decoração.

Evangeline se levantou, os joelhos trêmulos, mas não conseguiu conter seu amplo sorriso. Talvez nunca tivesse sorrido tão abertamente.

— Vou fazer um trato com vocês — ela anunciou, para que todos ouvissem. — Se conseguirem colocar os enfeites do jeito que minha mãe mandar, vou fazer um almoço para todo mundo.

Houve um coro de “uhuuus!” e, então, foi uma correria para ver quem conseguia pendurar os enfeites mais depressa. Drake sentou-se ao lado do pai de Evangeline e os dois rapidamente se engajaram em um papo, enquanto, da entrada da cozinha, Evangeline observava o apartamento cheio e o brilho cintilante de mil e quinhentas luzes cobrindo a árvore de cima a baixo.

Seu coração inchou de contentamento. Aquela era a sua família agora. Observou como os homens se provocavam e brincavam uns com os outros, embora todos fossem muito respeitosos na frente de sua mãe. Queria abraçar e beijar cada um deles por estarem sendo tão solícitos com ela durante a estadia de seus pais na cidade.

Enxugou o canto dos olhos para evitar que lágrimas escorressem por seu rosto.

— Evangeline? Você está bem? — Silas perguntou.

Ela se virou para encontrá-lo de pé ao seu lado, uma expressão preocupada em seus traços bonitos. Ela lhe deu seu segundo maior sorriso do dia.

— Estou mais do que bem — suspirou. — Olhe ao redor, Silas. Esta é a nossa família. O que poderia ser melhor do que a família reunida para decorar a árvore de Natal e almoçar junta?

Silas sorriu, algo que ultimamente parecia fazer com cada vez mais frequência sempre que estava perto de Evangeline.

— É você, boneca. Você fez da gente uma família.

ERA TARDE QUANDO DRAKE E EVANGELINE retornaram ao apartamento depois de deixar os pais dela no hotel. Ela já temia o dia seguinte, quando seus pais voltariam para casa.

Eles saíam do elevador quando Drake estendeu a mão, algemou seu pulso com os dedos e a fez parar.

— Entre no quarto, tire a roupa e espere por mim na cama. Deite-se de costas, os braços sobre a cabeça e as pernas abertas, para que eu veja o que é meu assim que passar pela porta do quarto.

A boca de Evangeline secou e ela engoliu o nó aparentemente alojado lá. A voz dele era tão sexy. Grave e meio rouca. O mero som dela tinha o mesmo efeito que uma carícia que ele fizesse com as mãos. Cada palavra era uma carícia nas orelhas dela.

— Vou te dar cinco minutos — ele avisou.

Ela estaria pronta para ele em três.

Saiu correu para o quarto, já tirando a roupa no meio do caminho. Atirou o vestido e os sapatos para o canto oposto, rastejou sobre as cobertas e relaxou, deitada de costas. Depois, ergueu os braços, de modo que descansassem no travesseiro acima de sua cabeça.

Ficou ali, sonhando acordada em um estado de pura excitação, todos os sentidos em alerta. Esperando. Seu pulso se acelerou no momento em que sentiu a presença dele. Antes mesmo que Drake emitisse qualquer som que o entregasse, ela sabia que ele estava lá.

Suas pálpebras piscaram, preguiçosas, enquanto ela movia o olhar para onde ele estava, perto da cama. Ele estava olhando para ela, sua expressão suave, afeição brilhando em seus olhos escuros. Evangeline sentiu uma pequena excitação ousada. Eram momentos assim, momentos como os que tinham vivido nos dias anteriores, em que cada uma das ações dele e de suas palavras, olhares e toques diziam a ela que ele poderia amá-la.

Só precisava ser paciente. Drake não era do tipo que se mostrava vulnerável para ninguém, especialmente para uma mulher. Tudo o que ela podia fazer nesse meio tempo era mostrar-lhe que não iria a lugar nenhum. Que ela o amava incondicionalmente. A espera valeria muito a pena. Não tinha nenhuma dúvida sobre isso. Pensamentos insidiosos não tinham mais lugar e muito menos se apoderavam dela, minando sua autoconfiança, fazendo-a temer o futuro e ficar pensando em quanto tempo Drake manteria aquele relacionamento. Ele não fizera nada para fazê-la pensar que estava se cansando dela. Pelo contrário. Parecia que cada dia mais Drake aceitava mais abertamente o enorme papel que ela tinha em sua vida.

— No que está pensando, Angel? — Drake murmurou, acariciando suas curvas nuas.

O corpo inteiro dela estava dolorosamente consciente. Evangeline estremeceu com uma necessidade quase violenta. Havia uma intensidade gritante nos olhos de Drake naquela noite. Como se tivesse chegado a uma decisão ou tido uma percepção muito importante.

Queria perguntá-lo sobre isso, mas o que ia dizer? Que sentiu uma mudança nele? Em suas prioridades, e que ele a tinha colocado à frente de todo o restante? Era uma maneira muito eficaz de dar brecha à humilhação se estivesse errada. Não, não poderia tentar apressar o compromisso dele. Esse seria o maior erro de todos.

— Estou pensando em como sou sortuda — ela sussurrou, com um nó em sua garganta. — Este foi o melhor Dia de Ação de Graças que já tive. Amei cada minuto, Drake. Parecíamos uma grande família. Meus pais. Seus homens. E nós...

O sorriso dele espalhou ondas de calor por partes do corpo dela que há muito não ficavam tão quentes. Seus olhos eram como sol líquido, seu olhar ardia sobre a pele dela. Em geral, os olhos e a expressão dele eram muito escuras. Cheios de sombra. Feridas antigas e lembranças dolorosas à espreita, logo abaixo da superfície. Mas, naquela noite, os olhos dele pareciam quase dourados e não negros.

Evangeline estava fascinada por aquele olhar dourado. Encantada com a luz batendo nas manchas de bronze nos olhos dele.

Drake jogou a roupa para o lado e, devagar, subiu na cama, pairando sobre ela enquanto descansava sobre os cotovelos para que seu peso não a esmagasse. Ela soltou um pequeno gemido enquanto seu corpo apertava o dela. Seu corpo se posicionou automaticamente para acomodar o dele. O macio dela contra a dureza dele. Ela o amorteceu na cama, embora o peso dele não estivesse sobre ela.

Drake olhou para ela, aqueles olhos brilhantes ainda cheios de calor e mistério.

— Sabe no que eu estava pensando? — Ele perguntou, sussurrando, roçando os polegares nas bochechas de Evangeline, colocando minúsculos fios de cabelo dela atrás de suas orelhas.

— No quê? — ela sussurrou.

— Que preciso, aliás, *quero* te agradecer pelo melhor Dia de Ação de Graças que já tive na vida.

Lágrimas se acumulavam nos olhos dela enquanto absorvia a reverência e a sinceridade absoluta na voz e na expressão de Drake.

— Fico contente — ela balbuciou. — Estou tão feliz, Drake. E quero que você seja feliz. Mesmo que não seja comigo.

Ela poderia ter mordido a língua por permitir que, mesmo que por um segundo, suas inseguranças emergissem. Principalmente quando Drake estava abrindo sua alma, ou ao menos parte, para ela.

— Não quis dizer isso — ela se emendou, depressa. — Juro que não estou querendo que diga nada, Drake. Sinto isso de verdade. Quero que você seja feliz. Não importa o que seja necessário. Espero ser a pessoa que pode fazer isso. Rezo para que eu seja. Mas se não for,

só quero que saiba que há pessoas que te amam e se preocupam com você. E não sou a única.

Drake balançou a cabeça, seu olhar genuinamente perplexo.

— Certamente não acha que tenha planos de acabar com o que a gente tem, Angel.

— Não — ela sorriu. — Estava apenas tentando dizer o que estava em meu coração e, bem, às vezes não sai muito bem — ela explicou, com pesar.

Ele sorriu e lhe deu um beijo longo e doce que a fez sentir mais lágrimas se acumulando.

— Ninguém nunca preparou uma refeição comemorativa para mim — ele disse, distante. Parecia desconfortável com a confissão e com o que viria depois dela também. — Nunca ninguém convidou meus irmãos para comer junto como você fez. E você cozinhou não só para mim, mas para eles também. Inferno, você fez eles montarem uma porra de uma árvore de Natal na minha sala.

Ele olhou para ela com uma expressão de espanto.

— Caralho! Eu juro por Deus, Anjo. Você é um milagre. Devia ter sacado que estávamos perdidos no dia em que você fez todo mundo no escritório comer seus cupcakes. Nunca tinha visto meus homens reagirem a uma mulher minha como reação com você. Nunca tive uma mulher em minha vida por tanto tempo — ele emendou.

Mais uma vez, Drake pareceu desconfortável, como se as percepções que estava tendo o desequilibrassem e ele não tivesse ideia do que fazer com elas agora que as tinha.

— Eles te adoram, Angel. E são leais a você. Tanto quanto são a mim. Você mudou todos nós. Às vezes, assim como eu, eles não têm ideia de como lidar com você. Você os surpreende a todo momento com sua aceitação incondicional. Da mesma forma que me surpreende...

— Drake, você tem que parar — ela disse impotente. — Vai me fazer chorar!

Ele sorriu e beijou suas bochechas, suas pálpebras e os cantos de seus olhos, como se estivesse limpando lágrimas invisíveis.

— Acho que não me importo que chore tanto, desde que seja por felicidade. Mas, se ficar triste com qualquer coisa, saiba que eu moveria céus e terras para te fazer feliz de novo.

Ela apertou seus braços ao redor da cintura dele e levantou a bochecha para pressionar seu peito.

— Sei disso, Drake. E você também, você sabe. Você me faz muito feliz.

Alívio brilhou nos olhos dele.

— Fico feliz. Não sei o que faria sem você. Não quero nem pensar nisso.

— Que tal se não pensarmos, então?

— Essa é a melhor ideia que ouço em muito tempo — ele sussurrou enquanto a beijava de novo.

Drake lambeu o lábio inferior de Evangeline e, depois, o canto de sua boca, antes de lambe delicadamente o lábio superior. Com um suspiro, ela relaxou e abriu a boca para ele, seus lábios se separando enquanto a língua dele deslizava para dentro, espalhando o gosto dele sobre sua língua. Quando Drake se afastou, seus olhos brilhavam com intensidade e convicção.

— Obrigado, meu anjo. Por me dar... esperança. Por me mostrar como é um feriado de verdade com... a família. Nunca vou esquecer esse Dia de Ação de Graças. Nunca. Isso — e você — significam o mundo para mim.

— Faça amor comigo — ela insistiu, subitamente impaciente para senti-lo sobre ela, dentro dela, aquecendo-a de dentro para fora.

— Ah, eu farei — ele asseverou, em um tom calmo, reverente. E então a beijou uma vez, duas vezes e depois uma terceira vez. — Sei que nosso relacionamento — e nossa vida sexual — é construído sobre a sua submissão e o meu domínio, e com uma certa dose de fatores *kinky*. Mas esta noite eu vou fazer amor com você. Hoje à noite, nenhuma tara terá lugar em nosso quarto. Só você e eu, e eu te amando. Te mostrando meu amor.

Evangeline inspirou o ar com tanta força que quase desmaiou. Oh, Deus, será que ele percebia o que estava dizendo? Drake não era o tipo

de homem que falava sem pensar, levado pelo calor do momento.

Tinha chegado tão perto de dizer tudo que ela queria ouvir. Ou sonhava em ouvir. Por hora era mais que suficiente. Ele queria mostrar o seu amor. Seu amor era tudo o que ela sempre quis. Nada mais. Apenas ele e seu coração. Seu amor. Para sempre.

Ele demorou. Nunca demonstrara tanta paciência ou uma determinação tão extenuante em prolongar o prazer dos dois, até quase perderem os sentidos. Beijou e lambeu cada centímetro do corpo dela, investindo uma quantidade extra de tempo nos seios e depois entre as pernas.

Evangeline estava frenética com a necessidade, ofegando, arqueando-se, gemendo enquanto seu corpo pulsava e chegava mais e mais perto do clímax. Por quase uma hora, ele a acariciou, beijou, chupou e lambeu, murmurou palavras suaves e bonitas, que ela memorizou e guardou no fundo do coração, para nunca esquecer.

Cada vez que ela implorava que ele entrasse nela e desse a ambos o que queriam, Drake sorria e simplesmente ignorava a súplica, optando, em vez disso, por apresentar a ela níveis ainda maiores de prazer e de necessidade ofuscante.

Ela estava quase chorando, louca com um êxtase que deixava sua mente nublada quando ele finalmente abriu as pernas dela e se posicionou entre elas.

— Olhe para mim, Angel — ele disse, com uma voz macia.

Os olhos dela se cravaram nos de Drake, e a satisfação ardeu no olhar dele.

— Eu vou te dar — ele sussurrou. — Tudo de mim.

E penetrou fundo, tirando o ar de Evangeline com a rapidez e o poder de sua possessão. Estava profundo. Muito mais profundo do que jamais estivera. Parecia tão determinado quanto ela a tomar cada centímetro. Não podia lhe negar nada. Evangeline ergueu as pernas, enganchou-as ao redor das costas dele e levantou os quadris para que o ângulo de entrada ficasse ainda melhor.

Ele hesitou por um segundo e, em seguida, investiu de novo, enterrando-se até o talo.

A visão de Evangeline ficou turva, e ela sabia que não aguentaria mais segurar nem por um minuto. Estava perto demais. Excitada demais. Precisava dele demais.

— Drake! — gritou. — Por favor. Não pare. Não agora!

— Não, Angel. Nunca — ele jurou.

Impulsionou-se para frente, mesclando-se ao corpo de Evangeline, que o apertou com os braços e as pernas. Ela se fundiu com os braços dele, seu corpo suave e flexível, tão receptivo ao dele.

A primeira explosão de orgasmo balançou o núcleo de Evangeline. Nesses poucos momentos, ela perdia a consciência enquanto o prazer, afiado e cortante como uma faca, rasgava seu caminho perverso por seu corpo até chegar à sua alma.

Seus olhos ficaram opacos, suas pupilas se contraíram. Ela tentou se concentrar na expressão feroz de Drake, na posse que via tão claramente desenhada no rosto dele, mas era simplesmente demais.

Cada músculo e terminação nervosa de seu corpo se contraíam a ponto de quase doer. Ela se ergueu em agonia, tentando se agarrar mais ferozmente a Drake. Ela estava soluçando. Registrou vagamente o fato de que estava soluçando, implorando e suplicando.

E então a boca de Drake encontrou a de Evangeline, e ele engoliu o grito alto que ela deixou escapar dentro da noite.

O mundo inteiro ao redor dela explodiu, estourou em uma cacofonia de cores e sensações. Tanto prazer. Voou atravessando o corpo dela, espumando espessamente por suas veias, banhando cada centímetro de sua pele.

Não conseguia respirar, então Drake respirou por ela. Ele engoliu seu ar e então lhe ofereceu o dele. Jamais tinha sentido nada tão íntimo e doce. Nunca sentiu esse tipo de amor por nenhum outro homem. Nunca sentiria novamente.

O que teria feito se não tivesse conhecido Drake? Quão oca seria sua vida nesse mesmo momento se ele não fizesse parte dela? Fechou os olhos com força e sentiu as lágrimas quentes deslizarem por suas bochechas. Engoliu o soluço e se agarrou a Drake com força no rescaldo da paixão.

Ele abaixou o corpo para encontrar o dela, ofegando, lutando para recuperar o fôlego. Enterrou o rosto nos cabelos de Evangeline e a puxou com tanta força para mais perto de si que não sobrou um centímetro do corpo dela que não estivesse coberto pelo dele.

— Nunca tive nada tão doce na minha vida — ele disse, com dificuldade. — E nunca mais terei. Você é a coisa mais linda que já tive, Angel. Não me deixe nunca. Por favor, não me deixe.

Evangeline ficou chocada com a vulnerabilidade na voz dele. Chocada por Drake ter permitido que ela percebesse aquilo. Ou talvez ele não tivesse ideia do que estava dizendo. Mas suas palavras, sua súplica apaixonada, mexeram com ela inteira e tocaram sua alma e seu coração.

— Não vou — ela respondeu, com ternura. — Nunca, Drake, querido. Sempre estarei aqui. Enquanto me quiser, serei sua.

Ele a apertou, agarrando com tanta força que ela mal conseguia respirar.

— Preciso de você, Angel. Preciso tanto de você.

As palavras dele saíram tão sussurradas que, no início, Evangeline chegou a pensar que eram fruto de sua imaginação. Uma excitação eufórica borbulhou em seu sangue, e a paz tomou conta dela. Talvez... Talvez contos de fadas se tornassem sim realidade.

EVANGELINE ESTAVA NOS BRAÇOS DE DRAKE, tão contente que se sentia até mole. Estava completamente espalhada sobre o corpo de Drake, deitada sobre ele, as pernas dos dois emaranhadas entre lençóis e cobertores.

Ela tentou se mover uma vez, mas Drake a abraçou e, em seguida, murmurou: — Gosto de você exatamente onde está, Angel.

Evangeline o acariciava sem pressa, passando os dedos de leve sobre os contornos musculosos de seu corpo e nos pelos da parte superior de seu tronco e depois naqueles um pouco mais grossos e escuros concentrados no centro para então descer em uma linha reta até seu umbigo.

Aquele homem era um deus. Uma fêra sexual magnífica, um homem do qual nenhum outro que ela conhecera poderia chegar perto. E era todo seu. Ela sorriu de satisfação e se deixou ficar ali por um longo tempo, saboreando a intimidade do abraço em que estavam. Então, os pensamentos do feriado vagaram por sua mente e ela se lembrou da resposta séria que Drake dera a sua mãe quando ela comentou que os pais dele deveriam estar orgulhosos. E do agradecimento impressionado que ele fizera pelo melhor fim de ano que tinham lhe proporcionado. Ele tinha dito que ninguém nunca tinha cozinhado um banquete para ele antes. Aliás, na primeira vez em que cozinhou para Drake, ele contou, um tanto espantado, que ninguém nunca tinha cozinhado nada para ele.

Com certeza, ele estava se referindo à vida adulta. Será que a mãe nunca tinha cozinhado para ele na infância?

Os dedos gélidos do pavor agarraram o coração de Evangeline porque, de alguma forma, ela pressentia que a infância de Drake não tinha sido feliz. Aliás, era esse o laço comum que parecia unir todos os seus homens como irmãos: um passado longe de ter sido o ideal. Nenhum deles nunca falou sobre isso, tampouco mencionaram alguma vez que tinham famílias. Não faziam referências à infância. Nenhuma.

Ela se levantou do peito dele o suficiente para que pudesse encará-lo no fundo dos olhos, e o fez com fervor, procurando em seu olhar qualquer sinal de que talvez devesse deixar aquilo para lá ou tentar abordar a questão em outro momento.

Quando viu nada além de calor e ternura, mordiscou o lábio inferior e então, hesitante, falou o que tinha na cabeça.

— Drake? Posso te perguntar uma coisa? — ela disse, tímida.

Os olhos de Drake se estreitaram, mas não parecia irritado. Apenas...preocupado.

— Claro. O que foi, Angel?

— Queria te perguntar sobre... bem... você. Seu passado — ela disse, nervosa.

Ele contraiu os lábios em uma linha fina, e seus olhos se tornaram glaciais. Evangeline não tinha certeza se ele mesmo percebera aquela mudança em suas feições, porque tinha a sensação de que ele estava fazendo um esforço tremendo para não ficar bravo nem irritado com aquela pergunta.

— O que acha? — ele devolveu a pergunta, em um tom que não demonstrava nenhuma emoção.

Ela suspirou e se sentou, posicionando-se ao lado dele de forma que pudesse olhar diretamente para ele e monitorar suas reações.

— Você nunca fala sobre isso. Sua infância. Seus pais. Obviamente ficou incomodado quando minha mãe tentou falar deles. Percebo que pode não ser um assunto sobre o qual queira falar, Drake. Se for assim, vou deixar para lá. Mas sinto que ainda te afeta de algum

jeito. Que ainda... ainda te machuca. E eu faria qualquer coisa para não deixar você sofrer.

— Nada de bom pode vir de ficar relembrando o passado — ele respondeu, sombrio. — O passado é isso. Apenas o passado. Minha infância aconteceu há muito tempo e não *nos* afeta.

Ela sacudiu a cabeça negando.

— Está errado — ela contestou, com suavidade. Inclinou-se e abraçou Drake com força. — Ainda te afeta e qualquer coisa que afeta você me afeta também. E a gente.

Drake suspirou e Evangeline sentiu a tensão percorrendo seu corpo. Ele ficou com o corpo tão contraído que ela pôde sentir, mas então relaxou e passou os braços ao redor dela enquanto se sentava na cama, acomodando-a em seu peito.

— O que quer saber? — Drake perguntou, com um desconforto evidente.

— Só o que estiver disposto a contar — ela respondeu, com honestidade. — Nunca vou exigir mais do que o que estiver disposto a dar.

Ele suspirou novamente e ficou em silêncio por um longo instante.

— Meus pais não eram exatamente candidatos ao prêmio de melhores pais do ano. Não eram como os seus — ele explicou, e ela se perguntou se ele conseguia ouvir a nota melancólica na própria voz. Isso a fez querer abraçá-lo mais uma vez.

— Eram golpistas. Usavam drogas. Dinheiro fácil. O que quer que tivessem que fazer para não precisar trabalhar. Uma criança era a última coisa que queriam, e, na verdade, minha mãe queria me abortar, mas meu pai percebeu que eu seria mais uma fonte de renda para eles. Que poderiam entrar em algum programa do governo. Receber um cheque todo mês. E tudo o que precisavam fazer era me alimentar e garantir que eu continuasse vivo. Minha felicidade e meu bem-estar não estavam na lista de prioridades.

Um ar sombrio tomou sua expressão distante, mas ele rapidamente dominou suas feições, determinado a não lhes dar mais o

poder que uma vez tiveram sobre ele.

— Oh, Drake — ela lamentou, seus lábios se transformando em um sorriso triste.

Ele sorriu para ela e a puxou para lhe dar um beijo.

— Você é muito sentimental, meu anjo. Eu sobrevivi.

— Mas sobreviveu a quê? — Ela perguntou, direta. — Ninguém deveria ter que *sobreviver* à infância.

— Não, mas muitos sobrevivem — ele disse, com carinho.

— Por que foi tão ruim, Drake? — Ela perguntou, com uma voz ansiosa.

Ele engoliu em seco.

— Eu era apenas uma criança que não entendia por que meus pais me odiavam ou por que apenas me toleravam. Costumava rezar para que o governo aparecesse em uma visita surpresa e me tirasse de casa. Tentei fugir mais de uma vez. Em cada uma delas, meu pai me encontrou, me bateu até me deixar parecendo uma massa ensanguentada, me arrastou para casa e me trancou em um armário por dias.

Evangeline soltou um soluço de choque, os olhos repletos de horror. Levou a mão à boca para sufocar um grito de agonia.

Drake deu de ombros.

— Não era tão ruim. Preferia ficar no armário a ficar no caminho deles. Se tinham pouca droga ou comida, as coisas ficavam bem feias. A abstinência batia e eles descontavam na fonte de sua infelicidade: eu. Então aprendi a ser discreto, a ficar muito quieto e a ficar nas sombras. Ironicamente, foi meu pai que me manteve vivo. Minha mãe, como eu disse, preferia ter me abortado. E, como resultado da cesárea de urgência que precisou fazer, ela se viciou feio em analgésicos. Toda hora, meu pai ficava lembrando a ela que teriam de arrumar um emprego para sustentar o vício caso se livrassem do “monstrinho”, como ela me chamava.

Evangeline estava impressionada demais para conseguir colocar em palavras qualquer um dos milhões de pensamentos que passavam em sua cabeça. Estava horrorizada e em pânico em perceber como a

humanidade era patética. Ele era apenas uma criança. Alguém que não tinha pedido para nascer. Suas mãos estavam tremendo e ela as abaixou para escondê-las de Drake, apertando os dedos para que seu tremor não a entregasse.

— Não faz sentido ficar relembrando minha infância inteira — ele disse, com uma voz gentil. Como se estivesse protegendo *Evangeline* do horror de seu passado. Só por isso, ela já queria chorar. Porque quando ele teve alguém para protegê-lo assim?

— O que aconteceu com eles? Como finalmente escapou?

Ele fez uma careta.

— Meu velho foi baleado por um traficante de drogas para quem ele devia uma caralhada de dinheiro. Como eu disse, ele não era o pai ou o marido do ano, mas pelo menos tentou cuidar de mim... Quando não estava me espancando — Drake completou, seco. — E tentou cuidar da minha mãe do jeito que sabia: mantendo-a abastecida com as drogas que ela queria. O resultado foi acumular dívidas que ele não tinha a menor ideia de como poderia pagar. E eles vieram cobrar em uma noite em que eu estava trancado no armário, o que provavelmente foi o que salvou minha vida, porque, se eles soubessem que eu estava lá, teriam me matado para mostrar quem eram ou então me levado com eles, sem saber que meus pais não se importavam comigo e não iam fazer merda nenhuma para me ter de volta.

— E a sua mãe?

Evangeline ficava enojada de pensar assim mas, naquele momento, torcia para que aquela mulher tivesse tido uma morte lenta e dolorosa.

— Não demoraram a descobrir que a melhor maneira de fazê-la sofrer não era matá-la e acabar com aquela vida patética. Com meu velho fora do caminho, ela não tinha mais nenhuma ajuda, nenhum apoio, e estava agonizando com a abstinência. Eles riram da cara dela e disseram-lhe para desfrutar do defunto.

Drake pegou as mãos de Evangeline, separando uma da outra, e entrelaçou seus dedos com os dela.

— Dois dias depois, ela se matou. Me lembro de ficar de pé sobre sua sepultura e jurar que não teria a mesma vida. Nunca. Eu queria um futuro melhor. Eu tinha 11 anos e era baixo para a minha idade por causa da desnutrição e do abuso. Mas já estava planejando meu futuro. Ninguém cresce entre traficantes de drogas e gangues sem ficar minimamente esperto, consciente sobre o que é necessário para sobreviver.

— Ninguém te adotou depois que sua mãe morreu? — Evangeline perguntou, perplexa.

Drake deu de ombros.

— Alguém provavelmente teria me adotado. Ou pelo menos eu teria sido colocado no sistema e passado de casa em casa até fazer 18 anos, mas isso não era uma opção para mim. Aos 11 anos, tudo o que eu podia pensar era que, se meus próprios pais não conseguiram me amar, como outra pessoa conseguiria?

Ela não pôde mais evitar que as lágrimas escorressem por seu rosto. Olhou para Drake, com a visão embaçada pela umidade, e se lançou em sua direção, jogando seus braços ao redor dele, puxando-o para perto de si e da batida errática de seu coração.

— *Eu* te amo, Drake Donovan — ela sussurrou, com firmeza. — Sempre vou te amar. Você nunca terá que ficar sozinho de novo e nunca estará sem alguém que te ame.

Drake pareceu chocado, como se fosse a última coisa que esperava ouvir dela. Evangeline não tinha planejado dizer aquilo. Não naquele momento. Ainda não. Mas não havia uma hora melhor, e ela não podia permitir que ele seguisse adiante sem saber que ela o amava e que faria qualquer coisa por ele. Nenhum sacrifício seria grande demais.

— Angel — ele sussurrou, sua voz falhando. — Eu... eu nem sei o que dizer. Você não tem ideia do quanto esse presente é precioso para mim. Não mereço isso — ele disse, abalado.

Evangeline pousou o dedo em seus lábios, sua expressão feroz.

— Não — ordenou. — Nunca me diga que não merece. Quanto a não saber o que dizer, você não precisa dizer nada. Só precisa ouvir. Eu te amo, Drake. Completamente, incondicionalmente, desmedidamente.

Ele a esmagou contra o próprio peito, enterrando o rosto em seu cabelo. Seu corpo inteiro tremeu com a força de sua emoção e ela simplesmente o abraçou, acariciando suas costas e os ombros, enquanto confessava seu amor por ele baixinho em seu ouvido.

PELA PRIMEIRA VEZ, EVANGELINE ESTAVA ansiosa para ir às compras, e ficou um pouco desapontada por Maddox nem Silas estarem livres para acompanhá-la. Tinha aprendido a confiar nos dois e em seu inabalável companheirismo. Era, reconhecidamente, mais próxima deles do que qualquer outro homem de Drake, mas todos eram sempre calorosos e amigáveis com ela.

Mas, mesmo sabendo que Maddox e Silas estavam ocupados, seu entusiasmo não diminuiu. Ia sair para comprar o presente de Natal de Drake. Tinha pegado o dinheiro e os cartões de crédito que Silas lhe entregara tempos atrás e sorriu, sem qualquer remorso por usar o dinheiro de Drake para comprar o presente dele.

Hoje vai ser... *divertido*!

— Aí, Evangeline, está aqui? — Zander chamou, do hall de entrada.

Ela enfiou o dinheiro e os cartões de crédito na bolsa e se apressou para cumprimentá-lo, um sorriso de boas-vindas no rosto. Seus olhos se arregalaram quando viu outros dois homens de Drake acompanhando Zander. Thane e... Droga! Não conseguia lembrar o nome do outro cara e ia pegar tão mal se ele percebesse.

Ela se lembrava dele, é claro. Era mais calado que os outros, mas muito doce e atencioso com ela. Era algo parecido com “Hartley”. Droga!

— Ei, amor — Zander abraçou-a com gosto e lhe deu vários beijos barulhentos na bochecha.

— Oi, Zander — Evangeline cumprimentou, calorosamente. E se virou. — Olá, Thane. — Então olhou para o terceiro homem e, graças a Deus, seu nome lhe veio à mente na hora certa. — Hatcher. Como está?

Ele pareceu surpreso com a saudação, talvez tivesse pensado que ela não se lembraria dele, já que não tinham passado tanto tempo juntos. Ao mesmo tempo, pareceu ter ficado encantado e sorriu largamente para ela.

— Olá, Evangeline. Pronta para ir às compras hoje? — Hatcher disse, oferecendo-lhe o braço enquanto se dirigiam para o elevador.

— Sim, estou, e preciso desesperadamente da ajuda de todos vocês!

Thane riu, e Evangeline olhou em sua direção.

— O que é tão engraçado? — Ela perguntou.

— Nada, querida. Acho divertido quando ouço o seu adorável sotaque do sul — ele disse, sorrindo.

Ela ficou boquiaberta.

— Olha só quem fala! A gente não devia apoiar um ao outro já que ambos viemos do sul e estamos aqui presos nessa cidade grande e malvada?

Hatcher e Zander se juntaram ao riso enquanto Thane erguia o braço em sinal de paz.

— Ô, minha querida, você sabe que não estou te gozando nem nada. Tenho que admitir, você me deixa com saudades cada vez que te ouço falar.

A voz dele ficou um pouco mais grave e, por um momento, ela acreditou de verdade que ele estava mesmo com saudades de casa. Havia um olhar no rosto dele que fazia Evangeline se sentir triste.

— O jantar de Ação de Graças que você fez me lembrou da comida da minha mãe — Thane continuou explicando. — Melhor refeição que fiz desde que saí de casa tantos anos atrás.

— Então, claramente preciso convidá-lo para jantar com mais frequência — Evangeline respondeu, com firmeza. — A comida do sul é maravilhosa, e não dá para esquecê-la uma vez que é provada. Isso é um pecado em alguma Bíblia, tenho certeza.

Zander olhou inconformado para Thane e balançou a cabeça na direção de Hatcher.

— Dá para acreditar no Sr. Seboso aqui e em como ele conseguiu descolar uma promessa de ser convidado para vários jantares sem derramar uma gota de suor?

Evangeline levantou o queixo e, em seguida, passou o braço pelo braço de Thane.

— Todo mundo faria bem em pegar umas dicas com um verdadeiro cavalheiro do Sul — ela disse, empinando o nariz. — Eles sabem o que é importante para o coração de uma mulher.

— E uma dama do sul sabe o que é importante para o estômago de um homem do sul — Thane completou, com os olhos brilhando. — É por isso que todas as melhores damas do sul sabem cozinhar. Sabem como cuidar de seu homem — ele declarou, melancolicamente.

Hatcher e Zander reviraram os olhos em desgosto, mas Thane os olhou com ar de superioridade.

— Revirem os olhos agora. Esperem até eu estar jantando com Evangeline e comendo sua comida incrível enquanto vocês dois comem tacos ou qualquer um dos deliveries de merda que costumam pedir.

— Diga-me, Thane. De onde você é exatamente? — Evangeline perguntou, enquanto ele a conduzia até o carro.

— “M-I-Letra sinuosa - Letra sinuosa - I - Letra Sinuosa - Letra Sinuosa - I...”¹

— “Corcunda - Corcunda - I” — ela completou, rindo, seus olhos brilhando com diversão.

— Que tipo de língua estrangeira vocês dois estão falando agora? — Zander resmungou.

— Ele é do Mississippi — respondeu Evangeline, ainda sorrindo. — Assim como eu!

— E você foi capaz de adivinhar isso depois de ouvi-lo cantar sobre letras sinuosas?

Zander estava genuinamente confuso, e olhou para eles como se ambos tivessem perdido a cabeça. Evangeline e Thane explodiram em gargalhadas.

— De que parte do estado você é, Thane? — Evangeline perguntou. — Eu sou do sul. Uma cidade muito pequena, cerca de trinta milhas ao norte da costa.

— Da região de Jackson — Thane respondeu, vagamente.

Evangeline teve a impressão de que Thane não queria falar muito sobre seu passado, mas nenhum dos homens de Drake falava. Tratavam o passado como se não tivesse acontecido, ou talvez falar dele fosse um tipo de invasão ou, simplesmente, algo desagradável. Talvez para todos os três.

— O que acham de almoçarmos antes de começar as compras? — Hatcher propôs com um sorriso indulgente na direção de Evangeline.

— Uuuhuuulllll, posso escolher? — Ela perguntou.

— Depende... — Zander disse, olhando com raiva para ela.

— Bife Wagyu? — ela sugeriu.

— Dentro! — Thane anunciou, enfaticamente.

— Claro que sim, estou dentro também — Hatcher concordou, na mesma hora.

— Perdeu — Evangeline disse a Zander, orgulhosa.

Ele bufou.

— Como se eu fosse recusar o bife Wagyu.

E, assim, meia hora mais tarde, Evangeline se viu sentada a uma mesa no canto do restaurante aonde Justice a tinha levado para, pela primeira vez, comer aquele bife suntuoso.

— Sou uma pessoa horrível por dizer que poderia comer isto todo santo dia pelo resto da vida e morrer feliz? — ela perguntou, depois que o garçom anotou os pedidos.

— Não — Zander respondeu. — É uma coisa boa. Por que comer merda se pode comer o melhor?

Ela revirou os olhos.

— Nem todos nós estamos em posição de conseguir comer assim uma vez por mês, muito menos todos os dias.

— Não creio que precise se preocupar mais com isso — Thane disse. — Se fosse para te fazer feliz, Drake contrataria o chef desse restaurante e o levaria para o apartamento todos os dias, só para cozinhar para você.

— Ah, meu Deus — ela disse, em desgosto. — É bom que nenhum de vocês sugira uma coisa dessas a ele, nem de brincadeira. Ia me matar de vergonha.

Zander balançou a cabeça e riu.

— Há coisas piores que um homem pode fazer por sua mulher.

— Vou ao toalete para me refrescar antes da nossa comida chegar — Evangeline anunciou, levantando-se da cadeira.

Os homens imediatamente franziram a testa. Thane teria se levantado para acompanhá-la, mas Hatcher, que estava na cabeceira da mesa, já estava de pé.

— Vou trazê-la de volta — disse ele, despreocupadamente.

Ela conseguiu se conter e não revirar os olhos. Mas foi por pouco. Porém, justiça seja feita, Drake tinha mesmo lhe avisado de como tudo funcionaria dali em diante. Não podia culpá-lo por ter se esquecido disso momentaneamente. O dia parecia tão... normal. Como se nenhum deles tivesse qualquer preocupação na vida. Eram apenas um grupo de amigos que tinha saído para almoçar e fazer compras. Contudo, se fosse acreditar em Drake e, bom, em Maddox e Silas também, havia um perigo significativo para ela quando estava sozinha. Esse pensamento foi suficiente para sufocar qualquer protesto que ela pudesse ter feito quanto a ir ao banheiro sozinha. Drake não lhe pediu muito, e ele tinha sido tão generoso que Evangeline não quis dar um chique e agir como uma criança birrenta.

— Obrigada, Hatcher — agradeceu, sorrindo para ele.

Hatcher a acompanhou até o hall escuro e indicou: — O toalete das mulheres fica lá no fundo. Vou ficar aqui e garantir que ninguém que pareça minimamente suspeito passe por mim.

Ela estremeceu com a gravidade em seu tom, mas não respondeu, nem perguntou o que estava morrendo vontade de saber: se acreditava de verdade que o perigo os espreitava em todos os cantos ou se isso era apenas Drake sendo superprotetor.

Em vez disso, correu para o banheiro, não querendo demorar mais do que o necessário. A última vez em que estivera em um banheiro público tinha sido nada menos que desastrosa, quando aquela morena alta tentou fazer picadinho dela com suas garras ridiculamente afiadas. Figurativamente falando, é claro. Ela com certeza tinha dado alguns golpes, mas Evangeline também não tinha deixado barato.

Analisando o incidente assim, algum tempo depois e com alguma distância, Evangeline poderia até se sentir orgulhosa de não ter permitido que a mulher percebesse o quanto a deixara chateada. Ela mesma tinha feito comentários bem ácidos que com certeza tinham atingido a mulher em cheio, a julgar pelo modo como o rosto dela empalideceu e, em seguida, pelo brilho de raiva que tinha se acendido em seus olhos.

A morena ficou sem resposta quando Evangeline disse que Drake não compartilhava nada que considerasse realmente seu e quando Evangeline esfregou na cara dela que estava com ele naquela noite e que todos sabiam que Drake nunca tinha saído acompanhado em público com nenhuma “vadia”.

Ela recuou, hesitando sobre o uso que os homens faziam daquela palavra para descrever as mulheres. Não era muito lisonjeiro, para dizer o mínimo, e se não tivesse certeza de que eles não se referiam assim a toda e qualquer mulher, rasgaria cada um deles ao meio por se referirem às mulheres de maneira tão depreciativa.

Terminou o que tinha ido fazer e, em seguida, lavou as mãos e checkou rapidamente a maquiagem. Piscou ao ver a mulher olhando para ela pelo espelho. Ficou paralisada por alguns segundos, olhando mais e mais quando percebeu que a mulher para quem olhava com tanta intensidade era ela mesma.

Como havia mudado no breve período em que conhecera Drake e fora atraída para seu mundo. Tinham ido embora as roupas

maltrapilhas, de segunda mão, os cabelos sempre presos em um coque bagunçado no alto da cabeça, ou pior, um elástico, e as feições sem graça e sem sofisticação de seu rosto.

Parecia... Seus olhos se arregalaram e ela até ficou sem ar quando percebeu para onde iam seus pensamentos. Parecia que ela... *pertencia* àquele lugar. Ao mundo de Drake. Ela estava parecendo alguém que provavelmente estaria com Drake. Quando aquilo tinha acontecido? Essa transformação de uma garota de cidade pequena, desesperadamente desajeitada e ingênua em alguém mais antenado e sofisticado? Ela estava quase... *bonita*.

Tocou a própria boca e passou o dedo pela sombra cara em sua pálpebra. Não tinha nenhum exagero. Sua maquiagem era sutil e elegante. Isso a deixava com uma aparência naturalmente bonita, em vez de alguém que precisava usar várias camadas de cosméticos para conseguir aquele look fresco e efervescente.

Seu brilho labial era transparente, com um brilho e uma cintilância que seu lado menina não conseguia deixar de amar. Que mulher não amava brilho? Mesmo que não admitisse. Evangeline não tinha problema nenhum em admitir seus gostos femininos, porque Drake gostava de cada um deles. Havia confessado várias vezes que amava o lado menina que havia nela, pois era preciso ser uma mulher forte e autoconfiante para se permitir ser totalmente feminina sem se preocupar se seria levada a sério pelo resto do mundo.

Sorriu. Drake podia adorar aquilo nela, mas era a ele mesmo que precisava agradecer por aquela metamorfose. Ele lhe dera aquela confiança em si mesma.

Percebendo que se não se apressasse a comida chegaria e esfriaria no prato, Evangeline terminou de secar as mãos e saiu para o corredor escuro. Quase imediatamente, esbarrou em outra pessoa e murmurou um pedido de desculpa. Mas a pessoa não se moveu e ela percebeu que era um homem, sendo que o banheiro masculino ficava do lado oposto, no começo do corredor. Evangeline se alarmou e começou a tentar se desviar da figura para que conseguisse chamar Hatcher. Porém, mais uma vez, o homem bloqueou seu caminho, movendo-se para

interceptá-la, e ao fazê-lo, abriu o casaco para revelar um crachá afixado na cintura de sua calça. Ela também viu a enorme pistola no coldre de cintura que ele usava. Medo correu por seu sangue, e ela ficou tonta.

— O que quer? — Evangeline grunhiu.

— Srta. Hawthorn — o homem disse, em voz baixa. — Me dá um minuto, por favor? Não vou demorar muito. Prometo. Mas é sobre um assunto muito importante. Um assunto de polícia.

— O QUE QUER DE MIM? — Evangeline conseguiu balbuciar.

Ele lhe lançou um olhar impaciente, sugerindo que não acreditava naquele teatro. Mas não era teatro! O que a polícia poderia querer com ela?

— Seu namorado é Drake Donovan, correto?

Um frio gélido percorreu sua espinha, suas costas ficaram rígidas, e ela levantou o queixo, desafiando.

— Não consigo entender como minha vida pessoal pode ser da sua conta, e dificilmente ela é *assunto de polícia*.

— Sabe exatamente o que ele faz? — o policial perguntou, com uma expressão cada vez mais séria.

— Ele é um homem de negócios — Evangeline respondeu. — É dono de várias empresas, na verdade. Uma delas é a boate Impulse. Talvez tenha ouvido falar.

O policial sacudiu a cabeça.

— Você é ingênua e crédula demais para seu próprio bem, Srta. Hawthorn. Ele está ligado ao crime organizado e também coordena um sindicato do crime organizado. Os homens que te escoltam? Todos soldados na organização dele. Há um dedo dele em um monte de sujeira dessa cidade, e ele vai te levar com ele. Sabe disso, certo? Se eu lhe garantir proteção policial, estaria disposta a ser nossa informante? Passar qualquer informação pertinente a nossa investigação?

A boca de Evangeline se abriu, horrorizada.

— Está louco? — ela guinchou. — Não, não vou espia-lo para você, para polícia ou para qualquer outra pessoa, aliás. Ele é um bom homem. Por que não concentra seus esforços em perseguir os *verdadeiros* criminosos desta cidade? — ela acrescentou, ácida.

Ele balançou a cabeça com pesar, enfiou a mão no bolso e tirou um cartão.

— Se por acaso mudar de ideia, se precisar de ajuda em qualquer situação ou se deparar com algo que ache que devemos saber, não hesite em entrar em contato. Vou cuidar para que não se machuque.

Ela pegou o cartão das mãos do homem, não porque tivesse qualquer intenção de usá-lo, mas porque Drake precisava saber quem estava fazendo perguntas sobre ele.

— Drake consegue muito bem me proteger. Agora, se me dá licença, meu almoço está esfriando.

Ela o empurrou para passar e, desta vez, o homem a deixou ir. Caminhou pelo corredor e de volta ao restaurante, seu olhar examinando a área para encontrar Hatcher. Ele estava perto dali, no telefone. Quando a viu, ficou em alerta e enfiou o aparelho no bolso.

— Tudo bem? — ele perguntou assim que a viu, olhando atentamente para a expressão no rosto dela.

— Tudo bem — Evangeline respondeu, tensa. — Vamos voltar antes que a comida esfrie.

Sem esperar que Hatcher concordasse ou discordasse, caminhou rígida de volta para a mesa, e se esforçou para mascarar a tensão e o mal-estar em suas feições. Felizmente para ela, a comida ainda não havia chegado e tanto Thane como Zander a olhavam fixamente quando o garçom os interrompeu, chegando com a bandeja carregada com seus pratos antes que pudessem fazer qualquer pergunta.

Ela precisava de tempo para se recompor e descobrir a melhor forma de agir antes que tomasse uma decisão precipitada. Mas, quanto mais avançavam naquela refeição, mais furiosa e doente de preocupação ela ficava. Não podia ir às compras fingindo que nada tinha acontecido. Drake precisava saber imediatamente que estava sendo investigado pela polícia. Mas pelo quê? Os pensamentos de Evangeline voltaram ao

momento em que perguntara a Drake o que ele fazia e ao pedido dele para deixar esse assunto para lá. Por ele. E ela concordara. Naquela hora, ficou feliz por ele não ter contado nada, pois sua consciência estava tranquila. Ela não poderia dizer nada a polícia se não sabia mesmo de nada.

Depois que terminaram de comer, ela ponderou suas opções, mas dessa vez não teve qualquer remorso por enganar os homens de Drake. Lançou um olhar de súplica a Zander. Ele podia até ser o mais rude e o mais Neanderthal de todos eles, mas ela sabia que faria o que lhe pedisse, sem hesitar. Principalmente se ela desse a entender que precisava avisar Drake.

— Acho que no fim das contas não estou tão a fim de fazer compras — ela falou, empurrando o bife pela metade. — Meu estômago está embrulhado e minha cabeça está começando a doer. Não deve ser nada, mas prefiro ir para casa e me deitar. Talvez possamos ir às compras outro dia da semana?

— Precisa de um médico? — Thane perguntou.

Ela sorriu, ignorando o olhar penetrante de Hatcher e o fato de que ele estava descascando as camadas de sua pele. — Não, claro que não. Só preciso me deitar. Talvez tirar uma soneca.

— Vamos. Chame o carro, Thane — Zander disse, depois de tirar várias notas e jogá-las sobre a mesa.

Thane e Hatcher foram na frente, enquanto Zander colocou o braço nos ombros de Evangeline e a conduziu até a entrada também. Poucos minutos depois, eles estavam no carro e voltando ao apartamento de Drake.

Os homens a analisaram no caminho até em casa, mas ela ignorou o escrutínio, preferindo focar a atenção no cenário que passava pela janela do carro. Quando chegaram ao apartamento, ela tocou no braço de Zander.

— Me leva lá em cima? Não há necessidade de todo mundo vir. Afinal, vou direto para a cama.

Zander franziu o cenho, como se aquilo fosse a última coisa que esperava que ela pedisse.

— Claro. Vocês dois vão na frente. Chamo um carro quando estiver pronto para ir embora — disse para Thane e Hatcher.

Ele ajudou Evangeline a descer do carro e a acompanhou até o interior do prédio. Evangeline olhou para trás para ter certeza de que o carro tinha se afastado e, assim que entraram, ela se virou para encarar Zander com uma expressão de urgência.

— Zander, preciso que me leve aonde Drake estiver. Agora.

Os olhos dele se arregalaram em choque.

— Que porra é essa? O que está acontecendo, Evangeline? E, juro por Deus, se disser *nada*, eu te mato.

— Não vou dizer que não é *nada* — ela disse, calma. — O que vou dizer é que é muito importante que eu veja Drake imediatamente. E você não pode dizer a ele que eu vou. Não me importo o quão ocupado ele é, o que está fazendo, com quem está reunido. Me leve direto para ele, para que eu possa falar com ele agora.

A urgência na voz dela se fez sentir porque uma preocupação sombria se assentou como pedra nas feições de Zander. Ele pegou o celular e ligou para o seu motorista ou o de Drake, presumivelmente. Sua ordem foi curta e direta. Venha me buscar no apartamento de Drake e esteja aqui o mais rápido possível.

Drake desligou o telefônema com Hatcher, suas feições rígidas. Um policial tinha abordado Evangeline no restaurante onde seus homens a levaram para almoçar. Tinham conversado no hall por algum tempo antes que ela voltasse à mesa.

Um calafrio invadiu suas veias diante da ideia de que Evangeline pudesse traí-lo. Poderia estar tão enganado sobre ela?

Caminhou pelo escritório e olhou para o horizonte de Manhattan, com seus pensamentos sombrios e inquietantes. Deveria plantar informações falsas e ver o que aconteceria? Deixar pistas que só ela saberia, para que se a polícia viesse atrás dele, soubesse então que só ela poderia ter contado?

Náusea revirou seu intestino. Evangeline disse que o amava, e ele tinha ficado muito espantado, muito... honrado por aquelas palavras fervorosas e ternas e pelo amor que vira ardendo tão claramente nos olhos dela para fazer algo mais do que abraçá-la com força, com medo de que se ele a soltasse, mesmo que por um momento, tudo teria sido um sonho. O sonho mais maravilhoso de sua vida, mas ainda assim um sonho.

Drake soltou uma torrente de palavrões cabeludos que fariam corar qualquer um que ouvisse. Foda-se! Que diabos ele deveria fazer com a informação de que Evangeline, seu anjo, tinha flado com um policial?

Ela tinha tentado obter respostas dele uma certa noite, que parecia ter acontecido há uma vida, quando quis saber o que ele realmente fazia, e ele pediu que ela não pensasse nisso, garantiu que suas atividades nunca iriam afetá-la, nunca seriam um problema. E ficou aliviado por Evangeline ter aceitado não tocar mais no assunto. Mas e ela? Será que ficou ainda mais desconfiada, com tantas suspeitas que acabou indo procurar a polícia?

Drake se virou e jogou o celular na parede. Com o impacto, o aparelho se quebrou e caiu no chão em pedaços irrecuperáveis.

Deveria estar chateado. Deveria estar planejando uma vingança naquele exato momento. Mas tudo o que conseguia sentir era... dor. Uma dor infinita, interminável, acachapante...

Fechou os olhos e passou a mão na própria nuca, esfregando para cima e para baixo enquanto o cansaço tomava conta de si. Que Deus o ajudasse, mas não seria capaz de puni-la, descartá-la. Poderia culpá-la pelo que estava pensando se ele próprio não tinha confiado nela? Se não tinha confiado nela para lhe contar detalhes de sua vida que não estavam diretamente ligados a ela? Sabia o suficiente sobre as mulheres para ter consciência de que poucos aceitariam o que Evangeline parecia aceitar.

Os pensamentos mais sombrios passavam por sua cabeça, porque não sabia o que fazer. Mas sabia que não podia ficar com uma mulher que pretendia entregá-lo e entregar seus irmãos para a porra da polícia.

Foi pegar o telefone em sua mesa depois de fazer uma nota mental para mandar seu assistente lhe comprar outro celular. Estava prestes a pegar o telefone para ligar para Evangeline quando a porta do escritório se abriu. Drake levantou a cabeça, prestes a soltar o verbo em uma reprimenda por ser perturbado quando tinha dado ordens expressas para que isso não acontecesse, quando viu quem estava de pé na porta de seu escritório.

Evangeline?

Ele deixou cair o telefone, e contornou a frente da mesa e foi até ela, que estava visivelmente pálida e abalada.

— Evangeline, o que há de errado? — ele perguntou, bruscamente.

Apesar de estar olhando para uma traidora em potencial, a preocupação que tinha com o estado dela afastou, temporariamente, todos os outros pensamentos e emoções. Ela parecia assustada. Inferno, parecia aterrorizada. E estava tremendo dos pés à cabeça.

Ela nunca esteve em nenhum de seus escritórios além do que tinha visitado na boate. Embora nunca tivesse proibido seu acesso, havia um acordo tácito entre ambos de que ela devia ficar longe de seu trabalho. O que teria feito Evangeline romper esse acordo agora? Então, seus olhos se estreitaram bruscamente e uma carranca sombria se apossou de seu rosto: — Onde diabos estão os homens que deveriam estar te protegendo? — ele perguntou, em um tom perigosamente baixo.

— Z-Zander veio comigo — ela balbuciou. — Desculpe, Drake. Não queria te incomodar, mas precisava vir imediatamente, então pedi a Zander para me trazer. Por favor, não fique zangado com ele. Não lhe dei escolha. Desculpe por ter aparecido assim, mas precisava falar com você.

Confuso com o pânico dela, Drake a guiou até o sofá em frente à sua mesa.

— Está tudo bem, Evangeline — ele disse, para acalmá-la. — Sente-se.

Pegou as mãos dela, chocado por estarem tão frias e por tremerem tanto. Uma vez sentado ao lado dela, estudou suas feições ainda mais de perto do que antes. Ira e um senso agudo de proteção ferveram dentro dele quando percebeu como ela estava pálida, assustada e abalada. Apesar do surto de raiva que teve quando soube que ela tinha se encontrado com um policial, deixou de lado esses pensamentos nefastos por um momento.

— Alguém tentou te machucar? — perguntou. — Alguém te ameaçou de alguma forma?

— Não — ela sussurrou, o som quase um soluço. — Mas tem alguém querendo machucar *você*.

Ele recuou, surpreso, porque era a última coisa que esperava que ela dissesse. Certo de que tinha ouvido mal, colocou ambas as mãos sobre os ombros dela e a forçou a olhar diretamente em seus olhos.

— Do que está falando? Me conte tudo o que aconteceu e, principalmente, me diga por que acha que alguém está tentando me machucar.

Ela tomou ar, de um jeito profundo e firme, e quando levantou o olhar para ele, lágrimas brilhavam em seus cílios.

— Zander, Thane e Hatcher iam me levar para fazer compras hoje, mas fomos almoçar antes. Enquanto a gente esperava os pratos chegarem, fui ao banheiro e quando saí, tinha um homem bloqueando o corredor. Quando tentei passar, ele não deixou. Me mostrou... Me mostrou um distintivo, e também uma arma. Então, me chamou pelo nome e me disse que precisava falar comigo sobre assuntos de polícia... Fiquei confusa, quer dizer, o que a polícia teria para falar comigo? — ela perguntou, genuinamente confusa.

Ah, Drake podia imaginar muito bem, e estava finalmente começando a entender. Malditos filhos da puta! Usando uma mulher inocente para tentar chegar até ele. Mas não estava surpreso. Pouca coisa tinha esse efeito.

— Quando eu disse isso, o policial disse — não, ele perguntou — se você era meu *namorado*. Respondi que não via como minha vida pessoal poderia ser assunto da polícia.

Boa garota. Drake a aplaudiu mentalmente.

— Então ele perguntou, se bem que, de novo, não foi exatamente uma pergunta, se eu sabia o que você fazia.

Evangeline balançou a cabeça, raiva brilhando em seus olhos, removendo os sinais de lágrimas de momentos antes.

— Disse a ele que você tinha vários negócios, entre eles a boate. O policial disse que eu era ingênua e que eu ia cair junto com você. Então... — a voz de Evangeline fálhou e ela estremeceu, levantando as mãos para esfregar os braços como se estivesse morrendo de frio.

— E então, Angel? — Drake perguntou, gentil.

— Ele me deu isso.

Ela enfiou a mão na bolsa e tirou de lá um cartão de visita, segurando-o com um olhar de total desgosto, como se mal suportasse tocá-lo.

— Ele perguntou se eu estaria disposta a passar informações sobre você para eles. Se eu poderia te espionar — ela contou, horrorizada. — Claro que eu disse que não. Jamais. Mas ele insistiu e disse que garantiria proteção policial para mim, para que você nunca pudesse me machucar.

Havia uma nota de escárnio e desprezo na voz dela.

— Como se você fosse me machucar — ela continuou. — Respondi que você consegue me proteger muito bem sozinho. E pedi que ele sáísse do meu caminho e me deixasse em paz. Mas sabia que tinha que vir aqui e avisar você. Depois do almoço, falei que estava passando mal e que não estava mais a fim de fazer compras. Depois, pedi a Zander que me acompanhasse até o apartamento, mas assim que os outros foram embora, disse que queria que ele me trouxesse para cá. Para você.

Evangeline olhou ansiosa para Drake, como se estivesse preocupada que ele pudesse ficar nervoso, chamá-la de mentirosa ou pior. Mas tudo o que ele conseguiu fazer foi permanecer sentado, totalmente assombrado por tudo o que tinha acabado de ouvir. Um calor estranho encheu o peito dele. Não sabia o que pensar. E precisava saber por que ela tinha feito aquilo. Por que tinha ido lhe avisar?

A vergonha se apoderou de Drake quando ele se lembrou da raiva, do sentimento de ódio e traição que sentira poucos minutos antes de Evangeline chegar. Tinha ficado ali, duvidando dela e de sua lealdade, enquanto ela se contorcia de preocupação com *ele*.

— Por que me avisou, Angel? — Ele perguntou, em um sussurro entrecortado. — Sei que tem suas suspeitas. E não, não sou um bom homem. Então, por que me avisar em vez de ajudá-los a me prender?

Soube que cometera um erro grave ao julgar Evangeline quando viu a reação dela à pergunta. Choque e dor penetraram seus olhos, o queixo dela caiu; ela o encarava incrédula, sem palavras. Como se não fosse capaz de acreditar que ele tinha mesmo feito essa pergunta. E, Deus, como ele queria não ter feito mesmo.

— *Nunca* trairia você, Drake! — ela respondeu com palavras quase inaudíveis, cada uma saindo com esforço. — *Nunca*! Sou sua. Pertencço a você. E isso significa que você possui tudo o que sou eu e o que é meu. Minha lealdade. Minha confiança. Meu amor.

Ela se levantou abruptamente e se afastou dele. Uma sensação de pânico rastejou sobre a pele de Drake como uma centena de aranhas. Naquele momento, até preferia as aranhas reais do que o sentimento de pânico que sentia. Perderia Evangeline por causa de sua falta de fé nela?

Ela se virou de volta, raiva e determinação em seus olhos.

— Você está errado, Drake! Você *É* um bom homem. Não me importa o que você ou qualquer outra pessoa diga ou pense. Eles não te conhecem. Eu *conheço*. E você é um bom homem.

Evangeline ergueu uma mão, seus dedos tremulando delicadamente.

— Você é implacável, arrogante e exigente? Com certeza. Você é impulsivo e irredutível. Mas essas não são características *ruins*. São elas que fazem de você o homem que é hoje, o homem que tanto amo. Ainda acordo toda manhã me perguntando se tudo isso não é apenas um sonho, porque este homem lindo, que poderia ter qualquer mulher no mundo, *me* escolheu.

Os olhos dela ficaram marejados mais uma vez, e tudo o que ele conseguiu fazer foi permanecer sentado onde estava, enquanto Evangeline desnudava seu coração completamente para ele, para dar a ele. Nunca se sentira mais honrado em sua vida do que naquele momento, ao ver aquela mulher doce, generosa e amorosa ali, defendendo-o com unhas e dentes quando, minutos antes, ele tinha tirado conclusões horríveis sem sequer perguntar a ela sobre aquele encontro com o policial.

— E você tem sido muito paciente comigo — ela continuou, com a voz abafada pela emoção e pelas lágrimas que ela estava tentando arduamente não derramar. — Sempre investe seu tempo para me ensinar o que te agrada, e me agradar dez vezes mais em troca. Só espero...

Ela se virou de costas, em um esforço para se recompor antes de finalmente encarar Drake de novo.

— Só espero que você não acorde um dia, olhe para mim e diga a si mesmo: *no que eu estava pensando?*

Evangeline se aproximou e caiu de joelhos entre as pernas dele, estendendo as mãos para segurar as dele com firmeza.

— Só tenho um pedido, Drake — ela sussurrou. — Se isso acontecer, se você se cansar de mim e não me quiser mais, tudo o que peço é que não se arrependa do tempo que passamos juntos. Porque eu não vou. Vou apreciar todas as memórias que construímos juntos, cada minuto, e nunca vou me arrepender de um único segundo. Tudo que peço é que você faça o mesmo e lembre-se de mim com carinho.

Drake sentiu como se tivesse acabado de ser esmagado. Como se um tanque tivesse passado por cima dele. Estava espantado com a mulher ajoelhada diante de si. Sua garganta se contraiu dolorosamente quando percebeu que era ele quem deveria estar de joelhos na frente dela.

Em vez disso, ele a abraçou, agarrando-a com tanta força que os dois deviam estar com dificuldade de respirar. E daí? Nunca se cansaria daquilo, dela, suave e doce em seus braços.

— Jesus! — ele exclamou. — Você não entende, não é? Não vai ter outra mulher, Angel. Não haverá uma manhã em que vou acordar com você aninhada em mim ou amarrada a mim, tão doce e bondosa e inocente e que vou me perguntar no que estava pensando. A única coisa que pensarei quando acordar ao seu lado é que nunca vou deixar você ir embora.

Evangeline ficou totalmente imóvel em seus braços. Tão imóvel que ele nem tinha certeza de que ela estava respirando. Afrouxou seu abraço e ela se afastou, olhando para ele com feições aparentemente congeladas. Havia um brilho fraco de esperança nos olhos dela que cortava o coração dele. Como se tivesse medo de lhe perguntar. Ou de confirmar o que ele dissera. Ela umedeceu os lábios e finalmente sussurrou em um suspiro: — Nunca?

— Nunca — ele repetiu, com firmeza.

Ela relaxou, sentou-se sobre os calcanhares e soltou os ombros. Então, suas mãos voaram para cobrir seu rosto, mas Drake viu as lágrimas escorrendo por baixo delas.

— Não chore, Angel — ele a acalmou, puxando-a com cuidado em seus braços novamente. — Nunca chore. Quero que seja feliz. Sempre.

— Oh, Drake, você não sabe? Acabou de me fazer a pessoa mais feliz do mundo inteiro — ela soluçou. — Fiquei tão assustada por você hoje. Ainda estou com medo — ela emendou. — O que vai fazer?

Medo substituiu todas as outras emoções nos vivos olhos azuis de Evangeline. Drake se inclinou para a frente e pressionou os lábios contra a testa dela.

— Não se preocupe, Angel. Pode fazer isso por mim? O que aconteceu hoje não é novidade, te garanto. Os policiais estão sempre querendo se meter nos meus negócios. Falando com pessoas com quem trabalho ou a quem me associo. Nunca conseguiram provar nada contra mim. Nunca conseguirão.

Ela mordeu o lábio com tanta força que ele o acariciou, esfregando com suavidade a carne maltratada.

— Tem certeza? — perguntou, nervosa. — Talvez devesse ligar para o seu advogado. Certamente não deve ser juridicamente legal eles andarem por aí assediando pessoas que te conhecem, pedindo para te espionarem.

Drake precisou segurar o riso diante da inocência dela.

— Infelizmente, meu anjo, é legal sim eles questionarem quem quiserem. Mas você agiu muito bem. Estou orgulhoso do modo como se comportou. Não deve ter sido fácil. Lamento que tenha acontecido. Pode ter certeza de que não vai mais acontecer.

— Não estou preocupada comigo — Evangeline rebateu, impaciente. — Estou mais preocupada com o fato de que esse policial parecia bastante determinado a conseguir alguma coisa — qualquer coisa — para te pegar. Inclusive, tenho a sensação de que nem importaria para ele se fosse verdade ou não.

O tom mordaz de Evangeline fez Drake sorrir.

— Quem precisa de um advogado quando eu tenho você para me defender e me proteger? — ele perguntou, de brincadeira. — Pelo visto, você é tudo de que preciso, meu anjo amado.

— Espero que seja verdade — ela disse, com uma expressão cada vez mais séria. — Porque você é tudo de que preciso, Drake.

AS SEMANAS QUE ANTECEDERAM O NATAL foram um momento mágico para Evangeline. Embora Drake sempre tivesse sido amoroso e terno com ela, havia uma diferença marcante em seu jeito de agir se comparado ao começo. Ele fazia carinhos muito mais explícitos, e não tinha o menor problema em banhá-la de afeto, em lugares públicos ou privados.

Seus homens enchiam o saco dele por causa disso, mas Drake levava numa boa e, alegre, rebatia que quando eles encontrassem uma mulher como Evangeline poderiam conversar. Sem resposta para aquilo, todos se calavam na mesma hora.

Então ele a surpreendeu ao levá-la, de avião, para visitar os pais, pouco antes do Natal, mas insistiu que passassem o dia e a noite de celebração juntos, no apartamento na cidade. Passaram três dias maravilhosos com a família de Evangeline, mas foi o presente de Natal que Drake deu a eles que deixou Evangeline completamente arrebatada — assim como seus pais.

Na véspera da partida para Nova York, Drake levou Evangeline e os pais para visitar uma bela casa na cidade em que moravam. Chegando lá, anunciou que o imóvel era deles. Tinha sido toda reformada para torná-la acessível para cadeiras de rodas, e a cozinha tinha sido completamente renovada para dar lugar a uma cozinha dos sonhos de qualquer chef, construída com aparelhos e balcões top de

linha. A mãe de Evangeline chorou de alegria ao ver aquilo. Até o pai dela ficou emocionado e sem palavras.

Mas Drake não tinha parado por ali. Ele foi além. Contratou uma faxineira para vir limpar a casa nova três vezes por semana. E mais: presenteou a mãe de Evangeline com as chaves de uma caminhonete novinha para que seu pai não ficasse tão preso em casa.

Brenda abraçou Drake pelo menos umas cem vezes e agradeceu profusamente não só por sua generosidade, mas também por fazer seu bebê tão feliz. E bastava olhar para Evangeline para ver que ela irradiava felicidade. Ela estava radiante com o contentamento que só alguém profundamente apaixonado podia sentir.

E, para expressar de forma adequada e criativa sua gratidão por tudo o que Drake tinha feito por sua família, Evangeline fez amor com ele a bordo de seu jato durante todo o voo de volta para Nova York. Ao descerem do jatinho e entrarem no carro no aeroporto, ele brincou dizendo que ela tinha acabado com ele e que não seria capaz de sair da cama para comemorar o Natal com ela.

Ao que Evangeline respondeu, séria, que, se ele não pudesse sair da cama, ela não teria escolha a não ser se juntar a ele por lá e, como ficaria entediada, precisaria encontrar formas de manter-se entretida. Drake a informou que o que ela estava dizendo não era exatamente uma ameaça, que certamente poderia pensar em maneiras piores de passar o feriado.

A véspera de Natal amanheceu clara e fria, um vento forte assobiando pelas ruas, mas o céu estava completamente claro e sem nuvens, o sol brilhando lá no alto, para decepção de Evangeline. Afinal, o que era o Natal sem neve?

Drake riu e lhe disse que, de fato, havia previsão de neve para o início da noite. Evangeline ficou na cozinha a manhã inteira, preparando-se para a chegada dos homens de Drake para um jantar adiantado de Natal que ela daria naquela noite. Tinha comprado um presente para cada um deles e colocado todos os embrulhos embaixo da árvore. Juntamente com a dúzia de presentes que ela tinha comprado para Drake.

Ele vinha fazendo muito mistério sobre o que tinha comprado para ela e chegou ao ponto de não colocar um único embrulho sob a árvore com o nome dela. Evangeline fazia beicinho cada vez que olhava para a árvore, e ele apenas ria.

Drake a encontrou manejando uma das muitas frigideiras sobre o fogão e passou os braços ao redor dela, puxando-a contra seu peito. Seus lábios roçaram um dos lados do pescoço dela, e ele mordiscou a carne sensível logo abaixo de suas orelhas.

— Aqui está você — ele murmurou. — Planeja passar o dia inteiro aqui? Estou começando a me sentir negligenciado.

— Pobrezinho de você, tadinho — ela respondeu, sem a menor compaixão. — Não vai querer reclamar mais tarde, quando provar o que eu estou fazendo.

Ele cheirou deliciado.

— O cheiro é delicioso. O que é? Não parece ser um prato tradicional. E aquilo ali não são camarões e filés de peixe?

Ela sorriu.

— Sim. Estou fazendo uma receita bem do sul para a nossa noite de Natal. Para amanhã, vou deixar de lado o peru e, no lugar, farei um assado de costela com vários acompanhamentos deliciosos e, para a entrada, teremos bisque de lagosta.

Ele gemeu.

— Deus, mulher! Vou ter que contratar um personal trainer. Juro que ganhei quase dez quilos desde que te conheci e você passou a cozinhar para mim.

Evangeline levantou uma sobrancelha e virou o rosto para olhar para ele.

— Onde estão esses dez quilos que ganhou? Porque não estão em nenhum lugar que eu possa ver.

Ele fingiu que estava pensando muito seriamente sobre o assunto.

— Bem, suponho que o fato de me atacar todo dia queima todas as calorias a mais que estou consumindo. Satisfazer você é uma atividade muito extenuante.

— Posso conter meu apetite, se quiser — ela disse, com doçura.
— Odiaria fazer você sofrer sem necessidade.

— Experimente — ele rosnou. — Se eu morrer agora, morro feliz. Bem alimentado e sexualmente saciado pela mulher mais linda, sexy e desejável do planeta.

— Uau! — ela murmurou. — Será que você é suspeito para falar isso?

Drake lhe deu um tapinha na bunda, o que fez com que a pulsação dela se acelerasse.

— Nem um pouco suspeito. Sou um homem de paladar exigente. Me recuso a me conformar com nada menos do que o melhor. É por isso que esperei por você.

Ela ficou sem palavras, lágrimas quase caindo, mas não ia arruinar o clima leve e bem-humorado deixando Drake encharcado com seu choro. Ele suspirou e deu um gemido de exasperação.

— Quando é que vamos chegar ao ponto de eu poder te fazer um elogio sem você chorar? — ele a repreendeu.

— Nunca — ela murmurou. — Acostume-se.

— Parece que não tenho escolha — ele respondeu, secamente.

A campainha soou e Drake soltou um gemido descontente.

— Acabou nosso momento sozinhos.

— Não seja rude nem antissocial com nossos convidados — ela repreendeu.

Ele riu.

— Querida, eu sempre sou rude e antissocial. Se alguma vez eu não tivesse sido, eles provavelmente teriam mandado me internar. Ou ao menos pensariam que eu tinha sido abduzido por alienígenas.

Ela deu um cutucão com o cotovelo na barriga dele, enquanto se afastava para atender à campainha. Poucos momentos depois, os homens de Drake se apinhavam no apartamento, todos carregando pacotes embrulhados que eram imediatamente colocados embaixo da árvore.

Então, conforme esperado, todos entraram na cozinha com a mesma pergunta. O que tinha para o jantar? Evangeline tinha arrumado

a mesa da sala, cuidando para que houvesse cadeiras suficientes para todos. Duas horas depois que os homens de Drake chegaram, chamou todos para o jantar e ficou observando, com alegria, que todos se reuniram ao redor da mesa. Drake sentou-se na cabeceira, enquanto Evangeline se acomodou à sua direita e Silas à sua esquerda. Os outros escolheram seus lugares a partir daí, sendo que Maddox se sentou na outra ponta da mesa.

— Antes de começarmos, queria apenas agradecer a Evangeline pelo esforço em preparar uma refeição tão maravilhosa para todos nós — Drake declarou, com orgulho claramente refletido em seus olhos, enquanto olhava com afeto na direção dela.

— Um brinde então — Silas disse, erguendo a taça de vinho. — À Evangeline. Uma das pessoas mais doces, gentis e generosas que já tive o prazer de conhecer e que também, irrefutavelmente, tem o maior coração que já vi.

— À Evangeline — Maddox repetiu, levantando a taça em saudação.

— À Evangeline — Drake juntou-se ao coro, inclinando a taça em a direção a ela. — E não se atreva a chorar.

Ela riu, porque se não, bem, se não ela ia chorar mesmo. Ergueu sua taça e correu o olhar por todos os homens ali reunidos: — Obrigada a todos por terem vindo e por terem tornado esta comemoração tão especial.

Ficou um pouco barulhento, com todos reunidos ali, mas então eles beberam um pouco de vinho e Evangeline começou a servir os pratos, filés tostados de peixe-gato, camarão grelhado e frito, étouffée de lagostim para acompanhar os filés e depois os legumes, mas o melhor veio por último: seus bolinhos caseiros. Assim que o primeiro homem mordeu um deles, quente e fresco, ouviu-se um gemido.

— Oh, meu Jesus! — Hartley exclamou, com uma expressão de felicidade suprema. — É a melhor coisa que já comi na vida.

Curiosos com aquela reação, todos começaram a comer seus bolinhos ao mesmo tempo, e então a mesa explodiu em gemidos, suspiros e exclamações de pura felicidade.

— Drake — reclamou Justice. — Por que você tinha que ver Evangeline primeiro? Eu seria um escravo dela pelo resto da vida por nada além desses bolinhos.

— Vou querer me lembrar disso — Evangeline disse, cheia de malícia. — Agora sei o que fazer quando precisar de um favor. Basta balançar um bolinho caseiro na frente do seu nariz.

— Querida, para mim você não precisa nem balançar — Jax interveio, com olhos de cachorrinho. — Basta dizer a palavra “bolinho” e estarei à sua disposição e comando.

— Seus gaviões — Drake disse. — Deixem minha mulher em paz. Aliás, deixem meus bolinhos em paz. É melhor que tenham sobrado alguns para mim ou vou dar um cascudo em vocês.

Silas, que estava em silêncio enquanto comia, olhou para Drake e, em uma voz bem direta disse: — Vai ter que passar por mim primeiro. Esses bolinhos fazem valer a pena ser preso por assassinato.

Evangeline explodiu em gargalhadas diante da expressão de surpresa de Drake. E o restante de seus homens começou a rir da expressão de Silas, ainda sombria, totalmente séria.

— Vocês são uns exagerados — Evangeline disse, balançando a cabeça.

Comeram, desfrutando da companhia uns dos outros. As brincadeiras, provocações e piadas continuaram por toda a refeição, e Evangeline pensou que ter uma família numerosa, com vários irmãos, deveria ser daquele jeito.

Ela adoraria ter uma família grande um dia. Quantos filhos conseguisse ter em segurança. Não tinha ideia de como Drake se sentia em relação a crianças ou mesmo se ele queria alguma, mas torcia, com toda força, para que ele quisesse. Seria um pai tão bom. E daria sua própria vida para proteger Evangeline e os filhos.

Por baixo da mesa, Drake segurou a sua mão e a apertou. O sorriso dele estava cheio de calor e de algo que parecia muito mesmo com... amor. Isso a deixou muito pensativa. Sabia que ele se importava profundamente com ela. Talvez até a amasse, mas não tinha admitido a si mesmo muito menos para ela. Mas ela podia esperar.

Não ia a lugar nenhum. Esperaria para sempre, se fôsse necessário. Drake e seu amor valiam a pena. Quando terminaram de cear, deixaram os pratos sobre a mesa para o serviço de limpeza que chegaria mais tarde, e todos se sentaram na sala de estar onde começou uma disputa para ver quem ia ser o Papai Noel.

Evangeline ficou espantada com tantos machos alfa, musculosos, parecendo tão valentões discutindo sobre quem ia distribuir os presentes que estavam debaixo da árvore. Por fim, Silas calou todo mundo anunciando que ele ia dar os presentes. Evangeline pensou que os outros iriam ter um ataque, em choque por Silas ter se voluntariado a fazer qualquer coisa. Justice parecia ter sofrido um acidente vascular cerebral ou um aneurisma enquanto olhava para o homem mais velho de Drake como se ele fôsse uma anomalia.

Mas Silas simplesmente sorriu e pediu a Evangeline para se sentar no sofá para que ele pudesse dar os presentes dela.

— Espere, o quê? — Ela perguntou, confusa. — Não vou ganhar nada. Você deve entregar os presentes que eu comprei para vocês.

Silas balançou a cabeça, junto com os outros. Maddox franziu o cenho para ela.

— Então você acha que seria certo você ter comprado um presente para todos nós e a gente não lhe dar nem um presentinho? — Silas perguntou, direto.

Ela corou.

— Não era para vocês saberem — até agora — que eu tinha comprado presentes.

— A gente não sabia — Silas disse, simplesmente. — A gente veio para dar os nossos presentes para você.

— Vamos ganhar presentes? — Zander perguntou, esperançoso.

Ela riu, porque ele parecia um menino empolgado com o Natal. Na verdade, olhando para eles, todos estavam sorrindo e pareciam ansiosos para ver o que ela tinha comprado. Evangeline ficou feliz por ter exagerado nas compras e escolhido vários presentes para cada um.

— Só espero que gostem deles — ela murmurou, insegura.

— Vamos amar o que quer que tenha comprado para a gente — Maddox declarou, lançando aos demais um olhar de advertência.

Silas começou a entregar os presentes de todos, e os rapazes rasgaram os embrulhos imediatamente, com entusiasmo e empolgação de adolescentes. Evangeline assistiu, encantada demais pelos sorrisos e pelas reações a seus presentes para prestar atenção a qualquer outra coisa. Era um Natal que ela nunca esqueceria, por mais tempo que vivesse. Olhou para Drake para ver a reação dele. Aquele era o primeiro Natal dos dois juntos, eles tinham primeiro compartilhado com a família dela e, agora, com a dele. Mais tarde? Fariam uma comemoração mais reservada. Mas, por enquanto, ela estava absorvendo tudo e saboreando cada memória que criavam ali.

Drake sorriu para ela e murmurou um *obrigado*. Ela sorriu amplamente em troca, deixando-o saber que ela era quem estava mais agradecida. Homem bobo. Ele é que tinha feito muito mais por ela do que ela jamais poderia fazer por ele. Todos vieram dar um beijo e um abraço em Evangeline, e cada um deles agradeceu sinceramente pelos presentes que ela tinha escolhido. Então, é claro, eles a incitaram a abrir os dela, e ela ansiosamente mergulhou nos presentes, rasgando os embrulhos em pedacinhos, com pressa para ver o que era.

Os caras a provocavam, tiravam sarro, mas havia uma calorosa afeição por ela em cada uma de suas expressões.

No final da noite, Evangeline não queria que eles fossem embora, apesar de estar ansiosa para ver o que Drake planejava. Não tinha dito nada além de que queria que trocassem os presentes na noite de Natal, em vez de esperar até a manhã seguinte. E, como ela não tinha ganhado nenhum presente dele, não tinha ideia do que ele poderia ter comprado.

E, bem, depois de tudo o que tinha feito por seus pais, certamente ele sabia que não havia mais nada de que ela precisasse. Tudo o que ela poderia desejar, ele já tinha dado. Se já não tivesse declarado seu amor por Drake, teria feito isso quando ele deu a seus pais a casa toda reformada e adaptada às necessidades de seu pai.

Depois de abraçar, beijar e se despedir de todos, Evangeline se jogou no sofá, sentando-se em cima dos próprios pés, observando as chamas na lareira elétrica na sala de estar de Drake. Então, lembrando-se da previsão do tempo, levantou-se e correu até a janela, esperando obter um vislumbre de rajadas de neve. Mas o que ela viu a fez exclamar com alegria.

— Drake, olha! Está nevando! Grandes flocos de neve também!

Drake voltou do hall aonde tinha acompanhado seus homens até o elevador e passou os braços ao redor da cintura dela, puxando-a para seu abraço. Sorriu e beijou sua têmpora.

— Estou vendo, Angel. Isso deixa seu Natal completo, então?

Ela se virou, ainda nos braços de Drake, e passou os seus ao redor do pescoço dele.

— Você completa o meu Natal, Drake. Posso viver sem neve. Não posso viver sem você.

Ele a beijou lenta e docemente, sua língua acariciando as profundezas de sua boca.

— Venha se sentar no sofá enquanto busco meus presentes para você.

A excitação correu pelas veias de Evangeline, e ela estava quase tremendo quando voltou ao sofá. Sorrindo para ela, Drake desapareceu quarto adentro e retornou pouco depois, com vários embrulhos. Ele os colocou debaixo da árvore e depois voltou para pegar mais. Quando ele entrou no quarto pela terceira vez, o queixo de Evangeline caiu.

— Drake! Quantos presentes você me comprou? — ela perguntou, consternada com o monte de presentes acumulados debaixo da árvore. Ele sorriu enquanto descarregava a terceira leva debaixo da árvore e depois partiu novamente para o quarto. Ela ia matar Drake. Não precisava de tudo aquilo! Mas, lembrando-se da reação que ele tivera antes, quando resistira aos presentes que ele tinha comprado para ela, calou suas objeções, recusando-se a arruinar a alegria dele. Se gostava de comprar presentes para ela, não ia privá-lo desse prazer.

Finalmente, depois da quarta viagem, ele retornou ao sofá e estendeu a mão para ela. Evangeline se deixou levantar do sofá e ser

levada até a árvore, onde ambos se sentaram no chão. Ah, aquilo ia ser muito divertido!

Eles se revezaram para abrir os presentes, expressando a satisfação que sentiam ao abrir cada embrulho. Drake parecia feliz de verdade com o que Evangeline escolhera para ele, e ela não tinha percebido como estava apreensiva por não saber como ele reagiria até que viu que ele realmente tinha gostado muito de tudo que ela comprara.

Todo esse momento de troca de presentes pareceu deixar Drake desconcertado e desorientado. O coração de Evangeline se apertou ao imaginar que talvez ele nunca tivesse recebido um presente de Natal de ninguém, aliás, nem de aniversário ou qualquer outro tipo de presente. No entanto, se tudo fôsse do jeito que queria, ela lhe daria felicidade e alegria pelo resto de seus dias.

Tinham aberto os últimos presentes. Pelo menos, foi o que Evangeline pensou. Quando começou a se levantar para recolher os pedaços de papel de embrulho ao redor deles, Drake pegou a mão dela e a puxou de volta para baixo, só que, dessa vez, acomodou-a em seu colo com um braço ao seu redor.

— Tenho mais um presente para você — ele disse, com voz rouca.

— Ah, Drake, não precisava — ela disse, impotente. — Acho que já ganhei uma loja de departamentos inteira!

Ele entregou-lhe uma caixa quadrada de tamanho médio, meticulosamente embrulhada, com um enorme laço de fita de cetim. Era quase lindo demais para ser aberto.

— Vamos — ele insistiu. — Abra.

Com as mãos trêmulas, Evangeline removeu, reverente, o laço e a fita, e então rasgou o papel. Quando abriu a caixa, havia outra caixa dentro dela. Ela a pegou e então começou a abri-la. Quando viu a pequenina caixa de joalheria dentro da segunda caixa, parou de respirar, o ar recusando-se a sair de seus pulmões contraídos.

Seus dedos deslizavam, desastrados, na tampa da caixa enquanto tentava abri-la. Até que, por fim, Drake a ajudou, tirando a tampa para revelar o maravilhoso e enorme anel de diamante. Ela olhou

rapidamente para ele, os olhos arregalados com a pergunta. Não queria tirar nenhuma conclusão precipitada e provavelmente se humilhar, mas, ai meu Deus, ela não podia respirar!

Ele retirou o anel da caixinha e então começou a colocá-lo no dedo anelar de sua mão esquerda. A visão de Evangeline turvou-se com as lágrimas, e suas narinas se abriram ao lutar para manter suas emoções ferozes sob controle.

Drake segurou seu queixo com a mão e olhou intensamente em seus olhos.

— Quer se casar comigo, Angel? — ele perguntou, solene. — Aceita ser minha, legalmente, pelo resto de nossas vidas?

— Oh, Drake — ela disse, com a respiração trêmula. — Tem certeza? Realmente quer se casar comigo?

— Nunca estive mais certo de nada na minha vida — ele jurou. — Você é a única mulher com quem eu quis — e com quem vou querer — me casar. Para ter meus filhos. Envelhecer comigo. Diga sim, Angel. Não quero esperar. Quero que seja minha de todas as maneiras possíveis para que o mundo saiba que você é minha.

Ela jogou os braços ao redor do pescoço dele e o abraçou forte, seu coração batendo insanamente rápido, tão rápido que ela estava até tonta.

— Sim! Oh meu Deus, sim! Eu te amo tanto, Drake. Nunca vou amar ninguém além de você. Não há nada que eu amaria mais do que ser sua esposa e ter seus filhos. Quero uma casa cheia — ela disse, pensativa. — Quantos você quer?

Ele sorriu, seus olhos se enchendo da mais pura alegria. Ele parecia... feliz.

— Vou te dar quantos filhos você quiser, Angel. Com você como mãe, nunca terei de me preocupar que meus filhos tenham uma infância parecida com a minha. — Ele hesitou, seus olhos escurecendo por um breve segundo. Então, olhou para ela, sua expressão tão feroz e... amorosa... Que lhe tirou o fôlego.

— Antes de você, eu dizia que nunca me casaria. Nunca teria filhos. O risco era alto demais. Nunca quis que um filho meu tivesse o

mesmo tipo de mãe que eu tive. Aquela que teria me abortado se não fosse pelos benefícios que receberia por me ter. Mas então conheci você e tudo mudou. Não sabia que mulheres como você existiam — ele disse com espanto e reverência. — Mas graças a Deus que existem. E graças a Deus que te encontrei.

— Oh, Drake — Evangeline repetiu pela terceira vez naquela noite. Parecia que eram as únicas duas palavras que ela sabia dizer. — Você me deixa tão feliz. Você é um lembrete vivo de que os sonhos podem se tornar realidade. Você fez todos os meus se tornarem realidade. Como eu poderia não te amar? Como poderia não me casar com você? Como poderia querer qualquer outro homem para ser pai dos meus filhos?

— Que tal irmos para a cama então e treinarmos para fazer um desses bebês? — ele propôs, com um brilho safo nos olhos. — Quis trocar presentes hoje à noite porque quero passar o nosso primeiro Natal juntos na cama, fazendo amor com o conhecimento de que, assim que eu tomar todas as providências, você será minha de todas as maneiras possíveis aos olhos de Deus e dos homens.

— Não acho que você precisa de qualquer treino para isso — ela respondeu, com um sorriso sensual. — Mas treinar é sempre bom. Sabe, só para ter certeza de que quando a gente quiser mesmo fazer um bebê, vamos fazer do jeito certo.

— ENTÃO, VAMOS VER ESSE ANEL — Maddox disse quando entrou no apartamento acompanhado por Silas. — Juro por Deus, Drake vem mantendo você sob rédeas curtas desde que te pediu em casamento no Natal. Estava até começando a me perguntar se a gente te veria de novo quando ele finalmente disse que você vinha à boate para passar o réveillon.

Evangeline corou, mas com um sorriso de orelha a orelha enquanto estendia a mão para que os dois pudessem ver o diamante enorme que brilhava em seu dedo. A pedra era tão grande e provavelmente tão exorbitantemente cara que ela vivia com medo de perdê-la. Por isso, nunca tirava do dedo. Nunca.

Maddox assobiou em apreço.

— Drake sabe mesmo como fazer as coisas direito quando quer. Nunca pensei que viveria para ver este dia, mas, merda, aqui está você. A futura Sra. Drake Donovan.

— Parabéns, boneca — Silas a cumprimentou, em tom tranquilo.

— Obrigada, gente — Evangeline respondeu, dando um abraço carinhoso em cada um. — Prontos para ir? Admito que, depois de ficar escondida na última semana aqui com Drake, estou ficando meio doida. Estou pronta para sair e ver gente!

Maddox riu.

— Seu carro está aguardando, minha senhora. E, se me permite, você está linda esta noite. Fico tentado a fazer você trocar de roupa

agora porque, assim que Drake pousar os olhos em você, provavelmente vai me fazer trazê-la de volta para casa.

Os lábios de Silas se comprimiram para impedir que uma risada escapasse, mas, com pesar, ele reconheceu que Maddox estava certo: — Foi ele que comprou essa bendita coisa, então, pode muito bem se segurar enquanto eu a uso — ela resmungou.

— Posso entender por que ele comprou — observou Silas. — Mas, tenho quase certeza de que ele só pensou em si mesmo quando comprou. E não em meia dúzia de outros homens que certamente apreciam uma bela mulher quando veem uma.

— Vamos antes que um de vocês decida me fazer trocar de roupa — ela sentenciou, exasperada.

O anoitecer havia caído quando o carro que levava Evangeline, Maddox e Silas chegou à boate. Passaram pela entrada, onde, apesar do frio e das rajadas de vento, uma longa fila se estendia pelo quarteirão em torno do prédio, chegando até a rua seguinte.

— Uau, como está cheio — ela exclamou.

— É a principal noite do ano na boate — Maddox explicou. — E fica mesmo muito cheio. Drake sempre contrata músculos e olhos extras para a noite do réveillon.

— Me lembra a primeira noite em que estive aqui. — Evangeline comentou com uma careta.

Silas pegou a mão dela e apertou de leve.

— Nem pense nisso hoje. Esta noite é sua, para brilhar e se divertir.

— Ah, não se preocupe — ela sorriu para ele. — Não tenho um único pesar sobre aquela noite, com exceção de não ter sido eu que dei um soco na cara de Eddie. É a única coisa que poderia ter sido melhor. Foi a noite em que conheci Drake.

Maddox sorriu.

— A mais pura verdade. E, preciso dizer, querida, aquela noite também está no topo da minha lista.

Eles estacionaram nos fundos, ao lado do elegante carro de Drake. Silas a ajudou a sair do carro antes de posicioná-la, segura, entre ele e

Maddox até entrarem no prédio. A caminho do escritório de Drake, foram cumprimentados por vários funcionários. Sabendo que Drake provavelmente já estava ciente de sua presença, ela sorriu amplamente e mandou um beijo em direção ao escritório dele. Ao lado dela, Maddox riu.

— Você é uma peça!

— *Moi?* — Ela perguntou, inocentemente.

— Você é boa para ele — Silas disse, em um tom sério.

Evangeline arqueou as sobrancelhas, mas não disse nada enquanto subiam no elevador. Quando as portas se abriram, ela foi tomada por uma sensação de *déjà vu*. Foi levada de volta para a primeira vez em que tinha entrado naquele elevador, mais amedrontada e envergonhada do que poderia descrever, apenas para ser confrontada pela força da natureza que era Drake Donovan.

Suspirou feliz. Tantas coisas tinham mudado desde então. Quem imaginaria que aquela mulher que tinha entrado tão hesitante na Impulse aquela primeira vez estaria de volta ali, como a futura esposa de Drake?

Antes que tivessem dado três passos, Drake se materializou ao seu lado, sua expressão quase caricata enquanto absorvia o vestido dela.

— Jesus. A ideia não era exatamente que você usasse esse vestido aqui — ele disse.

Evangeline se virou lentamente, as mãos para fora, palmas para cima.

— Não gosta? — perguntou.

— Sabe muito bem que eu gosto — ele rosnou. — O que eu não gosto é que todos os meus homens te vejam nesta maldita coisa.

— Vamos dar um jeito de sobreviver — Justice disse, atrás dele.

— Ah, tenho certeza que sim — Drake murmurou. Então, deu um selinho nos lábios de Evangeline.

— Estava com saudade — ele disse, para só ela ouvir. Deleite borbulhou em suas veias como uma lata de refrigerante depois de ser agitada.

— Também senti sua falta — ela sussurrou. Então ela se virou para os outros.

— Cadê o champanhe? Não dá para fazer uma festa de réveillon sem champanhe!

— Permita-me — Jax disse, aparecendo com uma taça de champanhe borbulhante.

Drake a conduziu até sua mesa. Ele se sentou na cadeira e, em seguida, puxou Evangeline para o seu colo. Ela se acomodou nele e tomou um gole daquela bebida deliciosa.

— Então, quem vai dançar comigo hoje à noite? — ela perguntou, para provocar. A mão de Drake apertou sua cintura.

— Serei o único filho da puta sortudo com quem você vai dançar.

— Ah, perai, Drake — ela fez beicinho. — Com certeza você vai deixar todos eles dançarem comigo no nosso casamento.

O olhar dele se suavizou, mesmo que o fogo estivesse ardendo dentro deles.

— Um minuto cada um durante a festa.

— Você é tão generoso, cara — Zander ironizou. — Está tirando do mercado a mulher mais bonita e meiga de toda essa maldita cidade e vai nos dar um minuto para dançar com ela. Valeu.

— Cala a boca ou também não vai mais comer a comida dela — Drake disse, e fechou a cara.

— Considere-me calado agora mesmo — Zander disse, colocando as mãos em posição de rendição.

Nas horas que se seguiram, o escritório manteve um ar festivo enquanto enchiam a taça de champanhe de Evangeline até que ela ficasse bêbada. Ela riu, sorriu e fez piadas sobre as coisas mais estúpidas, mas nenhum dos homens parecia ligar. Drake sorriu o tempo todo e chegou a dizer que ela ficava muito fofa bêbada.

— Não estou bêbada! — ela protestou.

Maddox riu.

— Não aposte nisso, querida. Eu diria que você está bem bebinha agora.

Os olhos dela se estreitaram, mas o problema foi que, quando fez isso, apareceram três Maddox. Decidida a não compartilhar essa informação com ele, preferiu ignorá-lo.

— Ei, começou a contagem regressiva — anunciou Hartley. — Trinta segundos para a meia-noite.

Evangeline agarrou a mão de Drake e lhe deu um sorriso estonteante.

— Este vai ser o melhor ano da minha vida — ela sussurrou.

Os olhos de Drake brilhavam e ele segurou o rosto de Evangeline, puxando-a para um beijo longo e profundo. Atrás deles, os caras começaram a contagem.

— Oito, sete, seis, cinco...

Chegaram no um e a pista de dança abaixo deles irrompeu no momento exato em que as portas do escritório de Drake se abriram, explosivas, e homens carregando fuzis, gritando para que todos se abaixassem, invadiram o escritório.

Drake levantou-se de sua cadeira, empurrando Evangeline para trás de si, quando duas armas foram apontadas para sua cabeça.

— Abaixem-se! — um dos homens latiu. — Polícia de Nova York! Temos um mandado para fazer uma busca.

— Que merda é essa? — Drake rosnou.

Evangeline teve que tampar a boca para não gritar, mas quando dois dos homens avançaram em direção a Drake, que não tinha obedecido ao comando de se abaixar, ela se lançou sobre eles, babando de fúria.

— Fique longe dele! — Ela gritou. — O que está fazendo com ele? Não pode invadir sua propriedade particular, apontar armas para ele e depois segurá-lo dessa forma!

Silas e Maddox estavam imobilizados, mas não facilmente. E quando um dos policiais foi para cima de Evangeline, Drake perdeu as estribeiras, mas foi outro policial, que parecia ser o líder, que fez todos pararem.

— Deixe-a em paz — ele rosnou. — Ela está conosco. Ela é do bem. Deixe-a e cuide do resto.

O policial soltou o braço de Evangeline, fazendo-a tropeçar para trás, seu cérebro nebuloso, tentando entender o que o policial tinha acabado de dizer. Meu Deus, ele fez parecer que... Ah, meu Deus, ele tinha mesmo deixado implícito... Não. Ela não permitiria que aquilo acontecesse. Não deixaria Drake pensar que ela tinha qualquer participação naquilo.

Ela assistiu horrorizada a cada um dos homens dele ser algemado e rendido com a cara no chão, enquanto permanecia ali, intocada, sem ser incomodada pelos policiais. O que diabos achavam que estavam fazendo? Era uma vingança por ela ter se recusado a ajudar a pegar Drake? Tinham envolvido Evangeline de alguma forma naquela invasão? Por quê? Que objetivo teriam para acabar com ela daquele jeito? Odiavam Drake tanto assim? A ponto de tentar tirar dele tudo com que se importava?

Não, Drake jamais acreditaria neles. Não faria isso. Acreditava nela. Evangeline olhou suplicante para Drake, mas, quando seus olhos se encontraram, ela viu o olhar dele ardendo de raiva e de sensação de traição. Ele fulminou Evangeline com o olhar, como se ela não fosse nada. Como se ela fosse a pior pessoa no mundo. Em sua fúria, ela avançou contra o policial mais próximo.

— Pare com isso! — ela gritou. — Saiam daqui! Vou ligar para o advogado dele agora mesmo. Juro por Deus que vamos processar vocês. Cada um de vocês!

— Afaste-se — disse um dos policiais, friamente. — Temos um mandado para fazer uma busca nos escritórios da Impulse pertencentes a Drake Donovan, e confiscar qualquer evidência que possa nos ajudar em nossa investigação.

— Mentira! — Evangeline gritou. — Vou cassar seu maldito distintivo!

Ela ficou tão furiosa que gritou palavras que fariam sua mãe lavar sua boca com sabão por um ano inteiro. Mas ela não ligava. Estava lutando por sua vida ali. Oh Deus, Drake a odiava. Estava lá para todos verem, nítido nos olhos dele, enquanto a encarava com um olhar gélido.

Durante uma hora terrível, reviraram todo o escritório de Drake. Evangeline chorava de soluçar. Nunca se sentira tão desamparada em sua vida como naquele momento, assistindo à sua vida escorrendo pelo ralo.

Evidentemente frustrados com seus esforços inúteis para encontrar o que quer que estivessem procurando, o policial chefe interrompeu a busca. Soltaram Drake e todos os seus homens e depois o aconselharam a não deixar a cidade nos próximos dias, pois entrariam em contato para mais perguntas depois que analisassem todas as provas já reunidas contra ele.

Aquela era a coisa mais ridícula e armada que Evangeline já tinha ouvido. Podia até não ser formada em Direito, mas aquela não era a maneira certa de a polícia conduzir uma investigação. Eles não chegavam com um mandado de busca e depois diziam para o suspeito o que iam fazer já que não tinham encontrado nada, e basicamente tinham dito a Drake quais eram seus planos. Achavam que ele era estúpido? A menos que... Fosse tudo um plano para fazer Drake tomar alguma atitude impensada. Como entrar em pânico e cometer um erro e levá-los exatamente ao que estavam procurando.

Se era o melhor plano que tinham para pegar Drake, eram um bando de idiotas incompetentes. Ele nunca cairia em uma armadilha tão ridícula. Que amadores! E ela deveria se sentir segura com caras como aqueles protegendo a cidade?

Quando os policiais foram embora, deixando os restos quebrados para trás, Evangeline correu até Drake e tentou abraçá-lo, horrorizada com o tratamento humilhante que ele tinha recebido. Lágrimas escorreram pelo seu rosto quando encarou o olhar frio de Drake.

— Oh, meu Deus, Drake, o que eles queriam?

— Você me diz — ele respondeu, em um tom gélido.

Então a empurrou bruscamente para longe, fazendo-a tropeçar e se desequilibrar nos saltos que usava. Ela teria caído, mas Silas a amparou.

— Você está bem, Evangeline? — Silas perguntou, preocupação evidente em seu tom. A atitude de Silas serviu apenas para irritar

Drake ainda mais.

— Saia daqui — Drake disse sem rodeios. — Dê o fora. Deus que me ajude, mas se vir a sua cara de novo, vou mandar te escorraçarem e vou conseguir uma medida cautelar para que não chegue a menos de cem metros de mim. *Nunca mais.*

— Drake! — Ela gritou, sentindo seu corpo inteiro sucumbir. Um arrepio frio invadindo sua pele, seu sangue, seu coração. — Oh Deus, Drake, não faça isso. Por favor. Precisa me ouvir. Sei que está chateado agora, mas precisa entender que isso tudo foi uma armação ridícula. Não consegue ver isso?

— Armação? Sim, suponho que você possa dizer exatamente o que foi — ele disse, amargo. — Fez seu papel muito bem, Evangeline. Merece parabéns! Te deu uma sensação de vitória extra saber que chegou mais longe que qualquer outra mulher?

— Porra, Drake, chega! — Maddox xingou violentamente.

Drake se virou para seu homem.

— Fique fora disto. Todos vocês.

Então, se voltou para Evangeline, com tanto ódio brilhando em seu olhar que ela percebeu a futilidade de acreditar que ele poderia mesmo amá-la.

— O preço da traição é perder tudo — ele disse, sua voz mais fria a cada palavra. — Quero que saia daqui e nunca mais chegue perto do meu apartamento, da boate ou de qualquer um dos meus negócios. Você não vai querer saber o que acontece com as pessoas que não seguem minhas instruções, Evangeline.

A voz dele tinha chegado a um nível perigosamente grave, mas ela já não se importava mais em ter cuidado, já não tinha mais orgulho. Se perdesse Drake, perderia tudo. O que importava todo o resto? Colocou-se de joelhos na frente dele, seus olhos implorando que ele a ouvisse. Que acreditasse nela.

— Drake, por favor, você tem que me ouvir. Eu nunca te traí — ela disse, baixinho, cheia de dor. — Nem uma vez. Sempre tive fé em você. Sempre acreditei em você. Nunca te questioneei. E agora estou pedindo o mesmo de você. Estou te implorando para confiar em mim.

Acreditar em mim até que eu tenha uma chance de provar que não tenho nada a ver com isso.

Drake recuou. Silas e Maddox estremeceram, seus olhos cheios de compaixão — e de raiva, raiva de Drake.

— Estou de joelhos, Drake, e tinha jurado a mim mesma nunca mais me permitir sofrer a humilhação que sofri na noite em que você acabou comigo no nosso apartamento. Mas agora, não tenho nem um pouco de orgulho. Não tenho nada se você não acredita em mim. Por favor, diga que vai acreditar em mim. Apenas dessa vez, Drake. Juro que nunca mais terá motivo para duvidar de mim de novo.

Por um momento, ela pensou que tinha conseguido tocá-lo. Não conseguia nem olhar para os homens dele. Tinham sido atacados e constrangidos e incomodados durante mais de uma hora e se eles, assim como Drake, achassem que ela era a culpada por aquilo, não encontraria nenhum porto seguro nos olhos deles. Até agora, ela só tinha visto as reações de Silas e Maddox e pelo menos os dois pareciam inclinados a lhe dar o benefício da dúvida.

— Ouça, Drake. Não seja estúpido — Silas disse, junto com um palavrão. — Olhe para ela, pelo amor de Deus. Ela está de joelhos, implorando. É isso o que realmente quer da mulher com quem vai se casar?

Aquelas palavras soaram como um chicote aos ouvidos de Drake. Seus olhos se tornaram impiedosos e o gelo o tomou de tal forma que Evangeline não mais reconhecia aquele homem em pé diante dela, olhando como se ela não fôsse nada além de lixo.

— Não! — Drake cuspiu, um tom letal em sua voz. — Você está certo. Ela não é nada do que desejo da mulher com quem vou me casar. Espero que minha esposa tenha a maior lealdade a mim e aos meus homens. E não que me seduza com mentiras para dar informações a policiais disfarçados.

Todo o sangue deixou o rosto de Evangeline. Toda a vida escapou de seu corpo, e ela caiu, seus joelhos incapazes de sustentá-la. Ouviu impassível quando Drake, aparentemente a quilômetros de distância, gritou uma ordem para alguém — Quem? — retirá-la da

frente dele agora. Para expulsá-la dali. Levá-la a qualquer lugar, exceto ali, qualquer lugar longe da sua vista e da sua vida para sempre.

— Levem-na para fora, Hatcher, Jax! — Ele mandou, em um tom rude. — Já que Silas e Maddox parecem ter dificuldade em atender às minhas ordens.

— Toque nela e morrerá — a voz de Silas sibilou no silêncio, soando como o prenúncio da morte. — Afaste-se dela. Agora.

Então, como se ele não tivesse acabado de ameaçar de morte um de seus próprios irmãos, Silas, cheio de cuidado, ajudou Evangeline a ficar de pé, mais palavrões sendo vomitados de seus lábios quando ela tropeçou e não conseguiu firmar as pernas.

Ele praticamente a carregou, passando o braço dela sobre ombro, e caminhou até ao elevador, enquanto soluços silenciosos sacudiam todo o corpo de Evangeline, que saía de cabeça abaixada, derrotada, os ombros curvados, abaixados como sua cabeça.

Silas se virou e dirigiu seu olhar frio e implacável para Drake.

— Olha o que você fez, Drake. Dê uma boa olhada no que destruiu. Eu te desejaria uma boa vida, mas acaba de fôder com qualquer chance que já teve de conseguir isso.

Maddox caminhou até o elevador e segurou as portas, para impedir que se fechassem.

— Garanta que ela fique bem segura e que seja cuidada — Maddox disse para Silas em voz baixa. — Ficarei aqui até descobrir o que diabos está acontecendo e quem nos traiu. Essa merda toda fede para caralho.

Evangeline levantou a cabeça e olhou para Maddox, sem expressão. Ele se retraiu quando encontrou seu olhar, e uma fúria cega surgiu em seus olhos.

— Você ouviu Drake — ela disse, em um tom vago. — Traí você. E ele.

— Isso é uma mentira de merda, e você e eu sabemos disso — Maddox vociferou.

— Mas ele não — ela respondeu, mais lágrimas escorrendo por seu rosto, sua voz falhando sob o peso de sua dor. — E agora ele

nunca vai saber.

— Olhe para mim, Evangeline — Maddox ordenou, num tom que nunca usara antes com ela. Era como um fio de aço, inflexível, dominante, vigoroso. Ela estava impotente demais para fazer outra coisa que não obedecer. — Drake vai saber que não foi você, mas temo que já será tarde demais para ele. Ele não acreditou em você quando mais importava. Quando eu lhe trouxer provas irrefutáveis que comprovem sua inocência, ele saberá que cometeu o maior erro de sua vida. E terá que viver com as consequências disso para o resto dela.

— Cuide dele, Maddox. Por favor. Por mim. Alguém está querendo machucá-lo. Querendo destruir a vida dele — e a de vocês. Não os deixe escapar. Eles mentiram sobre mim para ele. Não são policiais honrados ou nobres. Não vão usar a lei para pegar Drake. Vão na base do jeitinho. Então, por favor, mantenha-o em segurança.

— Filho da puta! — Silas explodiu, a fúria emanando dele. — Não consigo aguentar nem mais um minuto aqui. Vamos, Maddox. Antes que eu volte lá dentro e acabe eu mesmo com a raça do Drake, para os policiais terem uma coisa a menos com que se preocupar. Esse filho da puta tratou Evangeline da forma mais cruel e violenta que poderia ter tratado uma mulher, pior ainda a mulher com quem ele queria se casar. E, ainda assim, ela está aqui implorando para a gente cuidar dele e mantê-lo protegido? Minha vontade é matar o imbecil com minhas próprias mãos.

— Ele é seu irmão, Silas. Por favor. Apenas me deixe ir embora. Você é necessário aqui. Somente...

Evangeline se desmanchou mais uma vez em lágrimas. Maddox estendeu a mão para tocar seus cabelos e por um breve instante, ela poderia jurar ter visto um pouco de umidade nos olhos de Maddox. Mas não, eram só as suas lágrimas mesmo.

— Fique bem, Evangeline. Até nos encontrarmos de novo. E *vamos* nos encontrar de novo. Você tem meu número. Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa mesmo, espero que me ligue. Se eu descobrir que você passou alguma necessidade e não me ligou, vou ficar puto para caralho. Entendeu?

Ela assentiu, seu sofrimento deixando-a cada vez mais entorpecida para qualquer coisa que não fosse a dor esmagadora e o desespero que brotavam na parte mais funda de sua alma.

— Cuide dela, Silas — Maddox ordenou, suavemente.

— Sabe que vou. Se cuide — Silas disse, seu tom mais rígido e furioso a cada segundo. — Até que saibamos quem vazou as informações, se cuide.

— Se cuide também. E de Evangeline — Maddox respondeu. — Ela é um alvo vulnerável, pelo menos até que todos fiquem sabendo que Drake está solteiro de novo. E seria uma boa ideia se a gente der um jeito de vaziar essa notícia específica bem rápido, se isso for protegê-la.

Evangeline se encolheu e continuou imóvel contra Silas. Quanto tempo mais conseguiria simplesmente ficar ali, composta, quando toda a sua vida tinha acabado de desmoronar, e agora Silas e Maddox, não importa que bem-intencionados, falando casualmente sobre vaziar a notícia de que ela e Drake tinham terminado como quem fala da previsão do tempo.

Maddox lançou-lhe um último olhar pesaroso de desculpas e se inclinou para beijá-la de leve na bochecha.

— Te vejo em breve, querida. Tenho certeza. Vou te ver assim que puder.

Ela não respondeu, nem confirmando nem negando a declaração de Maddox. Ele falava em cima da suposição de que ela tinha um lugar para ir. Que era simples, bastava escolher um hotel em algum lugar ou encontrar um apartamento para alugar. Meio difícil já que ela não tinha nem grana, nem emprego e nem a menor esperança de ter um dos dois.

As portas do elevador se abriram e ela percebeu que sequer tinha notado as portas se fechando e a descida até o piso inferior. A boate estava deserta, esvaziada, sem dúvida, pelo ataque policial. Confetes e vários tipos de lixo, copos de bebida, apitos, chapéus de festa e outras bugigangas espalhadas pelo chão. Parecia que uma bomba tinha caído ali. Bem apropriado: a pista de dança se parecia exatamente com a maneira como ela se sentia.

Arrasada.

Silas falava ao telefone com alguém, dando instruções, mas ela se desconectou de tudo, o buraco em seu coração ficando cada vez mais largo, centímetro por centímetro, formando um abismo que logo iria sugá-la. Como desejava que o véu acolhedor da escuridão, da falta de consciência, a tomasse. Um lugar em que não pudesse pensar, não pudesse sentir nem relembrar Drake falando aquelas palavras na frente de todos os seus homens, repetida e novamente até que ela quisesse gritar para que tudo parasse.

Silas a acompanhou até o estacionamento nos fundos que, àquela hora, estava vazio, a não ser pelo carro de Drake e de um ou dois outros veículos que pertenciam aos seus homens. Um outro carro encostou, os faróis sobre Evangeline, cujo olhar ainda estava focado em algum ponto distante como resultado do choque e entorpecimento esmagadores que lentamente invadiam seu corpo.

Com certeza, não faltava muito para que finalmente a possuíssem e ela pudesse mergulhar no esquecimento, pelo menos por algum tempo. Não importava se estava frio e ela não tinha nenhum lugar para ir, nenhum lugar para ficar e nenhum dinheiro para conseguir um. Isso só importavam para as pessoas que tinham... esperança. Um futuro, ou ao menos a esperança de ter um. Como ela tivera com Drake. Por alguns poucos meses preciosos, ela soube o que era tocar o sol. Durante esse período, ansiava por um futuro cheio de tudo o que tinha sonhado. Deveria saber que em algum momento tudo aquilo seria cruelmente tirado dela. Mas recusava-se a acreditar em qualquer outra coisa além da promessa que Drake fizera a ela. Uma promessa que ele tinha quebrado não apenas uma vez, mas duas, da maneira mais cruel possível.

— Evangeline — Silas chamou, puxando-a suavemente do buraco em sua mente que ameaçava engoli-la a qualquer momento.

Ela lentamente moveu seu olhar para ele e piscou ao perceber uma preocupação real em seus olhos. E fúria selvagem rodopiando como um furacão.

— Vou mandar meu motorista tirar você daqui. Para onde gostaria de ir?

Um soluço rouco escapou de sua garganta em um som horrível, animalesco. Lágrimas corriam em riachos sem fim por suas bochechas. Ela queria rir, mas sabia que se cedesse, nunca mais ia parar. Ficaria completamente histérica, sem a menor esperança de se recompor.

Silas segurou seu rosto, seus olhos pingando tristeza. E pena. Deus, isso era o pior. Os únicos ou o único homem de Drake que não acreditava que ela era uma traidora, que não estava com raiva nem a odiava, tinha pena dela. Não sabia o que era pior.

— Evangeline, me escute, querida. Drake estava errado. *Muito* errado. Eu e o restante dos homens de Drake não acreditamos que você nos traiu. E quando Drake tiver tempo para se acalmar e pensar nisso, vai achar a mesma coisa.

— Tarde demais — ela respondeu, completamente quebrada. Totalmente derrotada, com tanto desespero em sua voz que nem conseguia detectar qualquer sinal de vida nela. — Ele deixou bem claro que não se importa, que não sente nada por mim. Que sou apenas um objeto, um brinquedo para brincar quando está entediado. Não confia em mim mesmo depois que fui até ele para contar sobre o policial que conversou comigo no restaurante, mesmo depois de eu ter dito a ele que jamais seria capaz de traí-lo.

Evangeline fechou os olhos por um momento, agora para lidar com a dor que se tornara física, já que a dor de cabeça que vinha fermentando desde que a polícia estourara o escritório de Drake ardia em sua cabeça como um incêndio. Colocou a mão na testa com um gemido suave, os olhos ainda fechados enquanto continuava a desabafar tudo que queria gritar para Drake naquele momento.

— Não posso viver com um homem que não só não confia em mim, mas tem tanta falta de consideração e falta de respeito por mim. Alguém que me envergonharia e humilharia diante de todos os seus homens, que me faria implorar de joelhos e ainda assim se recusaria a ouvir qualquer coisa que eu tivesse a dizer. Prefiro morrer a voltar com ele algum dia. Ele me reduziu a nada e fui uma idiota por permitir que

isso acontecesse. Uma idiota por amá-lo e pensar que meu amor era suficiente para nós dois ou que um dia ele me amaria. Ele não tem coração. Nenhuma capacidade para o amor. A insensível falta de consideração dele por mim e o fato de nem sequer ter ouvido o que eu tinha a dizer, de não ter deixado eu me defender, provou, sem sombra de dúvida, que ele não me ama e nunca me amará.

Ela olhou nos olhos de Silas pela primeira vez, sua raiva tirando-a do entorpecimento por um breve momento. A mandíbula de Silas se manteve contraída enquanto ele absorvia cada palavra daquele desabafo apaixonado.

— Qualquer mulher poderia cumprir o papel que tenho na vida dele — ela disse, com amargura. — Porque nenhuma mulher terá a única coisa que realmente importa para mim. O coração de Drake. Seu amor. Sua confiança. Talvez a riqueza e o poder dele sejam suficientes para outras mulheres. Mas não são para mim — ela sussurrou. — E nunca serão.

A dor de cabeça estava deixando Evangeline enjoada. E Silas ainda estava de pé ali enquanto ela desabafava sobre seu coração partido, esperando que ela lhe dissesse para onde queria ir. Para o inferno. Ela já estava lá.

— Odeio o dinheiro dele. Odeio o poder dele. Odeio que ele tenha sempre acreditado ser um monstro, e até hoje, eu não teria acreditado nisso nem permitido que mais ninguém acreditasse nisso. Mas depois do que ele fez...

Ela tomou ar, inspirando longa e firmemente, enquanto mais lágrimas inundavam seus olhos doloridos.

— O que ele acabou de fazer não só provou que ele não me ama nem tem fé ou confiança em mim, provou que eu estava enganada sobre ele. Que não posso confiar nele. Que eu nunca deveria ter confiado a ele as únicas coisas que tenho para dar. Meu coração. Meu amor. Minha confiança. E minha lealdade. Dei a ele tudo que nunca tinha dado a outro homem. E isso não significou *nada* para Drake.

Evangeline se desmanchou em soluços horríveis, cobrindo o rosto com as mãos. A dor fez com que a náusea embrulhasse seu estômago, e

ela precisou se segurar para não vomitar, tentando desesperadamente impedir que o champanhe, agora azedo, voltasse.

— Evangeline, há algum lugar em que queira passar a noite? — Silas perguntou. — Talvez no apartamento de suas amigas?

— Oh, Deus, não — ela disse, com uma voz horrorizada. — Para que elas saibam como estavam certas e como eu fui estúpida? *De novo?* — Contraíu os olhos, colocou a mão na testa mais uma vez e segurou o vômito convulsivo. — Não tenho para onde ir, Silas — ela disse, com um desespero silencioso. — Você deveria saber disso. Eu dependia exclusivamente de Drake. Será uma lição, que aprendi da maneira mais difícil: nunca, jamais confiar em homem nenhum.

Dor e tristeza se refletiam como um espelho em seus olhos. Então ele a viu estremecer novamente, quando os fârois do carro se aproximando perfuraram seu olhar. Os olhos dele se estreitaram quando ele perguntou qual era a fonte de seu desconforto.

— Evangeline, o que foi? — ele perguntou, bruscamente. — Quer que te leve ao hospital? Está passando mal?

Passando mal? Ela quis rir de novo. Ela estava com a alma passando mal. Nunca mais conseguiria pensar no que acontecera sem passar mal, e não havia nenhuma chance de que ela fosse capaz de esquecer aquela noite em breve. Ou mesmo em duas décadas.

— Dor de cabeça — ela murmurou. — Está me fazendo passar mal. Não se preocupe comigo, Silas. Valeu pela carona. Vou decidir onde quero ser deixada, mas me deixe apenas ficar rodando pela cidade por algum tempo, se não se importa, por favor. Só até eu descobrir o que quero fazer e aonde quero ir. E, talvez, se o motorista permitisse, ela ficaria apenas rodando a noite inteira e, então, deixaria que a cidade a engolissem inteira.

Silas praguejou longa e duramente, sua expressão tão assassina que era difícil olhar para ele sem reagir com medo. Silas nunca fora nada além de gentil e compassivo com ela, mas naquela noite, ele vira o que ela nunca tinha sido capaz de ver em Drake antes. Um monstro.

— Vou levá-la ao meu prédio, Evangeline. Não se preocupe, boneca. Se não estiver à vontade para ficar comigo, pode ficar em um

dos dois apartamentos vagos que mantenho vizinhos ao meu para me dar privacidade.

Evangeline franziu o cenho, sentindo outra pontada penetrante de dor na cabeça.

— Você é dono de um prédio inteiro?

Ele assentiu.

— Mantenho o último andar para mim. Com o tempo, vou reformar todo o andar para fazer um apartamento só ali. Ainda não tive tempo para fazer isso. Aluguei as unidades nos quatro andares inferiores. Você pode ficar comigo ou em um dos apartamentos ao meu lado. O que for deixá-la mais confortável.

Ela abaixou a cabeça, envergonhada.

— Evangeline, *não* abaixe a cabeça porque está com vergonha de mim. — ele disse, furioso, com os dentes cerrados.

— Como devo me sentir, Silas? Me diga. Não tenho mais nada. Nem mesmo meu orgulho. Até isso eu dei para ele. E ele me descartou como se eu fosse lixo. Agora, minha única opção é ir para casa com um dos homens que trabalham para ele como se eu fosse um patético caso de caridade? Isso pode muito bem ser o que eu sou. Deus sabe que a parte patética se encaixa. Mas não significa que tenho que gostar ou aceitar. Se não tenho valor, é porque Drake me fez assim — ela sussurrou.

Silas fervia da cabeça aos pés. Bem mais do que um metro e oitenta de macho alfa e dominante irritado, rosnando, puto da vida.

— Juro por Deus que vou matar o Drake por causa do que ele fez!

— Não valho a pena, Silas. Deixa quieto — ela disse, cansada.

— Que besteira! Você vale muito mais do que recebeu. Acha que vou ficar parado, vendo tudo isso acontecer? De jeito nenhum. Entendeu, Evangeline? De jeito nenhum!

A voz dele mais parecia um rugido, e uma pessoa desavisada teria mijado nas calças de medo. Mas Evangeline sabia que ele não estava zangado com ela, e isso a fez querer chorar tudo de novo.

— Vou te levar para minha casa — ele disse, conduzindo-a até o carro que aguardava. — Você fica lá em casa hoje à noite. Amanhã te

dou a chave de um dos apartamentos vizinhos. Já está mobiliado. Vou ligar para Maddox e pedir que passe no apartamento de Drake para pegar umas roupas.

Ela ficou pálida, todo o sangue deixando seu rosto.

— Não! Você ouviu Drake, Silas. E mesmo se ele não tivesse me informado que o custo da traição é perder tudo, eu nunca ia querer levar nada das coisas que ele pagou.

— Então vou sair e comprar algo para você vestir de manhã — ele decidiu, em um tom que não deixava espaço para discussões.

— Só se me deixar pagar de volta e, com isso em mente, gostaria muito se escolhesse coisas baratas. Só preciso de alguns jeans, algumas camisetas e talvez um casaco — ela disse, baixinho.

— Vou comprar o que julgar apropriado e discutiremos suas opções de reembolso em outro momento — ele disse, batendo a porta. Contornou o carro e entrou do outro lado, perfurando Evangeline com seu olhar fixo. — Não precisamos discutir isso hoje à noite, quando você está totalmente exausta, acabou de ter seu coração partido e lágrimas ainda estão escorrendo em seu rosto.

Com isso, deu ao motorista a ordem de levá-los para seu apartamento, e o carro partiu pelas ruas geladas de janeiro em Nova York.

Que bela maneira de começar o ano.

EVANGELINE ACORDOU COM A DOR DE cabeça ainda latejante, sua visão tão turva que ela mal conseguia distinguir o que a rodeava. Sua boca estava seca e sua garganta inchada e tão arranhada que toda vez que engolia, sentia dor.

Tinha insistido para dormir no sofá da sala de Silas, recusando-se a permitir que ele cedesse a própria cama para ela, além de seu espaço pessoal e de sua privacidade que, como sabia, ele guardava ferozmente. Havia resistência nas feições dele que indicaram a Evangeline que ele ia ficar bravo, mas ela se recusou categoricamente e, talvez, no fim das contas, sentindo como ela estava prestes a perder o tênue controle que ainda lhe restava, Silas cedeu, embora não tenha ficado nem um pouco feliz com aquilo.

Podia ouvi-lo na cozinha do pequeno apartamento e sentiu o cheiro do café sendo coado. Mas o aroma fez seu estômago se revirar na mesma hora, e a transpiração encheu de gotas a sua testa, e sua pele ficou pegajosa e úmida.

A dor não ia embora. Cada piscar de olhos era como um fragmento de vidro sendo mergulhado em seu crânio. Não sabe se tinha feito algum barulho mas, de repente, Silas surgiu sobre si, preocupação evidente nas feições dele.

— Evangeline? Tudo bem?

Nem tentou mentir. Sacudiu a cabeça e, na mesma hora, lamentou mesmo aquele pequeno movimento. Sua mão voou para a boca quando

seu estômago se revirou, e Silas simplesmente a pegou nos braços e correu para o banheiro, colocando-a de frente para a privada.

— Respire fundo — ele disse, em um tom abafado. — Sua cabeça continua doendo?

Ela assentiu muito mais devagar dessa vez.

— É horrível, Silas — ela sussurrou.

— Vou te dar algo para melhorar assim que tiver certeza de que não vai botar para fora — ele disse, sombrio. — E então precisará se deitar no sofá e descansar. O remédio provavelmente vai te derrubar.

— O que é? — Ela perguntou, com medo.

— Nada perigoso — ele a acalmou. — É um analgésico. Tenho enxaquecas e elas são debilitantes. Tomo para aliviar a minha dor. Confie em mim. Vai se sentir bem melhor em mais ou menos meia hora. E, então, se quiser, posso te levar ao apartamento do lado, para ficar lá.

Precisou de toda a força para não demonstrar que estava envergonhada de novo. Mas, depois da bronca de Silas na noite anterior, não tinha a força mental para encarar a raiva dele, já que não conseguia não sentir vergonha.

— Obrigada — ela sussurrou. — Não vou ficar muito tempo. Só um ou dois dias até decidir o que vou fazer.

Silas franziu o cenho, mas ela já esperava por isso.

— Você vai ficar lá o tempo que precisar. Entendeu?

— Tá — ela respondeu, cansada. — Pode ser. Não tenho forças para discutir com você nesse momento.

A expressão dele se suavizou.

— Não tenho vontade de discutir com você, boneca. Sua náusea está sob controle agora? Acha que consegue se deitar no sofá de novo? Vou te dar um remédio e preparar algo para comer.

Evangeline deixou que Silas a levasse de volta para a sala e se afundou no sofá enquanto ele foi pegar o remédio. Pouco depois, ele voltou com um copo de leite e uma pílula para ela tomar. Depois que ela engoliu, ele pegou o copo de volta.

— Deite-se. Vou preparar algo para você comer. Não se preocupe. Não vai ser muito pesado. Sei que ainda está enjoada.

— Obrigada — ela sussurrou sem abrir os olhos.

— Por nada, boneca. Por nada.

Evangeline cochilou até que Silas voltou para a sala com dois pratos. Sentou-se no sofá ao lado dela e lhe ajudou a se sentar antes de lhe entregar um dos pratos.

— Já está um pouco melhor?

— Nadante — ela murmurou.

— Nadante? Isso é uma palavra?

— É como eu me sinto. Nadante. Como se todo mundo ao meu redor estivesse nadando.

Ele riu.

— Ah, saquei. É, eu diria que o remédio está fazendo efeito. Tente comer alguma coisa. Se estiver se sentindo melhor depois do café da manhã, vou levá-la ao apartamento antes de ir para o trabalho.

Ela ficou tensa e fechou os olhos com aquela menção ao trabalho. Drake. Ele estaria lá, sem dúvida. Mais um dia como qualquer outro. Não teria ficado acordado a noite toda como ela tinha ficado, arrasada pela perda.

— Agradeça Maddox por mim quando o vir — ela pediu. — Por tudo. Sou muito grata a vocês dois. Por serem meus amigos. Nunca se pode ter muitos, e, pelo visto, tenho menos que a maioria das pessoas.

— Quando se trata de amizade, prefiro a qualidade em vez da quantidade — Silas disse, com naturalidade.

— Bom argumento — ela admitiu.

Evangeline olhou para seu café da manhã praticamente intocado e, para seu desespero, lágrimas pingaram no prato, caindo de seu rosto. Nem sequer tinha percebido que começara a chorar de novo.

— Ah, que inferno, boneca — Silas disse, seu rosto a imagem da tortura. — Tem que parar de chorar ou nunca vai se livrar dessa dor de cabeça.

— Eu s-sei... — ela gaguejou. — Não q-queró chorar, mas não consigo p-parar. Ah, Silas, o que vou fazer? — ela perguntou,

desesperada. — O que eu vou fazer?

Silas a puxou para seus braços e ela enterrou o rosto em seu pescoço, soluços irrompendo, sacudindo seu corpo inteiro. Pelo que pareceu uma eternidade, Evangeline ficou ali, acomodada nos braços de Silas, soluçando toda a sua dor. Quando, finalmente, um pouco daquele som horrível que ela emitia se emudeceu, ela encostou hesitante em Silas, tanta tristeza em seu coração e em sua alma que ela queria morrer.

— Você não vai morrer disso, querida — Silas disse, cheio de compaixão, fazendo-a perceber que tinha falado em voz alta aquele último pensamento. — Agora pode até parecer que vai, mas, com o tempo, isso também vai passar.

— Eu costumava amar essa frase — ela disse, suavemente.

— Não ama mais?

Ela balançou a cabeça.

— Isso não vai passar, Silas. Você não se recupera de algo assim. Nada nunca mais será como antes.

— Drake vai tirar a cabeça do cu e perceber o erro terrível que cometeu — Silas disse, embora também parecesse chateado que Drake pudesse ter acreditado em algo tão horrível sobre Evangeline.

— Como você disse, mesmo que isso aconteça, será tarde demais — ela respondeu, com suavidade. — Ele não acreditou em mim quando mais importava. Não teve a menor fé em mim. Se ele não acredita em mim, como podemos ficar juntos? Não quero que outros o convençam de que sou inocente. Ele deveria saber isso, Silas. Ele deveria *saber*. Nunca lhe dei nenhuma razão para desconfiar de mim. Não fui nada além de honesta e aberta com ele, e ainda assim ele nunca acreditou em mim da maneira que eu acreditava nele.

Evangeline balançou a cabeça com tristeza e fechou os olhos, perguntando-se como pôde se enganar tanto a respeito do homem que amava. Que ainda amava, mesmo que não desejasse. Mas o amor não era algo que podia ser desligado como se desliga um interruptor de luz. Ela deveria odiá-lo. Desprezá-lo e abominá-lo com cada parte de seu ser. E ainda assim estava sofrendo. Sangrando. De luto.

— Entendo, boneca. É uma bagunça do caramba e odeio te ver sofrendo tanto. Se tem alguém que não merece isso, é você.

O silêncio caiu e Silas a abraçou por mais um longo tempo até que finalmente a medicação cumpriu todo o efeito e as pálpebras dela ficaram pesadas. Quando percebeu como ela estava mole, afastou-se com cuidado e acomodou a cabeça dela sobre a almofada do sofá.

— Descanse um pouco — ele sussurrou. — Vou levá-la ao apartamento quando acordar.

Drake estava de pé, em frente à janela que dava para a rua movimentada da entrada da Impulse, olhando fixamente para aquela manhã de inverno cinzenta e maçante. O tempo combinava perfeitamente com seu humor. Tinha sido feito sob medida para ele. A tristeza que se espalhava como uma mancha em sua alma após a decepção e a traição de Evangeline era insidiosa e cheia de desesperança. Parecia que nunca mais sentiria o sol tocar sua pele novamente, condenado para sempre a uma vida de monotonia fria.

— Por que fez isso, Angel? — Ele sussurrou. Seus olhos se fecharam com a onda de dor que o inundava. — Te dei tudo, mas não foi suficiente. Por quê?

Sempre acabava voltando ao que já sabia, e, como tinha sido estúpido por confiar em Evangeline, acreditando que ela era diferente. Se seus próprios pais não tinham conseguido amá-lo, como poderia esperar que outra pessoa o fizesse?

A resposta era: não poderia.

E nunca mais cometeria o erro de tentar fazer alguém amá-lo novamente.

O som de alguém abrindo sua porta fez Drake se virar com uma expressão sombria no rosto, uma advertência a quem quer que estivesse chegando de que não era bem-vindo. Mas então seus homens entraram, apreensivos, preocupados, com raiva... furiosos... as mais

variadas expressões em seus rostos. O único elemento que todas as expressões tinham em comum era o julgamento.

Aquilo fez a raiva ferver dentro de Drake e deixou seu humor ainda mais pesado, o que ele não achava que era possível.

— Que porra vocês querem aqui? — Drake disparou, num tom gelado e rígido.

Nenhum deles tentou disfarçar o desgosto enquanto encaravam Drake.

— Jura por Deus que acha mesmo que foi Evangeline que nos entregou para aqueles merdas de policiais? — Jax o confrontou. — Consegue me olhar nos olhos e dizer que acredita nessa merda?

— Você estava lá. Viu o que eu vi. O que não sabe é que ela foi abordada pela polícia quando saiu para almoçar com Zander, Thane e Hatcher. E, sim, tenho provas dessa conversa, já que foi ela mesma que me contou. Depois que Hatcher tinha me ligado, é claro.

— Mas ela não sabia que Hatcher tinha ligado para você — Thane interveio, aparentemente puto que seu almoço com Evangeline estivesse ajudando a construir provas contra ela.

— Segundo você — Drake retorquiu, irônico.

— Você fodeu sozinho o presente mais precioso que um homem poderia receber, um que nunca vai receber de novo — Zander explodiu. — E sabe de uma coisa? Não tenho a menor pena! Você merece morrer mesmo como um homem cínico e solitário que acredita que ninguém é leal. Por Cristo! Nunca pensei que veria um irmão meu tratar qualquer mulher daquela maneira, principalmente uma mulher tão especial quanto Evangeline.

— Você perdeu todo o meu respeito — Hartley emendou. — Nunca imaginei que seria capaz de tratar de um jeito tão horrível uma mulher inocente, ingênua, bela e leal, que é tudo de bom nessa merda de mundo e, certamente, era a única coisa boa no *seu* mundo fódido e miserável. Você me deixa enjoado para caralho.

— Me dá um tempo, tá! — Drake rugiu. — Ela tem vocês todos na palma da mão e vocês nem percebem. Puta merda! Saiam todos do meu escritório e não voltem até que tenham decidido a quem são leais.

Ao seu irmão? Ou à mulher que entregou não apenas seu irmão, mas todos vocês também.

— Você a destruiu — Maddox acusou, falando baixo, se pronunciando pela primeira vez desde que todos entraram na sala. Tinha ficado na dele, mas sua animosidade e sua raiva eram uma presença tangível na sala. — Ela ficou de joelhos, *implorando*, caralho, e você fez pedacinhos dela, acabou com a dignidade e o orgulho dela. Mas a Evangeline nem se importou, tudo que ela queria era que você a ouvisse. Que lhe desse uma chance. Que tivesse nela a mesma fê que ela tinha em você.

O clima de tensão e desconforto se mesclou com os olhares putos e espantados de seus homens. Olhares que julgaram Drake e o consideraram culpado. Ele. Que não tinha entregado todos para a porra da polícia. E, no entanto, ali estavam, visivelmente incomodados com a imagem de Evangeline de joelhos, implorando por uma chance.

Por Deus. A coisa toda era um borrão para ele. Seu mundo inteiro havia sido despedaçado e sofreu uma parada brusca no momento em que percebeu que seu anjo o havia traído. O que disse para ela? Não sabia. Mas também não se importava. Só sabia que precisava se afastar dela antes que se quebrasse completamente e fizesse mais papel de bobo do que já tinha feito.

Uma imagem vaga de Evangeline de joelhos, tentando agarrar as pernas dele enquanto Drake se afastava com firmeza, a angústia crua gravada em seu rosto, lágrimas escorrendo em rios sem fim.

Por favor.

Era tudo o que conseguia se lembrar dela dizendo. O rugido em sua cabeça era muito alto, a dor em seu coração muito esmagadora. De outros, não esperava nada diferente. Mas não de seu anjo. E ele estava putto por ter permitido que uma pessoa passasse por todas as suas barreiras, tão cuidadosamente construídas, e chegasse até o seu coração e a sua alma para fazer o que ninguém jamais havia sido capaz de fazer antes.

Destrui-lo.

— Está errado desta vez, Drake — disse Justice sem rodeios, espumando de raiva, o corpo inteiro tenso, como se estivesse usando todo seu controle para não se lançar sobre Drake e dar uma surra nele. — Nunca te questionei. Nunca duvidei de você. Sempre aceitei sua liderança sem questionar. Mas você acaba de fazer a maior merda da sua vida, sem falar que cometeu um pecado imperdoável contra uma mulher que te ama mais do que ama o próprio orgulho e mais do que ama qualquer outra coisa nesse maldito mundo. Você acabou completamente com uma mulher boa, cujo único pecado foi te amar e te aceitar sem questionar nem exigir nada. Apenas... aceitação inabalável. Quem mais pode dizer que fez isso por você? Quem mais pode dizer que te amou incondicionalmente? Quem aceitou as coisas boas e as ruins, sem sair do seu lado, e sempre te defendeu, lutou por você e se recusou a permitir que o medo que tinha de seu mundo e de sua vida a fizessem deixá-lo? Ela teria ficado ao seu lado e te amado para sempre, mas você arruinou a coisa mais bonita que já aconteceu com você. Tudo porque é um idiota insensível que nem sequer deixou que ela se defendesse. Nem *perguntou* se ela te traiu. Apenas deduziu e a julgou, condenou, declarou que ela era culpada sem lhe dar uma chance de explicar.

Os olhos de Justice estavam furiosos e suas mãos estavam fechadas em punhos, apertadas, ao lado de seu corpo. Os outros pareciam estar de acordo com cada palavra que explodia da boca de Justice.

— E então você a jogou nas ruas sem *nada*. Sem trabalho e sem o lugar para morar que ela tinha, mas que você a forçou a deixar. Ela sempre ralou até o osso para abnegadamente sustentar a família, e nunca se queixou. Como diabos acha que ela vai fazer isso sozinha depois que a tornou completamente dependente de você? Você quebrou todas as suas promessas, e cumprir nossas promessas é a base do estilo de vida que todos nós escolhemos seguir! Mas você cagou em cima do presente que era a submissão dela, abandonando-a sozinha para se defender.

Justice lançou outro olhar desgostoso para Drake. Então, balançou a cabeça e lambeu os lábios como se tentasse se livrar de um gosto ruim na boca.

— Sabe de uma coisa? Foda-se isso e foda-se *você*. E foda-se ter atirado Evangeline na rua depois de tirar tanto dela que ela nunca mais se sentirá inteira de novo. Estou fora. Não aguento mais um minuto.

Justice se virou e saiu do escritório de Drake sem olhar para trás.

O restante dos homens simbolicamente se virou, e assim como Justice, saiu dali.

Drake cambaleou até sua cadeira e enfiou a cabeça entre as mãos. Será que todos, menos ele, tinham perdido a cabeça? Estavam defendendo a mulher que tinha tentado acabar com eles? Estavam dispostos a ir para a cadeia porque gostavam dela e ela era uma grande cozinheira que era legal com eles?

Dúvida e uma sensação de mau agouro subiram pela espinha de Drake. Nunca antes havia questionado seus instintos, sua intuição. Eles nunca tinham errado. Mas... e se...

E se seus homens estivessem certos? E se ele tivesse cometido um erro terrível e imperdoável?

Mas se estivessem enganados, todos perderiam tudo pelo que tinham trabalhado tão duro para conseguir.

E Evangeline?

A pergunta sussurrou, traiçoeira, dentro de sua mente.

Ela não tinha perdido tudo? E ele também não tinha? Olhou em volta, para aquela amostra do império que construíra a partir do zero. Qual era a importância de todos os seus bens agora que não tinha mais Evangeline para compartilhar aquilo tudo com ele? Para compartilhar a vida com ele?

Não, ele ficava melhor sem mentiras, enganos, traições...

Mas, outra vez, aquela voz irritante, aquela que lhe sussurrava sem parar, veio lhe incomodar.

E se ela não tivesse mentido, enganado ou traído?

E se... E se ela fosse inocente e ele tivesse cometido o pior erro de sua vida?

EVANGELINE ENTROU APRESSADA NO apartamento que Silas tinha lhe emprestado, e colocou a sacolinha de plástico no balcão da pequena cozinha. Naquele momento, preferiu ignorar o pacote, ainda sem conseguir enfrentar as possíveis consequências do que ele poderia revelar.

Silas tinha comprado mantimentos quando saiu para comprar roupas para ela, mas o mero pensamento em comida fazia seu estômago se revirar e se embrulhar inteiro. Então, ignorar o pacote talvez não fosse muito esperto, embora fosse o que ela vinha fazendo há dois dias. Tinha que saber — precisava saber. Era muito melhor acabar com aquilo logo, para que soubesse exatamente com o que estava lidando.

Com os dedos gelados do pavor que oprimia seu coração, ela pegou a sacola como se fosse um objeto cortante que pudesse feri-la e caminhou lentamente para o banheiro. Tirou o teste de gravidez da embalagem e leu rapidamente as instruções. Parecia bastante simples. Fazer xixi na tira e esperar alguns minutos pelo resultado.

Depois de cumprir as instruções, lavou as mãos e pôs a tira na pia. Olhou para o próprio reflexo no espelho. Não parecia grávida, mas alguém parecia com tão poucas semanas? De qualquer forma, não sabia de quanto tempo estava, se é que estava mesmo grávida. Obviamente, não poderia estar com mais de três meses, pois não tinha estado com Drake antes disso.

E sua menstruação nunca tinha sido regular, então nunca sabia realmente quando viria a próxima. Se era esse o caso, por que ela estava de pé ali como uma idiota fazendo um teste de gravidez quando tinha chance de ficar menstruada na semana seguinte? Um autoengano? Era isso que ela estava experimentando? Depois da devastadora perda de Drake, estaria se agarrando a qualquer mínima esperança de ainda ter alguma parte dele? Um bebê? Um filho deles?

A última coisa de que precisava era estar grávida, mas, ao mesmo tempo, a esperança estava tão profunda, tão desesperada dentro dela que, naquele momento, percebeu que se não estivesse grávida, sofreria não só a perda de Drake, mas também a de uma criança que nunca existira. Isso é que era abraçar a autotortura.

Evangeline fechou os olhos, pegou a tira e respirou fundo pelo nariz. Até que conseguiu reunir coragem suficiente para abrir os olhos e conferir o resultado. Demorou alguns segundos para conseguir piscar e limpar as lágrimas, clareando sua visão. Mas, então, viu. Bem ali, diante de sua cara, havia um sinal rosa vibrante.

Suas pernas vacilaram e ela cambaleou, quase caindo no chão do banheiro. Seu coração explodiu de alegria, ainda que uma pontada destruidora de dor quase a esmagasse.

Sentou-se no chão, sem confiar nas próprias pernas para ficar de pé, e puxou os joelhos contra o peito, passando os braços com firmeza ao redor deles, abraçando a si mesma ferozmente, balançando-se para frente e para trás. Lágrimas, dessa vez frutos de uma mistura de tristeza e alegria infinita, escorreram por suas bochechas. Evangeline sorriu.

Um bebê. O filho ou a filha de Drake.

Um pequeno pedaço dele viveria através dela. Seu legado.

Quase no mesmo momento em que os pensamentos tranquilizadores e alegres tomaram conta de sua mente exausta, a realidade lhe chamou e, com ela, a angústia e o desespero. Já não havia mais razões para ficar na cidade. Se Drake tinha feito alguma coisa boa era aquela: ter depositado uma grande quantia de dinheiro na conta dos pais de Evangeline, além de ter lhes dado uma casa recém-reformada e um carro novo, libertando ambos das dívidas e os deixando com

dinheiro suficiente na poupança para viver com conforto o resto da vida.

O que significava que ela já não precisava se preocupar em trabalhar para sustentar os pais amados. Finalmente poderia ir para faculdade, como sempre quis. Ter uma formação. Receber um diploma e ser capaz de sustentar a si e a seu filho.

Poderia voltar para casa para receber o apoio das duas pessoas que mais a amavam neste mundo. Eles a ajudariam e, depois que o bebê nascesse, Evangeline poderia voltar a estudar, contando com a ajuda dos pais para cuidar do bebê quando ela tivesse aula.

Nunca teriam vergonha dela, principalmente se soubessem a verdade, mas ela nunca lhes contaria o que tinha provocado o rompimento com Drake. Senão, surgiriam as inevitáveis dúvidas que os levariam a suspeitar dele. Não importava o que Drake tivesse feito, que não tivesse lhe amado nem confiado nela, Evangeline não deixaria que seus pais pensassem que ele era um criminoso. Aliás, ela não tinha ideia do que ele fazia, não tinha certeza de que estava ou não metido em negócios ilegais. E isso já não importava mais, agora que ela não estava mais na vida dele.

Culpa e vergonha cresceram dentro dela, ainda que se repreendesse por sentir ambos. Em quaisquer outras circunstâncias, nunca sonharia em manter uma criança longe do pai, mas Drake a assustou. Seu poder, sua riqueza e suas conexões a assustaram de uma maneira que nada poderia. Porque ela sabia, por causa do jeito como havia sido criado, que ele não abriria mão de estar presente na vida de seus filhos. Se era isso que ele queria, iria encará-lo no dia seguinte e contaria que ia ser pai.

Mas o medo de que ele tomaria o filho apenas para si, já que a odiava tanto, impediu Evangeline de procurá-lo para contar seu segredo.

Tinha decisões a tomar, decisões que deveria tomar em breve. Fechou os olhos e pressionou a testa contra os joelhos, permitindo-se um momento de calma, a sós, com o filho, sussurrando promessas de

mantê-lo sempre a salvo. Dizendo à criança como ele ou ela já era amado ou amada.

Evangeline ficou ali, em silêncio, sem noção das horas. A percepção do que ela estava fazendo, do que estava *permitindo*, era nítida e imperdoável: mais uma vez, estava sendo mantida por um homem. A única diferença agora era que não estava em um relacionamento com Silas. O que, de certa forma, deixava tudo pior, pois estava se aproveitando da generosidade dele sem dar nada em troca.

Pegou o celular que estava sobre a pia. Abriu uma página de internet e digitou o endereço de uma empresa aérea que fazia voos para uma cidade média, a apenas 50 quilômetros de onde seus pais moravam.

A passagem estava cara, pois estava comprando em cima da hora, mas, ah, fazer o quê. Usaria um dos cartões de crédito que Drake lhe dera. O mínimo que ele podia fazer era levá-la para casa. Seriam os quinhentos dólares mais bem empregados que ele já gastara, porque, ao mesmo tempo, ia tirá-la para sempre de sua vida. Olhou as horas e, em seguida, calculou quanto tempo precisava para chegar ao aeroporto — mais uma vez, poderia usar o cartão de crédito para pagar o táxi —, para fazer o check-in e embarcar e viu que, se comprasse o voo e saísse em meia-hora, conseguiria ir embora naquela mesma noite, em um voo sem escalas.

Pegou o cartão na bolsa e digitou os números para finalizar a transação. Depois de checar se a confirmação do voo, com o número e horário previsto de chegada tinham sido enviados ao seu e-mail, ligou para a mãe.

Não fazia muito sentido tentar esconder nada dela. Afinal, ela desconfiaria quando Evangeline lhe dissesse que chegaria naquela noite. No entanto, não tinha planejado chorar tanto com a mãe pelo telefone e, como resultado, levou quase vinte minutos para Evangeline explicar toda a situação. Quando desligou, tinha apenas dez minutos para arrumar seus pertences e sair. Então, riu. Não que ela tivesse

muita coisa para empacotar. Pegaria os jeans e as camisas que Silas comprou para ela, que caberiam muito bem em uma mala de mão.

Depois de jogar o teste de gravidez no lixo do banheiro, enfiou, com pressa, toda a roupa que conseguiu em uma bolsa esportiva que encontrou no armário. Então, considerando que Silas e Maddox tinham sido tão doces e gentis com ela, escreveu um bilhete para os dois, agradecendo muito por sua amizade e carinho. Explicou que era melhor que se mudasse e deixasse Nova York, e terminou dizendo que ambos eram as melhores recordações que guardaria dali.

Triste que, depois de viver na cidade por tanto tempo, o melhor que conseguia levar para a vida fosse a amizade de Silas e Maddox.

Com um longo suspiro, foi até a porta e saiu, olhando para trás uma última vez, como que para garantir que não estivesse se esquecendo de nada. Quase riu, e teria mesmo rido se seu coração não estivesse espalhado pelo chão, em mil pedacinhos.

Era a única coisa que deixaria naquela cidade. Seu coração.

Ele estaria para sempre onde quer que Drake Donovan estivesse, e ela nem tentou se enganar pensando que seria diferente.

POR TRÊS DIAS, DRAKE MAL TINHA deixado a solidão de seu escritório na boate, preferindo até passar a noite ali. De qualquer forma, não estava mesmo dormindo. Ficava acordado, muito tempo depois de a boate fechar, nas primeiras horas da manhã, pensando... sonhando... com um anjo. Seu anjo. Todos tinham se afastado dele, por razões variadas. Os funcionários da Impulse fugiam dele como o diabo da cruz, porque Drake acabava com qualquer um que se achesse a entrar em seu covil. E parecia mesmo um covil, as luzes bem baixas, o sofá todo amassado por causa das noites em que ficou se revirando ali, de um lado para o outro, tentando dormir.

Simplesmente não conseguia voltar para casa. Não conseguia nem sequer pensar em dormir na cama que tinha compartilhado com Evangeline. A ideia de estar sem ela, no lugar que ela amorosamente chamava de casa e transformou em lar, era repugnante e ofensiva.

Ainda que se lembrasse, de novo e de novo, de que ela não merecia esse respeito, ou melhor, as lembranças dela não mereciam, não conseguia fazer nada além do que estava fazendo ali. Viver. Respirar. Existir. Minuto por minuto. Hora por hora. Dia por dia. Um dia de cada vez.

Era uma existência miserável que não desejaria a seu pior inimigo, e ainda havia aquela maldita voz em sua cabeça que zombava dele até que estivesse perigosamente prestes a enlouquecer, sussurrando que tudo aquilo fora escolha dele. Que ele tinha afastado Evangeline.

Que ele podia ter ouvido. Podia ter dado a ela uma chance de se explicar.

Só que ele não tinha feito nenhum dos dois, e aquele sofrimento era o preço a pagar.

A porta dele foi aberta e Drake se virou, uma caralhada de insultos cabeludos na ponta da língua. Mas viu que era Silas, a quem ele não tinha visto, muito menos ouvido desde a noite em que levou Evangeline embora da boate — seguindo as ordens de Drake.

Os lábios dele ardiam com a necessidade de perguntar a Silas como ela estava. O que estava fazendo. *Onde* estava. Estava bem?

O maxilar de Silas estava bastante contraído, um sinal claro de que ele estava chateado, mas seus olhos estavam glaciais, submersos no gelo, fixos em Drake de modo que ele quase podia sentir sobre sua pele a frieza daquele olhar.

— Silas — Drake pronunciou, em uma voz entrecortada.

Silas lançou um olhar de desgosto para ele.

— Ainda escondido aqui, agarrando-se àquela história imbecil em que preferiu acreditar, como posso ver.

— Não começa — Drake alertou. — Não estou com humor para aguentar ninguém falando merda comigo. Principalmente se não consegue terminar.

— Vou te poupar só porque sei que quando descobrir a verdade, é você que vai implorar de joelhos pelo perdão de todo mundo. Mas minha paciência está por um fio, cada vez mais fino. Não me provoque, Drake. Juro por Deus, eu poderia te matar só pelo que fez com a Evangeline aqui no réveillon.

Drake rosnou, mostrando os dentes como se fosse um predador irritado.

— Vocês têm tanta certeza de que ela não nos entregou. Por que será? Talvez porque caso contrário teriam que admitir o que eu já admiti. Que fui enganado por uma mulher linda, de aparência inocente, dona de grandes olhos azuis que lhe davam a aparência angelical que ela tinha?

Silas balançou a cabeça, com desgosto.

— Você me deixa doente. E você está falando pelo cu agora, então cala essa boca. Estou te avisando, Drake, você vai se arrepender de suas ações e de suas palavras. Se tivesse um pouco de bom senso, estaria de joelhos implorando o perdão de Evangeline *antes* que a verdade seja revelada, porque então ela não vai dar a mínima, pois você não confiou nela quando mais importava.

Medo percorreu a espinha de Drake. As palavras de Silas estavam cheias de convicção, e ele era um dos filhos da puta mais desconfiados que já conhecera na vida. E ele não era o único. Se Silas fosse o único a defender a inocência de Evangeline, ele até poderia ignorar. Mas todos os seus homens?

Estava dividido e atormentado pela indecisão, algo que não estava acostumado a sentir. Sempre foi muito decidido em todos as questões, nunca questionava os próprios atos. Só que tudo em relação ao que acontecera com Evangeline parecia errado. Afundou-se em sua cadeira, um pesar enorme o consumindo por tudo o que teve, e agora havia perdido, há apenas três dias — mas parecia ter sido uma vida atrás.

Ainda que Evangeline o tivesse traído, ele poderia mesmo culpá-la? Sabe-se lá que merda os policiais tinham enfiado na cabeça dela, e ele tinha certeza de que eles não tinham poupado nenhum detalhe, talvez tivessem até aumentado seus pecados — enquanto ele decidiu ficar de bico calado, decidiu não falar nada a Evangeline, recusou-se a confiar nela, pedindo que ignorasse a realidade e fingisse não ver nada. Ela poderia ter imaginado os crimes mais horríveis, incentivada pelo mistério que Drake fazia e pelo fato de que ele se esquivava toda vez que ela o questionava sobre o assunto.

Sendo alguém que fazia tudo às claras e sempre defendia o que era certo, Evangeline não podia mesmo ter sido capaz, em sua consciência, de permitir que Drake saísse impune. E não era aquela bondade inata, aquela doçura, o que ele mais adorava nela? O que o tinha atraído nela de cara? E agora ele a punia por aquelas mesmas qualidades. Silas xingou muito.

— Caralho, Drake! Você está num estado lastimável. Ela está num estado lastimável. Por que diabos está fazendo isso com vocês

dois? Por orgulho? Porque se fôr por isso, estou dizendo agora essa porra não vale a pena. Evangeline não permitiu que o orgulho entrasse no caminho quando ficou de joelhos, implorando que acreditasse nela.

Cada palavra era como um dardo envenenado, exato e preciso. Os lábios de Drake se separaram, a pergunta pairando neles, implorando para sair, para ser liberada. Podia sentir sua força de vontade desmoronar, seu orgulho se preparando para levar uma surra.

— Acha de verdade que ela não teve nada a ver com aquilo? — Drake perguntou, pela primeira vez deixando a dúvida transparecer em sua voz.

Antes que Silas pudesse responder, as portas do escritório foram abertas e seus homens entraram, todos com expressões estrondosas no rosto. Fúria controlada por pouco, soltando faíscas como uma corrente elétrica no ar.

— Agora não, droga! — Drake rugiu, descontando sua raiva reprimida e seu desamparo neles. — Saiam da merda do meu escritório e não voltem até que eu tenha chamado vocês.

Não naquela hora. Não quando ele precisava de respostas de Silas. Lógico e frio, inabalado pela emoção. Ele olhou para Silas, buscando compreensão e apoio, mas não conseguiu nenhum dos dois de seu executor.

Um homem — Hatcher? — foi empurrado para a frente, tropeçou e caiu de joelhos. Tinha um machucado ficando roxo em torno de um dos olhos, seus lábios estavam divididos e sangrando e seu nariz parecia ter sido pulverizado.

— *Aqui* está o seu traidor — anunciou Maddox friamente, com a voz cheia de ódio e os olhos brilhando de raiva. — Não é Evangeline. Nunca foi Evangeline. Todos nós sabíamos disso — ele disse, apontando o polegar na direção dos outros. — Nunca duvidei dela, nem por um segundo. Por que então você, o dominador dela, o homem em quem ela confiou sem reservas e amou apesar de todos os pecados, o homem com quem ela ia se *casar*, não pode fazer o mesmo?

Os olhos de Drake se estreitaram e um rugido alto começou a zunir em seus ouvidos. Seu coração batia no peito com força suficiente para fazê-lo ficar tonto.

— Alguém me diz o que diabos está acontecendo aqui? Por que Hatcher está no chão do meu escritório, sendo chamado de traidor?

Justice olhou para Drake com desgosto, um olhar que foi compartilhado por Thane, Maddox, Hartley, Zander, Jax e Silas.

— Você pergunta se ele é culpado, um de seus homens, alguém que você emprega, mas na hora de bancar o júri e o juiz, e punir a mulher que te ama, você se recusou a ouvir qualquer explicação ou defesa. O que há de *errado* com você, cara?

— Parem de enrolar e me digam logo o que está acontecendo! — Drake explodiu.

— Hatcher era o informante — Thane informou, friamente. — Ele estava conosco no dia em que levamos Evangeline para almoçar, lembra? Por isso foi ele que ligou para te contar que Evangeline estava cochichando com um policial. Coincidência interessante, não acha? Ele preparou tudo. Jogou Evangeline aos lobos e, quando ela praticamente cuspiu na cara do policial e se recusou a falar qualquer coisa, eles usaram o plano B.

O estômago de Drake se revolia violentamente. O suor umedeceu sua testa e ele limpou as palmas das mãos nas calças várias vezes. Meu Deus do céu! O que tinha feito, o que ele tinha *feito*?

— O plano B — Zander prosseguiu — era que Hatcher continuasse dando informações aos policiais enquanto preparava aquela operação armada para implicar Evangeline. Assim Hatcher poderia seguir sendo informante deles sem levantar suspeitas. Me diga, Drake. Cuzões ou não, sujos ou limpos, quantos policiais teriam entregado um informante daquele jeito em uma batida? E depois deixá-la para morrer nas mãos das pessoas que traiu? Puta merda, homem, use seu maldito cérebro. Havia algo de podre naquela noite inteira e você foi o único que não percebeu.

Drake se levantou, de pé sobre a escrivaninha, o olhar fixo em Hatcher, que ainda estava de joelhos à sua frente, no chão.

— *Você* armou para Evangeline, seu monte de merda inútil?

Hatcher permaneceu calado como uma pedra, com o olhar fixo em outro ponto, focado em algum objeto distante, a mandíbula apertada, as feições inquietas.

Drake ficou pálido quando se lembrou de outra pessoa de joelhos, apenas quatro noites atrás. Evangeline. Seus soluços. Seu apelo. Ela implorando a ele que a ouvisse. Que lhe desse uma chance. Que por favor acreditasse nela. Que ela sempre acreditara nele, então por que ele não poderia fazer o mesmo por ela?

Oh Deus, ele tinha falhado com ela na primeira oportunidade que apareceu depois que ela o perdoara pelas coisas indizíveis que ele tinha feito naquela noite horrível em seu apartamento.

Seus joelhos se dobraram com a dor que o consumia. Arrependimento, tanto arrependimento dentro de Drake, que ele começou a se afogar nisso. Jogou-se de volta na cadeira e enterrou o rosto nas mãos.

— O que eu fiz? Oh Deus, *o que eu fiz?* — ele perguntou em uma voz crua, tortuosa, cheia de sofrimento. Sua garganta latejava. Seu coração fora destruído por ele.

Só conseguia pensar em Evangeline de joelhos naquela mesma sala, implorando, de novo e de novo.

Por favor, me escute.

— Ela nunca vai me perdoar, e não mereço mesmo que ela me perdoe — ele gemeu, em uma voz arrasada pela dor e pela... culpa.

— O que quer que seja feito com esse merda? — Maddox perguntou, baixinho.

Drake se focou no traidor. Mas, pior do que trair seus próprios irmãos, os homens com quem trabalhava e a quem tinha prometido lealdade, o filho da puta tinha traído a mulher de Drake. Evangeline, que era completamente inocente, a única inocente entre eles. E Hatcher a tinha usado sem o menor remorso para promover sua própria ganância e ambição. Drake não dava a mínima para saber quais eram seus motivos. Não naquele momento. E nem nunca.

— Livrem-se dele — ele disse, para Silas. — Certifique-se de que ele receba, em alto e bom som, a mensagem sobre o que fazemos com traidores.

Pela primeira vez, Hatcher parecia assustado, e Drake não podia culpá-lo. Em seus melhores dias, Silas era um filho da puta medonho e durão. Mas ele e Evangeline eram próximos. Silas tinha um lugar especial para ela em seu coração, e não teria a menor piedade na mensagem que enviaria a Hatcher — e a qualquer um que pensasse em entregar seus irmãos.

— Tire ele daqui — Drake ordenou, fazendo um gesto para que Maddox cuidasse daquilo. — Preciso falar primeiro com Silas.

— E Evangeline? — Justice perguntou, com os braços cruzados sobre o peito. — Juro por Deus, Drake, se fôder seu lance com ela de novo, não vou mais ficar parado. Você a abandonou, mas eu vou tratá-la com o respeito que merece e ela nunca mais na vida terá que se preocupar com porra nenhuma.

Drake suspirou, exausto.

— Tem razão, Justice. Já entendi o recado. Acredite, eu sei. Fodi com tudo. Já estava descobrindo isso sozinho antes que chegassem com aquele merda do Hatcher. Cinco minutos mais e não teriam me encontrado aqui porque eu teria sido ido atrás dela. Sei que fui um imbecil e que todos a apoiaram quando eu não a apoiei. Lamento mais do que imaginam. É algo pelo que vou pagar pelo resto da porra da minha vida.

— Se poupe e nos poupe, cara — Maddox ralhou, rígido. — Está se desculando com as pessoas erradas. Nenhum de nós é Evangeline, e é a ela que você precisa pedir perdão de joelhos.

Drake engoliu em seco.

— Se é o que é preciso para tê-la de volta, vou ficar de joelhos para sempre.

— Agora isso eu pago para ver — Zander disse. — Vamos, Maddox. Vamos levar o lixo para fora, enquanto o chefe conversa com Silas — embora eu também pagasse para ouvir essa conversa aí.

Imagine, o grande Silas atuando como um terapeuta de relacionamentos.

Se olhares pudessem matar, Zander teria morrido ali mesmo com o calor da fulminante bronca silenciosa de Silas. Aquele olhar já tinha feito muitos homens crescidos molharem as calças.

— Sugiro que dê o fora daqui antes que eu mude de ideia sobre quem vai receber minha mensagem — Silas disse, em um tom gélido calculado para congelar as bolas de um homem. A julgar pelo desconforto no rosto de seus homens, Drake percebeu que o olhar tinha mais do que atingido seu objetivo.

Assim que os outros se retiraram, Drake virou-se em desespero para Silas, seus olhos tão vazios quanto seu coração com certeza estava.

— Preciso encontrá-la, Silas. Você e eu sabemos que não mereço uma terceira chance. Não depois de foder tudo com ela duas vezes, mas preciso tentar. Não vou simplesmente desistir ou mesmo deixá-la escapar, embora eu a tenha jogado fora.

Uma trilha ácida abria caminho em sua garganta e em seu estômago, deixando um rastro que passava por todos os seus órgãos vitais e chegava até a sua alma, enegrecida e perdida.

— Não consigo viver sem ela — Drake disse, sombrio. — Os últimos três dias foram um inferno. Esta manhã eu disse a mim mesmo que não me importava se ela tinha me traído ou não. Estava disposto a fazer qualquer coisa para tê-la de volta e prometer qualquer coisa para fazer isso acontecer. Ainda que significasse me endireitar.

Silas pareceu debater consigo mesmo por vários longos momentos. Uma vida inteira para Drake, que ficou lá, quase sem conseguir respirar com a dor que o sufocava.

Por fim, Silas ergueu para Drake um olhar impossível de não entender. Era a expressão mais grave, mais séria de Silas, que dizia que não estava de brincadeira e que acabaria com ele se não prestasse atenção às suas palavras.

— Se estragar tudo mais uma vez, Drake, não será você nem Justice que vão agir e ficar com Evangeline. Entendeu? Estarei lá para

ela para qualquer coisa que precise, por quanto tempo precisar, e vou dar a porra da lua para ela. Não deveria me dar ao trabalho de te falar essas merdas. E com certeza não deveria te ajudar. E se não fosse pelo fato de Evangeline estar sofrendo tanto quanto você, eu mandaria você se foder e te deixaria apodrecer no sofrimento que você mesmo criou.

Aquelas palavras acertaram Drake em cheio, e ele estremeceu com todas e cada uma delas.

— Ela está no apartamento ao lado do meu — Silas disse, enfim. — O da direita. Não faça mais nenhuma merda, Drake. Esse é o único aviso que você vai receber.

— Eu agradeço. Obrigado por amparar Evangeline e por ter cuidado dela depois de tudo o que eu fiz. Ela precisa de pessoas como você em sua vida. Para salvá-la de pessoas como eu — ele disse, desolado.

— Aqui está a chave extra — disse Silas, jogando-a sobre a mesa para Drake. — Espero ser o padrinho desse casamento, se é que ela ainda vai querer se casar com você.

— Eu não aceitaria outro padrinho — Drake disse, suavemente. — Nem ela.

Silas deu a ele um esboço de sorriso, indo em direção ao elevador.

— Seja bom para ela.

— Eu serei — Drake murmurou, fechando os olhos.

Deus, me dê apenas mais uma chance de fazê-la feliz e juro que nunca mais vou decepcioná-la.

DRAKE ENTROU NO PRÉDIO DE SILAS com o suor molhando sua camisa, apesar da temperatura fria lá fora. Poucas coisas realmente o assustavam. Não havia nada que ele temesse, nem mesmo a morte. A morte era apenas o meio para um fim. O fim de um passeio bonito, longo ou... Um atalho tomado em uma situação inesperada que deu errado.

Mas a perspectiva de perder Evangeline para sempre?

Dava *medo* para caralho.

As mãos dele tremiam quando ele saiu do elevador no último andar, e cada passo em direção à porta no fim do corredor parecia levar um quilômetro. Ele pensou em bater — e não bater o tornaria um babaca completo — mas se anunciasse sua chegada calmamente, tinha quase certeza que ela não o deixaria entrar.

Seria menos babaca se batesse antes e, então, se ela não atendesse, usasse a chave que Silas lhe dera? Não conseguia se lembrar se os apartamentos em seus prédios tinham trancas. Certamente tinham. Silas não era um daqueles proprietários idiotas que não cuidavam dos inquilinos. Mas também estava começando a reforma no último andar, então poderia ou não haver trancas ali.

De qualquer forma, ia bater e esperar para não matá-la de susto. Depois disso? Bem, daria um passo de cada vez.

Parou na frente da porta e colocou sua palma contra a superfície de madeira. Então, inclinou-se para pressionar sua testa contra ela também.

— Por favor, fale comigo, Evangeline — ele sussurrou. — Por favor, seja a mulher maravilhosa, generosa e amorosa que sempre foi e me dê a chance que te recusei. Não mereço, mas estou te implorando, como você me implorou.

Teve que parar porque se odiava mais a cada palavra que saía de sua boca. Endireitando-se, bateu na porta e esperou, segurando a respiração, cada segundo que passava era uma eternidade.

Seu coração se apertou quando ele bateu de novo e não obteve resposta. Evangeline estaria dormindo? Silas tinha dito que ela estava desamparada. Magoada. Tinha até ligado para Drake, que já estava a caminho, para contar que precisara dar a Evangeline um remédio por causa de uma dor de cabeça horrível que ela vinha sofrendo. Outro pecado para manchar ainda mais sua alma já enegrecida.

Preocupado que ela estivesse passando mal, Drake hesitou apenas uma fração de segundo antes de pegar a chave reserva e inseri-la na fechadura. Uma onda de ar soprou sobre seu rosto quando a porta se abriu, sem estar bloqueada por nenhuma outra tranca. Entrou e chamou baixinho.

— Evangeline? Angel, querida, sou eu, Drake. Você está aqui?

Silêncio foi a única resposta que teve. Entrou mais um pouco, só para ver como os apartamentos de Silas eram impecáveis. Não havia uma única pista que denotasse a presença de Evangeline ali. Então outra onda de autocondenação explodiu sobre ele. Claro que não parecia que alguém esteve ali. Ele tinha tirado tudo dela. Todas as suas roupas e suas posses. Ele tinha descartado Evangeline com uma mão na frente e a outra atrás.

Passou apressadamente pelo pequeno apartamento, com uma sensação de mal-estar embrulhando seu estômago quando não encontrou nada. Era como se ela nunca tivesse sequer pisado no lugar. E isso era improvável?

Na cozinha, enfim, viu o bilhete afixado na geladeira. Ele se apressou e o arrancou de lá, para ler a mensagem cuidadosamente escrita. Era endereçada a Silas e Maddox.

Muito obrigada por tudo, a vocês dois. Decidi não ficar mais na cidade. Seria doloroso demais para mim permanecer aqui, com tantas lembranças. Vocês são, sem dúvida, a melhor lembrança que levo de Nova York.

Amor sempre, Evangeline Drake amassou o bilhete e percorreu de novo o apartamento, sem saber o que procurava. Alguma pista sobre aonde ela poderia ter ido?

No banheiro, encontrou o primeiro sinal de que alguém estivera ali há pouco tempo. Apenas um lenço de papel, amassado e parecendo encharcado, embora estivesse seco.

Teria Evangeline chorado ali e usado o lencinho para limpar as lágrimas?

Ele fechou os olhos e inalou bruscamente para evitar que suas próprias lágrimas caíssem. Tomou um susto quando seu celular tocou e o pegou automaticamente, com a intenção de desligá-lo, até que viu quem estava ligando. Seu pulso se acelerou na mesma hora em que viu o nome da mãe de Evangeline na pequena tela.

— Brenda, como vai? — ele a cumprimentou. Como se não houvesse nada de errado. Como se seu mundo inteiro não tivesse desmoronado.

Ela fungou e houve o som de um fraco soluço enquanto ela falava.

— Drake? Evangeline está com você?

Drake congelou, seu sangue se transformou em gelo em suas veias.

— Não — ele respondeu, devagar. — Não está. Tinha a esperança de que você pudesse me dizer onde encontrá-la.

— Ela estava vindo para cá! — Brenda gritou. — Ela me ligou esta manhã para dizer que pegaria um voo no fim do dia e tinha que ter

chegado aqui meia hora atrás! Ela não estava no avião. Ela não entrou no avião. O que aconteceu com a minha filha?

— Vou descobrir, Brenda. Juro para você que vou encontrá-la. Sabe de alguma informação que possa ajudar?

— Você me prometeu — Brenda disse. — Jurou que protegeria e cuidaria do meu bebê, mas quando ela me ligou, deveria ter ouvido como ela estava triste. Estava com o coração partido! Ela disse que vocês dois tinham terminado e que estava voltando para casa. Como ela não embarcou, achei que talvez tivessem se reconciliado.

— Brenda, me escute — Drake disse, gravidade em seu tom. — Fiz uma coisa terrível para sua filha. Não confiei nela como deveria. Por isso, tivemos uma discussão e, sim, terminamos. Mas eu estava a caminho do lugar onde ela estava ficando para pedir desculpas e implorar seu perdão. Ela não fez nada de errado, além de ter absoluta fé e confiança em mim, ainda que eu não estivesse retribuindo.

A emoção estreitou sua garganta, tornando seu discurso tão grosso que era um milagre que ela conseguisse entendê-lo. Soava confuso até para ele mesmo.

— Você a ama? — Brenda perguntou, em um tom acusador. — Porque se não, deixe ela ir embora, Drake. Não importa o quanto ela esteja sofrendo agora, só vai doer ainda mais se ela se envolver profundamente com você ou mesmo se vocês se casarem.

— Eu a amo com tudo o que sou, tudo que vou ser e tudo o que tenho. Tudo pertence a ela. Meu coração, minha alma, minha vida. Se ela me aceitar, passarei o resto da minha vida provando isso a ela.

Houve um silêncio prolongado e, em seguida, Brenda enfim falou novamente, parecendo um pouco mais calma do que no começo.

— Encontre minha filha, Drake. E, quando encontrá-la, quero falar com ela. Estou doente de preocupação e o pai dela também. Por favor, encontre-a e avise a gente que ela está a salvo.

— Eu vou — ele jurou, e desligou o telefone para enfiá-lo de volta em seu bolso. — Oh, Deus. Onde você está, Angel? — ele se perguntou, angustiado.

Pegou de novo o telefone no bolso, afastando-se da pia para ligar para Silas e perguntar se sabia do paradeiro de Evangeline, quando, com o canto dos olhos, viu algo diferente na lata de lixo. Ficou paralisado, todo o ar deixou seu corpo em uma expulsão perversa. Começou a tremer violentamente, o olhar fixo, o corpo incapaz de se mover por causa do medo paralisante. Não podia ser. Podia?

Vencendo a paralisia que tomava todo o seu corpo, Drake pegou o teste de gravidez na lixeira para checar o resultado. Seus joelhos travaram e, em seguida, se dobraram na mesma hora, fazendo-o perder o equilíbrio. Estava fraco, mas ainda havia um sinal rosa pálido do resultado positivo.

Evangeline estava grávida?

Sentiu um pavor imenso, tão duro e tão cruel que precisou se apoiar no balcão. Ele tinha sido um canalha. Tinha dito coisas horríveis. Feito coisas horríveis. Evangeline estava sozinha, desesperada, sem dinheiro, sem lugar para morar. Isso não dava muita alternativa a uma mãe solteira. Mas com certeza ela não ia...

Sacudiu a cabeça, irritado consigo mesmo por fazer tais suposições quando, vez após vez, ela tinha se provado confiável e leal. Não havia a menor chance de que ela abortasse seu filho. Tinha visto o olhar no rosto dela quando lhe contou que sua mãe queria abortá-lo e teria feito isso não fossem os benefícios dados pelo governo para quem tem filhos.

Mas Evangeline estava desaparecida. De acordo com a mãe dela, já deveria ter desembarcado e estar a caminho, e em segurança, da casa de seus pais.

Precisava convocar sua tropa. Rápido. Tinha que colocar todo mundo na rua, explorar todas as opções, cobrar cada favor que lhe deviam. E precisava deixar bem claro que se Evangeline fosse machucada, iria perseguir e destruir qualquer um que fosse o responsável, ou mesmo que tivesse apenas sido conivente com a situação. Também daria uma grande recompensa em dinheiro a qualquer pessoa que a devolvesse em segurança.

Pegou o telefone e começou a ligar antes mesmo de sair do apartamento, dirigindo-se, apressado, para o de Silas. Tinha a chave da porta. Talvez Evangeline tivesse ido para lá. Silas lhe contou que ela dormiu ali na primeira noite.

Entrou, frustrado por não ter conseguido falar com Silas pelo telefone. Gritou o nome de Evangeline e foi de cômodo em cômodo, sem sucesso.

Seria mais lógico que ficasse ali, supostamente o último lugar a que Evangeline tinha ido antes de partir para o aeroporto mais cedo. Mandaria avisar a todos os seus homens que passassem na casa de Silas. Digitou a ordem para que se encontrassem ali e, então, as últimas palavras de sua mensagem, que saíram com uma dor que tocava no fundo da alma.

Corram.

Evangeline talvez não tenha muito tempo.

— EVANGELINE ESTÁ DESAPARECIDA — Drake anunciou quando todos os seus homens se reuniram no apartamento de Silas.

Houve um coro retumbante de “que merda é essa” e exigências em saber o que diabos tinha acontecido. Drake levantou a mão pedindo silêncio, a expressão sombria, determinação ardendo em seus olhos.

— Até onde se sabe, este foi o último lugar onde ela teve contato com alguém. Ela ligou para a mãe do apartamento de Silas esta manhã para dizer que pegaria um voo e chegaria lá hoje, depois das seis. Mas nunca pegou esse voo — Drake explicou, sombrio.

Outra rodada de xingamentos cortou o ar e Silas e Maddox trocaram olhares de desamparo e fúria.

— Não deveria ter saído de perto dela — Silas disse, cheio de pesar.

Drake fez um gesto para que Silas não pensasse daquela forma.

— Há outra coisa que precisam saber — Drake prosseguiu. Ele levantou o teste de gravidez e observou os olhos de seus homens se transformarem com o choque.

— Ela está grávida. Do meu filho — ele acrescentou, sem necessidade. — Deve ter feito esse teste essa manhã. Antes de ligar para a mãe. Deve ter sido por isso que ela quis ir embora.

— Então o que diabos aconteceu com ela? — Maddox perguntou, com os punhos apertados. — Se ela ligou para a mãe e disse que

estaria em um determinado voo, com certeza pretendia pegar esse voo. Não ia preocupar os pais desse jeito.

— Eu sei — Drake concordou, baixinho. — O que significa que deve haver uma boa razão para ela não ter pego esse voo.

O medo e a incerteza estavam nítidos nos rostos dos homens enquanto todos trocavam olhares.

— Vou checar as imagens das câmeras de segurança desde hoje cedo, quando a vi pela última vez — Silas disse, preocupado. — É um pouco improvável, mas, se alguma coisa aconteceu com ela aqui, as câmeras registraram. Se não...

Drake não consideraria nenhuma outra alternativa. Sem um ponto de partida sólido, não havia como saber onde Evangeline poderia estar. Seus inimigos eram muitos e qualquer um poderia ter tentado atacar Drake no ponto em que era mais vulnerável. Ninguém teve tempo de descobrir que ele e Evangeline haviam terminado, ou que ela não significava nada para ele. Isto é, que aparentemente ela não significava nada para ele. Porque, na verdade, ela era tudo...

— Faça isso — Drake ordenou. — Não temos muito tempo. Cada minuto que passa sem encontrá-la...

Ele parou, recusando-se a dar voz às possibilidades.

— Não é vantagem para ninguém matá-la — Justice ponderou, com um tom de incerteza em sua voz, como se estivesse tentando convencer a si mesmo. — Ninguém que tenha ao menos metade de um cérebro a mataria. Se ela foi sequestrada, será usada para extorquir algo de você, Drake. Dinheiro. Poder. Proteção.

Mas um fato pesava sobre o grupo, um que Drake sabia que estava na frente e no centro de seus pensamentos. Dinheiro era a única possibilidade porque Drake nunca protegeria ou formaria uma parceria com qualquer pessoa que tivesse assustado Evangeline ou colocado as mãos nela. Sequestrá-la seria uma missão suicida.

Silas mexia em seu computador na sala de estar, digitando uma série de comandos. Depois de alguns instantes, chamou Drake. Apontou para a tela, que estava dividida em imagens de seis câmeras diferentes.

— Aqui foi quando eu saí hoje de manhã e Evangeline ainda estava no apartamento — ele disse. — Se notarmos alguma coisa, poderemos aproximar a câmera que a filmou e seguir seu progresso até o fim do quarteirão. Tenho câmeras ao redor de todo o perímetro do prédio, e também nas duas direções da rua.

Drake assistiu à filmagem em silêncio; viram a gravação de Silas entrando no carro e, então, avançaram a hora seguinte de vídeo, que não registrou nenhuma atividade. Nenhum sinal de Evangeline.

— Lá está ela — Silas disse de repente, dando zoom na câmera do corredor ao lado de fora do apartamento dela.

Ela carregava apenas uma mala pequena. Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo e ela estava pálida, a angústia evidente em suas feições. Eles a viram saindo do elevador e deixando o prédio apressadamente, onde a câmera de rua a filmou.

Na entrada do prédio, ela hesitou, olhando para os dois lados da rua. Em seguida, começou a caminhar para a direita, até a esquina. Teria chamado um táxi? Se Silas conseguisse ver qualquer coisa que identificasse o veículo que a apanhara, poderiam ir atrás do motorista e descobrir onde a deixara. Silas começou a xingar e Drake se concentrou na filmagem.

Evangeline estava quase no fim da rua quando um sedã escuro parou abruptamente ao lado dela, derrapando como se estivesse trafegando em alta velocidade. Com cuidado, Evangeline recuou e começou a contornar o veículo, quando um homem pulou do assento traseiro e foi para cima dela.

Ela se debateu, desesperada, e o sangue de Drake congelou quando viu o homem bater na cabeça dela com o cabo da pistola. Ela desmaiou e o homem praticamente a atirou no banco de trás antes de arrancar de novo com o veículo.

Tudo tinha levado poucos segundos mas as imagens ficaram rodando em câmera lenta na cabeça de Drake. Cada maldito minuto do medo de Evangeline, da sua luta e do golpe que levava antes de ser raptada.

— Filho da puta! — Maddox vociferou. — Vamos, Silas. Faça sua mágica. Quero aquele filho da puta e quero ele agora.

Drake baixou a cabeça sobre o ombro de Silas e, com uma voz fria, disse: — Não me importa o que for necessário, quem você vai ter que explodir, o que terá que invadir. Descubra quem diabos a levou. Caralho! Faz horas que ela está nas mãos deles.

— Me dê cinco minutos — disse Silas, o olhar fixo no monitor, as mãos trabalhando rapidamente sobre o teclado enquanto ampliava a imagem do carro.

Drake fechou os olhos, o estômago se revirando. O pavor tomava conta dele, apertando seu coração, implacável. O instinto frio de predador se instalou nele. Queria matar. A sede de sangue crescia dentro de Drake, implorando para ser saciada, para que ele pudesse trucidar o canalha que tinha machucado Evangeline. E o filho dele.

Meu Deus, permita que meu filho fique bem. Que os dois fiquem bem. E, então, fez algo que jamais pensou que seria capaz de fazer.

Ele rezou.

Se somente um puder ser salvo, que seja Evangeline. Quero os dois, mas, meu Deus, haverá outros filhos. Nunca haverá outra Evangeline.

— Peguei! — Silas exclamou, com fúria. — Puta que me pariu, caralho! É o Charlie McDuff.

Os outros soltaram uma torrente de palavras sujas.

— McDuff? — Drake perguntou, incrédulo. — Esse canalha filho da puta? — Então, seus olhos se estreitaram. — Acha que o pai dele tem participação nisso? Acho difícil acreditar que ele tenha colhão para fazer isso sozinho. Ou ele é muito burro ou está muito desesperado.

Silas sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum, cara. O pai dele tem um cérebro de verdade. Tirou Charlie dos negócios da família há muito tempo. Ele era muito instável e muito esquentado. E burro feito uma porta. Aposto que fez isso para provar ao papai e ao resto do mundo que é o cara. Está desesperado. Provavelmente vai querer dinheiro e um cargo na sua organização. Quando Brian o despediu, despediu para valer. Mandou o

moleque conseguir um trabalho, porque não iria mais sustentá-lo. Pior, a mamãe não interveio como normalmente fazia. E ele é um filhinho de mamãe. Em geral, quando o velho ficava chateado, a mamãe vinha, acalmava os ânimos e pedia ao velho para dar mais uma chance ao “bebê”. Mas dizem que até ela ficou chateada com a última cagada dele e não quis mais saber do Charlie, assim como o papai. Então, aposto que isso é desespero. Bom, é muita burrice também, mas é principalmente desespero.

— Jesus — Drake murmurou.

Precisou de alguns instantes para organizar os pensamentos, embora o terror estivesse devorando suas entranhas. Homens desesperados tomavam medidas desesperadas e eram altamente imprevisíveis. Então, Drake ergueu o olhar para Silas e seus homens.

— Coloque o velho na linha para mim. Ele precisa saber que serei piedoso se ele não tiver nada a ver com a última cagada do filho. Se puder me ajudar a encontrar o imbecil, serei ainda mais compreensivo. O que importa é achar Evangeline e trazê-la de volta. Mas, se ele estiver envolvido, se não cooperar plenamente, então toda a família será culpada pelo sequestro de Evangeline.

Silas fez que sim com a cabeça.

— Sabe que Charlie trabalhou para os Luconi por um tempo — Maddox interveio. — Há cerca de um ano. Mais uma de suas tentativas de provar que ele é o cara e que dá conta do recado.

— Aonde você quer chegar? — Drake perguntou, impaciente.

— Charlie passou um bom tempo com eles — Maddox prosseguiu, tão impaciente quanto Drake. — Os Luconi conhecem os hábitos dele, ou pelo menos deveriam conhecer. E os Luconi foram atrás de você, pedindo apoio para derrubar os Vanucci. Para conseguir seu apoio, eles certamente fariam tudo o que você quisesse. Faça um acordo do tipo encontrem-na-ou-não-terão-merda-nenhuma. Se eles te ajudarem a encontrar Evangeline, terão seu apoio. Do contrário, estarão sozinhos. É nisso que estou querendo chegar.

Drake encarou Maddox por um longo momento, absorvendo as implicações do que ele estava sugerindo. Se os Luconi pudessem

ajudá-lo a encontrar Evangeline, valia a pena. Até apoiaria a derrubada dos Vanucci, em vez de seguir com o plano de colocar uma organização contra a outra e assistir de camarote enquanto as duas desmoronavam e caíam.

Cristo, mas aquilo era enorme. Aumentava o risco, não só para ele e Evangeline, mas para todos os seus homens também. Eles se tornariam alvo dos Vanucci, assim como de qualquer um que os apoiasse.

— Tem noção do que está dizendo? — Drake perguntou a Maddox. — Todos têm noção do que ele está dizendo?

— Sim — Zander confirmou. — E você? Está disposto a assumir esse risco?

— Como não, se isso pode me trazer Evangeline de volta? — Drake perguntou, rouco.

— Então eu diria que você já sabe a resposta — Jax concluiu.

Um por um, seus outros homens declararam estar de acordo. E que aceitavam o risco. Drake concentrou seu olhar em Maddox.

— Você faz a ligação. Tenho de falar com o McDuff. Certifique-se de que não haja acordo nenhum a não ser que eles me tragam Evangeline. *Viva*.

— VOCÊS TÊM CERTEZA DE QUE PODEMOS confiar nos Luconi? — Drake perguntou, consternado, enquanto ele e seus homens se posicionavam diante de um dos açougues dos McDuff. Era bem conveniente que os McDuff tivessem vários açougues como um “negócio de família”, uma vez que eles eram pouco mais do que açougueiros mesmo.

Maddox deu de ombros ao lado de Drake. Maddox e Silas insistiram em se posicionar com Drake, mais para controlá-lo e não deixar que ele perdesse a calma que por uma necessidade real de ajuda. Os outros homens estavam em pares e, surpreendentemente, o mais velho dos Luconi e líder da família tinha enviado vários de seus homens para ajudar Drake na queda de Charlie McDuff.

— Eles estão muito interessados em derrubar o Charlie — Maddox respondeu, enquanto esperavam o sinal para atacarem. — A ocasião é perfeita, não que houvesse algum momento ideal para Evangeline ser sequestrada.

O rosto de Maddox se contorceu em uma carranca escurecida, os olhos tremulando de fúria antes de continuar.

— Acontece que os Vanucci atacaram os Luconi uma semana atrás, e os Luconi querem sangue. Com razão.

Drake e Silas viraram-se para Maddox, em dúvida. Maddox suspirou.

— O negócio foi bem feio e, bem, depois de saber daquilo, não estou nem um pouco triste de estar apoiando os Luconi na tomada do Vanucci para sempre. Os Luconi podem não ser santos, mas, que eu saiba, não fazem aquele tipo de merda. Eles têm um código de conduta, que exclui mulheres e crianças, por exemplo. O mundo não sentirá nenhuma falta dessa porra desses Vanucci. Eles são a escória da humanidade.

— Me conta — Drake bradou.

— Jacques Vanucci atacou a neta mais velha de Luconi. A garota tinha apenas 20 anos. Era jovem, inocente e muito bonita. Os Luconi não são totalmente canalhas. Eles protegem suas mulheres. Elas não sabem de seus negócios. As mulheres daquela família são muito bem cuidadas e protegidas por cada integrante masculino.

Porra! Maddox se referia à neta de Luconi no passado. Drake não tinha um bom pressentimento sobre aquilo.

Maddox suspirou e continuou.

— Não foi bonito. Ele cantou e cortejou a menina por meses. Fez de tudo para ser um *Romeu e Julieta* dos dias atuais. Duas pessoas, proibidas uma para a outra por serem de famílias rivais. Falou um monte de ladainha de merda para a menina, que estava apaixonado, que queria se casar, que a levaria para longe de ambas as famílias para que pudessem viver uma vida feliz. Ele tem muita grana e prometeu que ela nunca passaria necessidade, que daria de tudo para ela e os filhos que tivessem. No início, a garota resistiu. Queria terminar a escola e fazer faculdade, mas o canalha era persistente. Até que ela cedeu, deixou um bilhete para os pais descrevendo toda a história sórdida e foi encontrar o namorado.

Maddox balançou a cabeça.

— Vocês podem adivinhar o resto. Ele a estuprou. E depois deixou seus homens a estuprarem várias vezes. Gravou toda essa porra repugnante e, no final, ele a matou. Em seguida, mandou o vídeo para o mais velho dos Luconi com uma mensagem dizendo que nenhum deles estava a salvo, homem, mulher ou criança. Luconi declarou guerra, e estava extremamente ansioso para ter você como aliado. De

início, ficou surpreso que estivesse tentando recuperar Evangeline. Por causa daquele show que você deu antes, ele acreditou que ela não significava nada para você. Mas, quando eu contei que tinham sequestrado uma mulher grávida, ele ficou muito puto. Todo mundo sabe que mulheres grávidas são um dos pontos mais sensíveis do velho. E ele odeia Charlie McDuff, disse que ele era uma semente ruim. Que gosta demais de violência e odeia mulheres. Dada a forma como os Luconi se preocupam com suas mulheres, posso imaginar por que ele não durou muito tempo trabalhando para eles. O velho me contou que ele estava prestes a ser dispensado quando tentou encurralar a neta dele, de 16 anos. Estou surpreso que Charlie já não esteja bem debaixo da terra, para ser sincero. Acho que só porque os Luconi não quiseram arriscar uma guerra definitiva com os McDuff, dada sua iminente guerra com os Vanucci, Charlie ainda está entre nós. Mas, pelo que ouvi, ele ficou meses sem aparecer em público depois da surra que levou por mexer com a neta do velho.

Drake contorceu a boca em desgosto.

— Meu Deus... — ele sussurrou. — E Evangeline está bem no meio dessa merda dessa bagunça. Uma inocente no meio de uma guerra de facções, e nas mãos de McDuff, enquanto estamos aqui, falando! — Ele bateu no painel, uma sensação de impotência rasgando-o por dentro.

— O que estamos esperando? — Ele gemeu. — Cada minuto que estamos aqui de braços cruzados é outro que ela passa nas garras dele.

— Fique frio — Silas murmurou. — Você sabe que temos que agir com cautela, cara. Um erro e Evangeline paga com a própria vida. McDuff é um louco de merda, altamente instável. Se ele sequer *imaginar* que as coisas não estão saindo como planejou, vai matá-la. A essa altura, ele não tem nada a perder.

O telefone de Drake tocou e ele ficou tenso. Estavam esperando que Charlie ligasse. Drake esperava que ele tivesse feito contato horas atrás com suas exigências. Cada minuto que passava e Drake não tinha notícias fazia seu coração se apertar um pouco mais. Por que estava

demorando tanto? Será que aproveitou esse tempo para abusar de Evangeline antes de ligar para Drake com suas exigências?

Drake não reconhecia o número e, normalmente, ele deixava esse tipo de chamada cair na caixa postal e, se fosse o caso, retornava mais tarde. Mas atendeu no segundo toque, com um conciso “Donovan”.

— Drake Donovan — Charlie McDuff disse, petulante. — Acredito que tenho algo que pertence a você.

— Sim, você tem — Drake disse, suave. Perigosamente suave.

Charlie obviamente percebeu essa nota na voz de Drake, pois não soou tão presunçoso ou confiante quando falou em seguida. Havia um tom agudo em sua voz, que revelava seu nervosismo. E instabilidade, e era isso o que preocupava Drake. Isso o assustava e ele sabia que tinha que agir com muito cuidado, para não dar ao homem nenhuma razão para machucar ou matar Evangeline.

— Se algum dia quiser vê-la viva de novo, vai fazer exatamente o que eu disser. Tem duas horas para concluir a transação, nem um minuto a mais.

— O que você quer? — Drake cortou.

— Vinte milhões não devem ser nada para um homem com seus recursos — Charlie disse, e pareceu mais confiante ao mencionar a quantia. — Estou sendo muito generoso. Sei que você poderia pagar muito mais e nem ia sentir a perda. Mas eu tenho bom senso. Mando uma mensagem com as instruções e o número da conta. Como disse, se o dinheiro não estiver direitinho na minha conta nas próximas duas horas, sua mulher está morta. Mas não antes que eu possa ter um gostinho dela. Ela é bem bonita, mas eu não esperava nada menos de você, Donovan.

— Deixe-me esclarecer uma coisa, Charlie — Drake disse, sem fazer qualquer esforço para disfarçar o ódio por aquele verme. — Você conhece minha reputação. Sabe que eu não sou de brincadeira. Sabe que quando faço uma promessa, morro antes de não cumpri-la. Então, escute bem: se tocar em Evangeline, se machucá-la, assustá-la, se ela tiver qualquer hematoma ou até mesmo um arranhão quando voltar para mim, você é um homem morto. Coloque *isso* no banco.

Houve uma longa pausa.

— Apenas garanta que o dinheiro seja transferido e não terá que se preocupar com o estado da mulher.

Então, a linha ficou muda. Poucos segundos após o término da chamada, um alerta sonoro chamou a atenção de Drake para a mensagem com o número da conta.

Drake queria o sangue de McDuff. O homem ia morrer, mesmo que Drake fizesse parecer que o deixaria em paz se Evangeline fosse libertada em segurança. No minuto em que tocou o que pertencia a Drake, tinha assinado sua sentença de morte.

— Temos duas horas, mas não confio naquele canalha — Drake disse, entredentes. — Me recuso a deixá-la lá por mais um minuto sequer. Ele não sabe que estamos aqui. Acha que estou numa sangria desatada para pagar o resgate, bem longe do Brooklyn e de seu açougue de merda. Não vou esperar nem mais um segundo. Com ou sem vocês, estou entrando.

— E assinar o atestado de óbito de Evangeline? — O olhar cortante de Silas atravessou Drake. Seu homem forte estava ardendo de raiva, cada músculo em seu corpo em prontidão, como uma cobra mortal pronta para atacar.

— Estamos quase em posição — Maddox disse, segurando a mão sobre o fone de ouvido para ouvir mais claramente. — Vamos. Precisamos encontrar o melhor caminho por esse lado. Os outros estão tomando suas posições agora. Jax fez o reconhecimento para a gente saber contra o que vamos lutar.

— Ele conseguiu localizar Evangeline? — Drake perguntou. — Ele a viu? Ela está bem?

— McDuff a amarrou em uma cadeira na câmara em que as carnes ficam penduradas, na parte de trás. Disse que ela estava bem, mas morrendo de medo e de frio. O filho da puta a colocou na câmara fria e fica dizendo que a levou para lá porque, com os moedores de ossos, ninguém vai conseguir encontrar qualquer sinal do seu corpo. Que ele vai cortá-la em pedacinhos e dar para os urubus.

— Ele vai morrer — Drake disse, em uma voz quase baixa demais para ser ouvida.

— Ah, se vai — Maddox jurou.

Os homens saíram do carro. Drake ficou grato pela proteção que o escuro da noite lhes proporcionava enquanto se esgueiravam pelas sombras dos edifícios. Havia uma janela que, se o reconhecimento que tinham feito das especificações do prédio estivesse correto, ficava próxima da câmara frigorífica onde os cortes de carne ficavam pendurados. E onde Evangeline estava sendo mantida.

A janela era alta, então Silas deu um passo para trás e, em seguida, correu até a parede e deu um salto, enganchando os dedos na borda da janela antes de, com muita habilidade, erguer o corpo e se agarrar à janela. Trabalhou ali por alguns instantes até conseguir deslizá-la para cima, com um estalo alto.

Ele parou, assim como Maddox e Drake, e esperou vários longos segundos para ver se poderia ter sido descoberto. Mas ninguém apareceu e todos soltaram juntos um suspiro de alívio. Maddox falou baixinho no microfone, avisando aos demais que estavam entrando e deu o comando para que fizessem o mesmo.

A ideia era cercar a câmara frigorífica e planejar o melhor método de ataque, um que assegurasse que *nenhum* dano fosse causado a Evangeline e que não a colocasse no meio do fogo cruzado. Silas entrou no prédio e esperou alguns segundos para ter certeza de que não tinham sido detectados. Depois, deu o sinal para que Drake e Maddox também entrassem.

— Aqui — Maddox indicou, fazendo um degrau com as mãos para Drake subir. — Vou te dar um impulso.

Drake pôs o pé nas mãos de Maddox e, depois de contar até três, pulou. Junto com o forte impulso que Maddox lhe deu, conseguiu agarrar-se à beirada da janela.

Ele ergueu o corpo para conseguir subir e, então, Drake e Silas se inclinaram o máximo que puderam para fora da janela, as mãos estendidas para agarrar as de Maddox. Segundos depois, puxaram-no para dentro e fecharam a janela atrás de si.

Agora que estavam dentro do prédio onde Evangeline era mantida refém, Drake precisou se controlar para não invadir o outro cômodo e acabar com cada um dos canalhas ali. Cada nervo em seu corpo estava em chamas. Naquele momento, poderia encarar trinta homens e esfaquear todos com as próprias mãos.

Saíram para o corredor, alertas a qualquer movimento, qualquer coisa que pudesse entregar sua presença. Drake tinha confiança em todos os seus homens. Confiava sua vida a eles. Mas as apostas nunca tinham sido tão altas. Estavam todos lutando, não apenas pela segurança de Drake e por sua vida. Eles estavam lutando por todo o seu *mundo*.

Evangeline.

No fim do corredor, para onde Silas tinha se encaminhado sorrateiramente, houve um som abafado e, em seguida, um corpo caiu no chão sem que qualquer tiro tivesse sido disparado. Silas fez sinal para Maddox, e Maddox arrastou o corpo para dentro da sala onde ficava a janela pela qual tinham entrado.

— Vamos — Maddox disse, com gravidade. — Justice disse que as coisas estão ficando quentes no refrigerador. McDuff está chateado.

O coração de Drake se apertou, e eles se viraram e correram. Havia quatro entradas possíveis para o refrigerador, e depois de derrubar os guardas que as cercavam, Drake e seus homens agacharam-se perto das portas, examinando o número de homens fortemente armados.

Drake amaldiçoou a si mesmo quando viu que todas as armas estavam apontadas para Evangeline. McDuff estava na frente dela, provocando-a. Ela nem sequer olhava para ele. Estava pálida. Muito pálida. Seus cabelos estavam emaranhados e ele viu as marcas vermelhas na lateral da cabeça, ressaltadas pela cor loiro-dourada de seus fios.

A cabeça dela estava abaixada, o cabelo caindo sobre suas bochechas, e ela se encolhia na cadeira. Seu queixo estava encostado contra o peito, e quando Drake viu as trilhas úmidas de lágrimas em seu rosto pálido, foi como se alguém lhe enfiasse uma faca no coração.

— Peguei Drake pelas bolas agora — McDuff cantou vitória. — Ele é um otário por acreditar que eu o deixaria em paz por vinte milhões.

Pela primeira vez naquele momento, Drake viu Evangeline levantar a cabeça, embora seu olhar estivesse sem foco e cansado, olhando na direção de McDuff, mas não diretamente para ele.

— Você é que é otário — ela rebateu, em um tom monótono, sem um traço de emoção. Falou com McDuff como se ele fosse um completo idiota. E então o coração de Drake quase parou quando ela disse o resto. — Ele não se importa comigo, não vai fazer nada para me resgatar. Não vai te dar o que você quer, nem vai ceder à chantagem. Quando ele já cedeu a alguma chantagem? Você é mais burro do que eu pensava, se acha que ele vai implorar de joelhos por uma de suas prostitutas, uma que ele até já descartou depois de deixar claro que não queria mais nada com ela. Ou não recebeu esse informativo?

Sarcasmo pontuou aquelas últimas frases, e Evangeline encarou McDuff como se o desafiasse a fazer o seu pior porque o pior já havia sido feito.

Drake quis chorar pelo desamparo que ouviu — e *sentiu* — em cada palavra e na atitude dela. Incerteza surgiu no rosto de McDuff, rapidamente substituída pela raiva. Ele atacou, estapeando o rosto desprotegido de Evangeline, fazendo a cabeça dela chicotear. O cabelo dela estava todo bagunçado e caindo sobre o rosto, mas Drake viu sangue escorrendo de seu nariz e de sua boca e decidiu avançar.

Silas e Maddox saltaram sobre ele e o seguraram onde estava.

— Pare! — Silas sussurrou em seu ouvido. — A gente também quer matar o filho da puta por agredi-la, mas precisamos agir direito e manter o plano, ou o babaca vai matar Evangeline na mesma hora. Se controla, cara. Pense, pelo amor de Deus. *Pense!*

Devagar, Drake se libertou dos dois, mas estava eriçado de fúria como nunca estivera em toda sua vida. Era um inferno aguentar aqueles últimos minutos, em que seus homens se posicionavam cuidadosamente para cercar e bloquear qualquer rota de fuga e, ao

mesmo tempo, garantir a segurança de Evangeline. Se aquele desgraçado causasse uma única ferida em Evangeline, Drake o mataria. Foda-se! Evangeline já estava ferida. Física e emocionalmente. O desgraçado tinha batido nela, *feito ela sangrar*, não uma, mas *duas* vezes. E só Deus sabia a que ela tinha sido submetida *antes* que ele e seus homens chegassem. Drake teve que parar de se torturar pensando em tudo que seu anjo tinha sofrido, ou ficaria louco.

Maddox levantou a mão, escutou o fone um momento e depois se virou para olhar para Drake, seus olhos brilhando, seu corpo inteiro tenso e irradiando uma raiva assustadora.

— É agora.

EVANGELINE SE ENCOLHEU, desconfortável na cadeira, as cordas apertando seus pulsos e os tornozelos. Seu rosto se encheu de dor e calor com os ataques e golpes daquele homem, mas era a sua cabeça o que mais doía. Tinha levado um golpe brutal que a deixara inconsciente depois de resistir e lutar para não ser colocada naquele carro. Ela ia morrer. O pesar a dominou porque não era só ela quem morreria. Seu precioso bebê, ainda em seu ventre, morreria consigo. Drake nunca viria atrás dela, não daria nem cem dólares por ela, muito menos vinte milhões ou qualquer outra quantia que aquele doente tinha mencionado.

E, como sabia que ia morrer, não queria prolongar sua dor e agonia. A princípio, pensou em fazer apenas o que fosse necessário para permanecer viva. Lutar por seu filho, se não por ela. Mas a ficha tinha caído quando o homem a trancafiou ali, um lugar que cheirava a sangue e morte, e presunçosamente lhe informou que ia cortá-la em minúsculos pedaços para que ninguém tivesse chance de encontrar seu corpo, muito menos identificá-lo, se Drake não fizesse a primeira transferência bancária.

— Ele me expulsou, ou você não sabia disso? — Ela zombou através dos lábios inchados, latejantes. — Ele acha que trai ele e seus homens dando informações aos policiais. Agora me diga. O que acha que Drake faria nessa situação? Acha honestamente que ele daria vinte

milhões de dólares a alguém para poupar minha vida? É mais fácil ele te mandar um cartão de agradecimento depois que eu morrer.

— Cale a boca! — ele gritou, levantando a mão para bater nela de novo.

Mas algo deteve sua mão. E, então, toda a câmara explodiu em violência. Tiroteio. Gritos de dor. Palavrões. Ela fechou os olhos, rezando para que sua morte fosse rápida e misericordiosa. *Oh, Drake, eu te amava tanto. Nunca teria traído você. Por que não acreditou em mim? Nunca vai saber do seu filho.*

O sofrimento era espesso e sufocante e as lágrimas queimaram seu olho inchado e palpitante. Ela fechou os olhos e baixou a cabeça, derrotada, enquanto o mundo ao seu redor enlouquecera. Ela se encolheu e se enrijeceu quando sentiu mãos sobre suas amarras. Então, uma voz de homem soou em seu ouvido.

— Não lute comigo, Evangeline. Preciso que coopere plenamente e faça exatamente como eu disser. Entendeu?

A adrenalina disparou em suas veias. Seus olhos se abriram e, para seu espanto, viu os homens de Drake. Em toda parte. Olhou, incrédula, para vê-los lutando ferozmente, expressões assassinas em seus rostos. Para seu choque maior ainda, ela viu... Drake. Ele lutava, sem piedade, com dois bandidos que não eram páreo para ele e sua fúria. O que estava fazendo aqui? E por quê? Talvez ela tivesse finalmente perdido os restos de sanidade a que tinha passado o dia agarrada. Ou talvez tivesse morrido e aquele era algum tipo de delírio que se tem na morte. Mas não sentiu nenhuma dor, nem quando não fez nenhum movimento para resistir ao toque suave de Silas, que cortava as cordas que a prendiam.

— Tire Evangeline daqui! — Drake rugiu, sem olhar em sua direção. — Certifique-se de que ela esteja a salvo e peça ajuda. Esse filho da puta é meu.

Suas palavras fizeram um arrepio percorrer a coluna de Evangeline. Ela olhava fixamente para ele, que encurralava o homem que a tinha raptado. Então foi levantada por braços familiares e fechou os olhos, bloqueando a horrível realidade de que Drake poderia morrer,

e se afastou, recuando para um lugar onde já não sentia dor, ou sofrimento. Nada. Aceitou o apagão e se entregou ao vazio escuro que a envolveu em um abraço suave.

Silas tirou Evangeline dali rapidamente, seguido por Maddox e Justice, que olhou para ela, extremamente preocupado.

— Fique com Drake — Silas ordenou. — Dê cobertura a ele. Proteja-o. Garanta que ele esteja a salvo o tempo todo.

— Vou ficar com você — Maddox retorquiu, teimoso. — Com a ajuda dos homens de Luconi, já acabamos com qualquer ameaça. Tudo o que resta é McDuff, e os outros estão acompanhando de perto. Mas Drake deixou claro que McDuff é dele.

Silas levou Evangeline para o carro que aguardava lá fora, e entrou no banco de trás; ela agora estava de olhos fechados, se era por autoproteção ou por estar inconsciente, ele não sabia dizer.

Examinou-a atentamente, procurando mais machucados, mas só viu o sangue seco na lateral da cabeça, a marca forte de um tapa em seu rosto, e o sangue em sua boca e no nariz, nos pontos em que o filho da puta a atingira. Foi dominado pela raiva e pela fúria a ponto de quase desafiar Drake e ir atrás de McDuff ele mesmo, foda-se as ordens de Drake. Deveria ter sido Silas. Não Drake. Ele era o homem da limpeza de Drake. Seu executor. Seu único dever era proteger Drake e garantir que nada ameaçasse os interesses comerciais dele, um vasto império que Drake compartilhava com seus irmãos. Sempre fora o cara que acabava com as ameaças. Era quem ele era. O que ele fazia. E agora, mais do que nunca, tratava-se de um assunto pessoal para ele, quando tantas outras vezes tinha sido frio e distante. Apenas trabalho. Nada mais. Um mal necessário para proteger o império de Drake e os homens a quem ele chamava de irmãos.

Mas... Evangeline precisava mais dele naquele momento. E se ela fosse sua mulher, ele também gostaria de ser o homem a acabar com o responsável por aterrorizá-la, ameaçá-la e bater nela.

— Me leve para a clínica de Drake — Silas instruiu o motorista.

Drake mirou o monte de merda patético que segurava pelo colarinho. O rosto de McDuff estava inchado e ensanguentado, e a consciência de sua morte iminente estava estampada em seus olhos. Ele não merecia uma morte rápida e misericordiosa. Merecia sofrer, sabendo de seu destino. Mas Drake não tinha tempo nem vontade de fazer isso. Só queria vingar Evangeline e ir se encontrar com ela o mais rápido possível.

Tinha sido tão dominado pela raiva e pelo desejo de fazer aquele torturador pagar com o próprio sangue, que nem conseguiu pensar em mais nada. Mas agora estava arrependido, pois deveria ter sido ele a levar Evangeline embora. A oferecer-lhe conforto, cuidar das suas necessidades, em vez de um de seus homens. Ela veria isso como outra rejeição? Outra prova de que ela não significava nada para ele?

— Por favor — McDuff suplicou, arrastando as palavras. — Faça *qualquer coisa*. Só não me mate.

— Foi isso que a minha mulher te pediu? Implorou que você não a matasse e nem ao meu filho?

Horror se refletiu nos olhos de McDuff, e o covarde começou a chorar. Subiu um cheiro azedo de amônia e Drake e seus homens olharam para McDuff com nojo. Ele estava mijando.

— Eu não sabia que ela estava grávida! — McDuff gritou. — Juro. Não sabia! Não a machuquei.

— Oh? — Drake perguntou com uma voz fatal. — Você não bateu na cabeça dela com o cabo do seu revólver quando a arrancou da rua? Não acabei de ver você dando um tapa na cara dela?

McDuff naquele momento chorava e balbuciava de verdade, e ainda que Drake desejasse prolongar o sofrimento do canalha, tudo que queria era rever Evangeline e ter certeza de que ela e seu filho estavam bem.

Com um aperto das mãos, tudo estava acabado. McDuff se desmontou e Drake o deixou cair no chão, virando-se imediatamente para dar ordens a seus homens. Viu Justice e ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa.

— Silas e Maddox a levaram para a clínica. Vá encontrá-la, Drake. O restante de nós vai garantir que ninguém veja nada e tudo seja apagado.

Zander aguardava ao lado de fora para levá-lo quando Drake saiu do prédio, mas ele estendeu as mãos, querendo a chave do carro.

— Você fica aqui e ajuda Justice a supervisionar a limpeza. Eu vou dirigir.

Zander inclinou a cabeça e estudou Drake por um tempo.

— Você está bem para dirigir, cara? Teve que lidar com muita merda da pesada hoje.

— Não tanto quanto ela. Me dê as malditas chaves.

Zander entregou-as sem dizer mais nada. Porém, quando Drake estava prestes a entrar no carro, uma pergunta de Zander o fez parar.

— Você está feliz? Ninguém perguntou. Está feliz com o bebê?

Havia uma advertência nas entrelinhas da pergunta. Uma que queria dizer que se Drake desse qualquer sinal de que não estava feliz com a gravidez de Evangeline, não faltariam homens seus se apresentando para cuidar dos dois.

Só se fosse sobre o cadáver dele.

— Estou mais feliz do que poderia imaginar — Drake admitiu, sem alterar o tom de voz. — Mas a minha prioridade é Evangeline e ter certeza de que ela não está ferida. E espero que ela perdoe o imperdoável.

Zander estremeceu e acenou com a cabeça.

— Ela é uma boa mulher, Drake. A melhor.

— Sim, eu sei — ele respondeu, baixinho.

Quando Drake chegou à clínica, encontrou Maddox e Silas andando de um lado para outro do lado de fora da sala de exames. Quando o viram, ambos pararam e esperaram que ele se aproximasse.

— Como ela está? — Drake perguntou, seu pulso acelerado com medo e preocupação.

— Não sabemos ainda. — Silas encolheu os ombros. — Ela veio de lá até aqui apagada. Abriu os olhos quando o médico entrou, mas era como... Não sei, cara. Ela estava aqui, mas não estava aqui. Ela não estava consciente de nada nem de ninguém. Se sabia quem a gente era, não demonstrou. Não disse uma única palavra desde que deixamos o açougue para trazê-la até aqui.

— Por Cristo — Drake exclamou, dando um soco na parede. — Alguma ideia sobre o estado do bebê?

— Não, sinto muito — Maddox disse, baixinho. — Informamos ao médico e ele disse que faria alguns exames de sangue para verificar o Beta HCG e confirmar a gravidez, já que tudo o que temos é um teste de gravidez de farmácia meio apagado.

Drake ficou quieto. Não lhe ocorrera que talvez Evangeline não estivesse grávida. Assim que vira o teste, seu filho se tornara muito real para ele. A ideia de perder seu bebê ou Evangeline era pior do que poderia suportar. Se ela perdesse o bebê, nunca o perdoaria. Poderia não perdoá-lo de qualquer forma, independentemente de haver uma criança, e quem poderia culpá-la?

— Há quanto tempo ela está consciente? — Drake grunhiu. — Preciso vê-la.

— Não vejo razão para você não entrar — Silas disse. — Maddox e eu só estacamos tentando dar a ela o máximo de privacidade possível.

Sem esperar nem mais um segundo, Drake abriu a porta e entrou rapidamente. Parou quando viu o rosto pálido de Evangeline. Ela estava deitada em uma cama de hospital, as grades suspensas, levemente coberta com um lençol fino. Usava uma camisola de hospital e seus cílios descansavam em suas bochechas.

Seu olhar logo encontrou o médico, que estava de pé, ao lado, conferindo os resultados dos exames de laboratório. Ele olhou para cima quando viu Drake.

— Como ela está? — Drake perguntou, ansioso.

— Ela vai ficar bem — o médico o acalmou. — Machucou um pouco. Vai ter uma dor de cabeça infernal por alguns dias, mas, fora isso, ficará bem.

— O bebê? — Drake perguntou, com medo.

O médico sorriu.

— Pelos exames de laboratório, está tudo normal. Os níveis de Beta HCG dela estão adequados para uma mulher entre seis e oito semanas de gravidez. Como ela não acordou, não pude perguntar quando foi a última vez que menstruou, mas acho que ela não está de muito tempo.

Um pouco daquela tensão terrível que ia retraindo os músculos de Drake se aliviou, e ele cedeu, amolecido pelo alívio de saber que Evangeline e seu bebê ficariam bem.

— Vou poder levá-la para casa em breve?

O médico franziu o cenho.

— Esse estado de consciência alterada prolongado é preocupante, mas dadas as circunstâncias, não é surpreendente. Ela sofreu uma experiência traumática e, às vezes, nossas mentes agem para nos proteger. Não vou impedir você de levá-la para casa, já que simplesmente a levará para o último andar deste prédio. No entanto, precisarei vê-la ao menos uma vez por dia. E, qualquer dúvida ou preocupação com o estado dela, me ligue. Quero saber na mesma hora se o estado dela mudar. Patty vai lhe dar uma lista de coisas que terá que observar. Se ela tiver qualquer um dos sintomas listados, deve trazê-la de volta ou levá-la para um hospital na mesma hora.

— Obrigado — Drake disse, com sinceridade. — Vou tomar todo cuidado com ela e garantir que pegue leve até que esteja totalmente recuperada.

O médico sorriu.

— Não tenho dúvidas disso. E, Drake? Parabéns. Você será um bom pai.

Para surpresa de Drake, quando voltou a olhar para Evangeline, os olhos dela estavam abertos e fixos no teto. Ele correu para a cama e deslizou os dedos pelos dela.

— Angel? Amor, estou aqui. Você está segura agora. Vocês dois estão seguros. Nada pode te machucar agora. O médico disse que pode vir para casa comigo. Gostaria disso?

Mas ela não parecia entender uma única palavra. Era como se não tivesse nem ouvido. Seu olhar, sem piscar, estava distante e tão longe que um arrepio de presságio percorreu Drake. Ele olhou para o médico, impotente, e o médico franziu o cenho enquanto checava os sinais vitais de Evangeline novamente.

Meu Deus, ele tinha feito aquilo com ela? Era aquilo que ele tinha feito? Ela era uma concha, oca de si mesma. Tão frágil, à beira de se quebrar completamente. Ou talvez, por fim, ela já tivesse se quebrado, e Drake estivesse mirando apenas o que restava dela.

Ele a abraçou, fechando os olhos enquanto pressionava os lábios em seus cabelos.

— Volte para mim, Angel — ele implorou. — Venha para casa. É seguro lá. Não me deixe. Eu te amo. Sinto muito por nunca ter dito isso antes, mas eu estava com medo. Tanto, tanto medo. Mas você me faz destemido. Você me faz forte. Você me dá a força para enfrentar as piores coisas com o conhecimento de que com você posso vencer qualquer coisa. Desde que esteja comigo, meu amor. Desde que estejamos juntos.

— Quero ir para casa — Evangeline disse, com uma voz fraca e sem vida. — Para os meus pais.

Drake ficou totalmente paralisado, dividido entre a alegria por Evangeline estar acordada e falando e o desespero com *o que* ela havia dito. Com o pavor formando um nó em sua garganta, ele se afastou devagar para ver por si mesmo que ela estava consciente. Os olhos dela estavam opacos, sem o brilho típico que era tão genuíno em Evangeline. Seu rosto estava brando e sem expressão. Ela poderia

muito bem estar discutindo sobre o tempo com aquela emoção que exibia. Não havia raiva, nem paixão, nem cor em suas bochechas.

— Angel, por favor — ele disse, rouco. — Me dê uma chance para explicar. Há tanto pelo que devo implorar seu perdão, tanto que preciso consertar com você. Por favor, venha para casa comigo. Me deixe cuidar de você e me deixe explicar — me desculpar. Sei que não mereço sua doçura, sua luz, seu *amor*, mas, Angel, estou te implorando. Me dê uma última chance. Juro que não vai se arrepender dessa vez.

Agitação e medo — Deus, *medo* — invadiam os olhos dela, substituindo o vazio pelo pânico. Ela começou a lutar contra Drake, até que ele finalmente afrouxou seu abraço e se afastou o suficiente para que ela não ficasse em contato com seu corpo.

— Quero ir para casa — ela repetiu, seu tom e inflexão inalterados. Sem vida e opacos. Como seus olhos. Sua linguagem corporal. Sua expressão.

Os olhos dela buscaram o médico, suplicando por um aliado. Socorro. Só alguém feito de pedra não reagiria ao desespero nos olhos de Evangeline. Mas o médico permaneceu em silêncio, estudando-a com o cenho levemente franzido.

Drake fechou os olhos, tentando em vão engolir o nó que ameaçava roubar seu fôlego. Lágrimas queimaram seus olhos como ácido, e ele piscou furiosamente, recusando-se a se entregar ao choro. Se ele desencanasse, se alguma vez descuidasse do tênue controle que tinha sobre sua postura, desmoronaria completamente e se quebraria em fragmentos minúsculos e fatais.

— Angel — ele sussurrou. — Venha para casa comigo. Para a *nossa* casa. Faça isso por mim agora e nunca mais pedirei nada. Por favor, me deixe consertar as coisas. Não posso viver sem você. Não quero viver sem você. Sem você...

Ele parou, recusando-se a dizer em voz alta tudo o que era, ou melhor, que não era, sem ela. Não podia imaginar sua vida, sua existência, sem Evangeline. O que tinha feito sem ela? O que era a sua vida antes de Evangeline invadir seu mundo e virar tudo de cabeça para

baixo? Ele adorava cada detalhe dela. Adorava o caos que ela trouxera à sua rotina bem ordenada. Amar Evangeline era tão *fácil*. Era impossível *não* amá-la. Todos que ela conhecera tinham sido influenciados de alguma forma, tinham caído sob seu feitiço. E só foi necessário um de seus sorrisos genuínos, inocentes e algumas palavras doces. Se ao menos ele tivesse percebido seu amor por ela mais cedo. Se tivesse lhe dado a sua confiança mais facilmente.

Ah, não era como se ele simplesmente tivesse se apaixonado por ela. Ele tinha sido apenas um idiota cego, que se recusou a reconhecer a verdade. Que ele tinha se apaixonado e se apaixonado profundamente desde o momento em que um anjo encantador de cabelos loiros com grandes olhos azuis tinha entrado, nervosa, em sua boate. A primeira vez que ele a beijara tinha selado seu destino. Um gesto possessivo e simbólico de sua afirmação. E ele conseguiu foder com a melhor coisa de sua vida de novo e de novo.

— Sem você não sou inteiro — ele gemeu, com dor.

— Quero ir para casa. Mamãe está me esperando — ela disse, desesperada, mexendo-se pela primeira vez, com o pânico e o desespero queimando em seus olhos.

Os dedos de Evangeline se torceram no lençol fino que cobria suas pernas, a agitação irradiando dela em ondas quase tangíveis. Ele podia sentir sua angústia, todo o seu corpo tremendo, sombras escuras combinadas com as feridas vívidas em seu rosto, fazendo Evangeline parecer tão vulnerável, amedrontada e... derrotada. Era isso que o deixava mais puto. Seu anjo derrotado? Ela era uma tigresa, mas agora parecia um gatinho maltratado, encolhida na cama, recolhendo-se na menor e mais apertada bola possível, tentando se manter fora do alcance do toque de Drake, como se ele fosse o responsável por seu abuso.

E não era?

Ele queria vomitar. Queria dar um murro na parede. Queria chorar por tudo o que tinha feito — e tudo que sentia escorrer rapidamente por entre seus dedos.

O médico lançou-lhe um olhar de advertência, apontou a cabeça na direção de Evangeline e, em seguida, a balançou, sua mensagem clara. *Afaste-se. Ela é frágil. Não a pressione. Dê a ela tempo para se curar.*

Deixe ela ir.

— Enviarei o meu relatório preliminar com ela. Evangeline precisa ver um médico lá o mais cedo possível — disse o médico, em um tom grave.

Igualmente clara era a opinião firme do médico de que forçar Evangeline poderia ser a gota d'água. Poderia acabar com o que restava do controle com que ela tão desesperadamente contava para ser a sua salvação. O médico sequer precisava dizer aquilo. Drake podia ver escrito em todo o seu rosto.

O pânico agarrou e fincou suas unhas nas entranhas de Drake até deixá-lo suando e tremendo. Deixá-la ir embora? Era o mesmo que cortar a própria garganta, mas ele não merecia nada menos que aquilo. Foi ele quem causou tudo isso. Ele a afastou. Não foi ela quem fugiu dele. Foi ele que a empurrou violentamente para longe sem remorso nem hesitação. Agora os arrependimentos eram muitos. Mas era tarde demais. Ele tinha recebido um dos mais preciosos presentes da vida — certamente o mais precioso que já recebera — e o rejeitou cruelmente. Rejeitou Evangeline e tudo o que ela tinha lhe dado gratuitamente, sem pedir absolutamente nada em troca.

Exceto... A única coisa que ele não estava disposto a dar. Sua confiança. Sua crença absoluta nela. A mesma crença inabalável e incondicional que ela tinha nele. Drake era o pior tipo de monstro. Assim como sua mãe e seu pai. Não tinha superado o seu passado. Tinha se tornado o seu passado.

Evangeline olhou ao redor da sala, lágrimas brotando em seus olhos, com um olhar de tanta desesperança que era como uma fâca no estômago de Drake. Com carinho, ele passou a mão nos cabelos dela. Depois, se inclinou, incapaz de resistir a pressionar os lábios naquela a coroa de ouro. Foi uma bênção. Foi um gesto de arrependimento. Tristeza. Sofrimento. Desculpa. E amor. Tanto amor, que tinha

chegado tarde demais. Ele não tinha lhe dado o que ela mais precisava. Sua crença, sua confiança, seu amor. Mas poderia ao menos dar-lhe aquilo que ela pedia agora.

— Vou te levar para casa, Angel. Não se preocupe. Cuidarei de tudo. Basta descansar e concentrar-se apenas em melhorar e em deixar isso tudo para trás.

Deus, por favor, não permita que ela me deixe para trás também.

Não conseguia nem pensar nisso. Não podia imaginar uma vida sem sua luz brilhante banindo longas sombras das profundezas negras de sua alma. De alguma forma, de algum modo, ela tinha que voltar para ele. Ele não consideraria nenhuma outra opção. Se o fizesse, ia desmoronar.

Ela relaxou um pouco, embora ainda houvesse um olhar preocupado, alerta em sua expressão. Como se não confiasse que ele estivesse dizendo a verdade. Quem poderia culpá-la quando ele tinha sido um canalha tão cruel?

Sentindo que se desfazia pedaço por pedaço, ele a puxou em seus braços, embalando-a com uma enorme ternura contra seu coração — o coração dela. Ela era dono dele. Drake enterrou o rosto em seu cabelo, os fios ficando úmidos com as lágrimas que escorriam sobre as linhas atormentadas do rosto dele enquanto chorava em silêncio, escondendo a dor em seu coração e seu sofrimento naquelas madeixas sedosas.

Ah, Angel, meu amor precioso, tão precioso. Deixar você partir é a coisa mais difícil que já tive que fazer ou vou ter que fazer na minha vida. Onde quer que vá, você leva meu coração. Minha alma. Tudo de dentro de mim. Estarei sempre contigo. Vou sonhar com você todas as noites, a cada hora do dia, e rezar a cada segundo para que um dia você volte para o lugar a que pertence. Para mim. Até lá, nunca mais serei inteiro. Você é a minha metade. A melhor parte de mim. A única coisa boa que já toquei, amei, segurei perto do meu coração. Sem você, estou perdido.

Seria possível viver com metade de um coração e uma alma partida e manchada por uma vida de pecados? Evangeline merecia muito mais do que ele lhe dera. Merecia algo melhor do que o homem

que ele era. No entanto, ela o escolhera e Drake a traía cruelmente. Olhou cheio de pesar para Evangeline, inerte, amolecida, em seus braços. Não era verdade. Você não precisava de um coração para viver, porque o seu estava andando fora de seu corpo desde que Evangeline entrou em seu mundo e, sem o menor esforço, o roubou. E ele nunca mais o recuperaria, nunca mais se sentiria verdadeiramente vivo, até que — a menos que — ela voltasse.

Seu coração vivia dentro dela, era uma parte dela. E, nos últimos meses, ele *nunca* tinha pedido de volta. A não ser que viesse como uma parte dela.

EVANGELINE OLHAVA FIXAMENTE COM olhos opacos quando o avião tocou na pista do pequeno aeroporto municipal a apenas meia hora de sua cidade natal. No assento do outro lado do corredor estava Maddox e, em frente a ele, Silas, que olhava para ela em um silêncio ruminante.

Tinha sido daquele jeito desde que tinham decolado em Nova York, mas ela se recusava a olhar para ele. Não fez nenhum contato visual nem com Silas nem com Maddox durante toda a viagem, optando por fingir que dormia ou olhar pela janela. Porém, via os dois com o canto dos olhos e notou que nenhum deles estava feliz. Não, estavam bem putos.

Aquilo poderia tê-la desanimado, afinal, que motivo tinham para estar putos? Contudo, predominante à raiva que suas mandíbulas cerradas e apertadas entregavam, era a preocupação muito real nos olhos de ambos.

Eles se revezaram estudando Evangeline, sondando, como se estivessem fazendo um exame físico completo, e isso a fez querer se contorcer para fora do assento. Somente com muito autocontrole, ela tinha conseguido se manter serena e indiferente para não transparecer que estava percebendo aquele escrutínio.

Sabia que estavam furiosos com Drake, e devia ficar feliz com a crença inabalável que os dois depositavam nela. No entanto, ela só conseguia sentir uma tristeza enorme ao constatar que aqueles homens

tinham total e absoluta confiança nela e não tinham duvidado dela nem por um segundo, enquanto Drake, o homem que ela amava, o homem que ela pensava que a amava também — mesmo que não tivesse dito com todas as letras —, o homem com quem planejava passar o resto de sua vida, com quem queria ter filhos, não tinha nem pestanejado em denunciá-la e descartá-la. Furioso e frio, Drake a fulminou com seus olhos gelados e impenetráveis, que olhavam através dela e não para ela, não a viu, não a ouviu. Não, ele acabara com ela completamente, sem nem pensar duas vezes. Sem hesitação.

Olhou para o abdômen liso em que o bebê dela — deles — estava aninhado, nenhum sinal externo de sua presença até o momento. Fechou os olhos. Bem, pelo menos uma parte de seu sonho duraria. Ela teria o filho dele, mas só um, e não teria qualquer outra parte dele. Não teria seu amor. Mas nunca havia tido mesmo. Só teve a impressão tola de que ele a amava e achou que ele era alfa demais, reservado e impassível demais para colocar em palavras. Acreditava que ele tinha demonstrado seu amor em todos os aspectos que importavam, e porque achava que ele a amava, colocar em palavras não era tão importante. Só o fato de amá-la já bastava. Só isso era suficiente. Tinha sido suficiente. Mas tudo não passou de fantasia, e só podia culpar a si mesma por ter mergulhado em um mundo de sonhos, por ter preferido ignorar a dura realidade e por não ter enxergado a verdade até que fosse tarde demais para se proteger de ficar completamente arrasada mais uma vez.

Soltou um suspiro de alívio quando o avião taxiou para o pequeno edifício onde seus pais estariam esperando para levá-la para casa. Oh, por favor, que ela consiga manter o controle, pelo menos até que Silas e Maddox se despedissem e entrassem no avião para voltar a Nova York. Depois e só depois ela se permitiria chorar nos braços da mãe. Não queria se humilhar mais do que já tinha se humilhado, perdendo o controle na frente dos homens de Drake. Seu orgulho já tinha sofrido um dano irreparável quando implorou de joelhos a Drake, na frente de seus homens, *implorou* que acreditasse nela, que a escutasse. Ah, como ela implorou, apenas para ver suas súplicas

caírem em ouvidos surdos. Poderia estar falando com uma pedra, porque era nisso que Drake se tornara no momento em que um policial idiota a chamou, erroneamente, de informante.

Lágrimas queimavam como ácido e ela apertou os dentes, recusando-se a chorar, recusando-se a desmoronar na frente de Silas e Maddox.

— Evangeline — Maddox lhe chamou, num tom calmo e baixo.

Ela virou a cabeça e seu olhar passou, brevemente, pelo rosto dele, antes que ela se concentrasse em um ponto atrás de seu ombro direito.

— Chegamos, querida. Seus pais estão aguardando lá fora.

Quando ela se levantou, Silas estava lá, pousando a mão debaixo do cotovelo dela para colocá-la de pé. Ele e Maddox ajudaram-na a descer a escada que tinha sido posicionada na porta do avião.

Seus pais estavam a poucos metros de distância, mas Maddox fez um gesto para eles, pedindo que dessem a ele e a Silas um momento com Evangeline. Na cadeira de rodas, o pai balançou a cabeça afirmativamente, os lábios contraídos enquanto examinava a aparência da filha. Sabia que ela estaria arrasada, mas por que mentir tentando esconder todos os sinais de seu sofrimento? Acabaria arruinando sua maquiagem e o cabelo enquanto chorava com a mãe.

Maddox pegou uma das mãos de Evangeline e segurou, de leve, entre as suas. Soltou um suspiro profundo que soava surpreendentemente triste.

— Evangeline, olhe para mim — pediu, carinhoso.

Ela fechou os olhos, as lágrimas já se acumulando nos cantos deles. Oh, Deus. Ela não podia fazer isso.

— Querida, olhe para mim, por favor? Você nem consegue me olhar? Está com raiva da gente também?

Aquelas palavras soavam cruas com dor e arrependimento, um pedido de desculpas no tom dele. Os olhos dela se abriram e, na mesma hora, encontraram os dele.

— Não! — ela negou com firmeza.

Ela olhou para Silas para ver se ele também achava que estava zangada com ele. A expressão dele era ilegível. Exceto... por seus olhos. Pareciam estar cheios de dor. Crus. Expostos. Aquilo a deixou chocada, Silas era sempre tão indecifrável.

— Isso é difícil — Evangeline engasgou, apertando, por um momento, a mão de Maddox.

— Eu sei — Maddox murmurou. — Venha, me dê um abraço. Seus pais estão ansiosos para te receber e sua mãe quer paparicar você.

Ela se atirou nos braços de Maddox e, apesar de ter se prometido não chorar, lágrimas quentes desceram por suas bochechas enquanto absorvia a força sólida do abraço do amigo.

— Você e Silas são os amigos mais queridos que já tive — ela sussurrou. — Nunca esquecerei você ou sua bondade. E seu apoio. Significa o mundo para mim.

Maddox deu um beijo carinhoso nos cabelos de Evangeline antes de se afastar. Então, passou o dedo por sua bochecha molhada e colocou atrás de sua orelha uma mecha de cabelo úmida.

— Você é uma mulher incrível, Evangeline. Sou grato por ter te conhecido.

Ela deu um sorriso trêmulo antes que ele a cutucasse na direção de Silas.

— Tem outra pessoa aqui que gostaria de dizer adeus — Maddox murmurou.

Evangeline deu um passo hesitante e depois outro. E então Silas simplesmente abriu os braços e ela se jogou para frente em seu abraço esmagador. Seus braços eram como faixas de aço ao redor dela, e ele se sacudiu quando a abraçou com força.

— Vou ficar com muita saudade — ela disse.

— Vou sentir sua falta, boneca — ele falou, muito emocionado. — Cuide bem de si mesma e do pequeno.

Então, ele a soltou e levantou o queixo dela até que estivesse olhando diretamente em seus olhos.

— Se precisar de alguma coisa, ainda que seja só ouvir uma voz amiga ou apenas conversar, tem o meu número. Entendido?

Ela assentiu com a cabeça, as lágrimas escorregando descontroladamente pelo rosto. Ela olhou para baixo e o brilho do anel de diamante que Drake lhe dera chamou sua atenção. Em seguida, ficou turvo quando mais lágrimas inundaram seus olhos.

Seu anel de noivado. Seu último laço material com Drake. Tinha se esquecido totalmente dele. Devagar, ela o tirou de seu dedo. Não precisava mais daquilo. Tinha seu bebê, que era toda a lembrança de Drake que precisava ter. Entregou o anel para Silas, sua voz falhando quando ela falou.

— Devolva isso a Drake, por favor.

— Alguma mensagem? — Silas perguntou, baixinho.

Ela fez que não.

— Não há nada a dizer — respondeu, com tristeza.

— Se cuide, boneca. Maddox e eu estamos a apenas um telefonema de distância. Lembre-se disso.

Ela tentou sorrir, mas era difícil quando estava morrendo por dentro, o coração se partindo em um milhão de pedaços irregulares.

— Você e Maddox devem cuidar melhor de si mesmos — ela repreendeu. — E de Drake. Cuidem dele também.

Doeu dizer o nome dele. Foi como um golpe físico que a deixou insegura. Maddox passou a mão por baixo do braço dela e depois a deslizou sob seu ombro.

— Vamos, querida. Seus pais estão esperando.

Apesar de ter se prometido não desmoronar até que estivesse bem longe de Maddox e Silas, e nos braços amorosos de sua mãe, ela chorou no instante em que sua mãe a alcançou.

EVANGELINE EXAMINOU A COZINHA da mãe, desgostosa. Parecia que um tornado tinha passado por ali. Panelas e frigideiras estavam espalhadas por toda parte junto de potes, embalagens abertas, caixas vazias e sacos. Havia farinha espalhada por todo o balcão e o fogão precisava de uma boa esfregada. Na realidade, estava ansiosa para fazer aquela faxina. Atacar camadas de gordura e comida seca era uma boa maneira de trabalhar a frustração reprimida.

Seu pai tinha dito um tanto espantado que ela estava fazendo comida suficiente para armazenarem para um apocalipse zumbi. E, bem, ele não estava errado. Ela tinha cozinhado, armazenado e congelado jantares suficientes para durar, com tranquilidade, por toda a primavera até o início do verão.

Com um suspiro, ela mentalmente declarou que precisava parar. Havia um limite para o quanto poderia cozinhar antes de acabar com o estoque de mantimentos que tinha comprado há poucos dias. Sentou-se no banco da ilha para descansar um momento e automaticamente passou a mão sobre a barriga, ainda discreta, onde seu bebê estava.

Como esperado, junto com a onda de amor e alegria que sempre acompanhava seus pensamentos sobre o bebê, veio uma onda de agonia e dor tão forte que, se já não estivesse sentada, seria forçada a se jogar na cadeira mais próxima.

Fazia um mês. Um mês! E, no entanto, em muitos aspectos, era apenas o dia anterior. Não conseguia dormir e, apesar do fato de que

estava cozinhando como um demônio nas últimas quatro semanas, não conseguia nem suportar a ideia de comer qualquer um dos pratos que havia feito.

E, todos os dias, era atormentada por sua consciência. Precisava contar a Drake sobre sua gravidez. Tudo tinha acontecido tão rápido. Em um momento, estava certa de que iria morrer. No seguinte, Drake e seus homens tinham invadido aquele local como anjos vingadores e depois...? O resto era um borrão. Havia um médico. Drake falando com ela, seus olhos escuros com... o que exatamente? Ela se esforçou para lembrar, mas estava tudo tão confuso. Ele tinha falado com ela em um tom sério, apaixonado, mas, só de olhar para ele, ela sentia cacos de agonia perfurando seu coração. E só foi capaz de reunir forças para se focar nas únicas palavras que conseguiu pronunciar, para dizer que queria vir para casa. Onde estaria segura. Onde tentaria escapar da dor.

Tão estúpida. Como se algum dia fosse mesmo conseguir escapar da dor de perder Drake. E agora precisava contar a ele que ia ser pai. Não importa o que ele pensava dela, que não a amasse: ele merecia saber. E ela não era vingativa a ponto de tentar mantê-lo afastado do filho. O que ele faria com aquela notícia era com ele, mas ela precisava contar.

Será que se importaria? Acreditaria que a criança era mesmo dele? Drake acreditava tão pouco em Evangeline que não era absurdo pensar que ele negaria ter gerado aquele filho. Havia testes de paternidade, é claro, mas ela não ia forçá-lo a aceitar seu bebê. Se não quisesse nada com eles, não havia jeito de empurrar uma criança indesejada goela abaixo. Nunca permitiria que seu filho crescesse como o pai. Mal amado. Indesejado.

Mas ia esperar a consulta com o médico. Seu pulso disparou ao pensar na consulta que a mãe tinha marcado com o obstetra. E se apenas tivesse imaginado que o teste de gravidez tinha dado positivo? E se quisesse tanto engravidar que tinha bloqueado um resultado negativo? Mas não. Quando chegou em casa, fez uma consulta rápida com o velho médico da família. Ele confirmou a gravidez, mas a

aconselhou a se consultar com uma ginecologista obstetra. A data mais próxima que tinha conseguido era aquela, no dia seguinte.

Só depois tomaria decisões sobre seu futuro em vez de ficar no limbo, como estava naquele momento. Fez uma careta porque toda aquela situação não era justa para nenhum de seus pais.

Sua mãe observava e se preocupava. Rodeava Evangeline ansiosamente, revezando-se com o marido no cuidado da filha. Mas eles não a pressionavam, não forçavam nada e, ainda mais importante, sua mãe não falava nem agia de um jeito condescendente com Evangeline. Não passava a mão na sua cabeça e dizia que tudo ficaria bem e que o tempo curava todas as feridas, muito menos dizia outros clichês sobre a recuperação de um coração partido.

Tinha sido bem honesta com Evangeline, dissera que ela estava ferida e que era mais do que natural estar arrasada. Afinal, ela amava Drake e isso não ia desaparecer em uma hora, um dia, uma semana ou mesmo um mês. Seria um processo lento e tudo o que poderia fazer era viver um dia de cada vez e nunca olhar para além do dia seguinte ou se forçar a “superar” a perda de alguém que amava com todo coração e alma.

Adorava sua mãe e sua infinita sabedoria. Sabedoria que só uma mãe tinha, fruto de anos de experiência e aprimorada pelo amor e pela proteção dedicados à criança que carregou por nove meses e de quem cuidou até se tornar uma mulher feita. Mas não importava que Evangeline tivesse crescido. Ninguém nunca é velho demais para não precisar da mãe.

Brenda tinha dito calmamente a Evangeline que ela precisava de um tempo para viver o luto. De muitas maneiras, o que ela estava passando era o mesmo que perder um ente querido. E, em alguns aspectos era até pior, porque aquela pessoa continuava viva, lá fora, e Evangeline poderia até vê-la, mas não poderia tocá-la. Falando de um jeito figurativo, com a morte pelo menos havia um fechamento. A consciência de que tinha perdido aquela pessoa para sempre. Em uma situação como a de Evangeline, não importava o quanto ela estava ferida e arrasada, e que não quisesse que Drake voltasse, ela ainda o

amava, sentia falta dele e, nas partes mais reclusas e secretas de seu coração, ainda havia um fiapo de esperança de que, de alguma forma, tudo iria se ajeitar e eles ainda voltariam a viver juntos. E, assim, cada dia em que estavam separados era um tipo diferente de inferno.

Evangeline ficava espantada ao ver como a mãe a conhecia bem, como era intuitiva, porque, uau!, tinha sido pega no flagra. Sim, secretamente nutria a esperança, a esperança estúpida e ingênua, de que, por algum milagre do destino, ela e Drake viveriam felizes para sempre e seu filho teria um pai. E, todos os dias que acordava sozinha, numa cama vazia, sentindo falta de Drake com cada parte de seu corpo, enterrava o rosto no travesseiro e chorava.

Irritada com o quanto Drake ocupava seus pensamentos, apesar de todos seus esforços para bani-lo e distrair-se com sessões de maratona culinária — como se isso fosse bom — levantou-se, jogando a toalha em que limpava as mãos e começou a limpeza, espremendo no freezer já lotado a última refeição que preparara.

Limpou, esfregou, poliu e passou pano até que a cozinha brilhasse. Quando terminou, apoiou-se de leve no cabo do esfregão e soprou uma mecha que estava em seus olhos para examinar seu trabalho. Seus pais, como de costume, evitavam falar com ela quando entrava naquele frenesi culinário, reconhecendo aquilo como sua forma de lidar com o sofrimento.

Se ao menos fizesse algum bem.

— É seguro entrar? — Sua mãe gritou, da porta.

Evangeline girou, um sorriso que ela não teve que fingir curvando seus lábios.

— Meu Deus, você esteve muito ocupada — disse a mãe, balançando a cabeça ao entrar.

Evangeline despejou, rápida, a água do balde na pia e pôs o esfregão na varanda dos fundos para secar. Quando voltou, foi direto para a mãe e envolveu-a num abraço forte. Sua mãe a abraçou de volta, mas, quando se afastou, tinha um olhar confuso em seu rosto.

— Evangeline, o que foi, querida?

Evangeline sorriu, embora um brilho de lágrimas já cobrisse seus olhos.

— Nada. Só queria que você soubesse o quanto te amo e como sou grata por ter você e o papai. Não sei o que teria feito sem vocês.

Os olhos de sua mãe se suavizaram e seu rosto brilhava de amor e ternura.

— Oh, minha querida, também te amo. Odeio te ver sofrendo tanto. Para uma mãe, não há nada mais frustrante do que ver seu filho machucado e ser impotente para fazer a dor parar.

— Você está fazendo parar, mamãe. Só de estar aqui. Você e papai foram tão fantásticos. — Evangeline suspirou e olhou ao redor da cozinha, agora impecável. — Acho que eu deveria deixar você ter sua cozinha de volta.

— Não sei... — A mãe riu. — É legal saber que não vou precisar cozinhar nos próximos seis meses.

Evangeline deu um sorriso pesaroso.

— Acho que é melhor do que me entregar às formas clichês de curar um coração partido: comendo um quilo de chocolate por dia e vendo filmes tristes.

Brenda revirou os olhos.

— Deixei você fazer o que queria na cozinha porque não está machucando ninguém, mas vou te dar umas palmadas se começar com maus hábitos. Homem nenhum vale esse nível de autodestruição. Além disso, você tem uma criança em que pensar agora — ela disse, suavemente, pegando a mão de Evangeline e apertando em um gesto reconfortante.

A dor lhe roubou o fôlego por um momento enquanto imaginava seu bebê. Um menininho que seria a cara de Drake. Uma menina com seu cabelo loiro e os olhos escuros do pai. Ou uma filha de cabelos escuros e olhos escuros. Seria uma criança tão linda.

— E, falando nisso — disse a mãe, que não deixava nada escapar, continuando a conversa como se não tivesse notado a quietude súbita de Evangeline —, está lembrada de sua consulta amanhã?

Como se pudesse esquecer. A consulta era tudo em que conseguia pensar na última semana. Evangeline fez que sim.

— Ainda vai vir comigo?

Uma nota ansiosa se revelou em sua voz, embora ela tenha tentado fazer aquilo parecer uma pergunta despretensiosa. Sua mãe a abraçou com força.

— Não perderia por nada, querida. Claro que vou. Você está carregando meu neto! Estou muito ansiosa para saber a data de nascimento para que possamos fazer planos. E já comecei a costurar para o bebê. Cores neutras, é claro, até que saibamos se será menino ou menina.

Evangeline sorriu, sentindo uma onda de excitação, o primeiro sentimento *bom* que tinha em tanto tempo chegava a ser intoxicante. Queria abraçar e segurar aquela criança para sempre.

— Ah, mal posso esperar! Não consigo me decidir se prefiro um menino ou uma menina. Honestamente, não me importo! Já amo tanto essa criança — ela disse, firme. — Mal posso esperar para ver minha bebê e segurá-la no colo.

Sua mãe sorriu, seus olhos brilhando, travessos.

— Você acabou de dizer *minha*! Será que lá no fundo você prefere uma menina?

— Não — Evangeline riu. — Honestamente, não me importo. Alterno dizendo *meu* e *minha* porque não gosto de chamar só de bebê e também não quero dar preferência a nenhum sexo, então cada hora falo um.

— Brenda! Cadê vocês? — chamou o pai de Evangeline da sala de estar.

Sua mãe deu uma palmada na boca.

— Opa! Fiquei tão entretida que esqueci completamente por que vim aqui. Seu pai me enviou para te sequestrar. Ele está começando a ver um filme e queria que a gente assistisse junto.

Evangeline entrelaçou seu braço no de sua mãe e a apertou com carinho.

— Então, vamos sentar com o papai e fazer um pouco de companhia para ele.

EVANGELINE ESTAVA CALADA NO CAMINHO de volta para casa após a consulta com o médico. Embora tenha ficado eufórica quando o obstetra pediu um ultrassom para estimar a data do parto e tivesse visto — e ouvido! — os batimentos cardíacos, quando ela e sua mãe deixaram a clínica, a tristeza tomou conta dela.

Como tudo seria diferente se ela e Drake ainda estivessem juntos. Prestes a se casarem. Tendo um bebê. *Ele* teria ido à consulta com ela e ambos teriam compartilhado a alegria de ver o filho pela primeira vez. Em vez disso, Evangeline era uma mãe solteira. Uma de tantas que precisavam levar uma gravidez adiante sem o apoio de um cônjuge ou parceiro.

Olhou sem ver pela janela quando se aproximaram da casa dos pais, piscando para tentar conter as lágrimas que já ameaçavam cair. Era hora de parar de chorar e se recompor. Enfrentar a realidade. Drake — estar com Drake — era uma fantasia. Um sonho impossível porque ele nunca poderia confiar nela, nunca acreditaria nela, e ela nunca poderia ficar com um homem que tinha tão pouca fé nela. Ela devia a si mesma e ao bebê mais do que isso.

Acariciou a barriga, ainda impressionada com as imagens no monitor de ultrassom. Era um momento de alegria e empolgação, e ela se recusava a permitir que Drake Donovan tirasse isso dela. Uma criança era motivo de celebração, não importa em que situação viesse, e ela nunca, nem por um momento, queria que houvesse qualquer

dúvida de que seu filho era muito amado e desejado com toda força de seu coração.

Brenda entrou no carro e lançou um olhar que parecia angustiado para a filha. Evangeline olhou para a mãe em dúvida, curiosa com aquele olhar estranho no rosto dela. Mas, tão rápido quanto apareceu, o olhar sumiu, fazendo Evangeline se perguntar se tinha imaginado aquilo enquanto sua mãe olhava para ela com um sorriso brilhante.

— Vamos entrar e mostrar ao seu pai as imagens do ultrassom!

O coração de Evangeline se apertou e ela pressionou as fotos contra o peito, uma onda de amor fazendo seu coração vibrar. Sorriu de volta para a mãe e as duas saíram em direção à porta de entrada.

Sua mãe entrou primeiro e, para sua surpresa, foi direto para o quarto, deixando Evangeline no hall de entrada, sem entender nada. Com uma sacudida da cabeça diante do comportamento estranho da mãe, ela foi para a sala de estar para encontrar o pai e contar as novidades da consulta.

Porém, assim que cruzou o batente da porta, parou subitamente, chocada ao ver o homem de pé do outro lado da sala, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, olhando fixamente pela janela que dava para o quintal. Então, ele se virou, e os olhares dos dois se encontraram, e Evangeline sentiu o estômago se contrair.

Drake.

O que ele estava fazendo ali? Ela quase perdeu a respiração diante da vulnerabilidade em estado puro refletida naqueles olhos geralmente inexpressivos, olhos que nunca entregavam emoção alguma. Ele parecia... Atormentado. Sua expressão continha uma desolação absoluta e, a julgar por sua aparência, ele não dormia e nem comia há *semanas*. Parecia estar tão mal quanto ela se sentia.

O que ele está fazendo aqui?

Evangeline tentou abrir a boca para perguntar, mas se viu incapaz de falar. O resultado foi que ela olhou para ele completamente aturdida, o coração em pedaços, sangrando.

— Queria ter chegado aqui a tempo de ir com você à consulta — ele disse, a voz rouca. — Mas o avião atrasou a decolagem por causa

do gelo. Sinto muito. Tentei vir o mais rápido que pude.

— Você sabe? — ela perguntou, choque em sua voz.

Confusão brilhou naqueles olhos escuros.

— Angel, eu sei desde o dia em que você descobriu — ele falou, com carinho. — Não se lembra do dia em que te resgatamos, de como ficamos preocupados que algo pudesse ter acontecido com o bebê?

Ela negou.

— Não me lembro muita coisa desse dia — ela sussurrou e levantou o olhar para encontrar o dele, seu coração pesado. — É por isso que está aqui, então? Por causa do bebê?

Drake praguejou baixinho e atravessou a sala como se fosse puxá-la para seus braços, mas hesitou quando se aproximou, quase como se tivesse com medo de ser rejeitado.

— Estou preocupado com o bebê, sim. Mas estou mais preocupado com você. Estou aqui porque não posso viver sem você. Estou aqui porque há tanta coisa que preciso te dizer, Angel.

Antes que Evangeline pudesse responder àquela declaração nua e crua, ele abaixou lenta e dolorosamente até ficar de joelhos em sua fente. Em seguida, pegou suas mãos, olhando para Evangeline em súplica.

— Estou implorando que ouça o que tenho a dizer. Me ouça. Por favor.

Perplexa e chocada, Evangeline encarava a feição cansada de Drake e a dolorosa vulnerabilidade refletida tão claramente em seus olhos. Ele estava se colocando em uma posição de submissão e humildade. Lágrimas a sufocaram, entupindo sua garganta enquanto quase toda a dor e o sofrimento com que vinha se esforçando tanto para lidar estivessem borbulhando, ameaçando explodir e inundar tudo, como uma barragem que se quebra.

— Você se recusou a me ouvir — ela disse, grave. — Fiquei de joelhos, implorando, e você nem quis me ouvir. Se recusou a me dar uma chance. Por que eu deveria te dar o mesmo? Eu já te dei tudo, Drake. Tudo. Não segurei nada. Te dei minha submissão. Meu amor. Minha confiança. Minha lealdade. E você atirou tudo de volta na

minha cara. Era como se estivesse apenas esperando que eu falhasse. Você queria que eu falhasse. E quando pareceu que eu tinha, estava pronto para me dispensar. Tem ideia de como aquilo me fez sentir?

Evangeline estava ofegante, tentando respirar, lutando com as lágrimas que se esforçara tanto para não deixar Drake ver deslizando por suas bochechas. Ela limpou o rosto, rapidamente, com as costas das mãos antes de desviar o olhar, recusando-se a mirar, por mais um segundo sequer, o olhar de súplica dele.

— Você está certa — Drake reconheceu em um tom subjugado, derrotado, que ela nunca ouvira em sua voz.

O olhar dela se voltou bruscamente para Drake quando ouviu aquilo, incapaz de acreditar que ele estava admitindo que ela estava certa e que ele estava tão errado. Ele apertou as mãos de Evangeline, como se temesse que ela escapasse e ele nunca mais conseguisse recuperá-la. Bem, ele já a tinha perdido e não porque a deixara partir. Ele a empurrara violentamente para fora de sua vida, da maneira mais cruel possível.

— Por que veio atrás de mim, Drake? — Ela perguntou, ignorando a admissão dele. — Por que se preocupou em me salvar daquele homem horrível? Achei que você ficaria feliz em se ver livre de mim.

O rosto de Drake perdeu a palidez e ficou até cinza de sofrimento e pesar. Tanta tristeza e arrependimento expressos que Evangeline ficou desconfortável em olhar. Mas quando ele falou, retomou sua admissão, sua declaração anterior.

— Sei que não mereço nada de você, Angel. Nem alguns minutos, nem mesmo um olhar, e muito menos seu amor. Mas estou te implorando como uma vez você me implorou para ouvir. Se depois disso nunca mais quiser me ver, vou embora. Mas você e nosso bebê serão bem cuidados. Sempre.

Evangeline engoliu em seco, mas não respondeu. Tampouco disse a Drake que não ouviria. Ela não disse nada. Continuou a olhar para ele, sentindo cada parte de sua alma doer.

— Está certa ao dizer que eu estava esperando que você falhasse — ele admitiu, e estremeceu com a admissão. — Conteí uma vez que se meus próprios pais não me amavam, como poderia esperar que alguém mais me amasse? Você pode ter achado bobagem, mas é verdade. Ninguém nunca me amou e, então, você chegou e...

Drake parou e engoliu pesadamente, e ela ficou espantada ao ver um brilho de umidade se acumular nos olhos dele.

— Então, te conheci e você, mais do que dizer, me *mostrou* o quanto me amava. Todo dia. Em cada ação, cada gesto, cada olhar. Você me mostrou o que é o amor. E eu te mostrei o que o amor não era — ele confessou, com dor. — Não conseguia acreditar que me amava. Não o meu dinheiro. Não o meu poder. Você me amou, o homem, e você só queria o mesmo de mim. Não as coisas que eu poderia comprar para você ou o estilo de vida que eu poderia lhe proporcionar. Pelo contrário, você *tolerou* tudo isso porque fazia parte de viver comigo.

Um brilho de diversão curvou os lábios de Drake quando ele dizia essa última frase.

— Você me assustou para caralho, Angel. Eu não tinha uma resposta para você. Nenhuma ideia do que fazer com você. Quando tudo era tão simples. Tudo o que você queria era meu amor, e essa era a única coisa que eu não podia lhe dar.

Evangeline engoliu a respiração, sentindo o peito se apertando dolorosamente.

— Pensei que não poderia lhe dar amor — Drake prosseguiu, suavemente. — Mas estava errado. Te amei desde o começo. Mas não sabia. Não reconheci esse sentimento. Como poderia? Nunca tinha visto ou sentido amor em minha vida. Tudo o que eu sabia era que quando estava com você meu mundo inteiro se iluminava. Eu ficava feliz. Só sentia felicidade ao seu lado. Queria fazer tudo que estava ao meu alcance para te fazer feliz. Eu... te amava.

Evangeline olhou para Drake com tristeza, balançando a cabeça antes mesmo que ele terminasse de falar. Ele apertou as mãos dela, um pedido para que o deixasse terminar.

— Estava tão convencido de que ninguém jamais poderia me amar que não soube reconhecer o que estava acontecendo antes que fosse tarde demais. Quando pensei que você tinha me traído, fiquei arrasado. Fiquei tão sem chão e tão mordido pelo sofrimento que perdi o controle e disse e fiz coisas desprezíveis, horríveis. Disse palavras terríveis. Reagi como um animal ferido, tudo que queria era ficar sozinho para digerir e sofrer pela perda da coisa mais linda da minha vida.

Drake fez uma pausa e respirou fundo.

— E, com o passar dos dias, comecei a pensar: realmente importava se você tinha me traído? Teria sido mesmo um crime tão imperdoável levando em consideração tudo o que eu não te contava? Como eu poderia esperar ter sua fé cega e sua confiança se não abria nada sobre aquela parte da minha vida para você? O que você deveria pensar? Tenho certeza de que pensou o pior. E você, sendo você, tão bondosa e inocente, não teria sido capaz de viver com um tipo de homem como eu. Então, por que não faria a coisa certa e armaria uma para mim?

— Mas, Drake, eu não armei!

Ele apertou as mãos dela de novo.

— Eu sei, Angel, eu sei. O que estou dizendo é que senti tanto a sua falta, te amei tanto, que estava disposto a te perdoar mesmo se tivesse me traído. E depois... Comecei a pensar sobre tudo. E me questionava. Duvidava. Achava difícil acreditar que você poderia ter feito algo tão diferente da sua natureza amorosa e leal. Estava tão fodido, questionando tudo na minha vida. Quando o verdadeiro traidor foi descoberto, eu já tinha tomado a decisão de vir atrás de você, implorar seu perdão e fazer o que fosse necessário para consertar as coisas.

Ele fechou os olhos, as lágrimas escorrendo por suas bochechas.

— Porque percebi que te amava. Eu te amo com tudo o que sou. Tudo o que tenho. Tudo o que está dentro de mim e tudo que vou ser. O que quer que eu seja é por sua causa. Eu disse à sua mãe no telefone, no dia em que você desapareceu, que te amava e que daria um jeito de

te encontrar e de te manter a salvo. Que nunca te deixaria escapar de novo.

Evangeline apenas o encarou, sem chão e confusa demais para conseguir entender tudo o que Drake estava dizendo.

— Você estava apagada quando te levamos para a clínica — Drake contou, dolorosamente. — Mal conseguia entender o que estava acontecendo à sua volta. Então, te implorei. Disse que te amava e que também amava nosso filho. Não queria nada além de levar você de volta para casa e passar o resto da minha vida compensando os meus erros. Mas a única coisa que você disse foi que queria vir para casa. Para seus pais. E estava tão frágil, à beira de um colapso, que eu teria feito o que fosse preciso para te deixar feliz novamente. Então, deixei você ir.

Ele parou, sufocando as últimas palavras e virando o rosto para longe, mas não antes que ela visse a agonia crua e o desespero absoluto. Dor e muita tristeza. Tudo o que ela sentira no último mês estava refletido nos olhos de Drake.

— Mantive contato com seus pais diariamente. Buscando qualquer migalha de informação sobre você. O menor detalhe, por insignificante que fosse, eu devorava como um homem faminto. Eu não consigo ficar nem mais um dia longe, Angel. Fico péssimo sem você e acho que você fica péssima sem mim. Só estamos inteiros quando estamos juntos. Sei que tenho muito o que consertar. Vou passar o resto da minha vida tentando recuperar o atraso e expiar tudo o que fiz. Mas, por favor, apenas me dê a chance de fazer você feliz. Sei que posso fazer você feliz de novo, Evangeline. Basta me dar uma chance. A chance que eu te neguei.

Os joelhos de Evangeline estavam perigosamente perto de ceder. As mãos dela ainda estavam aninhadas no aperto firme de Drake. Tremendo, ela se deixou ficar de joelhos em frente a ele. Preocupação brilhou nos olhos dele. Levantou-se na mesma hora e a pegou nos braços. Foi até o sofá e a acomodou ali como se fosse o tesouro mais precioso do mundo. Então, sentou-se ao seu lado e se ajeitou de forma que um pudesse olhar nos olhos do outro.

Evangeline tinha se sentido tonta e desmaiado, o coração batendo tão rápido que tudo ao seu redor era um borrão. Tudo o que podia ver era o belo rosto de Drake, assolado por cada emoção que ela também sentia. Poderia acreditar nele? Poderia confiar nele?

— Só me diga uma coisa, Angel — ele implorou.

Drake esperou um segundo e passou os dedos no rosto de Evangeline. Para choque dela, eles voltaram ainda mais molhados: não tinha percebido que as lágrimas corriam livremente pelo seu rosto agora.

— Você ainda me ama ou eu matei qualquer chance de me amar de novo? — Ele perguntou, dolorosamente.

Ela inclinou a cabeça, as lágrimas pingando em suas mãos apertadas sobre seu colo. Quando o silêncio entre eles se prolongou, o tom de Drake se tornou mais desesperado e sem esperança.

— Angel?

Sua voz falhou e ela olhou por debaixo dos cílios para ver o tormento selvagem gravado em cada linha e em cada sulco do rosto dele. Drake, de repente, parecia ter bem mais do que seus 36 anos.

— Tenho medo — ela admitiu com uma voz rouca. — Tenho medo de te amar, Drake. Você tem tanto poder sobre mim. Você tem o poder de me fazer a mulher mais feliz desse mundo, mas também tem o poder de me destruir irreparavelmente. Isso me assusta.

— Ah, querida — ele disse, cada palavra dita em um tom dolorido, aflito. — Você não sabe? Você tem o mesmo poder sobre mim. Nunca estive tão miserável em minha vida como no último mês e, antes que diga, sei que a culpa é só minha. Eu *sei*. Mas aprendi algo importante com você. Você me ensinou que tudo bem ser vulnerável. Que é bom amar e ser amado. Que ser amado é a coisa mais linda do mundo. Não posso viver sem seu amor. Não quero viver sem seu amor. E juro que você nunca viverá sem o meu.

— Realmente me ama? — Evangeline perguntou, hesitante, com medo de acreditar. Medo de confiar depois de tanta dor e sofrimento.

— Parte meu coração ter feito o que fiz com você. Que duvide de algo tão precioso — que duvide que você é tão preciosa para mim. Se

eu te amo? Eu te venero. Te amo mais do que amei qualquer pessoa em minha vida. Aliás, você é a *única* pessoa que já amei — ele emendou. — Confio em meus irmãos. Tenho um vínculo inquebrável com eles. Daria minha vida por eles. Mas, Angel, você é minha vida. Meu mundo inteiro. Minha razão para me levantar de manhã. Minha razão de viver.

Drake pôs a mão no ventre dela, esfregando o polegar com ternura.

— Você e nosso filho — ele disse, rouco. — Por favor, venha para casa comigo. Você e nosso bebê. Deixe-me te amar, te adorar, proteger a ambos. Ou se não aguenta mais viver na cidade, a gente se muda para cá. Não me importo onde a gente vai viver, desde que tenha você comigo.

A cabeça dela se ergueu em choque, os olhos arregalados enquanto olhava fixamente para ele.

— Você moraria *aqui*, perto de meus pais?

A expressão dele era absolutamente séria, seus olhos graves enquanto ele fazia que sim. A boca de Evangeline secou e ela lambeu os lábios. Estava tremendo. Começando a assimilar o que estava acontecendo. Mas aquilo não podia estar acontecendo. Só podia ser um sonho. O resultado de um desejo e de sua fantasia mais querida. Fechou os olhos.

Isso não é real.

— Abra os olhos, Angel. Olhe para mim. Me veja. Veja meu amor por você. Te garanto que é muito real. Sou real.

Ela não tinha percebido que havia dito a negação em voz alta.

— Tudo que precisa fazer é estender a mão e pegar o que quer. É seu. Eu sou seu.

Hesitante, ela estendeu a mão, que tremia tão forte a ponto de balançar no ar. Deslizou os dedos sobre a barba de Drake e acariciou sua bochecha, maravilhada. Poderia ser assim tão simples? Ele realmente a amava e eles poderiam viver juntos como ela tanto queria? A vida pela qual chorou até dormir por tantas noites? Uma que ela pensava ter perdido para sempre?

— Apenas diga sim — ele sussurrou. — Beije-me e diga que sim.

Evangeline olhou para ele por um longo momento, seus olhos procurando os dele. Tudo o que via era verdade e sinceridade. Sem segredos, mentiras ou enganos. Precisou reunir toda a sua coragem, e vesti-la como se fosse uma armadura. Precisava ser firme. Depois de algumas tentativas, ela finalmente conseguiu dizer.

— Sim — ela disse tão suavemente que a princípio achou que ele não tinha ouvido.

Mas a fagulha selvagem que se acendeu nos olhos dele informava o contrário. E então ela se inclinou, pressionando os lábios contra os dele, como o roçar das asas de uma borboleta.

Drake gemeu baixo em sua garganta e então segurou o rosto dela com as mãos, ternamente, tão suavemente que era uma carícia, e a beijou de volta com toda doçura.

Ela provou o sal das lágrimas e percebeu que elas vinham de ambos. Drake inclinou a testa contra a dela e fechou os olhos.

— Te amo, Angel. Ontem, hoje, para sempre.

— Também te amo — ela respondeu, atravessando o nó em sua garganta. Ele enfiou a mão no bolso, afastando-se por um momento, e lá de dentro tirou o anel que ela tinha entregue a Silas para devolver a ele. Com as mãos trêmulas, ele o deslizou de volta no dedo de Evangeline e soltou um suspiro de alívio depois de colocá-lo no lugar.

— Venho carregando isso no meu bolso desde que Silas me devolveu — admitiu. — Quando ele me entregou, fiquei muito mal. Mas nunca deixei de ter esperança, rezando pelo dia em que poderia colocá-lo de volta em seu dedo. Jure para mim que nunca mais vai tirá-lo.

Pela primeira vez, Evangeline sorriu, e ele pareceu surpreso. Colocou as mãos no rosto dela, acariciando suas linhas, seus lábios, sua mandíbula.

— Não vou tirá-lo — ela jurou.

— A-ham — ouviram alguém limpando a garganta, na porta.

Ambos se viraram para ver a mãe de Evangeline de pé atrás da cadeira de rodas do marido, lágrimas brilhando nos olhos dela.

— Isso quer dizer que temos um casamento para planejar? — perguntou o pai de Evangeline, num fio de voz.

— Sim, embora eu planeje me casar com ela o mais rápido possível para que não mude de ideia — Drake disse, com uma voz que sugeria que não estava brincando. Brenda Hawthorn sorriu.

— Acho que podemos providenciar. Parabéns, minha querida — ela disse a Evangeline. — Estou muito feliz por ter se acertado com Drake. Te ver tão infeliz estava matando seu pai e a mim. — Então, ela olhou para Drake, com gravidade. — Trate de fazê-la feliz, rapaz. Deus lhe deu uma chance de corrigir as coisas. Aproveite-a ao máximo.

Os olhos de Drake estavam úmidos quando olhou para Evangeline e a mãe, e abraçou a noiva um pouco mais forte, segurando-a como se nunca fosse deixá-la escapar de novo.

— Estou bem ciente de que sou o mais sortudo dos homens e de que não mereço Evangeline, mas pode ter certeza de que agora que tenho ela de volta, *nunca mais* vou deixá-la ir embora e vou passar todos os dias do resto da minha vida fazendo o que for preciso para mantê-la sempre feliz. Você — e ela — têm minha palavra.

Então, Drake sorriu para Evangeline, e ela ficou chocada com a alegria e o alívio em seus olhos. Grande parte da tristeza e da distância que pareciam eternamente presentes em seu olhar tinha desaparecido. As sombras tinham sumido. Drake parecia... feliz. Tão feliz quanto ela estava por ter visto verdade e sinceridade em suas palavras e ações.

— Eeeee — ele disse, esticando bem a letra enquanto olhava para os pais dela — dando a vocês tantos netos quanto possível.

Epílogo A ANTIGA IGREJA CAIADA NA PEQUENA cidade de Evangeline tinha sido transformada em um cenário que parecia saído de um conto de fadas. Nenhuma despesa tinha sido poupada na determinação de Drake em dar à amada o casamento de seus sonhos. O interior estava coberto de uma ponta a outra por uma cascata de flores elegantemente dispostas, algumas das quais tinham sido trazidas de outros estados. Havia milhares de luzes brancas cintilantes, uma homenagem ao amor que Evangeline tinha pelo Natal, mesmo que o feriado já tivesse passado, e elas foram dispostas em torno de um grande arranjo de plantas, posicionadas estrategicamente para mostrar as flores em seu melhor ângulo.

Ironicamente, não foi Evangeline que supervisionou ou planejou qualquer um dos arranjos de decoração, ou qualquer detalhe relativo à cerimônia. Drake tinha sido enfático ao dizer que ele e a mãe dela cuidariam de tudo enquanto ela deveria repousar e cuidar de si mesma e de seu filho.

Como se não bastasse, tudo ficou ainda mais divertido para Evangeline quando os homens de Drake — todos eles — se envolveram ativamente nos preparativos. Silas tinha supervisionado pessoalmente os arranjos florais. O executor de Drake era um homem de profundidades ocultas. Claramente tinha um olho para a arte e para a decoração. Afinal de contas, ele era o cara que tinha levado Evangeline para fazer cabelo e maquiagem e dado as instruções ao maquiador sobre o que queria que ele fizesse nela.

Para o casamento, não foi diferente. Silas tinha levado o mesmo maquiador de Nova York para a área rural do Mississippi, para fazer o cabelo e a maquiagem de Evangeline no grande dia.

Evangeline estava na Igreja, no cômodo reservado à noiva, que não era mais que um minúsculo cubículo do lado de fora do salão de entrada, analisando sua aparência no espelho. Ah, ela não tinha se vestido ali, nem feito cabelo e maquiagem na igreja. O maquiador passou quase duas horas na casa dos pais dela arrumando-a. Só depois de ter certeza de que ela estava, nas palavras dele, “absolutamente perfeita”, é que Evangeline foi levada para a igreja, acompanhada por Silas e Maddox. Lá, foi rapidamente conduzida até o cômodo onde ficaria descansando — ordens expressas de Silas — e onde faria qualquer retoque necessário antes do início da cerimônia.

Quando chegou a hora, uma batida suave soou à sua porta, e borboletas levantaram voo na mesma hora em seu estômago, passeando na sua barriga em uma cacofonia nervosa. A mãe de Evangeline pegou a mão da filha e a apertou, lágrimas brilhando em seus olhos amorosos.

— Silas está chamando, querida. Seu pai está esperando no saguão. Está pronta?

Evangeline engoliu em seco, nervosa, mas a excitação e a alegria eram tantas que invadiram seu peito e o sorriso em seus lábios lhe pareceu brilhante o suficiente para ofuscar o sol. Acenou com a cabeça enquanto sua boca ficou seca de repente e seu corpo inteiro começou a tremer de excitação enquanto ela, graciosamente — ou tão graciosamente quanto conseguia — levantou-se com a ajuda da mãe.

— Evangeline — Silas disse, aprovação calorosa em seus olhos quando ela abriu a porta. — Você está linda, querida.

Ela piscou para tentar conter a vontade súbita de chorar, e a voz de Silas ganhou notas de repreensão enquanto ele limpava, com cuidado, o canto de seu olho com o polegar.

— Nada disso no dia do seu casamento. Esse look demorou duas horas para ficar pronto. Garanto que Drake vai querer as cabeças de todos nós se eu precisar lhe dizer que houve um atraso na cerimônia porque você precisou refazer a maquiagem toda.

Evangeline riu e, num impulso, jogou os braços em torno de Silas e o abraçou com força.

— Você é um amigo muito querido de verdade — sussurrou contra o peito dele.

Silas a abraçou com cuidado e deu um beijinho em sua testa. Então, ele a virou e a ajudou a entrar no saguão onde o pai dela esperava na cadeira de rodas.

Drake olhou para o relógio, franzindo a testa com impaciência. Batia o pé direito sem parar no chão, o som abafado pelo carpete nos corredores da igreja. Igreja.

Ele estremeceu por dentro. Aquilo deveria ser algum tipo de blasfêmia. Ele e seus homens em uma igreja? Tiveram sorte de o lugar não ter explodido no momento em que atravessaram as portas e de nenhum deles ter sido atingido por raios.

Que visão era ver seus irmãos em uma igreja. Todos vestindo ternos caros. Até Zander e Jax, os mais rebeldes estilo “estou-me-

fodendo-para-o-que-os-outros-pensam”, tinham se vestido formalmente para a ocasião. Nenhum deles ousava correr o risco de ferir os sentimentos de Evangeline, não por causa de qualquer ameaça de Drake ou de Silas, mas porque todos a adoravam, e ser fonte de angústia ou infelicidade para ela os mataria.

Eram poucos os convidados. Na verdade, as únicas pessoas ali além dos homens de Drake eram os pais de Evangeline, um ou dois parentes distantes que ainda viviam na mesma cidade e duas senhoras mais velhas que eram amigas íntimas de Brenda — Evangeline as chamava de tia. Uma coisa que Drake tinha aprendido rapidamente sobre a vida em uma pequena cidade do sul era que amigos íntimos eram chamados e tratados como família. Evangeline adotara essa mesma política quando se tratava de Drake e de todos os seus homens.

Para ela, eles eram família. E dó do tolo que fodesse com a família dela.

Os convidados não tinham sido divididos entre “da noiva” e “do noivo”. Seus homens eram os únicos convidados e se sentaram em ambos os lados do arco elaboradamente decorado, uma demonstração de apoio aos dois noivos. Evangeline estava igualmente representada, algo que Drake teria assegurado se seus homens não tivessem se adiantado em fazer o mesmo por iniciativa própria.

Maddox deu um passo à frente, de forma a ficar diretamente atrás de Drake. Onde Silas ficaria, assim que terminasse de ajudar Evangeline e seu pai pelo corredor.

— Mudando de ideia? — Maddox murmurou.

— De jeito nenhum, inferno!

Drake se encolheu ante a súbita e explosiva negação e olhou, pedindo desculpas, para o padre, que até parecia estar se divertindo com aquilo.

— Foi o que pensei — Maddox riu.

Drake franziu o cenho. Então por que diabos perguntar? Mas ele não quis dar moral para a provocação dando uma resposta. Voltou a verificar o relógio. O que poderia estar demorando tanto? Evangeline estava pronta antes de chegar à igreja. Isso foi há meia hora.

Um suor frio brotou em sua testa e o pânico agarrou suas entranhas. E se ela estivesse em dúvida? Virou-se, queria ir encontrar Evangeline e empurrá-la pelo corredor, que se danassem a música e os modos. Mas a música de repente inundou a igreja e a porta no final da nave se abriu, revelando a mãe de Evangeline, acompanhada por Silas.

Espera aí. O combinado era que Silas empurraria a cadeira do pai de Evangeline para que ela lhe desse o braço. Se ele estava acompanhando Brenda, quem ajudaria Evangeline e seu pai a caminharem até o altar?

Infêrno! Ele próprio desceria e buscaria Evangeline se necessário. Não queria arriscar dar a ela muito tempo para reconsiderar. A mera ideia de terem chegado tão perto e ela desistir de se casar com ele? Não aguentava nem pensar.

Silas ajudou Brenda a se sentar e deu um beijinho protocolar em sua bochecha. Brenda sorriu para o homem grande e os dois trocaram algumas palavras, o que fez Drake franzir o cenho. Se havia algo a ser dito a respeito de Evangeline, precisava ser dito a Drake. Não a Silas. E nem a nenhum de seus homens.

Então Silas se virou, seu olhar encontrando o de Drake e com um sorriso preguiçoso, ele correu para trás pelo corredor, desaparecendo atrás da porta fechada. Nem trinta segundos depois, a música mudou, não para a tradicional marcha de casamento, mas “Ode to Joy”, uma música que Evangeline amava e que considerava ser a que mais combinava com aquela união. Drake concordou.

Então as portas duplas se abriram e Drake a viu.

Todo o fôlego saiu de seu corpo e Drake cambaleou, precisando ajustar sua posição para que não se humilhasse caindo de joelhos. Mas por Jesus Cristo! Nunca tinha visto nada mais belo do que seu anjo usando o mais elegante vestido branco. Ela brilhava da cabeça aos pés, adornada com as joias dele. Seus cabelos loiros caíam em cascata por suas costas, livres, e nem um único fio fora do lugar. Nenhum véu obscurecia a visão do rosto dela, fato pelo qual Drake ficou extremamente grato.

O sorriso suave de Evangeline era radiante, iluminava toda a igreja. Era como se o telhado tivesse se perdido e raios de sol brilhassem sobre todos eles. Seus vibrantes olhos azuis brilhavam com tanto amor e felicidade que Drake teve que engolir o nó de emoção que ameaçava sufocá-lo.

Ela avançou de braços dados com o pai, Silas cuidadosamente empurrando a cadeira de rodas para Evangeline definir o ritmo. O rosto do pai dela brilhava de orgulho, o peito inchado, a cabeça erguida, mas em seus olhos havia uma clara advertência para Drake.

Estou lhe dando minha bênção mais preciosa. Faça-a feliz ou farei você sofrer.

Bem, o pai dela não precisava se preocupar. Se Evangeline não estivesse feliz, Drake estaria sofrendo. Ponto final. A felicidade dela era sua felicidade. Seu sofrimento, o sofrimento dele. E, se Deus quisesse, nunca mais teria um dia triste de novo. Contanto que Drake tivesse Evangeline, mal suportava imaginar sentir o vazio estéril que tinha sido sua vida antes dela.

Quanto mais se aproximavam de Drake, mais forte era o impulso que ele sentia de correr até ela, carregá-la em seus braços até o padre para que pudessem seguir em frente e fazer Evangeline sua. Legalmente falando. Porque ela já era dele e nada, nenhuma burocracia ou qualquer outra lei jamais mudaria isso.

O casamento, ou melhor, o ato oficial de casamento, nunca significou nada para Drake. Até aquele momento. Em sua mente, um pedaço de papel e um homem com palavras de Deus não significavam nada para ele nem para qualquer coisa que considerava como sua. Mas se surpreendera consigo ao ver-se tão resoluto em celebrar aquele casamento.

Evangeline lhe disse gentilmente que se ele não quisesse se casar, se ficasse desconfortável com a cerimônia, que não precisavam fazê-la. O amor dele por ela já era o suficiente.

Foda-se!

Ele quase tinha explodido, suas entranhas se transformando em gelo quando ela fez aquela declaração. Sua primeira reação foi dizer a

ela que se casariam sim, e que não era apenas importante, era tudo para ele. As dúvidas o fizeram suar, e ele quis saber se ela estava se arrependendo. E ela não queria se casar?

Ele mandou para longe aqueles momentos de desespero e voltou o foco para a visão em sua frente. Deus, ela era tão linda! E sua. Era completamente e totalmente sua.

Silas empurrou a cadeira de rodas devagar até que parasse, e Evangeline se virou, por um momento, só tendo olhos para seu pai. Lágrimas cintilaram nos olhos dele, e Drake de repente teve um vislumbre do futuro. Ele no lugar de Grant Hawthorn. Drake e Evangeline no casamento da filha deles. Era uma sensação de honra e de terror, tudo misturado.

Conceder a mão da filha a alguém? Até parece. Sua filha nunca se casaria — ou jamais teria um namorado — se dependesse de Drake. Para ele, estava tudo bem se seus homens fossem os únicos machos a conviverem com sua filha — e, talvez um dia, com as suas filhas. E mesmo eles só estariam lá para protegê-las. Estremeceu com a ideia de “filhas”, no plural. Mais de uma. Na mesma hora, imaginou uma meia dúzia de meninas, todas réplicas em miniatura de Evangeline. Sentiu o sangue se esvaír de seu rosto e seus joelhos perdendo a força. Seis minianjos? Ele estava fodido... E completamente delirante de alegria.

Evangeline beijou o pai e ele apertou sua mão antes de olhar mais uma vez na direção de Drake. Os homens trocaram acenos que, por si só, significavam tudo. Tinham um entendimento implícito. Drake entendia perfeitamente a posição do pai de Evangeline.

Silas empurrou a cadeira de rodas até perto do banco da igreja, de modo que ficasse bem ao lado de onde Brenda Hawthorn estava sentada. Então, pegou a mão de Evangeline e a conduziu lentamente para Drake, unindo as mãos dos dois.

— Cuide bem dela — Silas disse, com gravidade.

— Sempre — Drake jurou.

Então Silas saiu e ficaram apenas Drake e Evangeline. A minúscula mão de Evangeline na dele. Todos os outros sumiram. Só havia Evangeline para ele. Ninguém mais importava. Ele olhou com

fôme para ela, tão aliviado que aquele dia finalmente chegara, não importa que tivessem se passado apenas duas semanas desde que seu anjo lhe perdoara e o aceitara de volta. Aquelas duas semanas — e as quatro antes delas — pareciam ter durado uma eternidade.

Agora, a única eternidade que ele contemplava era a que planejava passar com sua esposa.

— Drake — ela sussurrou, puxando suavemente sua mão.

Ele franziu o cenho, certo de que isso não fazia parte da cerimônia. Evangeline sorriu para ele, tirando totalmente seu fôlego.

— O padre está esperando — ela continuou sussurrando.

Ah, porra! Ficou tão absorto ao admirá-la, absorvendo o que lhe pertencia e agradecendo a Deus por tudo aquilo, que tinha ficado parado como um idiota, em vez de continuar com a cerimônia. Tudo bem. Quem poderia culpá-lo? Estava se casando com a mulher mais linda e doce — por dentro e por fora — do mundo. Se isso não justificasse alguns momentos de olhar fascinado, o que justificaria?

— Não consigo segurar — ele murmurou, apertando a mão dela. Então, deu um beijo na palma da mão dela, sabendo que isso também não fazia parte da cerimônia. — Te amo, Angel. Te amo tanto. Obrigado por me amar.

O sorriso de Evangeline esquentou até os dedos dos pés dele. Ela não parecia muito preocupada com aquelas quebras no protocolo, ou que o padre estivesse esperando, uma pressa divertida em seus olhos.

— Também te amo, Drake. Agora, não acha que esperamos tempo suficiente? É hora de nos casarmos.

Se era. Quanto mais atrasasse tudo, mais demoraria para tê-la no quarto da lua de mel fazendo amor até que ficassem cegos.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, Evangeline sorriu, travessura brilhando em seus olhos. Meu Deus, de repente lhe deu um branco e Drake não conseguia se lembrar de nenhum detalhe do que devia fazer durante a cerimônia, e eles tinham até feito uma porra de um ensaio na noite anterior. Como se precisasse de algum treinamento sobre como fazer a mulher que amava ser sua! Mas, naquele momento, sua mente estava tomada por imagens de Evangeline — sua esposa —

em seus braços, na sua cama, docemente aconchegada em seu corpo enquanto faziam amor quantas vezes fosse humanamente possível. E, mesmo depois de esgotados, ele ainda estaria *pensando* em fazer amor com ela e planejando o próximo momento em que deslizaria em seu corpo acolhedor. Inferno, ele poderia passar o resto da vida com o pau enfiado tão fundo quanto conseguisse naquela doçura. Certamente poderia pensar em maneiras piores de passar os anos que ainda tinha na Terra.

Jamais acreditou em céu e inferno, mas Evangeline o deixou bem consciente sobre ambos. Quando ele estava com ela? Céu. Céu absoluto. E sem ela... O pior tipo de inferno. E, bem, se existisse um céu pelo qual ansiar uma eternidade junto com Evangeline após passarem seu último dia na Terra? De repente, até gostava da ideia.

O céu era de onde vinham os anjos e Evangeline era o mais doce de todos os anjos. Drake não era um homem digno nem tinha feito nada para merecer redenção ou sequer um vislumbre do céu. No entanto, nos braços de Evangeline, estava mais perto do que qualquer homem poderia sonhar em chegar dessa benção.

Mais uma vez, Evangeline puxou a mão dele e Drake saiu do transe provocado pela visão de seu anjo, piscando os olhos, confuso. Riso brilhava nos olhos dela, como se estivesse fazendo uma piada com ele.

— Acho que é agora que você me beija — sussurrou.

Beijá-la? Então já tinham chegado à melhor parte da maldita coisa toda? Ah, inferno, sim. Beijar Evangeline ele podia totalmente. Algo que planejava fazer muitas e muitas vezes. Junto com a parte em que o padre diz que os declara marido e mulher, beijá-la era a melhor parte da cerimônia.

Com uma reverência infinita, ele passou os dedos e as palmas das mãos pelo rosto de Evangeline, acariciando suas bochechas rosadas, tocando a plenitude de seus lábios até que segurou seu queixo e se inclinou para capturar sua boca, tremendo quando ela soltou um suspiro de contentamento.

Não importava quantas vezes a beijasse — e ele não fizera quase nada além disso depois que tinham voltado — ainda era como a primeira vez. Nunca teria o suficiente de seu toque. De seu calor e seu amor.

Drake aprofundou o beijo até sentir Evangeline completamente encaixada nele, totalmente entregue à sua necessidade de estar o mais perto possível dela. Ao seu redor, aparentemente a uma grande distância, ele ouviu sons de celebração, risos, até provocações, mas nem ligou. Não quando tinha o que mais amava em seus braços.

E, se não estava enganado e tinha realmente prestado atenção ao ensaio na noite anterior, o momento de beijar a noiva vinha depois que o padre os declarava marido e mulher. O que significava que estava beijando a sua esposa. Seu anjo. A mãe de seu filho e das muitas crianças que ele prometera lhe dar no futuro.

— Minha — Drake murmurou antes de mergulhar a língua profundamente na boca de Evangeline, sem se preocupar com quem testemunhava sua declaração apaixonada.

— Sua — ela sussurrou de volta. — Sempre e para sempre, Drake. Sempre te amarei e serei para sempre sua.

Ele fechou os olhos quando sentiu as lágrimas queimarem, entregando-o. Deus, ele amava aquela mulher. Mais do que ele jamais imaginara amar outra pessoa viva. Aliás, nunca imaginara que alguém pudesse amá-lo. E, no entanto, a mulher em seus braços, a mulher com quem acabara de se casar, o amava — sem condições, sem exigências. Nunca duvidara dele e perdoara o impensável não uma, mas duas vezes.

Desistiu de tentar controlar a onda de emoção que inundava sua alma e enterrou seu rosto no lindo cabelo dela. Respirou fundo, absorvendo o cheiro dela profundamente para que se tornasse uma parte permanente dele.

— Também te amo, Angel — ele disse, com voz rouca. — Sempre vou te amar. Nunca haverá outra mulher para mim.

Ela se afastou, preocupação em seus olhos quando ela segurou o rosto dele.

— Drake, amor, o que há de errado?

Evangeline parecia alarmada enquanto estudava a expressão dele, sem dúvida vendo as lágrimas em seus olhos. Há algum tempo, ele teria se matado antes de permitir que outra pessoa visse qualquer demonstração de fraqueza nele. Mas com Evangeline? Sabia que sempre estaria seguro com ela.

— Nada de errado — ele respondeu, sorrindo para ela. — Se não me engano, a cerimônia acabou e você é minha esposa, Sra. Donovan.

Ficou totalmente encantado ao ouvir seu sobrenome associado ao de Evangeline. E, a julgar pela súbita alegria que iluminava os olhos dela, não era o único tomado por aquela alegria enorme.

— O que significa — Drake disse, pegando a mão dela para conduzi-la pelo corredor, agora como esposa — que é hora de levar minha mulher para a lua de mel.

Risos ressoavam em toda a igreja e Drake ficou maravilhado com a beleza daquele som despreocupado. Tinham dado mais ou menos três passos quando sua própria alegria o inundou e ele percebeu que aquela mulher amorosa e generosa era sua! Pegou-a nos braços e desceu com ela pelo corredor, mas não se deteve diante da porta, não parou para receber as bênçãos dos amigos e nem mesmo esperou que seus homens o alcançassem. Simplesmente a levou para o carro que estava esperando e fez amor com a Sra. Evangeline Donovan no caminho para o aeroporto.

¹ No original, “M-I-crooked-letter- crooked-letter-I-crooked- letter-crooked- letter-I Humpback-Humpback-I”, é parte da letra de uma canção infantil que brinca com as letras de Mississippi.

LEIA TAMBÉM

SUBMISSA

Maya Banks

Tradução de Isabela Noronha



PROTEJA-ME

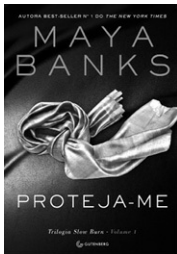
Maya Banks

Tradução de Marcelo Salles

Quando a irmã do magnata Caleb Devereaux é sequestrada, ele não vê outra alternativa senão procurar a ajuda da enigmática jovem Ramie St. Claire.

O que o poderoso homem não imaginava é que, ao encontrá-la pela primeira vez, os dois ficariam reféns de suas emoções.

Em uma eletrizante história repleta de suspense e tensão, Caleb fará tudo para proteger Ramie e os dois serão levados a experiências inimagináveis, enquanto percorrem os caminhos sinuosos de um romance quente e arrebatador.



SALVE-ME

Maya Banks

Tradução de Marcelo Salles

Abandonada quando bebê e adotada pelo jovem e rico casal Gavin e Ginger Rochester, Ariel cresceu em um mundo de privilégios. Sua única ligação com o passado é algo que a distingue de todos os outros: seus poderes telecinéticos. Protegida por seus pais adotivos para manter seu dom em segredo, Ari cresce no colo do luxo, mas também do isolamento. Até que, quando jovem, alguém começa a ameaçar sua vida...

Beau Devereaux é um homem frio, rico e poderoso, CEO da DSS, empresa de segurança criada pela família após todos os sinistros acontecimentos com o irmão Caleb e a cunhada Ramie. Beau é mais que familiarizado com as realidades de poderes psíquicos. Assim, quando Ari o procura, dizendo que seus pais haviam desaparecido e que ela precisa de proteção, ele se prontifica a ajudar. O que Beau não está preparado é para a extensão de sua atração por sua bela e poderosa cliente.

O que começou apenas como mais um trabalho, rapidamente se transforma em algo pessoal, e Beau descobre que é capaz de qualquer coisa para proteger Ari. Mesmo que isso lhe custe a vida.



LEIA TAMBÉM A SÉRIE SLOW BURN

DESCUBRA-ME

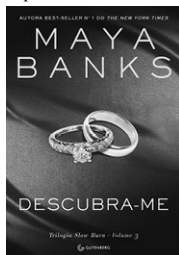
Maya Banks

Tradução de Marcelo Salles

Há 12 anos, Zack perdeu o amor de sua vida. Sem saber se Gracie morreu ou se o abandonou, ele procura qualquer pista sobre o seu paradeiro, tentando pôr um fim ao tormento. Sua carreira no futebol americano foi deixada de lado, pois nada teria mais importância do que descobrir o motivo de Gracie ter desaparecido. Empregado pela DSS, a empresa de segurança dos irmãos Devereaux, Zack se torna o braço direito de Caleb e Beau, atento a qualquer informação que o desperte do seu pior pesadelo e traga de volta a sua felicidade.

Há 12 anos, Anna-Grace foi traída pelo homem que havia jurado jamais lhe fazer mal. Escondendo um passado terrível enquanto se mantém sob a proteção do poderoso Wade Sterling, ela quer apenas permanecer longe de todas as memórias que a destruíram por completo: esquecer o homem que a arruinou e que ela um dia havia amado.

Anna-Grace quer esquecer que um dia amou Zack.



AUTORA BEST-SELLER N° 1 DO THE NEW YORK TIMES

MAYA
BANKS

SUBMISSA

SÉRIE THE ENFORCERS VOLUME 1

 GUTENBERG

Submissa

Banks, Maya

9788582354520

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eles não seguem as regras. Eles FAZEM as regras. Uma nova série que vai mexer com você da cabeça aos pés. Poder, sedução, dinheiro, submissão, dominação, dor e prazer... Nesse jogo que está prestes a começar, o amor não entra nas regras. Será que você está preparada? Evangeline nunca soube o que é viver no luxo, pois sempre teve que trabalhar duro para ajudar os pais e conseguir sobreviver em Nova York. Típica garota do interior, sente-se deslocada em meio à metrópole e percebe que ingenuidade e sinceridade, que sempre foram suas características mais marcantes, são vistas como defeitos pelos nova-iorquinos e, principalmente, por seu ex-namorado que a seduziu e a abandonou. Ele se apossa do que quer, sem remorso e sem culpa. Drake Donovan é um magnata do entretenimento e um dos milionários mais cobiçados do mundo. Ele e seus "irmãos" ergueram um império em Nova York, e o seu maior empreendimento é a badaladíssima Impulse, a casa noturna mais exclusiva da cidade. Acostumado a ter todos na palma da mão, Drake sente seu inabalável mundo balançar quando vê uma jovem com ar angelical e inocente perdida em sua boate. Quem era aquela garota? Ele não tem ideia, mas de uma

coisa tem certeza: ela será dele! Ela não sabe se é capaz de dar o que ele deseja. Incentivada pelas amigas, ir sozinha à Impulse parece o plano perfeito para Evangeline se vingar do ex-namorado canalha. Mas o que está prestes a acontecer vai mudar sua vida para sempre. Uma proposta... Uma tentadora oportunidade de ter tudo aquilo que nem em sonhos ela imaginaria possível. O preço? Submissão total e completa.

[Compre agora e leia](#)



TESSA DARE

*A Bela e
o Ferreiro*

~ Novela da Série Spindle Cove ~

 GUTENBERG

A Bela e o Ferreiro

Dare, Tessa


9788582353738

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Diana Highwood estava destinada a ter um casamento perfeito, digno de flores, seda, ouro e, no mínimo, com um duque ou um marquês. Isso era o que sua mãe, a Sra. Highwood, declarava, planejando toda a vida da filha com base na certeza de que ela conquistaria o coração de um nobre. Entretanto, o amor encontra Diana no local mais inesperado. Não nos bailes de debut em Londres, ou em carruagens, castelos e vales verdejantes... O homem por quem ela se apaixona é forte como ferro, belo como ouro e quente como brasa. E está em uma ferraria... Envolvida em uma paixão proibida, a doce e frágil Diana está disposta a abandonar todas as suas chances de um casamento aristocrático para viver esse grande amor com Aaron Dawes e, finalmente, ter uma vida livre! Livre para fazer suas próprias escolhas e parar de viver sob a sombra dos desejos de sua mãe. Há, enfim, uma fagulha de esperança para uma vida plena e feliz. Mas serão um pobre ferreiro e sua forja o "felizes para sempre" de uma mulher que poderia ter qualquer coisa? Será que ambos estarão dispostos a arriscar tudo pelo amor e o desejo?

[Compre agora e leia](#)



MONICA SIFUENTES

ROMANCE

UM
POEMA
para
BÁRBARA

A história de amor
que ajudou a escrever
a História do Brasil

Apresentação de Mary del Priore



GUTENBERG

Um poema para Bárbara

Sifuentes, Mônica

9788582353363


432 páginas

[Compre agora e leia](#)

São João Del Rei, Minas Gerais, 1776. A cidade recebe o novo ouvidor da comarca, vindo de Portugal: o jovem intelectual e bon-vivant José Inácio de Alvarenga Peixoto. Pronto para assumir sua responsabilidade na próspera Colônia da Coroa, o caminho do magistrado se cruza com o de Bárbara Eliodora, moça de gosto apurado e ideias à frente de seu tempo, que encontra expressão na poesia, assim como Inácio. Do encontro dos dois nasce uma paixão repleta de sonhos de liberdade e revolução, e de um país livre dos grilhões da realeza. Retratando a jornada que culmina na turbulenta Inconfidência Mineira, Um poema para Bárbara é uma história de amor e coragem que jamais será apagada pelo tempo. Um legado de sangue e lutas, de ideais e heroísmo, que marca até hoje a História do Brasil.

[Compre agora e leia](#)



 GUTENBERG

AUTOR DO BEST-SELLER O PRINCÍPIO 80/20

RICHARD KOCH



O PODER 80/20

*Como aplicar as
Leis da Natureza em sua
vida e nos negócios*



CHEGUE
DEFINITIVAMENTE
AO TOPO

O poder 80/20

Koch, Richard

9788582354353

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

DESVENDE A CIÊNCIA DO SUCESSO Sucesso e fracasso são dois lados da mesma moeda, mas quem joga para o alto é você! Você tem a impressão de que mesmo fazendo tudo do jeito certo não obtém os resultados esperados? Quantas vezes sentiu que precisava mudar o rumo da sua carreira, mas teve medo de arriscar? Ou apostou alto em um projeto certo e só teve prejuízos? Quantas vezes se perguntou se a cooperação seria melhor do que a competição? Ou ficou na dúvida entre seguir sua intuição ou analisar friamente uma situação? Esqueça todas as fórmulas e teorias ultrapassadas que tentam te ensinar a ser bem-sucedido. Tudo o que você precisa está ao seu redor e Richard Koch vai te mostrar como desvendar os segredos da Ciência do Sucesso para solucionar todos esses dilemas. Neste terceiro livro, Koch reúne e explora as mais poderosas leis da natureza, mostrando como os grandes gênios da humanidade desenvolveram as teorias que até hoje guiam o mundo e a vida em sociedade, revelando como VOCÊ pode tirar proveito de cada uma delas para construir uma carreira sólida e um negócio próspero. Darwin, Gause, Newton, Einstein, Adam Smith, entre muitos outros ases do conhecimento, serão seus

aliados, provando que a ciência pode ser aplicada nos negócios e na vida. E quando você aprender a usar as leis da natureza a seu favor, verá que o sucesso é apenas uma consequência da sua escalada rumo ao topo.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA BEST-SELLER N° 1 DO THE NEW YORK TIMES

MAYA BANKS



SALVE-ME

Trilogia Slow Burn · Volume 2

 GUTENBERG

Salve-me

Banks, Maya
9788582353004
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que pode acontecer quando uma heroína determinada encontra um herói alfa sexy? Abandonada quando bebê e adotada pelo jovem e rico casal Gavin e Ginger Rochester, Ariel cresceu em um mundo de privilégios. Sua única ligação com o passado é algo que a distingue de todos os outros: seus poderes telecinéticos. Protegida por seus pais adotivos para manter seu dom em segredo, Ari cresce no colo do luxo, mas também do isolamento. Até que, quando jovem, alguém começa a ameaçar sua vida... Beau Devereaux é um homem frio, rico e poderoso, C.E.O. da DSS, empresa de segurança criada pela família após todos os sinistros acontecimentos com o irmão Caleb e a cunhada Ramie. Beau é mais que familiarizado com as realidades de poderes psíquicos. Assim, quando Ari o procura, dizendo que seus pais haviam desaparecido e que ela precisa de proteção, ele se prontifica a ajudar. O que Beau não está preparado é para a extensão de sua atração por sua bela e poderosa cliente. O que começou apenas como mais um trabalho, rapidamente se transforma em algo pessoal, e Beau descobre que é capaz de qualquer coisa para proteger Ari. Mesmo que isso lhe custe a vida.

[Compre agora e leia](#)